

Bandeiras, Coroas e Despensas do Divino Espírito Santo na vila de Rabo de Peixe, São Miguel – Açores

1.º Volume

Dissertação de Mestrado

Maria de Lurdes Silveira Ferreira Pereira

Mestrado em
**Património, Museologia
e Desenvolvimento**



Bandeiras, Coroas e Despensas do Divino Espírito Santo na vila de Rabo de Peixe, São Miguel – Açores

Dissertação de Mestrado

Maria de Lurdes Silveira Ferreira Pereira

Orientadores

Professor Doutor Rui Américo Moreira de Sousa Martins

Professor Doutor François Ruegg

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento.



Temos de estudar o homem e aquilo que lhe diz respeito no mais profundo de si próprio, quer dizer que devemos estudar a influência que a vida tem sobre ele.

Em cada cultura, os valores variam ligeiramente, as pessoas têm aspirações distintas, seguem impulsos diversos, desejam uma forma diferente de felicidade. Em cada cultura, encontramos instituições variadas com que o homem defende os seus interesses vitais, costumes diferentes através dos quais realiza as suas aspirações, códigos legais e morais distintos que compensam as suas virtudes e punem as suas falta. Analisar as instituições, os costumes e os códigos ou debruçar-se sobre o comportamento e a mentalidade, sem o desejo de tomar consciência daquilo que anima as pessoas, de compreender as razões profundas da sua alegria de viver é, na minha perspectiva, passar ao lado da recompensa suprema que se pode esperar do estudo do homem.

*Bronislaw Malinowski, 1922**

*Bronislaw Malinowski, 1922 (1989:82)

Agradecimentos

Empreender um projeto desta natureza, por mais pequeno que seja, é sempre difícil, para mais quando a minha formação universitária não se cruzou com campos científicos, tão necessários a este trabalho, como a Antropologia, domínio fundamental para o seu estudo. Confesso que, apesar dos poucos conhecimentos na área citada, a temática sempre mereceu alguma atenção da minha parte, o que me motivou inscrever-me no Mestrado em *Património, Museologia e Desenvolvimento*, na Universidade dos Açores, o qual me permitiu aperfeiçoar conhecimentos adquiridos ao longo do primeiro ano do curso e desenvolver uma iniciativa de trabalho antiga, cuja pretensão era dar a conhecer como se efetuavam as Festas do Espírito Santo na Vila de Rabo de Peixe. Na prossecução deste desafio tive apoio excepcional em três áreas fundamentais: na área científica, na área de trabalho de campo e na área privada.

Convidei para meu orientador científico o Professor Doutor Rui de Sousa Martins, docente da Universidade açoriana, pela sua competência, exigência e pedagogia. Durante os meses em que se desenrolou a investigação que culminou no presente trabalho, sempre tive a meu lado o seu aconselhamento e conhecimento, que soube transmitir de forma sábia. De modo permanente, conduziu-me através de conceitos, orientou-me nas linhas problemáticas de ação do trabalho e ajudou-me no desenvolvimento que levou à construção definitiva deste projeto. Por ser quem é, e pelos ensinamentos constantes, enquanto Professor e orientador deste trabalho, o meu maior apreço e estima.

Reconhecidamente, cumprimento e agradeço o apoio do Doutor François Ruegg, Professor Associado Emérito da Universidade de Friburgo e da Universidade de Bucareste, que acordou, com o Professor Doutor Rui Sousa Martins, ser meu Coorientador Científico.

Tenho uma dívida de gratidão para com todos os rabo-peixenses. Este trabalho só foi possível porque encontrei em toda a população da vila de Rabo de Peixe, homens e mulheres de boa vontade, que me abriram as portas das suas casas e instituições como se se tratasse de uma pessoa de família. Falaram de si, da sua fé, das suas festas e generosamente disponibilizaram um repertório de imagens, quadras, convites e programas. Um bem-haja e um agradecimento especial para Ana Pereira, António Luís Amaral, António Cabral, António Correia, António Mota, António Silva, Beatriz

Andrade, Bruno Rego, Duarte Moniz, Cirilo Pacheco, Conceição Ivo, Estrela Vieira, Eugénia Gouveia, Fernanda Paula Correia, Fernando Maiato, Fernando Maré, Francisco Vieira, Gabriela Amaral, Helder Costa, Humberto Vieira, João Faria, João Pedro Vicente, José Luís Faria, Maria Alexandrina Pereira, Manuel Andrade, Manuel Cabral Vieira, Manuel Rebelo Andrade, Maria Esperança Faria, Maria de Deus Vieira, Odete Vieira, Pe. José Cláudio, Pedro Sousa, Ricardo Pereira, Rosário Costa, Rubén Monforte, Renato Moniz e Rui Tavares. Muito obrigada pela vossa disponibilidade e amizade.

Reconhecidamente agradeço o apoio incontestável da Câmara Municipal da Ribeira Grande, na pessoa do seu Vereador para a Cultura, Filipe Jorge, e da Chefe de Divisão para a Cultura e Desporto, Sónia Moniz; da Junta de Freguesia e da Casa de Povo de Rabo de Peixe na pessoa dos seus Presidentes, Jaime Viera e José Domingos Machado, respetivamente. Manifesto também a minha gratidão à Direção de Serviços de Cartografia e Informação Geográfica da Secretaria Regional de Turismo e Transportes, pelo apoio dado à realização da cartografia etnológica destacando, especialmente, o trabalho da desenhadora cartógrafa Lorena Silva. Refiro também o apoio recebido do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores (Projeto: O culto e a estética do Divino Espírito Santo). Não posso deixar de agradecer, de modo muito particular, à Doutora Antonieta Costa, a colaboração na cedência do processo de candidatura dos *Impérios Açorianos* a Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.

No meio de algum esforço dispensado à concretização deste trabalho, considero-me uma pessoa privilegiada por ter recebido todas estas dádivas. Pelo apoio dos meus orientadores científicos, da minha família, dos meus amigos e desconhecidos, com alguns dos quais construí novas amizades,

A todos a minha gratidão.

Resumo

A presente dissertação de Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento, na Universidade dos Açores, desenvolve uma abordagem monográfica das *Bandeiras, das Coroas* e das *Despesas*, as três formas tradicionais de organização do culto do *Divino Espírito Santo* da vila de Rabo de Peixe, situada na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores.

A investigação antropológica privilegiou a pesquisa de terreno na comunidade rabo-peixense, tomando em consideração as múltiplas fontes de conhecimento assim como os processos patrimoniais identitários das festas do *Espírito Santo* e fundamentou-se em questões conceptuais, nomeadamente a análise da vivência festiva como fenómeno social total; a dádiva e as trocas cerimoniais nelas realizadas; o sacrifício como vivência ritual assumindo, por vezes, características violentas, e a importância das inovações promovidas no contexto das festas.

Aborda-se também as interações entre as instituições espiritanas de Rabo de Peixe e as existentes nas comunidades da diáspora (EUA e Canadá) e as relações estabelecidas com novas organizações celebrativas tanto a nível da vila como da ilha de São Miguel.

Palavras-chave: Festas do Espírito Santo. Objetos sagrados. Facto social total. Dádivas e trocas cerimoniais. Sacrifício. Inovações. Rabo de Peixe. Ilha de São Miguel. Açores.

Abstract

The present Master's dissertation in Heritage, Museology and Development, at the University of the Azores, develops a monographic approach of the Flags, the Crowns and the Pantries, the three traditional ways of organizing the worship of the Divine Spirit of the town of Rabo de Peixe, located in São Miguel island, in the Azores archipelago.

The anthropological investigation focused on the field research in the Rabo-Peixense community, taking into account the multiple sources of knowledge as well as the identity heritage processes of the festivities of Holy Spirit and was based on conceptual issues, namely the analysis of the festive experience as a ultimate social fact; the gift and the ceremonial exchanges carried out on them; the sacrifice as a ritual experience, sometimes assuming violent characteristics, and the importance of innovations promoted in the context of the festivities.

It also addresses the interactions between the spiritan institutions in Rabo de Peixe and those in the diaspora communities (USA and Canada) and the relationships established with new forms of celebrating the Holy Spirit, both in the village and on São Miguel island.

Keywords: Festivities of the Holy Spirit. Sacred objects. Ultimate social fact. Ceremonial gifts and exchanges. Sacrifice. Innovations. Rabo de Peixe. São Miguel Island. Azores.

Índice Geral

Agradecimentos	4
Resumo	6
Abstract.....	7
Índice das Tabelas	10
1. Introdução.....	11
1.1. O tema e os objetivos	11
1.2. Questões conceituais.....	12
1.2.1. As festas do <i>Espírito Santo</i> como fenómeno social total	12
1.2.2. A questão da dádiva e das trocas cerimoniais	14
1.2.3. O sacrifício: a violência ritual	17
1.2.4. A importância das inovações nas festas espíritanas	18
1.3. Estudos sobre o culto do <i>Divino Espírito Santo</i>	20
1.4. Iconografia, filmografia e exposições temporárias.....	23
1.5. Pesquisa de terreno em Rabo de Peixe	25
1.6. Descrição e interpretação.....	29
2. O culto do <i>Divino Espírito Santo</i> na cultura açoriana	32
2.1. A celebração do <i>Paráclito</i> no arquipélago dos Açores	32
2.2. O modelo ritual da ilha de São Miguel.....	34
2.3. As festas do <i>Espírito Santo</i> na vila de Rabo de Peixe	38
2.4. A devoção do <i>Espírito Santo</i> nas comunidades açorianas emigradas	40
2.5. O processo de patrimonialização das festas do <i>Divino Espírito Santo</i>	44
3. A vila de Rabo de Peixe	52
3.1. Geografia, História e Demografia	52
3.2. Atividades socioeconómicas.....	55
3.2.1. Produções agrárias.....	55
3.2.2. Atividade marítima.....	60
3.2.3. Atividades artesanais, industriais e serviços	66
4. O tempo do <i>Espírito Santo</i> em Rabo de Peixe	70
4.1. As Bandeiras da Beneficência (<i>Pentecostes</i>) e da Caridade (<i>Trindade</i>)	70
4.1.1. A <i>Irmandade da Bandeira da Beneficência</i>	73
4.1.1.1. Uma memória familiar da Beneficência.....	77
4.1.2. A <i>Irmandade da Bandeira da Caridade</i>	79
4.1.3 O ciclo festivo das <i>Bandeiras do Espírito Santo</i>	82

4.1.3.1. As <i>pensões</i> : preparação e distribuição.....	97
4.1.3.2. O Cortejo Etnográfico	99
4.2. Os Impérios das Coroas do <i>Espírito Santo</i>	105
4.2.1. O ciclo festivo do <i>Império</i> das Coroas	110
4.2.1.1. Primeiro Cortejo: entrega das insígnias do <i>Espírito Santo</i>	111
4.2.1.2. Segundo Cortejo: <i>Coroação</i> das crianças.....	112
4.2.1.3. Terceiro Cortejo: da casa do mordomo ao <i>Império</i>	115
4.2.1.4. As marchas do <i>Império</i> de São João.....	117
4.2.1.5. As Cavalhadas no <i>Império</i> de São Pedro de Rabo de Peixe.....	120
4.3. Bandas Filarmónicas, Bandeiras e Coroas	124
4.3.1. Memórias de um músico	129
4.4. As <i>Despensas</i> do <i>Espírito Santo</i>	130
4.4.1. As <i>Despensas dos Homens do Mar</i>	131
4.4.1.1. <i>Despensas</i> , balhos e rodas.....	141
4.4.2. As <i>Despensas dos Homens da Terra</i>	150
4.4.2.1. As <i>Despensas</i> em exposição	155
5. O <i>Espírito Santo</i> de Rabo de Peixe nas comunidades dos EUA e do Canadá	158
6. A festa do <i>Divino Espírito Santo</i> do Idoso	165
7. A festa do <i>Espírito Santo</i> na Escola Rui Galvão de Carvalho.....	167
8. A participação nas Grandes Festas do <i>Divino Espírito Santo</i> de Ponta Delgada	169
9. Conclusão	172
10. Fontes	179
10.1. Bibliografia.....	179
10.2. Jornais.....	196
10.3. Fontes documentais	196
10.4. Webgrafia	196
10.5. Fontes orais.....	198

Índice das Tabelas

Tabela 1 – Censos 2011 – Demografia da vila de Rabo de Peixe	55
Tabela 2 – Censos 2011 – População residente e desempregada (sentido restrito) segundo a confissão de procura de emprego e sexo, taxas de desemprego (sentido restrito)	69
Tabela 3 – Censos 2011 – População economicamente ativa	69

1. Introdução

1.1. O tema e os objetivos

O culto à *Terceira Pessoa da Santíssima Trindade* possui registos que remontam ao século XI, prolongando-se na Idade Média em alguns países europeus onde se manifestou na oferenda de refeições aos mais pobres, com especial expressão no domingo de *Pentecostes*. Em Portugal, em termos históricos, a manifestação mais antiga deste culto registou-se no século XIII, na cidade de Lisboa, onde existia uma igreja consagrada ao *Espírito Santo*. Contudo, foi no século XIV que a monarquia portuguesa instituiu um modelo imperial de culto que, posteriormente se difundiu, sobretudo, no centro e sul do reino e se estendeu às ilhas descobertas pelos portugueses no século seguinte. Quer nas ilhas do arquipélago da Madeira, quer nas do arquipélago dos Açores, a permanente presença portuguesa foi portadora de religiosidade manifestamente ligada aos dogmas do cristianismo e, sobretudo à crença ligada ao *Divino Espírito Santo*.

Durante o século XIX, enquanto que, em Portugal continental se verificou uma acentuada diminuição da celebração das festas em honra do *Paráclito*, nas ilhas açorianas o seu culto fortaleceu-se, disseminando-se por todas as cidades, vilas e freguesias das ilhas, transpondo as fronteiras nacionais num movimento intercontinental migratório que teve origem no século XVII e seguintes em direção ao Brasil, aos Estados Unidos da América, ao Havai, às Bermudas, ao Canadá e a Angola.

Apesar das festas em louvor do *Espírito Santo* apresentarem variantes nas suas demonstrações simbólicas e rituais, elas continuam a manifestar um núcleo comum ligado à crença na *Terceira Pessoa da Santíssima Trindade*.

A presente dissertação de mestrado, intitulada *Bandeiras, Coroas e Despesas do Divino Espírito Santo na vila de Rabo de Peixe, São Miguel – Açores*, pretende contribuir para o conhecimento de uma das mais relevantes tradições¹ religiosas desta freguesia da costa norte da ilha de São Miguel, cuja importância adquiriu uma dimensão insular, alargando-se também às comunidades emigradas. Na vila de Rabo de Peixe, as festas em honra e louvor ao *Divino Espírito Santo* iniciam-se no segundo domingo depois da Páscoa e prolongam-se até ao domingo da *Trindade*, evidenciando particularidades únicas,

¹ Entendemos por tradição a transmissão e a receção entre gerações de elementos e complexos culturais. A transmissão e receção cultural é inseparável de processos de inovação. A comunidade de Rabo de Peixe assume as festas do *Espírito Santo* e outros elementos da sua cultura como tradições, acentuando o seu carácter, herança das gerações passadas. A expressão cultura popular é sinónimo de cultura tradicional partilhada pela sociedade local. Baseamos em Rui de Sousa Martins, 2017-2018: 1-13.

reveladas nas três organizações distintas designadas por Bandeiras, Coroas e Despensas. Nas duas primeiras, o sagrado das referidas insígnias remonta ao modelo imperial difundido no século XIV, mas a última não se identifica por um emblema sagrado divino visível, mas pelo valor simbólico dos alimentos sacralizados pela bênção do sacerdote.

O nosso objetivo é descrever e analisar interpretativamente as festas espiritanas e as suas características; explicar a função das associações e comissões ligadas àquele culto, refletindo no seu papel promotor de integração e dinâmica social; compreender o contributo das festas para a consolidação e renovação criativa de laços sociais comunitários; procurar analisar alguns dos interesses que motivam os indivíduos para a realização destas festividades; compreender a necessidade de realizar as festas do *Espírito Santo* num território marcado pela tradição; analisar os processos de inovação em curso nas referidas festas, os seus atores e respetivas motivações.

Desta forma procuramos desenvolver e aprofundar numa perspetiva antropológica o conhecimento sistemático das três organizações de culto espiritano na vila de Rabo de Peixe, abordando o papel social dos seus intervenientes.

1.2. Questões conceptuais

1.2.1. As festas do *Espírito Santo* como fenómeno social total

Na segunda década do século XX, Bronislaw Malinowski foi o primeiro antropólogo a desenvolver um trabalho de campo nas ilhas Trobriand, localizadas no oceano Pacífico. Nestas ilhas, o cientista desenvolveu uma técnica etnográfica a que chamou observação participante, que lhe permitiu estudar um sistema económico de troca de objetos que influenciava totalmente as instituições e as relações territoriais dos povos que habitavam naquele circuito arquipelágico. O estudo desenvolvido por Malinowski originou uma abordagem global à vida daquelas sociedades enunciando, assim, o conceito de sistema social. No seguimento deste estudo publicado em 1922 e influenciado por esta nova interpretação dos factos, em 1925, Marcel Mauss introduziu o conceito de fenómeno social total, na sua obra *Ensaio sobre a Dádiva*. Até então, os antropólogos descreviam a realidade social e as suas instituições de modo fechado, isto é, sem correlacionarem os diferentes aspetos da vida social que estruturavam uma determinada sociedade. Graças à

obra de Marcel Mauss, atualmente a Antropologia Cultural e Social procura estudar e apresentar a sociedade como um todo coeso, uma estrutura que dispõe de uma organização, constituída por várias instituições autónomas, *que atuam e reagem umas com as outras dentro da mesma sociedade, mas sem nunca se confundirem*² e cujas normas permitem que as pessoas estabeleçam relações sociais entre si. Deste modo, a noção de facto social total, como sistema, procura abranger a representação social de forma científica e não somente no campo empírico, como era feito anteriormente. Aquilo que, para Mauss, começou por ser um método para compreender os fenómenos, e que ele considerava associados uns aos outros, acabou por ser um conceito antropológico fundamental para a compreensão dos fenómenos que estruturam as relações sociais. A conjugação destes fatores é essencial para o estudo, realizado através de uma abordagem tridimensional da ação coincidente dos indivíduos. Através dela, atingimos o conhecimento de três dimensões essenciais: *os aspetos sociológicos produzidos em simultâneo, a dimensão dinâmica produzida pela história e a dimensão fisiopsicológica*³ da ação individual do homem, que não dissocia a mente do corpo. Este conhecimento é importante para obtermos uma ideia geral da sociedade, enquanto vemos *as coisas sociais tal como são no concreto. Nas sociedades, podemos entender os homens, os grupos e os seus comportamentos*⁴. Só nesta apresentação da realidade social como um todo estão representadas todas as instituições políticas, religiosas, jurídicas, económicas, técnicas, culturais, de ensino, de lazer e familiares, responsáveis pela manutenção da sociedade e que, por sua vez, constituem o seu todo social.

Marcel Mauss foi um estudioso das religiões e, neste sentido, considerava que a religião tinha uma função social, porque a concretização da religiosidade fazia parte da realidade social, uma vez que esta é fruto da criação da consciência social, isto é, da criação do homem, logo *as coisas sagradas são as coisas sociais*⁵. Como parte do facto social total, a instituição religiosa é determinante para a compreensão da totalidade da sociedade. É com base neste conceito antropológico abrangente de fenómeno social total que pretendemos estudar as festas espiritanas na vila de Rabo de Peixe, ou seja, utilizando o método etnográfico, que observa no terreno a ação do indivíduo e as relações sociais que estabelece com os outros. A observação dos factos pode abarcar não só as diferentes

² Schwartz, 2018: 41.

³ Claude Lévi-Strauss. 1988: 12.

⁴ Géraud & Leservoisier & Pottier, 1998: 183.

⁵ Schwartz, 2018: 40.

instituições sociais que compõem a sociedade rabo-peixense, mas também a sua história, o indivíduo e a completude da sua sociedade. Para Levi-Strauss é no *estabelecer uma relação constante entre fenómenos que se encontra onde está a explicação deles*⁶.

Segundo Levi-Strauss, *O ensaio sobre a Dádiva* é a obra-prima de Marcel Mauss, e é nele que aparece a noção de *fato social total*⁷. Este conceito, aparentemente só coletivo, tem como ponto de partida a observação de um sujeito por um outro sujeito. Os meios de observação são os mesmos que o sujeito observado possui, o que implica a capacidade de se ver refletido no outro e na alteridade do outro. O conceito de fenómeno social total examina o indivíduo, integra-o e explica-o num espaço geográfico delimitado.

É, pois, também com base nesta fundamentação teórica, que alicerçamos o nosso trabalho, procurando compreender as festas do *Espírito Santo* na vila de Rabo de Peixe como um todo. Deste modo, e na perspetiva de Mauss e de Malinowski, este trabalho pretendeu fazer uma abordagem global ao fenómeno espiritano nas diferentes realidades que o sustém e que fazem dele um fenómeno social total, englobando a realidade cultural existente, visto do ponto de vista *de necessidades básicas, derivadas e integrativas*⁸ para as quais são necessárias instituições organizativas. Isto significou tentar estudar aquelas festividades, em todas as suas vertentes institucionais e a sua sociedade enquanto estrutura social viva.

1.2.2. A questão da dádiva e das trocas cerimoniais

Neste trabalho pretendemos também analisar o contexto e a importância dos rituais ligados às dádivas e às trocas cerimoniais que decorrem nos preparativos e na efetivação das festas espiritanas. Como tal, para os primeiros dois, baseámo-nos em *Ensaio sobre a dádiva* de Marcel Mauss, obra pioneira na temática à data da sua publicação, e que introduziu grandes inovações no campo da Antropologia Social e Cultural, anteriormente já referida. Apoiamo-nos igualmente noutros autores que

⁶ Géraud & Leservoisier & Pottier, 1998: 182.

⁷ Claude Lévi-Strauss, 1988: 21.

⁸ Malinowsky, 2009: 185-188.

estudaram esta temática, nomeadamente Jacques Godbout e Maurice Godelier que analisaram, em particular, o significado das dádivas na sociedade atual.

Aquando da publicação do seu ensaio, Marcel Mauss baseou-se nas pesquisas realizadas por outros investigadores em diversas partes do mundo, nomeadamente por Bronislaw Malinowski e Franz Boas. Nas sociedades estudadas por estes antropólogos, Mauss constatou a existência de um sistema económico baseado na troca de objetos, cuja permuta obedecia a rituais padronizados, estabelecia relações sociais e orientava e instituía a estrutura social daquelas civilizações.

Na pesquisa de campo efetuada por Malinowski nas ilhas Tobriand, este antropólogo estudou um conjunto de atividades que denominou de *kula*. Este acontecimento de grande importância e apresentado como um fenómeno cultural, consistia numa cerimónia de troca de dois bens de prestígio, realizada entre tribos localizadas num arquipélago organizado, geograficamente, em círculo. No circuito da *kula*, a troca movimentava-se em dois sentidos opostos, um caracterizado pela troca de colares de conchas vermelhas, e outro por braceletes de conchas brancas. Esta troca de bens é essencial, porque, para além de implementar normas rigorosas para todo o fenómeno de trocas, permite a troca de outros bens úteis aos habitantes das Tobriand, incluindo técnicas de construção de canoas e de navegação, cerimónias religiosas, conhecimentos sobre a organização política e organização familiar, perfazendo um sistema composto pela organização de diferentes instituições locais. Por outro lado, nos estudos efetuados por Boas junto de tribos índias do noroeste americano, Mauss deu conta de outro fenómeno, o *potlach*, designação que indica *dar* riqueza. O processo realizava-se entre dois chefes ou membros de famílias abastadas, e consistia em oferecer, de modo cerimonioso, riquezas com o intuito de desafiar, humilhar ou obrigar o outro a retribuir. Este ato contribuía para o *espicaçado* chefe ter duas atitudes: retribuir com uma oferta maior ou, incapaz de o fazer, perder a sua posição social e prestígio entre os seus. Este carácter de esbanjamento de riqueza de forma gratuita por parte de alguém, firmava poder e prestígio e conferia a manutenção ou a perda da categoria de chefe. Das análises de Mauss, resultou a comparação entre diferentes civilizações, nas quais encontrou formas semelhantes de *potlach*, que determinavam que uma sociedade era um sistema fundado no todo das suas instituições religiosas, políticas, económicas e culturais, base da estrutura social que a compunha. Mauss verificou ainda que, entre outros povos do mundo, também se praticava o conceito de *potlach* noutros contextos semelhantes. Em

outras regiões, o *potlatch* caracterizava-se por um conjunto de cerimónias marcadas por festas e discursos, realizadas em épocas de carência de alimentos, e marcadas pela distribuição abundante de bens acumulados pelo chefe da tribo, que distribuía esta riqueza igualmente por toda a sociedade. Esta atividade comunitária regia-se por normas assentes na generosidade e na honra, onde o caráter de maior magnitude, na distribuição das suas riquezas, acumulava poder e reputação. Apoiado nestes conceitos, Mauss pretendeu identificar estes fenómenos na sociedade do século em que viveu. Socialista e idealista, aquele estudioso acreditava num governo providencialista, que defendesse uma nova moralidade social, que asseguraria a *redistribuição da riqueza acumulada e aí estaria a condição para a felicidade dos indivíduos e dos povos*⁹. Marcel Mauss verificou que em sociedades extraeuropeias, o sistema económico consistia na troca de bens, abrangendo a obrigação de receber um objeto doado e, também, a dádiva de algo em troca. O conceito de dádiva, baseado na tripla obrigação, dar – receber – retribuir, inclui dádivas espontâneas, interessadas e desinteressadas, voluntárias e indispensáveis, úteis e simbólicas, pois elas resultam não só na distribuição de bens, mas também de esmolas, de presentes, da comunicação entre pessoas, da partilha de valores espirituais, de acolhimento, de aliança entre as pessoas, etc. O conceito de dádiva proposto por Mauss atravessa todos os momentos da vida social dos indivíduos e por este motivo ela surge como um fenómeno social total que está implicado na tripla obrigação, de dar – receber – retribuir, entre os membros da sociedade. Ao contrário de Mauss, que defendia que o conceito de dádiva pressupunha um sistema de trocas, tal como nas sociedades arcaicas, envolvendo várias instituições, promovendo a sua produção e reprodução, o antropólogo francês Maurice Godelier considera que na sociedade atual tal já não acontece. Godelier, à semelhança do canadiano Jacques Godbout, afirma que a dádiva existe nos nossos dias e contribui para a constituição de laços sociais, contudo, a mesma não pressupõe o recurso a medidas economicistas para produzir relações sociais. O atual conceito de dádiva é, isso sim, um instrumento de relações entre as pessoas, que representa um importante papel nas sociedades, mas o seu conceito está imbuído da falta de interesse, pois o conceito de dádiva é marcado pela subjetividade, voluntariedade e generosidade. A dádiva é individual, pessoal, pura, enquanto secreta, e situa-se ao nível da moral e da ética. *A dádiva torna-se portadora da utopia que se pode projetar no passado como no futuro*¹⁰. Para Godelier, a atual incapacidade do Estado em promover o bem-estar de todos os

⁹ Fournier, 1994: 521-522.

¹⁰ Godelier, 1996: 266.

cidadãos favorece o aparecimento da dádiva, com a função de ajudar a resolver algumas das carências sociais que a sociedade enfrenta. Segundo Godelier, não será nem através do *potlach*, nem da *kula* porque *àqueles a quem se destinam as dádivas já é difícil “retribuí-las”, muito mais difícil seria retribuir mais*¹¹.

Na obra *O Espírito da Dádiva*, Godbout concebe a verdadeira dádiva como um laço social, distinguindo-o do laço social existente entre os amigos, a família, o Estado ou entre estranhos. Neste conceito de dádiva, *o laço social surge como omnipresente e geral, pois conforta quem recebeu e engrandece moralmente quem fez a dádiva*¹². Desta forma, o laço social não tem expressão quantitativa, mas sim expressão qualitativa ligada aos conceitos de virtude, resignação, coragem, sacrifício, esforço, interesse, ânimo, apreço, mérito e magnanimidade (secreta). Este conceito de dádiva remete-nos para as palavras bíblicas *que a tua mão esquerda não veja o que dás com a mão direita* (Mateus 6, 3).

A dádiva não está dissociada nem do sacrifício físico, nem do sacrifício mental das pessoas que a pratica. Este conceito de dádiva é relevante, sobretudo, ao falarmos das festividades do *Espírito Santo*, dos ritos sacrificiais religiosos que Marcel Mauss menciona como aqueles que *desencadeiam influências, poderes e são meios de comunicação com a divindade*¹³.

1.2.3. O sacrifício: a violência ritual

O sacrifício é um meio utilizado universalmente por um indivíduo ou por uma coletividade para comunicar com sagrado, pois *só o sacrifício produz o sagrado*¹⁴. Henry Hubert e Marcel Mauss distinguem no sacrifício religioso, os sacrifícios pessoais que afetam diretamente o sacrificante e os *sacrifícios objetivos que incidem sobre um objeto de ação sacrificial*¹⁵.

¹¹ Godelier, 1996: 267-268.

¹² Godelier, 1996: 139-140.

¹³ Mauss, 2000: 63.

¹⁴ Mauss e Hubert, 2005 (1899): 16 e seguintes.

¹⁵ Mauss e Hubert, 2005 (1899): 19, 67, 68, 70, 71.

Os *objetos do sacrifício* são consagrados e o processo sacrificial traduz-se na *morte ritual de animais, na dádiva, na circulação e consumo de alimentos, celebrando a Divindade*¹⁶.

No sistema do sacrifício, Hubert e Mauss distinguem a importância dos *agentes sacrificantes* (os mordomos iniciados nas práticas sacrificiais), *os sacrificadores* (*sacerdotes*), *os lugares, os instrumentos e as operações do sacrifício*¹⁷.

A questão sacrificial tem uma grande importância neste trabalho pois permitiu compreender o desfile e a morte dos gueixos do *Espírito Santo*, a bênção, a distribuição e o consumo de alimentos rituais e os esforços físicos violentos, mas presentes também na resistente perseverança dos autores destas festividades.

1.2.4. A importância das inovações nas festas espiritanas

O problema da tradição *versus* inovação coloca-se em todas as sociedades humanas e foi posto em relevo por Antonieta Costa, nos seus trabalhos sobre as festas do *Divino Espírito Santo* na ilha Terceira¹⁸. Segundo esta psicóloga social, no modelo organizativo das festas do *Espírito Santo* permanecem duas forças que se influenciam simetricamente: as conservadoras, constituídas pelas *Irmandades* que prescrevem normas a constar dos seus Estatutos, e as inovadoras, constituídas pelos *imperadores* ou *mordomos*, que por sua vez são oriundos das forças comunitárias e conservadoras. O controlo do instrumento inovador, que a autora atribui a uma entidade intermédia e abstrata, é representante social dos valores do culto, sendo constituída por toda a sociedade, que interpreta e avalia o que as forças organizacionais produzem enquanto motor dinâmico e inovador. O papel desta entidade intermédia pertence ao domínio das ideias, isto é, a sociedade enquanto representação social da Divindade e da sua ideologia, teria dois papéis importantes no funcionamento da organização: garantir os objetivos das festas, que não podem ser modificados, e ser o eixo central sobre o qual toda a ação se desenrolará. Esta entidade intermédia interpretará os resultados da ação inovadora, neste caso, do papel inovador que o *mordomo* possa ter, e julgará, através da concordância, ou

¹⁶Mauss e Hubert, 2005 (1899): 9-12, 15, 16.

¹⁷ Mauss e Hubert, 2005 (1899): 25 e seguintes.

¹⁸ Costa, 1987: 23-26.

não, como agir perante a inovação, numa dinâmica de flexibilização entre a ideologia e a ação, ao mesmo tempo, que lutará pela manutenção da unidade organizacional. Essa unidade é preservada pelo papel da representação social dos valores do culto, sendo o *imperador* o principal organizador das festas. Será na sua atuação, enquanto indivíduo e representante do cargo, que irão recair as atenções da sociedade, ou seja, avaliando o cumprimento, ou não, dos valores sociais e morais do culto. Para Antonieta Costa, a história do culto ao *Espírito Santo* sempre foi marcada por inovações que, até agora, não afetaram as crenças religiosas instituídas, na medida em que as mesmas *procuraram na tradição, a base para se inventar e reinventar, apesar de registarem alguma mudança de costumes*¹⁹. Numa sociedade tradicional, o papel dos costumes é variável, pois eles adaptam-se e renovam-se, consoante as necessidades contextuais. A tradição está ligada a uma prática social, manifestada numa identidade coletiva. O direito comum oferece e proporciona a maleabilidade com o passado formal de inovar costumes e ajustá-los aos dias em que vivemos, proporcionando o uso prático e a continuidade histórica. É na regulamentação de costumes que é permitido continuar os pressupostos de tradições inventadas, com aqueles que estabeleceram, ou continuam a estabelecer a legitimação de antigas instituições, cujo principal propósito é *a socialização, a partir da indicação de ideias, padrões e valores que simbolizam e contribuam para coesão da sociedade*²⁰.

Em 1987, Antonio Quadros publicava *Portugal Razão e Mistério* no qual relativamente à permanência e continuidade das festas do *Espírito Santo* nas ilhas açorianas, o autor refere que as mesmas continuam *a ser tradição popular viva*²¹. Em 2005, sobre o culto do *Espírito Santo* nos Açores, Manuel Gaspar mencionava que embora as festas do *Espírito Santo* tenham vindo a sofrer algumas modificações com a introdução de elementos modernos que a situação económica hoje facilita, e que outrora não fizeram parte destas festas, continuam a ser as maiores manifestações de religiosidade, de alegria, de partilha e de cooperação entre as pessoas. Esta vivência extraordinária (...) demonstra bem a grande vontade em manter viva esta tradição do Povo Açoriano²².

Durante a pesquisa de terreno em Rabo de Peixe deparamo-nos com inúmeros fenómenos de inovação cultural, a nível das festas do Espírito Santo com importância

¹⁹ Costa, 1997: 290-298.

²⁰ Ranger & Terence & Hobsbawn, 1997: 17.

²¹ Quadros, 1999: 91.

²² Gaspar, 2005: 434.

significativa na vida das comunidades: no *arranjo dos quartos*, no *abate dos animais*, nos *cerimoniais*, na *indumentária*, na *culinária*, na reformulação da função dos *carros de bois*, apresentando-os em cortejos etnográficos, tudo isso, e muito mais, surgiu de forma inesperada. Até a introdução das *Cavalcadas de São Pedro* e as *Marchas de São João* afirmaram-se nas festas do *Espírito Santo* como novas entidades, que, não sendo novas, surgem, em glória, para ajudar o povo a manifestar, de modo mais efusivo, a fé e a devoção ao *Paráclito*, reclamando cada vez mais o laço social, enfim, a coesão social rabo-peixense em redor das festas espiritanas.

1.3. Estudos sobre o culto do *Divino Espírito Santo*

A intensidade do culto cultural do *Divino Espírito Santo* nas ilhas dos Açores tem motivado o aparecimento de diversos estudos locais, regionais e nacionais, cuja consulta foram fontes fundamentais para o nosso trabalho.

Nas fontes consultadas destacam-se teses académicas em diversas áreas científicas e nas quais apoiamos o presente trabalho. O antropólogo João Leal é autor de uma tese de doutoramento em Antropologia Social no ISCTE (1992), elaborada sob a orientação de José Carlos G. da Silva, sobre *As Festas do Espírito Santo nos Açores, Um Estudo de Antropologia Social*. João Leal tem como ponto de partida o estudo monográfico do *Império* que se realiza na freguesia de Santa Bárbara, localizada na costa norte da ilha de Santa Maria, e que tinha sido objeto de um trabalho apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica realizada na Universidade Nova de Lisboa (1984). Neste estudo, o antropólogo assegurou primeiramente os objetivos de carácter religioso em que assentam as festividades, mas também o carácter que a sociedade detém no seu controlo e poder total, quer como *papel de instrumento periódico de afirmação da identidade e do prestígio coletivo da freguesia*²³ numa *lógica cíclica, de renovação e regeneração das relações sociais*²⁴ que se inicia na família, para se estender à vizinhança, ao lugar, à freguesia, à vila e ao concelho. Nesta renovação de laços sociais, o autor sublinha o peso importante que é imposto pela presença da *linguagem da dádiva*

²³ Leal, 1994: 259.

²⁴ Leal, 1994: 260.

*alimentar*²⁵ nos rituais, como *vínculo entre dádiva e relações sociais*²⁶. Neste estudo o autor utiliza o conceito de *potlach* para realçar a linguagem da dádiva e contradádiva na estrutura social da freguesia em estudo. A noção de *potlach* precede e articula em grande força os rituais espíritanos, marcados por refeições ostentatórias, prestigiantes para os seus autores, mas sem que seja ressarcido das dádivas que distribuiu. Os alimentos oferecidos durante as cerimónias das festas espíritanas são o instrumento principal para a concretização das relações sociais, visto que o *imperador*, aquele que organizou a festa, usou os alimentos como meio de retribuir a graça divina implorada, nem que para isso veja a sua *possível* riqueza disseminada. A responsabilidade e honra do *imperador* para com o *Divino* são os aspetos mais importantes e que necessitam de ser cumpridos.

Do mesmo autor, salientamos os estudos efetuados entre os anos de 1995 e de 2014 nas comunidades de emigrantes açorianas e que resultou na publicação da obra *O Culto do Divino. Migrações e Transformações*. Neste trabalho são relevantes as pesquisas de campo efetuadas nos EUA, no Canadá e no Brasil.

De Antonieta Costa salientamos a sua tese de doutoramento, em Psicologia Social e das Organizações, pelo ISCTE (1998), orientada por Benedicta Monteiro, intitulada *Os dois paradigmas da gestão pela cultura*. Este trabalho põe em relevo valores democráticos de igualdade social, fraternidade e caridade, presentes nos estatutos das *Irmandades do Divino Espírito Santo*. Este estudo foi publicado em 1999 com o título *O Poder e as Irmandades do Espírito Santo* onde a sua autora demonstrou que as organizações das festas do *Espírito Santo* se baseiam numa utopia democrática, cujo poder organizativo está concentrado nas instituições sociais particulares. Para a sua autora *o Culto apresenta muitas variedades de execução, quer de Ilha para Ilha, quer dentro da mesma, mantendo, porém, os valores estatutários de origem. Esta variedade deve-se à gestão democrática que lhe está subjacente e que advém da concretização dos seus valores, nomeadamente, do valor 'Igualdade' que é objetivado no acesso que qualquer pessoa tem à realização do Culto e a uma interpretação pessoal do mesmo. Não existindo qualquer centralização de autoridade, todos têm o mesmo poder de interpretação dos desígnios da Divindade*²⁷.

²⁵ Leal, 1994: 259.

²⁶ Leal, 1994: 262.

²⁷ Costa. 2004: 2.

Do sacerdote Hélder F. Mendes salientamos a obra *Do Espírito Santo à Trindade, um programa social de cristianismo inculturado*, dissertação de doutoramento em Teologia Pastoral, orientada pelos professores Martín Velasco e Luís Maldonado, do Instituto Superior de Pastoral de Madrid, e apresentada na Faculdade de Teologia da Universidade Pontifícia de Salamanca, em 2004. Este estudo refere que aquele *culto tem uma implicação de alteridade social – comunitária, no que significa e manifesta, no que exerce e recebe*²⁸. Para além de apresentar uma visão histórica do culto do *Espírito Santo*, o autor segue uma linha de doutrina cristã, introduzindo o termo *pneuma*, que no Novo Testamento aparece ligado à *Terceira Pessoa da Santíssima Trindade*. Na Teologia, a Pneumatologia, como ramo de estudo da religião cristã, analisa aquele que é o *Paráclito*, defensor e consolador do homem (João 14:26,2:27), aquele que concilia o homem a Deus (Rm.8:26). A sua ação tem como intenção a revelação de Deus ao homem (Lucas 2:26; II Pe.1:21), por analogia ao vento que não se vê, mas que se sente.

Por isso, Helder Mendes propõe a pneumatologia como uma regra para a ação, porque só através da ação prática, na relação com os outros, o homem pode conhecer o *Espírito Santo*. A dinâmica de organização e concretização das festividades religiosas do *Espírito Santo* alcança o seu objetivo por via da fé e da devoção, que inspiram e motivam os homens por intermédio de Deus, estarem mais próximos dos outros, mediante a prática do bem, como homens de boa vontade. Para a Igreja Católica, *o homem só conhece o Espírito Santo de forma indireta através de si próprio, na criação da sua ação de solidariedade e comunhão com o seu “irmão”*²⁹.

Foi de grande utilidade a dissertação de mestrado de Mário Araújo em Cultura e Comunicação, na Universidade dos Açores, orientada por Gabriela Funk designada *As festas do Espírito Santo no concelho de Ponta Delgada: Uma expressão da religiosidade popular* (2009), publicada em 2012, no contexto da IX Edição das Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada. Salientamos, igualmente, as representações cartográficas dos circuitos processionais do *Espírito Santo* incluídas na dissertação de mestrado em Arquitetura de Olegário M. G. Morais intitulada *O culto do Divino Espírito Santo e a organização do espaço físico e ritual da ilha do Pico – Açores* (2015), orientada por Paula Ramos Pinto, pelo ISCTE – IUL e Rui de Sousa Martins pela Universidade dos Açores.

²⁸ Mendes, 2006: 264.

²⁹ Mendes, 2018: 128.

No contexto dos trabalhos realizados nas disciplinas de Antropologia da Universidade dos Açores, destacam-se as monografias dos estudantes Carlos Estrela (2003) e Rui Tavares (2003), da licenciatura em Sociologia, e da estudante Cláudia Tavares (2003) em Ensino Básico.

Para a realização do presente trabalho foram, também, preciosos alguns estudos monográficos ligados ao culto do *Espírito Santos* nos Açores, produzidas por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento como é o caso de Gabriel de Almeida (1885), Francisco Carreiro da Costa (1957), Luís B. de Leite Atayde (1973-74), Pe. Alberto Pereira (1981), Luís da Silva Ribeiro (1982 a), Armando Cortes-Rodrigues (1983), Francisco Chaves (1983), Francisco E. de Oliveira Martins (1985), Antonieta Costa (1987), António Quadros (1987), Manuel Breda Simões (1987), Francisco Supico (1995), Gaspar Frutuoso (1998), Maria Fernanda Enes (2004) e Mário Moura (2007).

Das monografias locais e específicas sobre a celebração do *Divino* na vila de Rabo de Peixe, destaca-se a do rabo-peixense Manuel Estrela, intitulada *Festas da Caridade. Alvorada de Luz; Gente de Rabo de Peixe*. Além destas, citamos outras, que não sendo específicas do tema em estudo, apresentam textos e iconografia pontual das festas celebradas naquela vila. António Costa com *A nossa memória coletiva. Rabo de Peixe* e também *Rabo de Peixe: de lugar a Vila*; Jaime Machado com *Gente da Nossa Vila de Rabo de Peixe*; José L. Faria com *Permanece. Na Alma do Imigrante* e Manuel Estrela com as obras *Gente de Rabo de Peixe* e *O Chico e o “Bai Bai”*.

Encontramos referências às festas espiritanas em Rabo de Peixe em jornais publicados na ilha de São Miguel, designadamente nos jornais *O Forum* (1867), *Diário dos Açores* (1875), *A Estrela Oriental* (Hermano Teodoro – 2001), *Correio dos Açores* (Ana Coelho, 2007, 2007 a) e na revista *Açores Magazine* (2008).

1.4. Iconografia, filmografia e exposições temporárias

Relativamente às fontes iconográficas utilizadas neste trabalho, para além das fotografias da autora, também foram utilizadas imagens disponibilizadas pela Associação Irmandade Promotora das Festas da Beneficência de Rabo de Peixe, família Andrade,

família Costa, família Terceira, família Vieira, redes sociais e outras fotografias pontuais cedidas por particulares.

O acesso à Webgrafia permitiu-nos visualizar pequenos vídeos sobre as festas do *Espírito Santo* das Despensas e sobre as festas da Bandeira da Caridade. Uma fonte de pesquisa foram também as redes sociais, onde pudemos observar fotografias antigas e atuais, bem como pequenos vídeos.

Durante a preparação deste trabalho de dissertação, nas ilhas de São Miguel e de Santa Maria, foram apresentadas ao público duas exposições referentes às *Despensas do Espírito Santo* que se realizam na vila de Rabo de Peixe. Um dos projetos teve caráter particular e outro associativo; contudo, os dois pretendiam transmitir à sociedade açoriana aspetos relevantes do património cultural dos Açores e tradição inédita em todo o território português. Enquanto a primeira exposição integrou uma mostra a nível regional, a segunda exposição alcançou um caráter além-fronteiras açorianas pois, graças ao apoio da Direção Regional das Comunidades, fez parte da Semana Cultural que ocorreu durante as festas do *Divino Espírito Santo* na freguesia de Santo António de Lisboa, em Florianópolis, ilha de Santa Catarina, no Brasil, que se realizam desde 1748, data da chegada dos primeiros povoadores açorianos à referida ilha. Para além de apresentar uma face pouco divulgada das festas espiritanas, a mostra potenciou um intercâmbio que reforça a história e a herança perpetuada pelos descendentes açorianos naquele lugar, através de um sistema de relações intercontinentais com a vila de Rabo de Peixe.

Estas exposições protagonizaram momentos de mediatização das festas, na medida em que os seus promotores apresentaram alguns dos aspetos mais relevantes das *Despensas*, uma das variantes das festas do *Espírito Santo* em Rabo de Peixe, conferindo-lhes, deste modo, um estatuto cultural, social e museológico que abordam e representam componentes da realidade de um fato social total.

Na procura de fontes bibliográficas e orais destacam-se o estabelecimento de contatos com os EUA, nomeadamente com naturais de Rabo de Peixe, como sejam José Luís Faria e Alexandrina Pereira, filhos de José Faria, agricultor e dono do forno de cal que existiu em Rabo de Peixe. Foram também preciosos os contatos locais de Maria de Deus Penacho Vieira, já falecida, Odete Vieira, Francisco Vieira, Cirilo Pacheco, António Silva, Rosário Costa, Eugénia Gouveia, António Medeiros, Bruno Rego, Pedro Sousa, António Mota, Manuel Rebelo Andrade, Manuel Cabral Vieira, António Cabral, Helder

Costa, António Luís Soares Amaral e Humberto Vieira e outros que, por mais pequenos que tenham sido os seus contributos, foram muito importantes pelas inter-relações e relações que permitiram estabelecer.

1.5. Pesquisa de terreno em Rabo de Peixe

As minhas pesquisas de terreno sobre o *Espírito Santo* iniciaram-se com a atividade docente na Escola Básica 1, 2, 3/JI da Vila de Rabo de Peixe no ano letivo de 1999-2000. Desde logo, a comunidade rabo-peixense evidenciou-se como um nicho de características sociais plurais, pouco perceptíveis, e com variantes culturais desconhecidas para uma micaelense habituada à tradicional cultura religiosa espiritana das *Domingas*. A intenção de compreendê-las e dar-lhes sentido foi, desde logo, uma necessidade pedagógica e intelectual. Tratou-se de perceber uma realidade que, afinal estava tão perto, mas ao mesmo tempo, era, desconhecida da maioria da população da ilha de São Miguel e dos Açores, em geral. Impunha-se a necessidade de saber mais para, como docente, dispor de mais e melhores conhecimentos, indispensáveis à comunidade e aos discentes, futuros homens e mulheres, e sobretudo cidadãos, e transmitir-lhes os saberes indispensáveis ao seu próprio crescimento, envolvendo-os numa futura transmissão desses mesmos saberes. Com este intuito, a aventura da pesquisa efetuada resultou em explicações, por vezes contraditórias, que motivaram, de forma crescente, a procura de fontes mais credíveis. As primeiras foram indispensáveis e imprescindíveis, e envolveram um trabalho de pesquisa caracterizado pela investigação direta junto de fontes orais e também pelo contato com fontes escritas de pessoas direta ou indiretamente envolvidas nas festas espiritanas da vila de Rabo de Peixe. A pretensão de procurar as origens desta variante espiritana levou à consulta de outros documentos, ligados à imprensa, à história açoriana e afins. Este caminho de inquirição, algo espaçada e demorada, culminou com a publicação de um livro intitulado *O Divino na Vila de Rabo de Peixe*, que foi apresentado à comunidade rabo-peixense, em 2014, com o propósito de ligar a comunidade à escola, valorizando a tradição e cultura local.

Visando a aquisição de novos conhecimentos, matriculei-me, em 2018, no Mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento na Universidade dos Açores,

instituição que, através deste mestrado, que tem contribuído para o conhecimento interpretativo da cultura, do património e da museologia dos Açores. Os trabalhos científicos realizados no âmbito do mestrado foram essenciais para a elaboração do presente trabalho, auxiliando, quer a nível teórico, quer a nível prático, destacando os seguintes: *Um estudo sobre a vila de Rabo de Peixe nos finais do século XIX*, no âmbito do Seminário de Património, Identidade e Desenvolvimento; *Análise material sobre as Despensas dos Homens do Mar na Vila de Rabo de Peixe*, no campo da Sociologia da Cultura e dos Públicos e *Pesca e Pescadores na Vila de Rabo de Peixe, São Miguel - Açores* no percurso do Seminário de Museologia e Antropologia Cultural. O primeiro constou de uma análise aos *Livros de Róis de Confessados*, dos anos 1882/1883, da paróquia do Bom Jesus de Rabo de Peixe, com a finalidade de traçar aspetos do retrato social, económico, cultural e político. O segundo trabalho pretendeu analisar o carácter sociológico das *Despensas dos Homens do Mar*, com base em entrevistas realizadas para o efeito, e cujo resultado tornou visível a identidade cultural própria dos homens que desempenham a atividade marítima, e que levou à constituição das ditas *Despensas*. Por fim, o terceiro trabalho, para além de visar a compreensão da teoria da organização subjacente à atividade piscatória através da legislação na Região Autónoma dos Açores, revestiu-se também, de um cunho etnográfico, patente na observação em trabalho de campo, nas entrevistas a pescadores, antigos e atuais, nos meios de trabalho por eles empregues e classificação de utensílios.

Cumprida a parte letiva do mestrado, optei por fazer uma tese sobre o culto do *Espírito Santo* em Rabo de Peixe na área da Antropologia. Agora, os procedimentos metodológicos foram essenciais. Na pesquisa de terreno (trabalho de campo) recorreremos fundamentalmente à observação participante e a entrevistas qualitativas semiestruturadas e não-estruturadas³⁰ e só no estudo das pescas utilizamos uma entrevista estruturada (Anexo III: 197). De grande importância foram os contactos com os EUA, nomeadamente com naturais de Rabo de Peixe³¹. A observação participante da investigadora permitiu-lhe ver (quase) tudo o que se passava em seu redor, ouvindo em diálogo aberto os seus interlocutores, recolhendo dados, compostos pela multiplicidade de ações e sentidos

³⁰ Na pesquisa qualitativa existem dois métodos de obtenção de dados, a observação participante e a entrevista qualitativa, sendo esta última subdividida em entrevistas semiestruturadas e não-estruturadas. Nas entrevistas semiestruturadas o entrevistador faz sempre certas perguntas principais, mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas questões em busca de mais informação. Nas entrevistas não-estruturadas o entrevistador apenas dispõe de tópicos que pretende ver abordados pelos entrevistados ou respondentes e pode formular as questões (...) na ordem que lhe pareça mais adequada na ocasião... (...) as entrevistas não-estruturadas são muito úteis como estratégias de descoberta. Ver Moreira, 1994: 93, 94, 107, 108, 133, 134, 135, 136.

³¹ Os informantes estão identificados nas Fontes Oraís.

essenciais à apreensão e decifração na compreensão das relações socioculturais da comunidade a estudar.

Primeiramente, foram agendadas marcações com os principais intervenientes ligados às Coroas, às Bandeiras e às Despensas, que, por sua vez, indicaram possíveis contactos de interesse para a pesquisa. Foi desta forma que se criou uma rede de contactos que levou à audição dos informantes, habitantes de Rabo de Peixe, através de entrevistas não-estruturadas e semi-estruturadas, em que sempre se explicou os objetivos do trabalho e negociou-se anonimato e confidencialidade em algumas situações. Também a observação direta realizada durante a participação nas cerimónias religiosas, cortejos e jantares proporcionou muitas anotações no diário de campo assim como registos fotográficos. Recolhidos os dados das observações e formuladas hipóteses, estas foram objeto de verificação, e conforme as suas conclusões, algumas foram eliminadas e outras aceites pela sua veracidade, permitindo a interpretação e elaboração de conclusões.

Os informantes tiveram pouco acesso às informações de que a investigadora dispunha, que só eram utilizadas em termos comparativos, ou para elucidação de um determinado contexto. Contudo, não foi feito segredo da sua investigação, pois teve liberdade de se deslocar a locais onde a investigação fosse relevante, estabelecendo relações sociais com os informantes³², ações fundamentais para obter informação e esclarecimentos que mais tarde levassem à produção de um texto descritivo e explicativo de uma realidade social.

Inicialmente, a recolha de dados permitiu obter informação originada pela observação descritiva das pessoas, dos locais e dos acontecimentos. Posteriormente, a observação descritiva ramificou-se numa observação focalizada e seletiva com intuítos de descrever minuciosamente aspetos relativos a espaços, pessoas envolvidas e respetivos nomes, atividades, objetos, ações individuais, acontecimentos e atividades particulares de indivíduos, sequências de tempo, objetivos das diferentes atividades feitas pelas pessoas, sentimentos e emoções em contextos particulares³³. Durante a observação, todos os fenómenos foram registados tal como foram apresentados aos olhos da investigadora. De modo a tornar mais precisos os dados obtidos, houve necessidade de rever e questionar continuamente as situações observadas e as conversas nas quais a investigadora se viu

³² Burgess, 1997: 89.

³³ Burgess, 1997: 89.

envolvida³⁴. Mais tarde, estes dados foram alvo de análise por parte da investigadora, de forma a poderem ser colocadas hipóteses relativas à manifestação em estudo e daí retirar ilações que permitissem compreender o fenómeno de forma fundamentada. Na persecução desse objetivo, foram feitas anotações sobre tudo o que podia ser observado, registado e comparado, permitindo, deste modo, obter elementos para organizar o processo de trabalho.

A própria investigadora teve o papel de instrumento de conhecimento e de socialização com os membros da comunidade, participando nos acontecimentos sem perturbar o seu desenvolvimento. Este envolvimento permitiu a obtenção de informação a partir das descrições efetuadas pela investigadora e pelas elocuições dos indivíduos da sociedade em estudo. O trabalho de campo permitiu que as técnicas de investigação envolvessem formas e instrumentos diversificados, baseados em enunciações prévias que conduziram, em diferentes etapas, a novos pressupostos, reformulações e proposições para corroborar acontecimentos que foram relatados, por vezes de forma heterogénea e dispersa. Paralelamente, examinaram-se outras fontes igualmente relevantes: documentação histórica, narrativas escritas, jornais, revistas, iconografia, vídeos, exposições, monografias locais, trabalhos académicos, webgrafia, censos, mapas, questionários, tabelas, listas, gráficos, gravações sonoras e documentos paroquiais, que possibilitaram reforçar a apreensão e objetivar a realidade da sociedade de Rabo de Peixe, numa tentativa de compreender globalmente aquela comunidade e as suas festas espíritanas.

Para além do trabalho de campo, recorreremos igualmente ao método comparativo para confrontar sistemas de relações entre as instituições religiosas do *Espírito Santo*, assim como o seu estudo histórico, de modo a permitir um melhor conhecimento sobre as mesmas e, assim, perceber as suas fases de desenvolvimento. Neste campo comparativo também pudemos determinar tipos e formas de organizações e possíveis variações entre elas.

O plano esboçado nem sempre se concretizou. Na verificação sistemática de conclusões, os seus contornos mais complexos conduziram à necessidade de reformulação e contínua redefinição de objetivos, levando à sua flexibilidade de modo a poder aferir e desenvolver mais completas evidências documentais das situações sociais

³⁴ Burgess, 1997: 103.

investigadas. Isso implicou um modelo de pesquisa dinâmico, de levantamento de problemas novos e não previstos, ocasionando uma série de estímulos mentais, com a procura e identificação de outras implicações sociais necessárias para desvendar conhecimentos ainda obscuros.

1.6. Descrição e interpretação

O acesso aos dados foi marcado pela disponibilidade e satisfação dos informantes na constatação de que a cultura local era alvo de valorização externa.

Segundo Velasco e Rada *os processos de elaboração de dados que conduzem à criação de um discurso inteligível, significativo são fundamentalmente os seguintes: descrever, traduzir, explicar e interpretar, que são processos sucessivos de elaboração, no entanto, complicados, inseparáveis pela incapacidade de serem compartimentados*³⁵. Para cada um existem regras que se entrelaçam nos dados explicativos elaborados pelo observador e objetos de estudo antropológico. Aquele autor menciona Clifford Geertz ao referir que fazer etnografia é proporcionar uma descrição densa, na medida em que existe dificuldade em transformar e interpretar a diversidade encontrada num texto que corresponda à veracidade dos factos presenciados. A comprová-lo, dá o exemplo do tique de uma pálpebra e uma piscadela de olho, para demonstrar a diferença que existe entre um e outro³⁶. Esta situação, que abrange os quatro processos acima enunciados, implica uma apreciação microscópica capaz de ver os contextos através das imagens apresentadas, de penetrar em situações não explicitadas e ser capaz de interpretar, caracterizar e traduzir objetivamente um contexto, de acordo com a sua validade, neste caso social e cultural, não só conforme os seus elementos que são vistos, sentidos e transmitidos através do emprego da terminologia própria da disciplina.

Na composição deste trabalho pretendeu-se maximizar, conjugar e aplicar os conhecimentos adquiridos com base na experiência de conceituados antropólogos. Para além do já citado, Velasco e Rada referem o contributo de Nadel, que considera que as funções de descrever e de explicar estão implícitas na Antropologia Social. Nesse

³⁵ Velasco & Rada, 2009: 42.

³⁶ Velasco & Rada, 2009: 43.

seguimento, são avançados vários tipos de explicações que permitem formatar a Antropologia como ciência, aplicando leis gerais e universais. O primeiro modelo de explicação de um fenômeno é baseado em proposições: o *explanandum*, que consiste basicamente numa pergunta e respectiva resposta, cujo veredito descreve e explica algo segundo um princípio geral natural³⁷. No segundo modelo, a explicação de um fenômeno tem origem em causas genéticas ou evolutivas que possibilitam compreender um fenômeno pelo desenvolvimento das suas fases porque tende a compreendê-lo nas relações entre todas as suas partes. O terceiro tipo de explicações baseia-se no modelo funcional que se centra, sobretudo, em duas explicações do fenômeno: a primeira, em fatores mediadores mostrando os fatos sociais como coisas, ou seja, na analogia entre as sociedades e os organismos, e em explicações teleológicas como sendo esta *a sua razão de ser*³⁸. Este último tipo de explicação referida no texto por Velasco foi alvo de diversas críticas, pois ela não permitia estabelecer compreensão relativamente às mudanças ocorridas dentro das sociedades, que induzem a variáveis como a falta de homogeneidade, de integração ou de interdependência. Nos finais do século XX, como meio de ultrapassar o fracasso da corrente funcionalista, surge a teoria preconizada por Stephen Turner de que a explicação do fenômeno está na forma em como é escrita a própria linguagem, ou seja, em jogos de linguagem convencionais. *A questão não está na natureza em si do fenômeno, mas sim na linguagem em que são descritos*³⁹. Contudo, foi com as monografias do antropólogo inglês Evans-Pritchard que a arte da interpretação veio substituir a explicação. Segundo Velasco e Rada, aquele autor considera que a Antropologia Social deve estudar as *sociedades como sistemas morais e simbólicos* e não *como sistemas naturais*. Para este antropólogo, trata-se de descobrir e interpretar as intenções que levaram a que uma sociedade esteja estruturada da forma como se encontra e *por isso procura padrões e não leis, demonstra coerência e não relações necessárias entre as atividades sociais, e interpreta mais que explica*⁴⁰. Para Evans-Pritchard, interpretar é estabelecer padrões que proporcionem inteligibilidade à sociedade. É neste seguimento que, para o antropólogo americano Clifford Geertz, a interpretação tem de ser produzida como se tratasse de um livro de literatura, elucidada camada após camada, como se de um enredo se tratasse: localização dos espaços geográficos gerais e específicos da ação, tempos e seus espaços, descrição física e psicológica das personagens

³⁷ Velasco & Rada, 2009: 56.

³⁸ Velasco & Rada, 2009: 57.

³⁹ Velasco & Rada, 2009: 59.

⁴⁰ Velasco & Rada, 2009: 60.

principais, o papel das personagens principais e secundárias e a importância das ações principais e secundárias. Para este autor é preciso relacionar todas as vertentes de um contexto social para o compreender e contar. Esta narrativa é acompanhada pela interpretação e explicação da forma como os fatos acontecem e o levam à sua ocorrência. Esta abordagem interpretativa de Clifford Geertz apresenta três aspetos: a ação dramática representada nos atos sociais diários simbólicos e figurativos para a comunidade; o conteúdo metafórico ou alegórico, porque revela não uma cultura mas diferentes culturas humanas que se lançam para uma Etnografia cada vez mais humanista, comum a todos os homens, marcada pelo pensamento, pela coabitação no mesmo planeta e pela convivência entre eles; e, por fim, o contexto social de uma sociedade⁴¹, é assinalada por fatores económicos, políticos, culturais.

Segundo Velasco e Rada, que referenciam Marcus e Fischer, os critérios atuais para a existência de uma boa Etnografia consistem na representação de uma cultura com intuito de salvaguarda e preservação nas suas características distintas, na narração do realismo etnográfico das expressões da sua identidade, nas diferenças microssociais, nas atividades económicas e sociais e nos rituais religiosos e profanos⁴². A estas características acrescentamos aquelas que dizem respeito ao desenvolvimento deste trabalho: a relação do homem com a religião através da crença e da força do acreditar, o que conduz à devoção ao *Divino*, pelas relações sociais que congrega, pela partilha de dádivas e pelo sentido holístico do todo preservado na identidade e nas marcas, como as que se verificam na sociedade da vila de Rabo de Peixe.

Dito isto, não se pretende apontar este trabalho como um exemplo de boas práticas, mas sim como uma tentativa de alcançar alguns resultados, que outros possam aperfeiçoar no futuro.

⁴¹ Velasco & Rada, 2009: 71.

⁴² Velasco & Rada, 2009: 82.

2. O culto do *Divino Espírito Santo* na cultura açoriana

2.1. A celebração do *Paráclito* no arquipélago dos Açores

Na história do arquipélago dos Açores, o ano de 1427 tem sido referido como o da descoberta das ilhas de Santa Maria e de São Miguel, que foram mais tarde doadas pelo poder régio à Ordem dos Cavaleiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, da qual era governador e administrador o infante da ilustre ínclita geração portuguesa, D. Henrique, duque de Viseu e primeiro senhor da Covilhã. Por sua ordem, o primeiro capitão e comendador da Ordem de Cristo, Gonçalo Velho, chegou àquelas ilhas, dando início à sua ocupação. O povoamento insular, ainda na década de quarenta daquele século, ficou limitado pela natureza orográfica e climática das duas ilhas; a população de colonos fixou-se, inicialmente, nas terras mais baixas e próximas do mar. A colonização alargou-se, mais tarde, às restantes ilhas açorianas, tarefa compreensivelmente difícil, devido à dificuldade de comunicação com o exterior e aos fracos recursos à disposição dos habitantes.

A ocupação das ilhas do grupo oriental prosseguiu com a vinda de gente portuguesa oriunda do Minho, da Estremadura, do Alentejo e do Algarve, constituída por nobres de segunda estirpe, judeus, cristãos-novos, mouros, negros e degredados, que estabeleceram os primeiros povoados. Seguiu-se o povoamento das ilhas do grupo central e, algumas décadas depois, o das ilhas do grupo ocidental. A escassez de voluntários para o povoamento daquelas ilhas permitiu a vinda de flamengos, conjuntamente com nortenhos e madeirenses que, mediante a promessa de terras, povoaram a ilha Terceira e restantes ilhas⁴³. No processo de povoamento, as terras foram *dadas* pelo capitão do donatário, em regime de sesmarias, a grupos *privilegiados que traziam para estas ilhas os seus humildes e submissos servos a quem competia o trabalho de limpeza e arroteamento das terras*⁴⁴.

Durante as primeiras décadas, os primeiros habitantes, rodeados pelo mar, sentiram o desamparo, a falta de recursos materiais e alimentares e a inospitalidade da terra agreste, bem como os fenómenos sísmicos e vulcânicos, que nunca tinham experimentado. A religiosidade medieval levou-os à penitência religiosa como forma de combater o desconhecido, influenciados e apoiados de modo incontestável pela ordem

⁴³ Sobre o povoamento das ilhas dos Açores ver Matos, Artur Teodoro, Avelino de Freitas de Meneses, José Guilherme Reis Leite (d.c.) 2008. *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*. 2, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura: 49-109 e Santos, João Marinho dos Santos. 1989. *Os Açores nos Séculos XV e XVI*, 2, Angra do Heroísmo, SREC/DRAC: 138-185.

⁴⁴ Serpa, 1976: 12.

franciscana, que fomentou a crença na idade tripartida do mundo de Joaquim de Fiore. Em Portugal, o desenvolvimento e favorecimento do culto ao Espírito Santo pelos reis portugueses, Dinis e Isabel, contribuíram para um incremento da sua implementação nas ilhas açorianas. O uso da coroa real na realização do primeiro culto espiritano deveu-se a este casal régio e simbolizou a subordinação do poder real e terreno ao poder divino e celestial, persistindo ainda este culto caracterizado pelo modelo dito imperial e pelas *insígnias* utilizadas na representação do sagrado: a *Coroa*, o *Cetro* e a *Bandeira*⁴⁵. O mais antigo documento, que relata o funcionamento de uma *Irmandade do Espírito Santo* nos Açores refere-se à ilha Terceira e data de 1492; nele se descreve o funcionamento do hospital, ao qual a *Irmandade* estava ligada, e também *como se procedia à realização da festa do Império do Espírito Santo*⁴⁶. Nos séculos seguintes, em todo o arquipélago verificou-se a construção de ermidas, altares e igrejas em louvor à Santíssima Trindade. Fora do âmbito da Igreja, utilizando o modelo imperial, a população ligou-se ao culto criando modelos adequados à sua devoção e fé, às condições económicas e sociais prevaletentes. As aflições diárias ligadas a cataclismos naturais, epidemias e outras doenças foram as circunstâncias que contribuíram para a crescente devoção ao culto do *Divino Espírito Santo*, entidade sobrenatural enviada e delegada por Jesus Cristo para conforto, proteção e salvação dos filhos de Deus.

Como resultado da evolução histórica, o culto do *Divino Espírito Santo* enraizou-se de forma diversificada em todas as ilhas do arquipélago, tornando-se uma característica da cultura e da identidade dos Açores. Sendo o *Divino* um só, *o culto é dos homens e é feito por eles e pelas suas histórias e trajetórias*⁴⁷. Segundo João Leal, esta *diversidade cristaliza-se, na existência, ao longo do arquipélago, de cinco grandes variantes das Festas do Espírito Santo*⁴⁸. Um dos modelos de organização engloba quatro ilhas: Terceira, Graciosa, São Jorge e Pico (Grupo Central). As ilhas de Santa Maria e de São Miguel (Grupo Oriental) e ainda a ilha do Faial (Grupo Central) têm organizações distintas. Uma outra variante correspondente às ilhas das Flores e do Corvo (Grupo Ocidental). Os aspetos organizativos mais relevantes presentes nestes modelos, ou variantes, relacionam-se, de acordo com João Leal, com a *estruturação genérica do ritual, com o conteúdo e características principais da sua vertente alimentar e, por fim,*

⁴⁵ Consultar Antonieta Costa, 1998: 28-42. Ver também Leal, 2017: 26 e seguintes.

⁴⁶ Mendes, 2001: 58.

⁴⁷ Faria, 2019: 10.

⁴⁸ Leal, 1994: 167.

com o tipo de cerimónias religiosas...⁴⁹. A variante do culto preponderante na ilha de São Miguel aproxima-se mais do modelo das ilhas do Grupo Central, contudo, distancia-se dele pela existência das *Domingas* e dos *Impérios*. A existência das *Domingas que têm lugar ao longo de cada uma das oito semanas que medeiam entre a Páscoa e a Trindade, e os Impérios que se realizam no domingo de Pentecostes ou no domingo da Trindade*⁵⁰ (Mapa 1).

2.2. O modelo ritual da ilha de São Miguel

Na ilha de São Miguel, o culto ao *Divino Espírito Santo* manifestou-se com maior intensidade por altura do terramoto de 1522, em Vila Franca do Campo, data de nascimento do cronista açoriano Gaspar Frutuoso que, mais tarde, descreveu largamente o acontecimento como uma sucessão de grandes sismos, originando a deslocação de terras que subverteram a vila: *tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente (...) escaparam algumas casas, delas caídas, onde ficaram vivas até setenta pessoas, pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando por Deus, outros por Santa Maria, na qual aflição lhe foi grande consolação a presença e doutrina do padre (...) amoestando-os que se confessassem e pedissem a Deus misericórdia...*⁵¹. Na época, os sentimentos das pessoas e a fé em Deus e no *Divino Espírito Santo* devem ter alcançado grandes proporções, porquanto expressavam o medo, a agonia e o desânimo da perda de vidas e haveres tão custosamente alcançados.

Durante o século seguinte, as festas do *Espírito Santo* perderam o vigor e a sua realização quase desapareceu nesta ilha. Somente em Vila Franca do Campo as mesmas restringiam-se ao convento de Santo André, onde eram celebradas pelas freiras *incitadas das maravilhas, q' lhes contavam os religiosos de S. Fran.co q' D.^a obrava, por meio desta obra em louvor do divino Espírito Santo, por q' toda esta se ordena em obras de caridade com os pobres, e louvores a D. N. Senhor*⁵²

⁴⁹ Leal, 1994: 169.

⁵⁰ Leal, 1994: 182-183.

⁵¹ Frutuoso, 1998, 4: 280.

⁵² Jornal *Estrella Oriental* de 11 de Maio de 1907: 1.

Presume-se que esta diminuição se deveu às restrições impostas pela Igreja açoriana para combater os excessos pantagruélicos e profanos, praticados pelo povo por altura das festas espiritanas. Nas *Constituições* de 1559, publicadas pelo bispo frei Jorge de Santiago, entre outra legislação eclesiástica, assiste-se à interdição para que se *não fizessem imperadores, nem imperatrizes em muitos domingos e festas do ano com coroação ao tomar a coroa do Espírito Santo “gastando em comidas, e festas, o que não tem”, como em algumas partes fazem diversos imperadores, e o que é pior é com diversas superstições encomendando-se ao Espírito Santo*⁵³. Além da Igreja, em 1597, também Filipe I de Portugal determinava, por provisão real, o fim dos *bodos* devido aos gastos excessivos que se faziam. Ainda relativamente às proibições das festas, em 1602, o bispo D. Jerónimo Teixeira Cabral *proibiu que os foliões do Espírito Santo baixassem nas capelas-mores das igrejas paróquias quando coroavam os imperadores*⁵⁴. Já em 1694, D. António Vieira Leitão, bispo de Angra, depois de determinar extinguir as festas espiritanas, ao ver a *teima da devoção do seu povo (...) mandou logo continuassem sempre na sua devoção*⁵⁵, motivado por inspiração divina.

Dependentes ou não da vontade do bispado, no século XVII, as festas espiritanas reemergiram oficialmente, na ilha de São Miguel, em cumprimento de um voto feito à *Santíssima Trindade* pelo 10.º capitão do donatário da ilha e primeiro conde da Ribeira Grande, D. Manuel Luís Baltazar da Câmara e sua mulher D. Mécia, filha do primeiro conde de Miranda. A graça concedida foi o nascimento de um filho que foi festejado com *m.tas festas e torneios a cavalo*⁵⁶. Imputando ao *Divino Espírito Santo* esta dádiva, em 1665, o conde deslocou-se de Vila Franca, onde morava, para a cidade de Ponta Delgada, onde era provedor da Santa Casa da Misericórdia, onde convocou a nobreza dela, e instituiu o *Império da Misericórdia, na d.ª Caza a Irmanda.e do divino Espírito S.to, p.ª se lhe fazer sua festa com Império, e croação de Emperador em as 7 Domingas antecedentes, meza real ao Emperador, e 12 mezas p.ª pobres, e em cada hua das mezas 12 pobres, e p.ª esta solenid.e pagão irmãos, cada hu 300 reis cada ano, e p.r sortes se elegia o Emperador, mordomos p.ª as 7 Domingas, mezas, e mais oficiais que avião servir e assistir ao Emperador*⁵⁷. Depois de obter licença do bispado de Angra para restabelecer as festas na ilha micalense, naquele mesmo ano, realizou-se a festa ao

⁵³ Supico, 1995, 3: 1388.

⁵⁴ Supico, 1995,3: 1308.

⁵⁵ Pereira, 1981: 292.

⁵⁶ Freyre, João de Sousa. 1907: 1.

⁵⁷ Idem, *Ibidem*.

*Divino sendo o imperador o filho do primeiro conde da Ribeira Grande D. José da Câmara que sendo menino foi coroado Emperador, e o levava nos brassos a croar hu seu escudeiro, o cap.am do Castelo Luís da Mota*⁵⁸. Passados alguns anos, o conde estabeleceu a *Irmandade do Divino Espírito Santo na Caza da Misericórdia na vila da Ribeira Grande* [para que se efetuasse] *o Império, embora com menor penção, pois o excesso e os grandes dispêndios podem contribuir para a vaidade*⁵⁹.

Segundo o jornal *Estrella Oriental* de 17 de junho de 1916, *pelos assentos da Santa Casa da Misericórdia realizou-se aos quinze dias do mez de Novembro d'este presente anno de 1665 o Consistório da Santa Casa da Misericórdia, estando em mesa redonda o licenciado António Pacheco Ozório, Provedor, e Conselheiros, se propôs pelos devotos do Espírito Santo, a devoção que tinham de que houvesse mais pessoas para o tal ministério (...)*. Concluída e assinado o *assento* da dita reunião, a mesma fonte informa que oito anos depois, em 1673, voltou a haver uma *coroação*, subscrita pelos nobres da cidade de Ponta Delgada, que formando uma *Irmandade*, esta ficou designada por *Império dos Nobres*. Ora, esta cerimónia surge na sequência de graves doenças, *presumindo ser ramo de peste*⁶⁰ que ensombraram a ilha de São Miguel, não escolhendo nem pobres nem ricos, as quais provocaram elevada mortalidade. Na segunda-feira de *Pentecostes* ou *Pascoela*, *saio o Emperador da Igr.^a da Misericórdia a croar, com o acompanhamen.to de toda a irmand.e e m.to povo, á Igr.^a Matriz de São Sebastião da cid.e de P.t^a Delg.da, e estando se croando o Emperador, com a solenid.e q' se costuma, entrou huã POMBA p.la d.^a Igr.^a dando m.tos giros em q.to se fes a d.^a croação, e saindo o Emperador da Eg.^a o acompanhou até a rua do Valverde, e no meio dela, ou quazi deu hu giro p,^a o ar, e desapareceo, o q' me constou p.r pessoas dignas de fee, o q' se julga ser maravilha do Divino Espírito S.t^o, em q' quis mostrar o como lhe agradecia aquela solenid.e, feita em seu obséquo e louvor, e com ela, o alivio da aflição e operação com q' andavam aflitos os povos desta ilha*⁶¹. Além da *coroação*, *que consistiu numa aparatosa festa seguida do bodo distribuído aos pobres*⁶² este dia passou a ser conhecido como o dia da *Festa da Pombinha*⁶³.

⁵⁸ Idem, *Ibidem*.

⁵⁹ Idem, *Ibidem*.

⁶⁰ Idem, *Ibidem*.

⁶¹ Freyre, João de Sousa. 1907: 1.

⁶² Almeida, 1885: 64.

⁶³ Para ler outra versão sobre a mesma designação consultar documento manuscrito copiado do Livro de Assentos da Irmandades do Espírito Santo da cidade de Ponta Delgada, pelo Escrivão da Comarca da cidade Ignacio do Canto e Medeiros Dias Correa Rapozo. 1795. Ferreira, 2014: 34.

Em 1903 foi publicada na revista *A Phenix*, uma lenda açoriana inspirada na terrível epidemia de peste que assolou a ilha de São Miguel no século XVII. Assinada pelo pseudónimo Cavaleiro de Miranda não resistimos a transcrever uma parte dela até por termos comparativos com o que se reproduz de jornais da mesma época. *O clero, a nobreza e o povo fizeram procissões de penitência, prometendo o provedor e elementos da mesa da Misericórdia instituírem uma irmandade do Espírito Santo. No dia em que saiu o cortejo de penitência pelas ruas da cidade, em obediência à promessa, cessou milagrosamente a epidemia. Confortados e cheios de júbilo, deliberaram os habitantes da cidade efetuar uma missa cantada com sermão no altar de São Roque na Igreja Matriz. Ao começar a festa segundo o ritual entrou pelo rendilhado pórtico manuelino uma pomba branca, que deu três voltas pelo interior do templo, depois foi pousando sucessivamente no friso da capela onde se celebrava a festa, no púlpito e altar-mor. Perante isto, na cerimónia os presentes determinaram que se celebrasse anualmente igual festa comemorativa*⁶⁴.

O modelo de *Domingas* nas festas do *Espírito Santo* tornou-se dominante na ilha de São Miguel. Atualmente, no concelho de Ponta Delgada existem *Impérios Maiores* e *Impérios Menores*. Os primeiros abrangem uma área urbana mais extensa e estão relacionados com datas do calendário litúrgico: *Império da Ascensão*, *Império de Pentecostes*, *Império da Trindade*, *Império de Corpo de Deus*, *Império de São João* e *Império de São Pedro*. Os *Impérios Menores* são realizados em espaços mais restritos, como uma só rua ou canada. Quando isso acontece, o *Império* toma o nome do lugar, como por exemplo, *Império de Pentecostes do Terreiro*.⁶⁵ Estes *Impérios* podem ser realizados por *Irmandades*, *Comissões de Festas* ou por pessoas individuais. Continua a existir o sistema de *Domingas*, que se realizam desde o domingo de Páscoa até ao domingo da festa de *Pentecostes* e até ao domingo da *Trindade*. Atualmente, além destes também existem *Impérios* relacionados com os santos populares, como são os casos dos *Impérios de São João* e *de São Pedro*.

No domingo de Páscoa, o *imperador*, sorteado no ano anterior, coloca no *teatro*, devidamente ornamentado, a *Coroa*, o *Cetro* e a *Bandeira* para que a pessoa que tem a primeira *Dominga* possa tomar posse das *insígnias*. A cada domingo, em cortejo, a *Coroa* passa de *mordomo* para *mordomo*. Na casa deste, é hábito ter um quarto ou altar preparado

⁶⁴ Revista *A Phenix*. 1903. Ferreira. 2014: 57-59.

⁶⁵ Araújo, 2009: 99.

e decorado para receber as *insígnias* espiritanas. Aos serões, o *mordomo* recebe familiares, amigos e vizinhos para rezar o *terço ao Senhor Espírito Santo*. No final, o *mordomo* retribui com alimentos, uma bebida, *massa sovada*, bolachas ou até bolos. Por vezes, aqueles que acompanham o terço trazem consigo doces, para serem partilhados pelos presentes. No domingo seguinte, o *mordomo* e a sua família deslocam-se, em cortejo, ou não, até à igreja para proceder à *coroação* de uma criança da família. De regresso a casa, o *mordomo* oferece alguns alimentos ou uma refeição ligeira a quem o acompanhou nas cerimónias religiosas. Ao fim da tarde, o novo *mordomo* vai em cortejo buscar os símbolos do *Espírito Santo* para efetuar a sua próxima *Dominga*. Este processo repete-se até ao domingo de *Pentecostes* ou da *Trindade*, em que ficará novamente em casa do *imperador*, realizando-se, então, a festa principal. Ao longo da semana anterior ao domingo da festa, o *imperador* tem a seu cargo o desfile dos gueixos, o corte da *carne* dos animais abatidos, o jantar dos criadores dos gueixos, a confeção do *pão* e da *massa sovada*, a distribuição das *pensões* e *esmolas*, o cortejo da *coroação*, a cerimónia religiosa da *coroação* e o almoço oferecido aos convidados.

Conforme os lugares onde se realizam os *Impérios*, no dia da festa, junto ao *teatro*, fixo ou desmontável, são sorteados, propostos ou listados os nomes daqueles que farão as festas no próximo ano.

2.3. As festas do *Espírito Santo* na vila de Rabo de Peixe

Há mais de um século que a freguesia e vila de Rabo de Peixe instituiu e configurou três organizações de festas espiritanas. Duas delas utilizam símbolos espiritanos sagrados, caso da *Coroa*, do *Cetro* e da *Bandeira (Coroas)* e noutras apenas *Bandeiras (Bandeiras)*. Na terceira organização, as *Despensas* são realizadas, tradicionalmente pelos homens do mar, não são utilizados aqueles emblemas e distribuem-se apenas alimentos, *carne* e *massa sovada* abençoados, através dos quais se produz a união com o *Divino*.

Foi assim que a devoção ao *Espírito Santo* divergiu em três ramos diferentes: *Bandeiras*, *Coroas* e *Despensas*.

Esta originalidade que os habitantes locais imprimiram às suas festas foi reconhecida pela primeira vez, em 1924, por intelectuais conceituados, quando receberam do diretor do jornal *Correio dos Açores* o convite para visitar as ilhas dos Açores com a finalidade de mostrar e potencializar os recursos económicos e turísticos das ilhas. Neste contexto, do roteiro da visita, constava a participação destes ilustres estudiosos nas atividades culturais realizadas nas diferentes ilhas. Foi deste modo, que as festas do *Espírito Santo*, celebradas na freguesia de Rabo de Peixe, foram escolhidas para servir de exemplo ao modo como os açorianos são devotos ao *Divino*, ao mesmo tempo que foram amplamente comentadas nos periódicos de São Miguel, descrevendo as festas de “*caráter absolutamente regional, brilhante, organizada e toda dentro da mais pura tradição açoriana (...)*” *A mesma retratou de forma minuciosa os festejos realizados (...) expressando o interesse despertado nos visitantes, que as caracterizaram “como originais, animadas, interessantes e regionalistas”*. Um dos eminentes observadores foi o etnógrafo José Leite de Vasconcelos que no seu livro, *Mês de Sonho*, relatou o acolhimento que ele e o restante grupo tiveram na visita a Rabo de Peixe “*onde o povo nos recebeu com cortesia e com discursos e poesias” bem como no artigo que escreveu para publicação a 20 de julho no Jornal Correio dos Açores que em Rabo de Peixe é “digna de nota a religiosidade do povo que se torna bastante aparatosa nos festejos do Espírito Santo, que constituem uma característica profundamente regional”*⁶⁶. Posteriormente, em 1938, o padre monsenhor José Gomes reconheceu que *ainda entre nós as Coroações do Espírito Santo (...) são uma manifestação funda de toda a crença vincada no coração do nosso povo. Nesta ilha, talvez seja a freguesia do Bom Jesus de Rabo de Peixe, a que mais respeita e guarda o primitivo fervor, piedade e caridade que constituíram a razão de ser desta devoção*⁶⁷.

Estas características *sui generis* definem uma sexta variante, a acrescentar aos cinco modelos arquipelágicos preconizados por João Leal. Este modelo local, da ilha de São Miguel, distingue-se, sobretudo, pelos rituais que estão ligados aos símbolos espiritanos. Estes rituais encontram-se caracterizados pela independência entre as festas do *Espírito Santo das Bandeiras, das Coroas* e das *Despensas*; pela hierarquia entre elas; pela sacralidade das duas *Bandeiras*, das seis *Coroas*, uma por *Império*, e dos alimentos rituais

⁶⁶ Consultar Jornal *Correio dos Açores* de 8 e 11 de Junho e de 20 de Julho de 1924; Jornal *Diário dos Açores* de 11 de Junho de 1924. Ferreira, 2014: 44,45.

⁶⁷ Gomes, 1940: 270.

das *Despesas*; pela ausência de *domingas* nos *Impérios*; e pelo facto da *Coroa* ou *Bandeira* ficarem na posse do mesmo *mordomo*, durante todo o ano.

Este modelo está vinculado e representado na sociedade local de forma identitária e a sua singularidade transferiu-se parcialmente para as comunidades rabo-peixenses, emigradas nos EUA e no Canadá, onde mantêm a fé e a devoção às *Bandeiras da Beneficência* e da *Caridade*.

2.4. A devoção do *Espírito Santo* nas comunidades açorianas emigradas

As dificuldades económicas e o espírito de aventura constituíram, desde sempre, motivos para que os habitantes dos Açores sentissem o impulso de emigrar, com a finalidade de melhorar as suas condições de vida. A primeira fase da história dos Açores, baseada na economia cerealífera, está associada a *crises frumentárias*⁶⁸, devido a uma agricultura pouco produtiva, sujeita às alterações climáticas e à *esterilidade dos solos, a desastres naturais*⁶⁹, originando *precaridade económica*⁷⁰ e por consequência *muita pobreza*⁷¹ a uma *fatia significativa da sociedade açoriana*⁷².

No século XVI o Brasil começou a atrair portugueses⁷³. Contudo, foi nos séculos XVII e XVIII, que a emigração para aquela colónia foi implementada e fomentada pelos interesses políticos e económicos da Coroa portuguesa que autorizou inúmeros casais de açorianos, originários principalmente das ilhas do Grupo Central, mas não só, a emigrar para o Brasil, facilitando as viagens e a concessão de terras para territorializar e demarcar as fronteiras brasileiras. A posse de terras era o sonho que muitos desejavam realizar e que só pela emigração lhes era permitido alcançar⁷⁴. Ao longo do século XIX, o movimento migratório continuou com a emigração de açorianos, não só para o Brasil (devido à abertura dos portos e à necessidade de mão de obra de europeus, em consequência do fim da escravatura), mas também como resultado da passagem de

⁶⁸ Consultar Matos, Artur Teodoro, Avelino de Freitas de Meneses, José Guilherme Reis Leite (d.c.) 2008. *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*. 2, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura: 535

⁶⁹ Idem, *Ibidem*: 375.

⁷⁰ Idem, *Ibidem*: 288.

⁷¹ Idem, *Ibidem*: 381.

⁷² Idem, *Ibidem*: 375.

⁷³ Idem, *Ibidem*: 535.

⁷⁴ Idem, *Ibidem*: 381.

veleiros americanos pelos Açores e do recrutamento de açorianos para trabalharem na caça à baleia; muitos emigraram para os EUA, uns de forma oficial, outros de forma clandestina. Pela mesma época, os açorianos deslocaram-se também para o Hawaii, para o Uruguai e para a Venezuela. Nos finais do século XIX assistiu-se a um maior número de emigrantes a partirem para os EUA principalmente para a Califórnia e para a Nova Inglaterra bem como, e ainda, para o Brasil. Numa segunda fase, e compreendendo os anos sessenta e oitenta do século passado, este movimento de deslocação de gentes açorianas voltou a aumentar em consequência da Guerra do Ultramar, de crises económicas e de catástrofes naturais, sempre em busca de uma vida melhor para si, e para os seus familiares.

De acordo com João Leal, a primeira vaga migratória para os EUA ocorreu entre os anos de 1870 e 1930 e as primeiras festividades espíritanas surgiram logo após a permanência dos emigrantes açorianos naquele país, que inicialmente se fixaram na Califórnia e na Nova Inglaterra. Segundo aquele antropólogo, já em 1865 terão sido realizadas as primeiras festas do *Espírito Santo* em Carmelo, na Califórnia. Neste estado, até à década de vinte do século passado, já existiam 120 festas em louvor ao *Divino Espírito Santo*. Relativamente a Nova Inglaterra o processo de enraizamento das festas foi semelhante. Em 1877 na cidade de Fall River, realizou-se a primeira festa e na década de trinta do século seguinte eram já 30 as festas espíritanas. Atualmente, nos EUA o investigador contabilizou 201 festas⁷⁵.

A partir do final do século XIX, a concentração e a consolidação económica das comunidades açorianas naquelas regiões justificou a construção das primeiras igrejas, associações e irmandades portuguesas que serviram para unir e promover o bem-estar social daquelas comunidades que, afeiçoadas às memórias passadas, recriaram as tradições religiosas e culturais da identidade açoriana e da sua divulgação junto das camadas mais jovens.

No final do século XX contabilizaram-se *Irmandades* ligadas às festas estabelecidas nas igrejas (37%), em clubes (15%), em bandas filarmónicas (4%) e em *Irmandades* autónomas (44%)⁷⁶. Estas instituições organizaram as festas ao *Divino Espírito Santo*, cooperando para afirmar e reforçar os laços entre os membros daquelas

⁷⁵ Leal, 2017: 48-53.

⁷⁶ Faria, 2019: 72.

comunidades, e a identidade cultural que os distinguem dos restantes grupos migratórios nas cidades onde residem.

A segunda fase migratória para a América do Norte ocorreu entre as décadas de sessenta e oitenta do século passado, onde se verificou que a emigração se deslocou para os EUA e para o Canadá. À semelhança do que já tinha acontecido noutros processos migratórios, no Canadá os emigrantes açorianos incrementaram as festas espiritanas com a primeira a ser realizada em 1962 na cidade de Cambridge, Ontário, uma das primeiras províncias, conjuntamente com Montreal e Vancouver a receber emigrantes dos Açores. Destes processos migratórios resultou uma grande concentração de emigrantes e dos seus descendentes nos estados americanos de Rhode Island e Massachusetts, em particular nas cidades de New Bedford e Fall River, nos EUA, estendendo-se, também, às províncias canadianas de Ontário, Manitoba, Québec, Colúmbia Britânica e Alberta.

No jornal *Açoriano Oriental* de 7 de outubro de 2019, a investigadora Ilda Januário referiu que, anualmente, no Canadá realizam-se cerca de noventa festas do *Espírito Santo* sendo a maioria, cinquenta e sete, na província de Ontário. Na cidade de Toronto, primeira paróquia portuguesa (1966), efetuam-se quinze, fazendo desta cidade, aquela com maior número de festas espiritanas. Nesta região, de acordo com a investigadora, existem irmandades organizadas por leigos, por associações e por irmandades ligadas às igrejas que organizam as festas do *Espírito Santo*, sendo que estas últimas surgem na periferia da cidade de Toronto. No Canadá, as festas espiritanas ocorrem entre o domingo de *Pentecostes* e o domingo da *Santíssima Trindade*. Apesar de muitas das festas serem realizadas por uma segunda geração, aquela pesquisadora refere que estes descendentes continuam a ter a mesma fé ao *Paráclito*. Contudo, os participantes são menos e as festas não tão elaboradas como eram dantes. Nos EUA, as festas decorrem durante toda a época estival, altura em que os seus promotores e participantes estão de férias.

No decurso deste fluxo migratório, o emigrante açoriano também fundou a Casa dos Açores como forma de recriação e representação da sua identidade, promovendo eventos relacionados com a cultura açoriana, com o intuito de agregar a comunidade e inculcar nas novas gerações a transmissão e preservação de valores culturais e sociais identitários do património cultural das ilhas açorianas. Especialmente na América do Norte e do Sul surgiram diversas Casas dos Açores representativas das comunidades açorianas. Em 1997, foi fundado o Conselho Mundial de Casas dos Açores com ligação

protocolar e institucional à Região Autónoma dos Açores. Este Conselho, atualmente, incorpora 15 casas que se distribuem pelo Algarve, Lisboa e norte de Portugal, e pelo Brasil, nomeadamente no estado de São Paulo, em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Salvador da Baía e Rio de Janeiro; e ainda pelas cidades canadianas de Ontário, Quebec e Winnipeg; pelas cidades americanas de Hilmar e Nova Inglaterra; pelas ilhas Bermudas e, finalmente, pelo Uruguai. As Casas dos Açores são também espaços onde se realizam eventos festivos ao *Divino Espírito Santo*.

Esta dinâmica cultural tem sido marcada por uma contínua relação transatlântica com as origens, apoiada pelo envolvimento político e intelectual entre o arquipélago e as comunidades açorianas. O primeiro é sustentado pelo apoio do Governo Regional dos Açores às festas espiritanas realizadas na diáspora, reconhecendo o seu caráter de identidade cultural e patrimonial, vincando-se a transnacionalidade que o património cultural açoriano adquiriu com a emigração. Em 2002, na cidade de Fall River, o presidente do Governo Regional, discursando nas Grandes Festas de Fall River, afirmou que os *açorianos são os melhores embaixadores de Portugal*⁷⁷. Este movimento transatlântico, realizado por entidades privadas ou pelo poder político, aprofunda-se nos Açores e nas comunidades de emigrantes por meio de seminários, exposições, feiras e apresentação de autores, artistas e artesãos em várias áreas culturais.

Neste contexto, o rabo-peixense Rui Faria, diretor do Museu da Emigração, da cidade da Ribeira Grande fundou a Associação dos Emigrantes Açorianos com o objetivo de promover um sistema de relações que permita envolver as novas gerações de descendentes de emigrantes com os Açores, impedindo que no futuro não se perca a ligação entre aquelas gerações e os Açores. A associação tem como propósitos dinamizar projetos e atividades, nomeadamente, pelas redes sociais, com o programa *# Find Your Azores*, onde os lusodescendentes açorianos podem encontrar informações sobre a atual realidade açoriana; com um torneio de golfe anual, cujo primeiro ano de realização juntou cinquenta e quatro pessoas vindas dos EUA e do Canadá e com um concurso orientado para os mais novos intitulado *Me & Mom in Azores*. Este concurso efetua-se com a realização e registo de pequenos documentários sobre a vida de um emigrante no programa *# Find Your Azores*. Os vários trabalhos serão sujeitos a votação, e mais tarde farão parte de uma base de dados da Associação dos Emigrantes Açorianos. Para o melhor

⁷⁷ Estrela, 2015: 115.

documentário, a Associação atribuirá o prémio de uma viagem aos Açores para duas pessoas, com tudo incluído. Também num futuro próximo esta instituição pretende publicar um livro em edição bilingue que, possibilite aos estudantes luso-descendentes de língua portuguesa, tomar contato com a realidade que levou à emigração dos seus antepassados.

Segundo Leal, a propagação de formas culturais, levadas ou importadas, permitiu iniciar *processos de transformação, de diferenciação, de hibridização* que possibilitou que, hoje, se diga que em cada canto existe um *Espírito Santo*, pautado pela diversidade⁷⁸ como acontece na diáspora, em que o culto ao *Espírito Santo* é constituído por diferentes casulos de manifestação ao *Divino*, cuja riqueza expressa-se na transnacionalidade cultural que apresenta. Neste trabalho esperamos contribuir, de algum modo, para a inteligibilidade das relações sociais, entre as comunidades rabo-peixenses na diáspora e a sociedade da vila, fomentadas também, e cada vez mais, pelas redes sociais.

2.5. O processo de patrimonialização das festas do *Divino Espírito Santo*

Antes de falarmos no que foi o processo de candidatura de patrimonialização das festas do *Divino Espírito Santo* convém assinalar alguns aspetos relativos ao conceito de património cultural material e imaterial e o seu enquadramento histórico e jurídico.

Em 1945, perante a destruição de valores, causados pelas Primeira e Segunda Guerras, o conceito de património é repensado pelas Nações Unidas, organização constituída naquele ano por um grupo de países europeus, com a principal intenção de defesa dos povos e das culturas e de estabelecer a cooperação, a paz e a segurança no mundo. Em 1946, os países-membros vão ser responsáveis pela criação da UNESCO – organização das Nações Unidas que irá envolver-se nos domínios da Educação, das Ciências Naturais, Sociais e Humanas, da Comunicação e da Cultura, sendo que o papel deste último domínio será suscitar a preservação e o reforço da salvaguarda do Património Cultural da Humanidade *nas suas diversas vertentes, dando visibilidade às diferentes expressões culturais*⁷⁹. No decorrer da sua ação promotora de bem-estar social e mundial,

⁷⁸ Leal, 2017: 58-59.

⁷⁹ Cabral, 2009: 34.

a nova instituição internacional assumiu responsabilidades de intervenção relativas ao património cultural móvel e imóvel, como forma de salvaguardar a herança cultural e natural do mundo, a partir de recomendações e convenções. Finalmente, em 1972, a Convenção do Património Mundial surgiu para ser aplicada aos monumentos, aos conjuntos arquitetónicos e a locais de interesse *histórico, estético, etnológico ou antropológico*⁸⁰. Levantou-se, então, a questão de distinguir a cultura material da cultura imaterial, apesar de não haver dissociação entre elas, por estarem intrinsecamente ligadas. Contudo, era fundamental que qualquer uma delas se destinasse *ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias, e constituída pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos*⁸¹. O património consolidou-se como uma categoria de bens alienáveis, naturais, culturais e paisagísticos que devem ser conservados e transmitidos às gerações futuras para fruição coletiva.

Para diferenciar a cultura material de imaterial e tornar funcional a classificação desta última, a UNESCO teve que adotar medidas que vieram a culminar em 2003 com a adoção da *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. O início deste processo remonta aos anos vinte do século XX, quando o conceito de folclore estava ainda muito ligado a *artes* do povo, o que se estende até ao ano de 1972. Neste ano, e nos seguintes, a *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural* chamou a atenção para a lacuna e necessidade existentes de salvaguardar os aspetos imateriais da cultura, o que veio a ser reforçado quando, em 1982, a UNESCO, criando a Secção do Património Não Tangível, alargou o conceito de cultura aproximando-o mais de uma perspetiva antropológica, ao definir cultura como *o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças*⁸², que mais tarde, em 1989, remeteu para a *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore*. A intensa atividade de auscultação junto dos países-membros e das suas áreas científicas fez surgir um novo programa denominado *Tesouros Humanos Vivos*, o que levou a que, em 1998, o conselho executivo daquela organização instituisse

⁸⁰ Cabral, 2009: 34.

⁸¹ Choay, 1999: 11.

⁸² Cabral, 2009:27.

o regulamento de um programa intitulado *Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade*. Este novo programa tinha como objetivos sensibilizar, avaliar e identificar o património oral e imaterial e foi alvo de grandes debates sobre o significado das suas definições. Em 2000, a UNESCO deu início ao processo formal de preparação das condições legais de modo a divulgar e a salvaguardar o património cultural imaterial através de avaliações que pretendiam *garantir a viabilidade do património cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal – e revitalização deste património em seus diversos aspetos*⁸³. Em 2001, surgiu a primeira *Convenção* e dois anos mais tarde, foi finalmente aprovada a *Convenção* de outubro de 2003, em cujo segundo artigo, pontos um e dois, são definidos como património cultural imaterial *as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhe estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e a História, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana (...) os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (...) nos seguintes campos a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do património cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais*⁸⁴. A primeira *Proclamação das Obras-Primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade* ocorreu em 2001, seguindo-se outras duas proclamações em 2003 e 2005, de onde resultaram 90 consagrações.

Neste contexto, no ano de 2000, e de acordo com os documentos a que tivemos acesso, o Governo Regional dos Açores, através da Secretaria Regional da Educação e Cultura, preparou um projeto de candidatura do *Culto do Espírito Santo* nas ilhas

⁸³ UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. 2003. <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>;5, consultado em 20 de outubro de 2019.

⁸⁴ UNESCO – *Convenção para a Salvaguarda do Património...*.pdf: 4-5.

açorianas e na diáspora. Na introdução ao projeto de candidatura defendia-se *a necessidade de divulgar a natureza e o funcionamento do fenómeno em questão, (...) a sua prática democrática e os valores por detrás dele*⁸⁵, nomeadamente a Caridade, a Fraternidade e a Igualdade, com realce para este último.

Em ofício datado de 14 de julho de 2000, endereçado ao secretário Regional de Educação e Cultura, Antonieta Costa, representante, em Portugal, da Região Autónoma dos Açores no Conselho Geral da Comissão Nacional da UNESCO, deu o seu parecer sobre esta candidatura, considerando-a pertinente, porque *as características do Culto do Espírito Santo coincidem com a categoria de valor excepcional, (de acordo com a Decisão 155 EX/3.5.5. do Conselho da UN.SCO) exigido para a classificação do bem (...) [e que] a importância da classificação deste tipo de património, ao qual o Culto do Espírito Santo corresponde, não só chamaria à atenção mundial para as propostas da reforma social implícitas no Culto, como internamente, esse reconhecimento alertaria as populações para o valor e importância daquele ato cultural*⁸⁶.

Os organismos de coordenação do processo de candidatura do *Culto do Espírito Santo a Obra-Prima do Património Oral e Imaterial da Humanidade* foram constituídos pela Secretaria Regional da Educação e Cultura, tutelada pelo secretário José Gabriel do Álamo de Menezes, e tiveram como promotor o Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo, e coordenadora-geral a Psicóloga Social Dr.^a Antonieta Costa, e uma Comissão composta por intelectuais regionais e nacionais: Prof. Doutor António Machado Pires (Humanista), Prof. Doutor Rui de Sousa Martins (Antropólogo), Prof.^a Doutora Gabriela Funk (Linguista), da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Viriato Soromenho Marques (Filósofo), da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Jorge Croce River (Filósofo), da Universidade de Évora, Dr. Jorge Bruno (Investigador do Património), Dr. João Maria Mendes (Canonista), Dr.^a Antonieta Costa (Psicóloga Social), Dr. João Saramago, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e Dr. José Bettencourt da Universidade Autónoma. A candidatura também teve o apoio e a parceria de instituições culturais regionais e nacionais, como a Direção Regional da Cultura, Universidade dos Açores, Campus de Ponta Delgada, o Instituto Açoriano de Cultura, na pessoa do Dr. Jorge Bruno, o Instituto de Cultura Católica, representado pelo seu presidente, Doutor Pe. Hélder Mendes, o Instituto Histórico da Ilha Terceira, na

⁸⁵ *Candidature Process of the Azorean "Impérios" to a Masterpiece of Oral and Intangible Heritage of Humanity*. 2002. Introdução.

⁸⁶ Ofício de Antonieta Costa datado de 14 de julho de 2000 endereçado ao Secretário Regional da Educação e Cultura. (Assunto: Parecer sobre candidatura a Património Oral e Imaterial da UNESCO).

pessoa do Doutor José Guilherme Reis Leite, o Núcleo Cultural da Horta, representado pela sua presidente, Dr^a. Zoraida do Nascimento, o Instituto Cultural de Ponta Delgada, representado pelo seu presidente, Dr. José Estrela Rego, a Associação de Defesa e Investigação do Património, representado pelo seu presidente, Prof. Doutor Rui de Sousa Martins, e a pela Rádio Televisão Portuguesa, que apoiou o projeto, através da cedência de imagens de arquivo em suporte vídeo.

Após ter sido submetido e aprovado pelo Ministério da Cultura, o projeto foi enviado à UNESCO. Em agosto de 2000, no decorrer da preparação do processo, a coordenadora do projeto foi informada que a UNESCO não aceitava candidaturas com base em temas religiosos, pelo que era proposto que a candidatura açoriana fosse adiada para uma segunda fase de apreciação, que teria lugar no ano de 2003. Os motivos apresentados foram que o objeto da candidatura açoriana não estava em perigo de extinção e, por sua vez, a UNESCO pretendia contemplar países pouco beneficiados em património material para ser classificado. Registe-se a curiosidade de um dos projetos aprovados ter sido precisamente *O Espaço Cultural das Irmandades do Espírito Santo de Congos de Villa Mella na Republica Dominicana*, entre as dezanove selecionadas, (duas delas de países europeus), das trinta e oito candidaturas entradas na UNESCO. Destas, foram excluídas doze candidaturas, e sete, entre as quais se destacava a candidatura açoriana, foram remetidas para uma fase posterior.

Deste modo, em setembro de 2000, e em consonância com várias reuniões, as diversas partes envolvidas, (UNESCO, Comissão Nacional e Ministério da Cultura) é tomada a posição de não ser retirada a candidatura de Portugal, explicitando, numa reformulação da candidatura, o sentido da proposta inicial, mas agora com a nova denominação de *Impérios Açorianos*, cujas construções foram apresentadas como uma estrutura social, que conciliava os valores espirituais da sua crença na prática quotidiana com a função de estabelecer uma nova ordem igualitária, baseada num novo sistema de valorização preconizado pelas *Irmandades com Valores Estatutários estabelecidos na Igualdade, na Fraternidade e na Caridade e que por sua vez têm permitido a igualdade social, a permanência, a operacionalidade, o pluralismo cultural e a longevidade*⁸⁷. Ao longo do projeto apresentado é dado grande destaque à igualdade social e que,

⁸⁷ *Candidature Process of the Azorean "Impérios" ... 2002: vídeo síntese.*

fundamentada nos princípios da Igualdade, Fraternidade e Caridade, *transformada numa experiência vivida, não é considerada uma utopia*⁸⁸.

Através da publicação de uma circular, a coordenadora-geral informou os parceiros de candidatura que o processo açoriano seria adiado para uma segunda fase, reformulado e acompanhado de trabalhos académicos que enfatizavam um possível desaparecimento *na forma mais pura do culto*⁸⁹. Para efeitos de promoção do novo título do projeto, e por imposição da UNESCO, a coordenadora estabeleceu contactos com várias instituições, direta ou indiretamente ligadas às festas do *Espírito Santo* e instituições culturais e académicas, pedindo esclarecimentos às primeiras e dando conhecimento às segundas. Destes contatos com as instituições promotoras das festas espiritanas, além da recolha de assinaturas por freguesias para promover o interesse da população à classificação do *bem*, também se averiguou a totalidade de *Irmandades* existentes na região e na diáspora, que eram de 220 irmandades no arquipélago açoriano, 180 nos EUA, 89 no Brasil, e no Canadá 38, perfazendo uma totalidade de 526 irmandades. Contudo, ressalve-se, que em nenhuma das nove páginas a que tivemos acesso constam as duas *Irmandades* existentes na vila de Rabo de Peixe, o que permitiria perfazer a totalidade de 528 instituições. Para além do número atualizado de *Irmandades*, a organização também teve acesso às suas designações, datas, locais, duração, descrição dos rituais públicos e privados das celebrações que se efetuavam no *bem* a ser classificado. Foi deste modo que os *Impérios Açorianos* foram considerados como espaço cultural que albergava um conjunto de expressões culturais e sociais tradicionais que definiam uma determinada comunidade com as mesmas ideias e valores, realçando-se nove características que os *Impérios* têm em comum, a saber: a) o ritual de apropriação do símbolo do *Espírito Santo* pela família encarregue das festas; b) a preparação dos alimentos/partilha de bens em nome do *Espírito Santo* c) a distribuição dos alimentos; d) a série de preces; e) a *coroação*/procissão da *Coroa*; f) as relações entre os atores dos cerimoniais e restante família marcada pela alegria, felicidade e amizade; g) todas as tarefas, despesas e ofertas são feitas em nome do *Espírito Santo*; h) a realização das festas, que resulta de duas situações: o compromisso do *Império* (através da *Irmandade*), ou as promessas (da população, pessoa, família); i) a concretização da cerimónia é sempre realizada, independentemente da promessa ter sido ou não atendida.

⁸⁸ *Candidature Process of the Azorean "Impérios" ...* 2002: 35.

⁸⁹ *Jornal Açoriano Oriental* de 24 de Fevereiro de 2003: 5.

Do processo de candidatura apresentado faziam parte os seguintes elementos: um dossier principal; um dossier de anexos; CD-ROM com a lista de *Irmandades* existentes nas ilhas açorianas e diáspora; vídeo resumo de 10 minutos com objetivo de promover o *bem* a património mundial; vídeo sobre a realização dos rituais nos Açores; vídeo sobre a realização dos rituais nas Comunidades de Emigrantes no Brasil, nos EUA e no Canadá.

O dossier principal era constituído por cerca de 130 páginas, obedecendo a uma ordem formulada pela UNESCO, nos quais constava a *identificação do estado-membro, a forma de expressão cultural, nome da comunidade em questão, localização geográfica do espaço cultural e das comunidades em questão, periodicidade da forma de expressão cultural e a justificação do valor do espaço cultural ou da forma de expressão cultural do ponto de vista da concentração do património imaterial, da história, da arte, da estética, da vida religiosa, da etnologia, da sociologia, da antropologia, da linguística e da literatura*⁹⁰.

Do dossier de anexos, organizado em 200 páginas, faziam parte onze documentos. O primeiro descrevia o regime das *Irmandades* e as relações que estas estabeleciam entre si e com as comunidades associadas, apresentando três modelos de estatutos de *Irmandades*, único suporte administrativo das mesmas, de épocas diferentes, e nos quais se verificavam traços comuns como as suas obrigações e as dos seus membros. Do segundo ao sétimo anexo foram apresentados trabalhos académicos elaborados e apresentados nos Açores por investigadores ligados ao estudo do *Culto do Espírito Santo*, nos quais é evidenciada a vertente espiritual espiritana traduzida na vivência do quotidiano. Assim, na abordagem à temática do simbólico implícito à prática do culto, a candidatura socorria-se, nos anexos dois, três e quatro, dos textos *Iconografia e Simbólica do Espírito Santo* de Gilbert Durant, da Universidade de Grenoble; *O Simbolismo da Coroação Tripla e os “Impérios” do Espírito Santo* de Breda Simões, professor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa; *Simbolismo e Arte Efêmera: uma análise da estética das Festas do Espírito Santo* da antropóloga Mari Lyn Salvador, investigadora da Universidade do Novo México. Nos documentos cinco, seis e sete, os textos de âmbito social eram *A Gestão pelas Representações Sociais* pela psicóloga social Antonieta Costa; *Os Impérios do Espírito Santo Mito-história e ideologia* de Georges Gusdorf, professor na Universidade de Strasbourg; *As celebrações do Espírito Santo nos*

⁹⁰ *Candidature Process of the Azorean “Impérios” ... 2002: 3-8,9.*

Açores – Um ensaio em Antropologia Social de João Leal, antropólogo, professor do ISCTE, Lisboa. Os restantes anexos reuniam informação relativa à lista de *Irmandades* (versão imprensa do CD-ROM) nas ilhas açorianas e na diáspora, bibliografia, iconografia e filmografia.

Na descrição operacional do projeto foram focados os aspetos comuns entre as variedades existentes dos modos de expressão do culto, referindo-se as que se realçavam como exceções, mantendo todas os mesmos ideais e valores. O projeto faz uma exposição da história, da arquitetura, dos rituais, desenvolvimento e função social, simbólica e cultural dos *Impérios* e *enuncia-os como centros de difusão do ideal da igualdade social*⁹¹. Em resumo, a reestruturação do projeto tinha como objetivos sensibilizar o júri para uma experiência social que poderia apresentar-se como um modelo relevante permitindo abrir caminho para uma proposta de uma nova sociedade⁹².

Alguns aspetos da candidatura foram cuidadosamente reformulados, atendendo ao mesmo conjunto de critérios de seleção, que de modo incongruente à partida se excluía, nomeadamente aquele que era relativo à Identidade Cultural, ao apoio das populações e ao Risco de Extinção⁹³. Assim, a reestruturação permitiu uma reorganização com base *num cenário pessimista, argumentando que as Irmandades, como uma sociedade minoritária, que faz uma proposta de estrutura social inédita, estão, como tal, sujeitas às pressões de uniformização, provenientes do meio ambiente; (...) ao espírito economicista dominante (do qual já existem provas no interior das Irmandades) irá gradualmente corroer a lógica da “fraternidade” e da “caridade”; como o vocabulário alimentar do Culto é um factor básico da sua realização, qualquer alteração (...) irá minar a ideologia do Culto, colocando em risco a sua sobrevivência*⁹⁴.

Apesar do esforço dos seus proponentes, o projeto não foi aprovado pelo facto de não estar em risco de extinção. Contudo, a iniciativa da candidatura foi em si um processo de patrimonialização que produziu uma série de relações sociais entre diversas instituições e entidades, o que permitiu fazer acentuar e promover o valor cultural das festas do *Divino Espírito Santo*, culto sagrado, mas vivo e dinâmico, sujeito a inovações por parte dos intervenientes, principalmente os mordomos.

⁹¹ *Candidature Process of the Azorean “Impérios” ...* 2002: 34.

⁹² *Idem, Ibidem.* 2002: 13.

⁹³ *Idem, Ibidem.* 2002: 10-11.

⁹⁴ *Candidature Process of the Azorean “Impérios” ...* 2002: 12.

3. A vila de Rabo de Peixe

3.1. Geografia, História e Demografia

O povoamento da ilha de São Miguel iniciou-se no lugar correspondente à atual vila da Povoação e dispersou-se por outros lugares como Vila Franca do Campo, Santa Clara e Ponta Delgada, na costa sul, e Ribeira Grande na costa norte da ilha. Nesta última localidade, o povoamento foi favorecido pela grande quantidade de ribeiras existentes, que permitiram o estabelecimento rápido de moradores na sua proximidade. Rapidamente, o lugar foi elevado à categoria de vila, a 4 de agosto de 1507, pelo rei D. Manuel I, que assinou a Carta de Foral permitindo à vila da Ribeira Grande abranger *um território situado a uma légua ao redor do seu centro, estendendo-se desde o poente onde ficava o Morro de Rabo de Peixe até à Baía de Santa Iria a nascente*⁹⁵.

Desde sempre integrada no concelho da Ribeira Grande, a vila de Rabo de Peixe situa-se no litoral norte da ilha de São Miguel, ocupando uma área territorial de 16,98 km² e abrange o lugar de Santana. Atualmente, a vila de Rabo de Peixe confina a Este com as freguesias das Calhetas e Pico da Pedra, a Oeste com a freguesia da Ribeira Seca e Santa Bárbara, e a Sul com as freguesias do Livramento e do Cabouco (Mapa 2).

Em *Saudades da Terra*, Gaspar Frutuoso registou as primeiras descrições relativas ao lugar de Rabo de Peixe ao referir que este fazia parte da vila da Ribeira Grande, e que as suas ermidas, eram mantidas *pela freguesia de Nossa Senhora da Estrela*⁹⁶. O cronista discorre, também, sobre a origem do nome daquele local *por estar situado em uma ponta de terra e penedia, que sai ao mar, parecendo rabo de peixe, de que o lugar tomou o nome, ou como outros, porque se achou ali no principio, junto do mar, um peixe muito grande sem se saber que peixe fosse, se era baleia ou de outro nome, pelos mouros, que naquele tempo aí guardavam gado, foi dependurado o rabo dele em um pau e dali a dias perguntando a um de onde vinha, respondeu que do rabo de peixe*⁹⁷. Crê-se que a singularidade do nome resulta da atividade piscatória dos seus habitantes.

Em 1517, não passado um século do povoamento da ilha de São Miguel, Rabo de Peixe já era freguesia com os seus *duzentos e vinte e quatro fogos (...) e duas ermidas: uma de Nossa Senhora do Rosário, que dantes era a paróquia até que fizeram a que*

⁹⁵ Frutuoso, 1998, 4: 192.

⁹⁶ Frutuoso, 1998, 4: 189.

⁹⁷ Frutuoso, 1998, 4: 192.

*agora é a matriz, abrigada e acompanhada entre as casas; e outra de S. Sebastião, no cabo do lugar, para o poente*⁹⁸.

No século XIX, J. S. de Albergaria escrevia, *que Rabo de Peixe era a mais considerável aldea dos Açores*⁹⁹, sem, contudo, adiantar porquê. O uso do termo *considerável* poderá estar relacionado com o número de habitantes da freguesia, facto que sempre a distinguiu, por ter sido a mais povoada do município a que sempre pertenceu. Em 1833, na sequência da implementação da reforma política pelo regime liberal no arquipélago açoriano, assistiu-se a uma proposta aprovada pela nova administração regional, a Junta Geral da Província Oriental dos Açores, constituída pelas ilhas de São Miguel e Santa Maria, para a reestruturação administrativa dos concelhos, com a criação de novos concelhos, totalizando ao todo doze, de entre os quais o concelho de Rabo de Peixe. Esta medida governativa foi o modo encontrado para permitir o equilíbrio de poderes e a proximidade com as populações no interior da província. No entanto, esta reforma não teve continuidade, devido à nova lei de 1835 que estruturou administrativamente o arquipélago açoriano em três distritos (Ponta Delgada, Angra e Horta), permitindo a permanência da freguesia de Rabo de Peixe no concelho da Ribeira Grande¹⁰⁰. Entre 1840 e 1853, apesar de pertencer a este concelho, em termos eclesiásticos, Rabo de Peixe estava dependente da matriz prioral de N.^a S.^a da Apresentação do concelho de Capelas¹⁰¹. Atualmente, a vila de Rabo de Peixe está integrada na Ouvidoria da Ribeira Grande.

O carácter religioso e cristão da população da vila de Rabo de Peixe tem raízes e marcas que remontam ao povoamento açoriano. A data de construção da primeira igreja em Rabo de Peixe é desconhecida. Supõe-se que data dos finais do século XV ou inícios do século XVI, pois Gaspar Frutuoso faz referência a esta ermida, aquando da ocorrência da catástrofe de 1522 na ilha micalense, referindo, no então lugar das Furnas que *só o preto João Delgado vivo, que escapou mui escalavrado, e sendo depois forro, faleceu no lugar de Rabo de Peixe e foi enterrado, por sua virtude, dentro na igreja de cima, que então servia de paróquia*¹⁰². Durante muitos anos esta ermida foi constituída igreja paroquial, com festa consagrada *no primeiro de janeiro*¹⁰³ ao orago Senhor Bom Jesus.

⁹⁸ Frutuoso, 1998, 4: 192.

⁹⁹ Sousa, 1822: 70.

¹⁰⁰ Viveiros, 2019: 122-129.

¹⁰¹ Viveiros, 2019: 140.

¹⁰² Frutuoso, 1998, 4: 288.

¹⁰³ Costa, 2003:19.

As crises sísmicas e vulcânicas nos séculos seguintes à sua construção levaram à sua danificação, provocando numa das vezes o seu desmoronamento total. Para acompanhar os fiéis e a devoção ao seu padroeiro, em 1560, deu-se início à construção de nova igreja de três naves, a igreja do Senhor Bom Jesus. Atualmente, a vila dispõe da ermida de N.^a S.^a da Conceição das Vinhas (século XVII), da ermida de São Sebastião (século XVIII), mas, segundo Gaspar Frutuoso, a sua existência data do século XVI, a ermida de Nossa Senhora do Rosário (reconstruída no século XIX), ermida de Santana e ermida de N.^a S.^a do Perpétuo Socorro (século XX).

A área geográfica da vila de Rabo de Peixe dispõe da maior planície da ilha de São Miguel, contribuindo para a economia da ilha, sobretudo, com os seus campos de cultivo de trigo e de milho. Em 1939, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, foi ali criado o primeiro campo de aviação da ilha denominado Aeródromo Militar de Sant'ana para apoiar os países aliados. Em 1946, este passou a pertencer à Aeronáutica Civil que nele instalou o Aeroporto de Santana, única via aérea para o mundo através da ligação com o aeroporto internacional de ilha de Santa Maria.

Na segunda metade do século XX o parque habitacional (Anexo fotográfico: Figs. 1- 5) foi atualizado com a construção de novos bairros e habitações e de infraestruturas adequadas ao bem-estar público e social, com a edificação de Centro de Saúde, Creches, Lar e Centro de Dia de Idosos, espaços de Ocupação de Tempos Livres para crianças e jovens, de Apoio a Grupos de Risco e Clubes Recreativos. Destaque para a representação da população escolar, na ilha e no arquipélago, distribuída por cinco escolas do primeiro ciclo, uma escola do segundo e terceiro ciclo e uma escola profissional (Mapa 3).

Tabela 1 - Censos 2011 - Demografia da vila de Rabo de Peixe

ZONA GEOGRÁFICA	População residente			População presente			Famílias		Núcleos familiares	Alojamentos familiares			Alojamentos coletivos	Edifícios clássicos
	HM	H	M	HM	H	M	Clássicas	Institucionais		Total	Clássicos	Não clássicos		
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Ribeira Grande	32 112	16 184	15 928	30 893	15 511	15 382	8 991	9	8 778	11 195	11 187	8	17	10 411
Calhetas	988	499	489	948	479	469	296	1	275	369	369	-	3	312
Fenais da Ajuda	1 131	581	550	1 091	556	535	319	-	301	420	420	-	-	416
Lomba da Mala	1 152	580	572	1 102	562	540	361	1	302	507	507	-	1	506
Lomba de São Pedro	284	151	133	261	137	124	88	-	81	130	130	-	-	130
Maia	1 900	960	940	1 787	899	888	547	3	512	722	722	-	4	724
Pico da Pedra	2 909	1 439	1 470	2 785	1 366	1 419	894	-	845	1 023	1 022	1	-	978
Porto Formoso	1 265	633	632	1 225	609	616	367	-	361	554	554	-	1	543
Rabo de Peixe	8 866	4 577	4 289	8 906	4 581	4 325	2 120	1	2 336	2 516	2 515	1	4	2 242
Ribeira Grande (Conceição)	2 425	1 161	1 264	2 305	1 103	1 202	782	2	715	1 003	1 002	1	3	843
Ribeira Grande (Matriz)	3 968	1 992	1 976	3 647	1 825	1 822	1 148	1	1 080	1 417	1 415	2	1	1 306
Ribeira Seca	2 950	1 491	1 459	2 814	1 409	1 405	851	-	791	989	989	-	-	971
Ribeirinha	2 349	1 160	1 189	2 126	1 035	1 091	635	-	639	848	845	3	-	748
Santa Bárbara	1 275	637	638	1 260	626	634	381	-	356	460	460	-	-	460
São Brás	650	323	327	636	324	312	202	-	184	237	237	-	-	232

Fonte: Censos 2011. XV Recenseamento geral da população, V recenseamento geral da habitação.

Resultados definitivos da Região Autónoma dos Açores

Esta população está distribuída por várias atividades económicas, com predominância para o comércio. No setor primário a atividade que mais se evidencia é a atividade piscatória, seguida da pecuária e da exploração agrícola (Mapa 3).

3.2. Atividades socioeconómicas

3.2.1. Produções agrárias

No estudo efetuado por Gaspar Frutuoso sobre os primeiros povoadores da ilha de São Miguel, e, conseqüentemente, sobre a origem genealógica das pessoas que constituíram as primeiras famílias açorianas, o historiador referiu alguns nomes que mais se destacaram na sociedade de Rabo de Peixe, desde os finais do século XV até finais do século XVI.

De finais do século XV, Gaspar Frutuoso deu especial relevância ao primeiro habitante ilustre de Rabo de Peixe no século XV: João Moniz, filho de Gonçalo Moniz Barreto, homem de alguma riqueza, e de Maria Fernanda Sanches, que veio parar à ilha do Arcaño, conjuntamente com colonos madeirenses, no tempo do terceiro capitão do donatário, a quem foram concedidas terras que ocupavam a zona mais estreita da ilha de São Miguel, compreendendo, a sul, as terras na zona da Lagoa e a norte as terras onde se

iria situar Rabo de Peixe. O mesmo cronista referiu a existência neste lugar de tratadores de gado e cortadores de mato, como sendo *mouros, que naquele tempo aí guardavam gado*¹⁰⁴, atividade que remontava ao período em que o lugar de Rabo de Peixe ainda *era despovoado, e ermo, sem haver nela mais do que duas cafuas em que dormiam os vaqueiros e roçadores do mato*¹⁰⁵. Segundo José Faria, estes homens vindos do lugar da Lagoa e, mandatados pelo dono da terra, tinham como obrigação arrotear e limpar os silvados das terras, em direção ao norte da ilha de São Miguel. Concomitantemente, àquela atividade acrescia a criação de gado caprino, utilizado também no desbravamento de terras. A necessidade de permanência no local levou à necessidade da construção de cabanas onde pernoitavam. Continuando com a cronologia apresentada por Gaspar Frutuoso, por morte do primeiro João Moniz, as terras foram doadas ao filho João Moniz, que desposou, na ermida de Nossa Senhora do Rosário, Catarina Roiz Furtado, filha do cavaleiro Rodrigo Afonso, e que mais tarde viveu em Rabo de Peixe com *quinze moios de dada de terra*¹⁰⁶. As terras doadas a João Moniz foram, por sua vez, repartidas entre ele e sua irmã Maria Moniz, casada com Bartolomeu Roiz, cavaleiro da Ordem de Santiago¹⁰⁷. Nas terras, “dadas” a fidalgos oriundos de uma nobreza de segunda estirpe, praticavam-se atividades agrícolas ligadas à plantação de trigo e do pastel, os quais proporcionava bons rendimentos aos seus proprietários e o pagamento de dízimos à Coroa. Na *era de mil quinhentos e dez a fatura era tanta de cereal que um João Moniz, morador em Rabo de Peixe, para recolher a novidade de um ano, além de carregar um navio de trigo e cevada, despejou o granel do trigo velho, que lhe ficava, e eram nove moios que recolheu debaixo do mesmo granel, onde os comeram os porcos e galinhas e outras alimárias, pelos deitar ali como perdidos, por não ter onde recolher o trigo novo*¹⁰⁸. Além destas terras de pão *também fazem pastel os moradores, os mais dos quais lavram em terras alheias, tirando os Monizes*¹⁰⁹. Além desta família, o cronista deu realce a nomes de seis homens de Rabo de Peixe, *Adão Lopes, Pero Teixeira, Gaspar de Sousa, Manuel da Costa, Simão Lopes de Almeida e Baltazar Vaz de Sousa mui bem ataviados e vestidos de ricos librés, (...) considerados pessoas principais, todos bons cavaleiros e bem ordenados a representar a vila da Ribeira Grande*¹¹⁰ e que, por altura da Páscoa, participaram num jogo de canas, iniciativa do capitão do donatário Rui Gonçalves da

¹⁰⁴ Idem, Ibidem, 1998, 4:192.

¹⁰⁵ Idem, Ibidem, 1998, 4: 54.

¹⁰⁶ Frutuoso, 1998, 4: 83.

¹⁰⁷ Costa, 2003: 172-173.

¹⁰⁸ Idem, Ibidem, 1998, 4: 222.

¹⁰⁹ Frutuoso, 1998, 4: 193.

¹¹⁰ Idem, Ibidem, 1998, 4: 297.

Câmara, no sentido de apaziguar os ânimos destroçados pelo cataclismo de 1522. Outro cavaleiro e capitão referenciado pelo cronista foi *Fernão de Anes, que entre 1554 e 1571, foi capitão de bandeira em Rabo de Peixe*,¹¹¹ constituindo uma das *quatro bandeiras de duzentos e cinquenta homens (...) três na vila [Ribeira Grande] e uma em Rabo de Peixe, que eram lideradas por um capitão e um alferes de bandeira*¹¹², e responsáveis pela defesa do concelho.

A localização da freguesia na zona costeira permitiu a formação de um núcleo de pescadores, correspondente a uma parcela significativa da sua população, a qual fez da sua relação com o mar o seu modo especial de viver.

À data do término do livro *Saudades da Terra* (século XVI) conclui-se que a estrutura social da freguesia era composta pelos donos das terras, agricultores e exportadores de trigo e cevada,¹¹³ e por aqueles que nelas trabalhavam, os camponeses, alguns pastores de gado e homens ligados à atividade marítima.

Nos séculos seguintes, a intensa produção cerealífera acabou por diminuir a fertilidade da terra, exigindo que as produções agrárias se diversificassem. O incremento de novas culturas e a criação de gado foram áreas de crescimento, consoante as épocas e os ciclos económicos. Para colmatar a escassez de água na freguesia construíram-se três charcos: o charco do Rebentão, mais conhecido como de São João, o charco de São Sebastião e o charco da Madeira, com o objetivo de recolher e aproveitar as águas das chuvas, sobretudo, para os animais. Ainda hoje, pequenos, médios e grandes proprietários mantêm produções agrícolas (agricultura) e criações de gado para leite e carne¹¹⁴ (lavradores) (Anexo fotográfico: Fig.11 e 12).

As quintas ligadas à agricultura dedicam-se à produção frutícola, sendo indispensável abrigá-las dos ventos vindos do norte. Para isso, as quintas, vulgarmente conhecidas como *prédios*, foram divididas em quarteis abrigados por árvores de incenso e faia para proteção dos pomares, sobretudo laranjais, muito frequentes em Rabo de Peixe. Nestas quintas produzia-se boa laranja, e a de melhor qualidade era a produzida na área do Pico Raso¹¹⁵. Nas Areias de Rabo de Peixe, uma grande quinta, o *Pico do Refúgio*,

¹¹¹ Frutuoso, 1998, 4: 312.

¹¹² Frutuoso, 1998, 4: 190.

¹¹³ Frutuoso, 1998, 4: 222.

¹¹⁴ Farias. s/d:27. “Contava meu avô, que a lavoura começou a aumentar na primeira década do século XX. E foi preciso construir pelo menos três charcos para aproveitar as águas da chuva e dos bebedouros encostados, porque corriam dia e noite. Assim aparece o charco da Madeira, o charco de São Sebastião, localizado outrora mesmo ao lado ao lado do teatro do mesmo nome. Era propriedade privada, mas aberto ao público e o célebre charco de São João na entrada da freguesia pelo sul.

¹¹⁵ Faria, sd: 31.

conhecida por *Pico do Ataíde*, pertencia a Luís Bernardo de Ataíde, onde havia boa laranja e produzia-se vinho na adega que tinha o maior tonel da ilha. Nesta quinta, também se cultivou e produziu o chá, pela única fábrica deste produto em Rabo de Peixe. A fábrica empregava muita gente, sobretudo mulheres, e o seu apito fazia-se ouvir três vezes ao dia por toda a freguesia, onde poucas pessoas tinham relógio¹¹⁶.

A fertilidade da terra não se escoou com o tempo e através dos séculos a agricultura continuará a ter um papel preponderante na economia do lugar. A atividade agrícola empregava muitos homens, que não tendo terra sua, trabalhavam por conta do outro, produzindo várias qualidades de citrinos (laranjas, mandarinas, tangerinas, limão galego e branco). Nos finais do século XIX, Rabo de Peixe *exportou anualmente perto de 20:000 caixas de fructa, mais que a Villa da Ribeira Grande e que as freguesias do Pico da Pedra e Calhetas juntas*¹¹⁷. Ainda hoje, as terras da vila, para além dos afamados citrinos, produzem marmelos, araçáis, goiabas, bananas, figos, nêspersas, uvas, melões, melancias, morangos e outros. Dos produtos hortícolas destacam-se ainda milho, tabaco, tremoço, fava, batata, pepino, açafroa, alfaces, tomates, cebolas, couves, nabos, e diversos tipos de abóbora (Anexo fotográfico: Figs. 13 - 23).

A classe agrária constituía mais de metade da população da freguesia, e era constituída, na sua maioria, por camponeses *que nunca podiam esperar muito do seu salário diário, nem o feitor por conta do lavrador. A realização de trabalhos como mateiro, cortador de lenha, de rama e de madeira e em prédios de árvores de fruta ajudava a equilibrar o salário do camponês que eram muito baixo*¹¹⁸. Na época, apesar do regresso de emigrantes do Brasil contribuir para melhorar a vida dalgumas famílias, na globalidade, a população continuou a viver em terras aforadas a grandes proprietários, que possuíam muitas terras em Rabo de Peixe, como era o caso do conde Jácome Correia. Além destes, existiam pequenos proprietários de terras e *serrados onde cultivavam couves, cebolas, tomateiros, repolhos e alhos para consumo da freguesia e arredores. Era o horticultor que tirava mais proveito económico. Trabalhava desde o amanhecer do dia até ao pôr do sol. Fertilizava o solo com algas marinhas produzindo assim hortaliças saudáveis e tenras. Diariamente, com aqueles produtos, transportados em, pelo menos, três carroças, se abasteciam os mercados agrícolas de Ponta Delgada, Ribeira Grande e algumas freguesias vizinhas. No retorno, traziam algum dinheiro, mas muitas vezes*

¹¹⁶ Tavares, 2011: 83.

¹¹⁷ Ferreira, 1870: 69.

¹¹⁸ Faria, sd: 64-65.

*trocavam hortaliças por outros produtos, como milho e inhames. Sempre foram de Rabo de Peixe os maiores vendilhões de hortaliças, e ainda hoje assim acontece no Mercado da Graça, em Ponta Delgada*¹¹⁹.

A intensa atividade agrícola continua a caracterizar a zona rural, de maior poder económico, e que abastece outras vilas, freguesias e a cidade de Ponta Delgada de produtos frutícolas e hortícolas transportados até à década de setenta, pelos conhecidos *ceboleiros*, de Rabo de Peixe, em burros com seirões, e mais tarde em carroças e atualmente em carrinhas (Anexo fotográfico: Figs. 24 - 26).

Até à década de cinquenta, de acordo com José Luís Faria, havia três eiras comuns: uma pública, no Rosário, e duas privadas, em Santana e em São Sebastião (esta última situava-se no lugar onde depois foi o Forno da Cal). Qualquer uma delas estava desocupada para que a população, consoante o dia disponível, pudesse “malhar” o seu cereal, tremoço, feijão ou fava. A partir daquela década surgiu a primeira debulhadora a vapor¹²⁰, alimentada a lenha. Pertencia à família Tavares, da Ribeira Grande, e servia sucessivamente a vila, e as freguesias de Rabo de Peixe e Santo António da Bretanha. A colheita dos trigos *temperãs*, na Ribeira Grande, fazia-se entre meados de maio e meados de junho; em Rabo de Peixe entre meados de junho e meados de julho e em Santo António da Bretanha de meados de julho a meados de agosto por os trigos serem mais serôdios. Inicialmente, a debulhadora era puxada por juntas de bois e, mais tarde, rebocada por tratores. Na década de sessenta, uma sociedade entre Mariano Gouveia, Laurêncio Franclim e José Tavares Silva, permitiu que Rabo de Peixe tivesse a sua primeira debulhadora, formando-se, seguidamente uma nova sociedade constituída por António Gouveia, Armindo Estrela e José Gouveia, para adquirir outra debulhadora.

No século XIX, em Rabo de Peixe distinguiram-se três grupos de trabalhadores com atividades bem definidas: agricultores, homens de ofícios vários e pescadores. Em 1870, no *Almanaque Popular dos Açores* escreveu-se que os *habitantes de Rabo de Peixe são os mais industriosos e trabalhadores de toda a ilha. D’aqui saem os melhores quinteiros, os bons officiaes de pedreiro e paredeiros*¹²¹.

¹¹⁹ Pereira, 2018: 22.

¹²⁰ No entanto, Odete Vieira afirma que a primeira debulhadora a ser vista em Rabo de Peixe pertencia à família Massa, dos Arrifes.

¹²¹ Ferreira. 1870: 69.

3.2.2. Atividade marítima

Nos Açores, todas as freguesias localizadas no litoral *têm atividades rurais-piscatórias. Em Rabo de Peixe uma e outra componente são geográficas e comportamentalmente identificáveis*¹²² e estavam divididas tradicionalmente em duas zonas relativamente delimitadas: a zona dos homens da terra, que viviam na zona de cima (do lado da terra) e a área dos homens do mar que viviam na zona de baixo (lado do mar). As duas zonas estavam, e ainda estão, marcadas por culturas diferentes, cada uma com o seu estilo e especialização relacionada com a sua atividade e residência.

Questionada sobre esta dicotomia, a rabo-peixense Maria de Deus Vieira constatou a sua existência antes da década de noventa¹²³.

- *É verdade. Não é os daqui de baixo. Eram as pessoas de cima que não se chegavam quando viam um pescador, ali, na banqueta da praça defronte da igreja, sentados onde eles estivessem. Eles não se chegavam próximo ao pescador, era mais ao lado, desviavam-se. Era como se fosse duas equipas de bola, Benfica para um lado, Porto para o outro. Era o que eles faziam: o pescador era para aqui [gesto com a mão], eles não se chegavam. O que é que o pescador haveria de fazer? Metia-se no seu cantinho, cada um no seu*¹²⁴.

Este dualismo foi assinalado por Pollnac e Carmo que o retratam de forma explícita: *Rabo de Peixe concentra um dos maiores núcleos de pescadores da Ilha de S. Miguel, a maior parte dos quais vivem numa parte da freguesia junto à costa. A separação entre pescadores e lavradores é bastante acentuada. Foi referido que ainda não há muito tempo estes dois grupos se sentavam em lugares distintos na Igreja quando assistiam à missa. Os pescadores de Rabo de Peixe eram considerados dos habitantes mais pobres da Ilha e dos mais carecidos de assistência*¹²⁵. Em 2004, Cláudia Tavares afirmava que *em Rabo de Peixe existem ainda dois mundos distintos – um ligado ao mar e outro ligado à terra, os quais concomitantemente se fecham nas suas “conchas” não deixando que um e outro invadam terreno que não lhes pertence*¹²⁶.

¹²² Pollnac e Carmo. 1988/89: n/r 4, 145.

¹²³ O Rendimento Mínimo Garantido (1996) atribuído pelo XIII Governo Constitucional e, mais tarde, o Rendimento de Inserção Social (2003) conferido pelo XV Governo Constitucional permitiu melhorar a vida de muitos portugueses e, no caso particular, uma faixa social dos habitantes de Rabo de Peixe.

¹²⁴ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018).

¹²⁵ Pollnac e Carmo. 1988/89: 144-145.

¹²⁶ Tavares, 2004: 5.

Esta característica dual e multissecular da freguesia levou à realização, de forma aleatória, de um breve estudo social e económico, em duas ruas, uma ligada à zona agrícola e outra ligada à zona marítima. Este estudo teve como suporte os Livros de Róis de Confessados relativos aos anos de 1882 e 1883, da paróquia do Bom Jesus de Rabo de Peixe, e compreendeu fatores ligados ao género, idade, estado civil, número de filhos e as atividades económicas praticadas por ambos os sexos.

Da zona dos homens da terra foi escolhida a Rua d'Alegria. Nesta verificou-se que dos habitantes do género masculino 3% eram proprietários, 70% camponeses, 12% pedreiros, 3% lavradores, 6% arreeiros, 3% cantoneiros e 6% não trabalhavam por velhice e doença. Analogamente, 96% das mulheres dedicavam-se ao serviço doméstico e os 4% restantes correspondiam, em termos iguais, a tecedeiras e a fiadeiras. Também estudamos a Rua do Pires que inclui moradores ligados ao mar. Constatou-se a existência de 42% de camponeses, 24,6% de pescadores, 18,1% de pedreiros, 5% de proprietários, 3,3% de vendeiros, e 6,4% eram constituídos por guardas (do mar/porto), sapateiros, cantoneiros e caranguejeiros. Das mulheres moradoras na rua, ficou-se a saber que 75% eram domésticas, 23% fiadeiras, 1% costureiras e 1% padeiras. As ruas estudadas permitiram averiguar que na zona denominada “da terra” não foi encontrada uma única profissão relacionada com a atividade marítima. No entanto, na zona marítima, encontrou-se uma considerável percentagem, (75,4%) de profissões ditas menores, à exceção de 1% para o guarda do porto, que não praticavam a atividade piscatória. Após o estudo realizado e segundo relatos orais, do conjunto de ruas pertencentes à zona marítima ou piscatória, na Rua do Pires, junto ao mar vivia uma classe marítima mais abastada. Além disso, no seu conjunto, o estudo assinalou uma variedade de profissões que se podem dividir em três grupos: o grupo daqueles cujas atividades estão relacionadas com a terra, o grupo daqueles que têm atividades artesanais e por fim o grupo dos marítimos.

A par da destacada economia agrária e artesanal de Rabo de Peixe, a atividade piscatória foi também um fator de desenvolvimento para a freguesia, devido à sua localização, assente ao nível do mar e possuindo uma enseada natural. A riqueza dos mares açorianos foi a componente propícia para a sua exploração.

A doação da terra à fidalguia, o seu arroteamento e pastoreio de gado, pelos criados mouros, proporcionaram o estabelecimento das primeiras choupanas, ou casas palhaças. A inacessibilidade das terras obrigou os servos a procurar espaço nas terras próximas da orla marítima e a exploração dos recursos marinhos como alimento

necessário à sua subsistência. Acredita-se ter sido deste modo, que se *estabeleceram povoações à beira-mar, dando início à classe piscatória, tendo os primeiros de nome Andrade, Vieira e Mourato*¹²⁷. Faria menciona que o *povo de origem moura, e pescador, ainda tinha uma certa ligação às suas raízes, ou seja, a religião Islâmica. Voltavam-se para o Oriente em direção à Arábia do Sul para orar ao seu Deus. Juntavam-se no lugar do biscoito, virados para o Oriente, por saberem que a cidade Santa na Arabia do Sul estava nesta direção, a qual os maometanos lhe deram o nome de Meca. Outros faziam as suas orações em segredo*¹²⁸. A estadia de mouros no lugar de Rabo de Peixe é comprovada pela existência, a este, da Canada da Meca, em Santana, lugar onde se diz ter existido uma comunidade moura, e a Cova da Moura, a oeste. Este lugar, próximo de São Sebastião, era o lugar onde viviam os vendilhões de peixe e sobre a qual existe a lenda de certo dia, passando por ali uma donzela moura, esta enamorou-se de um vendilhão de peixe do ocidente da freguesia, lugar que tomou o nome de Cova da Moura. O mesmo com José Faria indica que, os pescadores, durante a faina de vararem os barcos era costume clamarem: - *Ala arriba*¹²⁹, que significa puxar o barco com a ajuda de Deus, que seria uma expressão de origem mourisca.

No século XIX, Gabriel d'Almeida retrata de forma minuciosa a existência da classe piscatória nos Açores, que não devia diferir muito da comunidade marítima de Rabo de Peixe, inteiramente dependente da sua atividade e pouco considerada pela restante sociedade, pelo seu jeito de viver. O autor refere que os pescadores viviam em bairros chamados de tarraços¹³⁰. A curiosa denominação, derivava da existência, dentro das casas, dos apetrechos da pesca misturados com todas as utilidades domésticas.

*Em meados do século XX, segundo Faria, a classe piscatória correspondia a, pelo menos, um terço da população da freguesia. A pesca era, então, a maior riqueza da freguesia*¹³¹. A atividade piscatória era importante para a freguesia e para as pessoas que a praticavam, apesar das dificuldades materiais e naturais que lhes dificultava o tão árduo trabalho artesanal. Estavam sempre dependentes do clima, que lhes permitia sair ou entrar na pequena enseada que lhes servia de ancoradouro. Este era abrigado, quando o tempo estava Sul e do lado de Nordeste, mas quando o tempo estava Norte e Noroeste, havia muita dificuldade na varação do barco, sendo necessário ir varar para o porto das Capelas.

¹²⁷ Faria, sd: 10.

¹²⁸ Faria, sd: 14.

¹²⁹ Faria, sd: 15.

¹³⁰ D'Almeida, 1885: 18.

¹³¹ Pereira, 2018: 26.

Muitas vezes, devido à impossibilidade de sair para a pesca pelo norte da ilha, os pescadores iam para a Lagoa. Manuel Vieira, lembra, que com dez anos ia pescar com o pai para a Lagoa, *para entrar no mar lá porque aqui era mau tempo*¹³². Este clima agreste e as poucas povoações de pescadores existentes a norte da ilha, levava *que os pescadores de Rabo de Peixe, povoação do norte da ilha, quando o mar embravecido os não deixa sair para a faina, trazer os barcos para terra, até ao litoral sul, e ali os deitam à água*¹³³. Em 1938, Carreiro da Costa destacava esta migração que demonstrava quão duvidosa é a vida do pescador que, em certas épocas do ano, grupos deles palmilhavam a estrada que ligava as duas localidades. Quando desciam à Lagoa, por ser a freguesia mais próxima, entre o norte e o sul da ilha, são mensageiros da notícia de que há temporal no mar do Norte. *Traziam em cima de carroças puxadas por bois os barcos com a tralha: bartadores, remos, escoras, picadeiros, redes, paus de espicha, velas e parais; e atrás caminham macambúzios e tristes carregando com as comestias, mais com a aparelhagem dos enxalavares, dos bicheiros e das barqueiras*¹³⁴.

Na época, todos os pescadores sonhavam ter barco próprio e quem já o tivesse ambicionava ter mais do que um, mas *a lei não o permitia*¹³⁵. Os barcos eram pequenos, de boca aberta, constituídos, normalmente, por uma companhia de dezasseis homens, incluindo o mestre, que era muitas vezes o dono do barco. Naquele tempo, a energia utilizada nos barcos de pesca era o vento. *Os remos eram utilizados como auxiliares para as situações em que não havia vento. As embarcações tinham duas proas e utilizavam um mastro com uma vela apenas*¹³⁶. Há cerca de 60 anos surgiram os primeiros motores para embarcações de pesca. O primeiro pertenceu a um homem de apelido o *Baleia*. O segundo pertenceu ao *Corneta* e o terceiro era propriedade de José *Caravela*¹³⁷. À semelhança de outros lugares do país, nos Açores, os faróis eram raros. Na pesca noturna, os pescadores *utilizavam uma luzinha de carroça, utilizada pelos carroceiros*¹³⁸.

Em Rabo de Peixe exercia-se dois tipos de pesca. A pesca costeira, que se praticava nos mares do arquipélago, próxima das ilhas e que, por vezes, se estendia à ilha vizinha de Santa Maria e ilhéus das Formigas. A segunda, era feita por pescadores de costa ou pescadores apeados, no litoral, junto das rochas onde praticavam uma pesca de

¹³² Manuel Rebelo Andrade (1939-)

¹³³ Narciso, 1940: 142.

¹³⁴ Costa, 1940: 325.

¹³⁵ Manuel Rebelo Andrade (1939-)

¹³⁶ Farias, 2015: 50.

¹³⁷ Estrela, 2000: 117.

¹³⁸ Manuel Cabral Vieira (1939-)

linha e colhiam lapas, cracas e búzios. Estas últimas tarefas também eram executadas pelas mulheres que contribuía, de alguma forma, para o sustento familiar. Afonso Tavares recorda, que nos anos trinta, num *dia trágico morreram três senhoras da mesma família, na apanha das lapas, que deixou toda a freguesia de luto*¹³⁹.

Os homens, chegados da pesca, e antes de irem vender o peixe à lota, tinham à sua espera as suas mulheres, que enchiam com peixes cestinhas com a finalidade de irem vender a determinadas casas, onde, ocasionalmente, faziam serviços caseiros. O pagamento destes serviços domésticos era feito com dinheiro, mas a maior parte das vezes, fazia-se com pão ou farinha¹⁴⁰. Também era comum, quando os pescadores descarregavam o fruto do seu trabalho, que idosos, que não tinham quem trabalhasse para elas, lhes pedissem um *peixinho* para poderem comer ou vender para comprar pão¹⁴¹.

Os pescadores pagavam impostos sobre o produto da pesca ao guarda do porto. O pescado, cujo sabor e brancura determinavam o preço de venda, abrangia diferentes espécies de peixes, desde o chicharro ao rocaz, e também bicuda, abrótea, cherne, cavala, garoupa, goraz e outros. Rabo de Peixe, à semelhança de outros centros piscatórios da ilha de São Miguel, dedicava-se também à pesca da raia, do boto, da toninha, e da quelma. Desta última, dos seus fígados retirava-se o *azeite gata*, que era vendido às pessoas mais pobres da localidade, por ser mais barato, e que servia para alumiar as casas (Anexo fotográfico: Figs. 27 - 32).

O peixe era vendido de porta em porta, por pescadores mais idosos, que haviam cessado a sua atividade, ou pelos vendilhões, que, com os cestos carregados às costas, e numa corrida ritmada, demonstravam na ligeireza das suas pernas, a sua resistência física¹⁴². Durante o verão, o abundante produto da pesca era consignado aos vendilhões de peixe e vendido em diferentes áreas da ilha. Uns vendiam o seu pescado a poente, numa área englobando as freguesias Calhetas, Pico da Pedra, Aflitos, Fenais da Luz e São Vicente; outros vendiam a oriente nas freguesias da Ribeira Seca, Lomba de Santa Barbara, Ribeira Grande e Ribeirinha; outros, ainda, vendiam a sul da ilha, nas localidades da Fajã de Baixo, Fajã de Cima e em Ponta Delgada.

¹³⁹ Tavares, 2011: 65.

¹⁴⁰ Maria Alexandrina Pereira (1941-)

¹⁴¹ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018)

¹⁴² Estrela, 1997: 84.

No século XIX, a perigosidade da profissão da classe piscatória era bem notória, facto testemunhado a 14 de abril de 1855, no jornal *Açoreano*, quando é publicada a notícia segundo a qual junto à costa da Vila da Ribeira Grande teria estado *um barco de pescadores de Rabo de Peixe que na labuta da tainha foi vítima de grande agitação marítima que virando-se com tanta força sobre a tripulação matou dois dos sete marítimos*¹⁴³. Manuel Rebelo Andrade (1939-) confirmou que, por oposição aos dias de hoje, *na década de setenta, os barcos de boca aberta só tinham a bússola, conhecida como “agulha”. No ano 2000 só dois destes barcos tinham sondas*. Por isso, naquela época, os pescadores, ainda, partiam para o mar, *às cegas, à aventura de Deus. E acontecia que iam com bom tempo e depois de se apanharem no mar, nosso senhor mandava a tempestade, já não havia nada a fazer, tinha que agarrar. E por muitas vezes, muitas vezes, eles iam com bom e depois o mau que não deixava entrar os barcos para dentro. Aquelas ondas fortes altas que o barco tava aqui e as ondas cobria o barco que agente não via o barco. Já se sabe que quem tinha as pessoas no mar estavam aflitas. Era gritos e mais gritos, andavam pelo porto, andavam no calhau para vê-los sair daquela ponta ali do Cintrão. A gente via vir os barcos “Ai meu Deus, vam ainda tão longe”. Muitos chegavam aqui e esperava ali fora, que tratavam a barra, e esperavam ali que desse um “ajerzido” [arzito] para entrar o barco. As pessoas chegavam a pegar nas imagens dos santos e levavam para o porto. Com marido pescador, Maria de Deus confessou que ajudava o marido na tarefa de cozer a batata para fazer o isco, feita todos os dias em casa do dono do barco. A batata era cozida em grandes panelas de ferro encima do lume de lenha. Às vezes traçavam duas qualidades de batata, a branca e a batata-doce. Mas o mestre tinha de estar atento para que os companheiros não a comessem toda. Passava-se muita fome. A batata ia ainda quente para os barcos. As crianças iam para o porto pedir uma batatinha [doce] para comer*¹⁴⁴.

No século XIX, o modo humilde e carenciado da vida do pescador equiparava-se à vida do povo e do pobre em geral, confirmado pelos irmãos Bullar, que, em passeios pela ilha de São Miguel, mencionam que o povo vivia de forma miserável e com poucos recursos. Os pobres deitam-se e levantam-se com o sol e a sua única refeição era às seis horas da tarde, à hora da ceia, altura em que sentavam à mesa e comiam couves cozidas. Ao almoço, comiam um pedaço de pão de milho e uma pimenta como conduto. Por

¹⁴³ Supico, 1995: 408.

¹⁴⁴ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018)

comparação, referem também que a ceia em casa de uma família de (pai) pescadores, consistia de uma refeição quente de batatas cortadas aos pedaços, couves, feijões, funcho e pão de milho. Esta refeição era servida num único prato de onde todos comiam¹⁴⁵ (Anexo documental: Doc. 1).

Apesar das contrariedades da atividade piscatória, a freguesia de Rabo de Peixe tem vindo a ter um papel importante na economia local. Os registos de que se dispõe indicam que, em 1893, *existiam 28 barcos e 92 pescadores matriculados, no universo do distrito de Ponta Delgada de 265 barcos e 1182 pescadores*¹⁴⁶. Em meados do século XX, *os barcos já atingiam o número de 90 embarcações*,¹⁴⁷ constituindo, nos Açores, *a maior frota pesqueira de barcos de boca aberta*¹⁴⁸. Da década de oitenta, Rabo de Peixe possuía à volta de quinze barcos com cabine, os restantes eram de boca aberta. Em 2018, a frota pesqueira era constituída por 96 embarcações na sua maioria de boca aberta que desfrutam do maior porto de pescas dos Açores (Anexo Fotográfico: Figs. 6-10).

A partir da década de oitenta do século XX, a conjuntura política e económica do país, consolidou a igualdade e a liberdade para todos, o que se repercutiu no desenvolvimento social e cultural das diferentes camadas sociais, esbatendo-se, muitas desigualdades que, anteriormente, levavam ao ostracismo de classes. No caso das comunidades piscatórias, assistiu-se de forma gradual à emancipação social do pescador de Rabo de Peixe pela sua integração na sociedade, que lhe permitiu o acesso a apoios sociais e também pela criação de legislação regional de proteção ao pescador regional, à promoção e à defesa da pesca realizada nos Açores, que, à semelhança de todas as atividades primárias, encontra dificuldades inerentes à natureza, da qual depende.

3.2.3. Atividades artesanais, industriais e serviços

Do grupo de ofícios que faziam parte das atividades artesanais, registavam-se várias profissões, designadamente sapateiros, padeiras, costureiras, fiadeiras ou fiandeiras, vendeiros, arreeiros, pedreiros e outras necessárias à época. Na categoria de

¹⁴⁵ Bullar, 1949: 75.

¹⁴⁶ D'Almeida, 1893: 28.

¹⁴⁷ Costa, 2003: 192.

¹⁴⁸ Gomes, 2011: 218.

pedreiros, destacavam-se os homens que se especializavam na arte de parede seca, construindo resistentes paredes de pedra de basalto, a seco, sem barro e sem argamassa. Artistas afamados pela técnica, eram contratados, fora da freguesia para onde se deslocavam. Partiam de madrugada e, por vezes, faziam duas horas de percurso a pé, para cada lado. Por vezes, o trabalho em locais mais longínquos só permitia o regresso a casa uma vez por semana. Os ofícios de fiadeiras, tecedeiras, costureiras e padeiras eram desempenhados pelas mulheres, que os praticavam em casa, à semelhança do que acontecia em outras freguesias.

O ofício de padeira incluía-se nos ofícios mecânicos do município, com a obrigação e direito de integração nas festas cívicas e religiosas do município. As mulheres eram escolhidas para padeira municipal mediante o parecer favorável do município do qual obtinham licença¹⁴⁹. Por sua vez, a elevada percentagem de 25% de fiadeiras, ou fiandeiras, concentradas em duas ruas da freguesia de Rabo de Peixe, era surpreendente. Este era um trabalho caseiro, que resultava numa atividade produtiva doméstica executada por mulheres. Em meados do século XX ainda existiam fiadeiras, que recebiam encomendas, geralmente dos donos dos carneiros, que usavam a sua lã para a confeção de vestuário. A lã era aberta com azeite de oliveira, ou *azeite doce*, por ser azeite de melhor qualidade do que o “azeite gata”, óleo de peixe que cheirava muito mal, extraído da quelma. Em seguida, era lavada com água e sabão branco e azul, e colocada a secar, no chão, sobre um lençol. Depois de seca era cardada; no processo de cardar, a fiadeira podia usar um pouco de azeite na carga, tira de madeira com pregos. Depois de cardada, a lã era colocada na roca e fiada em meadas. Numa dobadoura, as meadas eram dobadas e transformadas em novelos¹⁵⁰. Concluído o trabalho, e para poderem pagar-se do seu serviço, as fiadeiras levavam ao vendeiro pedras que pesavam na balança da venda. Cada pedra tinha o peso equivalente a aproximadamente 500 gr e duas pedras correspondiam, mais ou menos, a 1 kg, enquanto que uma pedra mais pequena pesava, aproximadamente, 250 gr. Usavam uma rudimentar balança feita de dois pratos, pendurados num cordel. Com a balança suspensa na mão, colocavam, num dos pratos a lã e noutra a pedra. O trabalho da fiadeira era, habitualmente, pago em géneros alimentícios: galinhas, ovos, farinha ou grão (de milho)¹⁵¹. A lã depois de fiada era entregue à tecedeira, na confeção

¹⁴⁹ Pereira, 2018: 23.

¹⁵⁰ Maria Alexandrina Pereira (1941-)

¹⁵¹ José Luís Faria (1943-)

de cobertores ou colchas, ou tricotadas diversas peças de vestuário, como por exemplo, peúgas e as tradicionais camisolas e carapuças.

No decorrer das primeiras duas décadas do século XXI, a vila de Rabo de Peixe possui atividades económicas ligadas a três setores de atividade. No setor primário, a agricultura, a pecuária e a pesca são domínios que contribuem sobremaneira para a economia interna e externa. No setor secundário, Rabo de Peixe já tem um importante núcleo industrial, particularmente ligado à serralagem de madeiras, à conservação de peixe, à panificação, abate e corte de carne e derivados, produção de iogurtes e exportação de peixe para várias partes do mundo. A carpintaria naval surgiu em meados do século XX pertencente a Manuel de Medeiros Jr., conhecido por Manuel Sexta. Mais tarde, um dos seus aprendizes, mestre Eduardo montou a sua própria indústria naval. Atualmente, existem quatro oficinas de construção e reparação de barcos pertencentes aos “calafates” Gabriel Costa, José Medeiros, José Salvador e Pedro Simão. Estas atividades garantem emprego a muitos membros da comunidade e contribuem para o desenvolvimento da freguesia, da ilha e dos Açores. No setor de comércio de bens e prestação de serviços, Rabo de Peixe disponibiliza à sua população uma boa rede de comércio, com supermercados e lojas, e uma rede de serviços que abarca o centro de saúde, correios, banco, centro comunitário, cineteatro, Casa de Povo, farmácia, polícia, instituições de apoio à infância, creches, lar para a terceira idade, restaurantes, cafés, clubes e associações, de entre outras, como a Associação Agrícola de São Miguel, localizada desde 1989 no lugar de Santana, responsável pela criação de infraestruturas de apoio a atividades agroindustriais contribuindo, assim, para a economia da vila de Rabo de Peixe.

Tabela 2 - Censos 2011 - População residente e desempregada (sentido restrito), segundo a condição de procura de emprego e sexo, taxas de desemprego (sentido restrito)

Zona Geográfica	População desempregada									Taxa de desemprego (%)		
	Total			Procura do 1º emprego			Procura de novo emprego			Em 2011		
	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Ribeira Grande	2037	1152	885	653	257	396	1384	895	489	14,27	13,56	15,31
Calhetas	74	47	27	19	14	5	55	33	22	14,95	17,28	12,11
Fenais da Ajuda	81	39	42	31	7	24	50	32	18	20,45	14,44	33,33
Lomba da Maia	55	36	19	23	9	14	32	27	5	10,93	10,75	11,31
L. de S. Pedro	21	11	10	5	3	2	16	8	8	17,95	13,58	27,78
Maia	120	65	55	31	14	17	89	51	38	14,62	12,43	18,46
Pico da Pedra	122	62	60	33	13	20	89	49	40	8,34	8	8,73
Porto Formoso	45	20	25	15	4	11	30	16	14	8,62	6,02	13,16
Rabo de Peixe	582	302	280	251	72	179	331	230	101	15,98	13,09	20,99
Conceição	130	76	54	44	16	28	86	60	26	10,03	11,16	8,78
Matriz	328	208	120	65	37	28	263	171	92	18,28	20,53	15,36
Ribeira Seca	215	135	80	58	29	29	157	106	51	15,99	17,22	14,26
Ribeirinha	168	96	72	47	25	22	121	71	50	16,6	16	17,48
Santa Bárbara	76	45	31	25	12	13	51	33	18	12,48	12,5	12,45
São Brás	20	10	10	6	2	4	14	8	6	7,72	6,25	10,1

Fonte: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Tabela 3 - Censos 2011 - População Economicamente Ativa

Área Geográfica: Vila de Rabo de Peixe									Taxa de atividade (%)		
População economicamente ativa											
Total		Empregada							Em 2011		
		Total		Primário	Secundário	Terciário					
HM	H	HM	H			6	7	Total	De natureza social	Relacionados com a atividade económica	HM
2	3	4	5	8	9						10
3641	2307	3059	2005	702	730	1627	668	959	41,07	50,4	31,1

Fonte: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

4. O tempo do *Espírito Santo* em Rabo de Peixe

Na Vila de Rabo de Peixe, à semelhança de outras localidades açorianas, as festas religiosas apresentam anualmente um calendário litúrgico sagrado, que se inicia no primeiro dia do mês de janeiro de cada ano com a celebração da festa do seu padroeiro, o Senhor Bom Jesus. No mesmo mês, no dia vinte, ou no domingo a seguir, realiza-se a procissão de São Sebastião, patrono dos militares, sendo estes quem normalmente levam o andor do santo. No quarto domingo antes da Páscoa, realiza-se a procissão do Senhor dos Passos, com vários pontos de paragem, que assinalam a Via-Sacra. Na época quaresmal, da vila de Rabo de Peixe sai o maior rancho de romeiros da ilha. Em outubro realizam-se as grandes festas de Nossa Senhora do Rosário.

Para além das festas religiosas realizadas pela Igreja Católica, desenvolvem-se de forma notável as festas do *Divino Espírito Santo* que integram três organizações distintas as Bandeiras, as Coroas e as Despensas¹⁵². Como vimos as Bandeiras têm como emblema exclusivo uma *Bandeira*, as Coroas têm como emblema principal uma *Coroa* e uma *Bandeira* como emblema secundário, enquanto nas Despensas os alimentos rituais são os símbolos das festas.

4.1. As Bandeiras da Beneficência (*Pentecostes*) e da Caridade (*Trindade*)

Remonta aos finais do século XIX o aparecimento das festas das *Bandeiras do Divino Espírito Santo* em Rabo de Peixe, sem, contudo, se perceber a génese da *Bandeira* como símbolo maior das festas do *Paráclito*, em substituição da *Coroa* imperial, emblema dominante, desde o século XIII, no continente português, nas ilhas e na diáspora açoriana. Na *Bandeira*, e conforme acontece com a *Coroa*, o *Espírito Santo* aparece representado na forma zoomórfica de uma pomba, representação do espírito *Divino* nos textos dos *Evangelhos do Velho* e do *Novo Testamento*¹⁵³.

¹⁵² *Supra*: 11.

¹⁵³ Pereira, 2000: 81 e seguintes.

A *Bandeira* emoldura a candura da pomba divina sobre um fundo vermelho representativo de um dos dons do *Espírito Santo*, a Fortaleza que simboliza o sangue, princípio de vida e símbolo de poder e de nobreza.

Na vila de Rabo de Peixe, existem duas *Bandeiras* que assumem a organização das festas do *Espírito Santo*. Uma delas, a *Bandeira da Beneficência*, celebra o *Divino* no dia de *Pentecostes*; a outra, a *Bandeira da Caridade*, também conhecida como *Bandeira da Trindade*, celebra o *Divino* no dia da *Santíssima Trindade*. As duas *Bandeiras*, confeccionadas em tecido de damasco vermelho, quando apresentadas à comunidade, exibem o formato de diamante e, no centro, têm a alva pomba, representação material do *Espírito Santo*.

A *Bandeira da Beneficência* tem a representação do *Divino* rodeada por trinta e dois raios e treze estrelas. Por baixo, em semicírculo, o nome da *Bandeira*, bordado a ouro. Do alto da *Bandeira* caem duas fitas largas e brancas que se abrem e a ladeiam, representando o poder do *Espírito Santo* e a união entre todos os homens, através da dádiva dos seus *dons*. O *Cetro* está representado por um pequeno ramo de flores situado no cimo da *Bandeira*, substituindo um anterior laço. Festejada no domingo de *Pentecostes*, data que alude ao dia em que o Espírito de Deus ressuscitado apareceu aos apóstolos e a Maria, calcula-se que o número de estrelas seja a representação daqueles, e, os raios, as línguas de fogo que, sobre eles, o *Espírito Santo* lançou. Nas fotografias das mordomias existentes até 2003, todas as *Bandeiras da Beneficência* apresentam treze estrelas. A partir desta data, com a oferta de uma bandeira nova, surgiram mais três estrelas, perfazendo, então, o número de dezasseis, número para o qual não existe significado (Anexo fotográfico: Fig. 56).

A *Bandeira da Caridade* tem um círculo de dezoito estrelas de prata maciça, simbolizando as nove ilhas dos Açores e os nove planetas do sistema solar. No centro daquele círculo, destaca-se a pomba branca, em cujo olho brilha um diamante verdadeiro encaixado a ouro. Por baixo do círculo de estrelas está a palavra “Caridade” bordada a ouro. Na parte superior da *Bandeira*, uma flor de lis sustém um cordão doirado que desce até ao círculo da *Bandeira* (Anexo fotográfico: Fig. 148).

Não conseguimos encontrar explicação para o facto de as *Bandeiras* terem substituído as *Coroas* como principais organizações espiritanas em Rabo de Peixe, no

entanto, em meados do século XIX, na cidade de Ponta Delgada¹⁵⁴, a *Mordomia (Irmandade) do Império de São Pedro Gonçalves*, mais tarde denominado *Império da Caridade* tinha uma *Bandeira* como insígnia, e, entre 1850 e 1853 distinguiu-se pela pompa das celebrações, com direito a cântico por Luís Filipe Leite e hino de G. Read Cabral. Data de então a transformação das festas do Divino Espírito Santo, no sentido de as tornar mais religiosas e não menos alegre e beneficente¹⁵⁵. O jornal *O Açoreano* de 24 de maio de 1859 publicou o programa das referidas festas: *No dia 24 (maio) pelas 11 horas da manhã, haverá bênção da Bandeira na Igreja do Colégio; para cujo acto são convidados todos os irmãos (...) De tarde- entrará pão e carne na Despensa. - À noite terá lugar a bênção das esmolas (...) No dia 25 – pelas três horas da tarde – Colocar-se-ão as esmolas nas mesas do arraial, e em seguida se fará a sua distribuição. Ao anoitecer virá a bandeira do Colégio para a ermida (...) Dia 26 (...) celebrar-se-á a festividade religiosa (...) à noite levar-se-á a Bandeira ao novo Imperador¹⁵⁶*. O mesmo jornal, *O Açoreano* de 21 de junho de 1851, publicou uma descrição das festas realizadas na semana da *Trindade*, na igreja de São Pedro Gonçalves, onde *foi benta a bandeira da mordomia (...) todos os beneficentes estiveram com tochas acesas, e ficando na mesma Igreja em depósito a Bandeira. À porta do templo a banda Harmónica tocava do Espírito Santo. (...) Na sexta-feira de manhã foi marcado e estaqueado todo o arraial, compreendeu a praça do Município, ruas de Santa Luzia, de S. Pedro Gonçalves, Cadeia, Corpo Santo e Travessa do Canto da Cruz. Nas suas entradas se levantavam elevados pórticos, no cimo dos quais tremulavam bandeiras e galhardetes. (...) às 8 ½ horas da tarde foi a bênção da carne, pão e vinho. (...) No sábado todo o arraial enfeitado de faias, buxos e flores. (...) Às 5 o jovem depositário da Bandeira (...) começou a distribuição de 700 esmolas. (...) No domingo festa solene na Matriz, assistindo o jovem depositário da Bandeira (...)¹⁵⁷*. De acordo com o jornal *Açoreano* de 12 de junho de 1852 nas festas da *Santíssima Trindade de São Pedro Gonçalves no domingo (...) de tarde foi a bandeira com toda a solenidade acompanhada pelas três bandas de música (...) para casa do novo depositário (...) que a recebeu com toda a devoção e afabilidade, oferecendo abundantes e ricos refrescos às músicas e mais pessoas do acompanhamento¹⁵⁸*.

¹⁵⁴ Sobre “O Império da Beneficência de São Pedro Gonçalves” consultar Ferreira de Almeida, *Jornal Correio dos Açores* de 17 de dezembro de 2020.

¹⁵⁵ Supico, 1995, 2: 581-582.

¹⁵⁶ Supico, 1995, 2: 582.

¹⁵⁷ Supico, 1995, 2: 583.

¹⁵⁸ Supico, 1995, 2: 584.

A realização das festas do *Espírito Santo das Bandeiras* de Rabo de Peixe não implica um sorteio para escolher o organizador, mas depende da disponibilidade da pessoa interessada em fazê-la. Como o número de interessados é grande, a *Irmandade* dispõe de uma lista dos anos e das pessoas que neles se predispõem a realizar a festividade. Quando acontece haver na lista um ano que não foi preenchido por algum dos pretendentes, a *Irmandade* assume a mordomia.

A associação dispõe de um fundo monetário que é entregue a cada *mordomo* para que possa dar início às primeiras despesas da festa. No final, o *mordomo* deverá entregá-lo novamente, e se possível, em forma de dádiva, fazer aumentar o fundo. Para organizar todo o ciclo festivo o *mordomo* recebe o apoio da *Comissão de Festas*.

Atualmente, foi preciso conter este fundo, na medida em que foram atingidas verbas muito elevadas, devido, não só, à necessidade de abarcar mais gente nas dádivas, mas também ao fausto que algumas festas assumem. O grande aumento deste fundo muitas vezes inibia aquele que se dispusera a realizar a mordomia, por não conseguir suportar os encargos financeiros.

4.1.1. A Irmandade da Bandeira da Beneficência

Na ilha de São Miguel existiram Sociedades de Beneficência tanto na cidade de Ponta Delgada como na vila da Ribeira Grande. Em Rabo de Peixe, confirmou-se a sua existência, em 1884, de acordo com a seguinte referência: *por ainda não haver nomeação para presidente da Comissão [da Sociedade] da Beneficência, foi escolhido para aquele cargo, o reverendo Padre João Jacinto de Sousa*¹⁵⁹. Outra notícia de 1867 publicada no jornal *O Forum* refere que *domingo passado ouvimos tocar pela primeira vez a banda de música de Rabo de Peixe. (...) Neste dia houve naquela freguesia a função do Espírito Santo, que faz anualmente a Sociedade da Beneficência, sendo depositário da bandeira o nosso amigo António Tavares Moniz, que procurou desempenhar-se, como mui bem conseguiu do importante cargo, que lhe fora cometido. Nesta festividade orou o reverendo João de Sousa, que fez um bom discurso, em que mostrou quanto é apreciável*

¹⁵⁹ Livro de Actas da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Rabo de Peixe, 1884.

o exercício da *Beneficência com os miseráveis*¹⁶⁰. Segundo Francisco M. Supico, a *Banda Lyra do Norte* foi fundada em 1867 por António Tavares Moniz¹⁶¹.

José Farias, refere que em 1887, a festa da *Bandeira da Beneficência* foi fundada pelos elementos constituintes da *Filarmónica da Lyra do Norte*, filiados no *Partido Regenerador*,¹⁶². Será que a informação oral, produzida ao longo do tempo, em vez de referir o ano de 1867, errou por duas décadas? Além disso, José Faria confirma o patrocínio para a aquisição de instrumentos e fardamento da filarmónica pelo regenerador, o conde da Praia e Monforte. Uma referência de 1904 dá conta de uma mordomia da festa da *Bandeira da Beneficência* mencionando a partilha pelos pobres de toda a freguesia de *600 esmolos de pão e carne, no sábado de Pentecostes; ato que todos os anos e em igual dia ali se pratica*¹⁶³.

Nos anos de 1903 e 1904, grandes festas espiritanas foram realizadas pelo comendador Lourenço da Silva. Em 1924, aquela instituição realizou as festas espiritanas tendo como mordomo o padre Manuel Moniz Machado, porquanto alguns jornais de São Miguel as noticiaram, por fazerem parte de um roteiro cultural, organizado com a intenção de evidenciar as potencialidades culturais, turísticas, económicas e sociais a um grupo de intelectuais portugueses que se deslocaram de propósito às ilhas açorianas. No percurso pela ilha de São Miguel, as festas espiritanas realizadas, no sábado de *Pentecostes*, em Rabo de Peixe, foram escolhidas para acolher este grupo constituído por escritores, professores, políticos, jornalistas, pintores e agrónomos, do qual fazia parte o filólogo, linguista, arqueólogo e etnógrafo português José Leite de Vasconcelos (Anexo fotográfico: Figs. 33, 34).

Em 1963 constituiu-se uma Comissão para gerir o primeiro fundo da *Irmandade*, presidida por Antero da Silva Fraga. A partir desta época, a *Irmandade* reúne-se frequentemente, registando em ata todos os assuntos intrínsecos à instituição. Em 1964 foram adquiridas as lanternas de prata, e em 1975 foram comprados dois vasos e dois castiçais de prata que acompanham as cerimónias da *Bandeira*. Em 1967 foi ofertada por José de Sousa Azevedo uma redoma com suporte de madeira para guardar a *Bandeira* ao longo do ano. Em 1979, o *mordomo* José Bernardo de Medeiros distribuiu *vinho* pelos irmãos. Em 1984, o *mordomo* José da Ponte Terceira ofereceu um novo pano adamascado

¹⁶⁰ Jornal *O Forum*, 25 de Junho de 1867: seção de “Novidades”.

¹⁶¹ Jornal *A Persuasão* de 1 de Fevereiro de 1899. Supico, 1995: 439.

¹⁶² Faria, s/d: 49.

¹⁶³ Jornal *O Trabalho*, 28 de maio de 1904, secção: “Dentro do Concelho”.

para a *Bandeira*. Foi também neste ano que, os *mordomos* que participaram no cortejo de domingo, levaram, pela primeira vez, faixas de pano, com a inscrição do ano da realização da sua festa. No ano de 2003 foram criados os estatutos, passando a *Irmandade* a intitular-se *Associação Irmandade Promotora das Festas da Beneficência de Rabo de Peixe*. No ano seguinte o *mordomo* Renato Vieira Moniz ofereceu uma nova *Bandeira*. Desde 1963 a *Irmandade* foi marcada pela ação dos seus presidentes com profissões ligadas, sobretudo, à agricultura e à lavoura e um deles à construção civil.

Entre os anos de 1977-1989, o segundo presidente da Associação, António Sebastião Vieira, considerou necessária a construção de uma sede com o intuito de ajudar os *mordomos* e melhorar as condições da realização da festa, devido ao espaço exíguo das casas não ser suficiente para a dimensão que a festa já comportava. No ano de 2007, e numa linha hereditária e tradicional que se mantém nas Bandeiras, o seu filho, Manuel Francisco Vieira, na qualidade de presidente da *Irmandade*, adquiriu uma pequena casa na Rua do Rosário, n. º135, com terreno adjacente, que foi inaugurada, no mesmo ano, como Casa da Beneficência. Esta veio colmatar algumas das dificuldades atrás referidas, e, ao mesmo tempo, apoiar os emigrantes, sem moradia própria, que pretendiam cumprir voto ou promessa na sua terra natal. Em 2014 procedeu-se à demolição da antiga casa, e deu-se início à construção da atual, que teve o contributo de *Irmandades do Espírito Santo* das Bermudas, dos Estados Unidos da América e, sobretudo do Canadá, nomeadamente, das cidades de Montreal e de Ontário, onde residem muitos rabo-peixenses e seus descendentes. Das entidades regionais, os contributos recebidos foram, principalmente do Governo Regional dos Açores, da Câmara Municipal da Ribeira Grande, da Junta de Freguesia e da Casa de Povo de Rabo de Peixe, para além de benfeitores anónimos, alguns deles a viver fora da freguesia. Estes entregavam junto da Associação paletes de cimento, de blocos e areia. Outras pessoas participaram trabalhando como operários na construção da sede.

A inauguração da nova Casa da Irmandade ocorreu em 2014. Dispõe de amplos espaços e sala de exposições, onde se exhibe o símbolo maior do Espírito Santo, a antiga *Bandeira*, bem como fotografias de todas as festas realizadas e respetivos *mordomos*, assim como os objetos com funções rituais, como sejam as *lanternas* e *castiçais de pé*. Nesta sala é possível apreciar outros objetos ligadas a mordomias passadas, como sejam as garrafas de vinho, as miniaturas de um tradicional carro de bois, onde não falta a característica *chavelha*, e de um barco de pesca típico de Rabo de Peixe. A Casa tem

também uma sala de reuniões com um pequeno bar/café e um salão para jantares, com palco e pequeno bar, podendo acolher até seiscentas pessoas. A cozinha ampla e devidamente apetrechada dá acesso à enorme garagem. Todos os espaços mencionados são dotados de espaços sanitários. No exterior, um jardim com churrasqueira permite à Associação apoiar outras atividades, como por exemplo, aniversários de crianças cujas receitas revertem para a manutenção da sede e realização das festas do *Espírito Santo*. A Associação apoia gratuitamente o Clube Desportivo de Rabo de Peixe, disponibilizando o salão para a realização da festa de Natal para as crianças e jovens que o compõem (Anexo fotográfico: Fig. 35).

A *Irmandade da Beneficência* recebe ao longo do ano pequenas dádivas, tais como flores e azeite, para ornamentar e alumiar o símbolo do *Espírito Santo*. Estes pequenos donativos são resultantes de votos, pedidos de ajuda, agradecimentos ou por gosto. São contributos muito importantes para a *Irmandade* e demonstram a religiosidade dos habitantes de Rabo de Peixe, a sua fé e devoção pelo *Espírito Santo*.

A *Associação Irmandade Promotora das Festas da Beneficência de Rabo de Peixe* é formada por quatro órgãos: a Assembleia Geral, constituída pelo presidente, vice-presidente e secretário e dois suplentes; a Direção composta pelo presidente, vice-presidente e secretário e dois suplentes; o Conselho Fiscal constituído pelo presidente, 1.º e 2.º secretários e dois suplentes; a Comissão de Festas composta pelo presidente, vice-presidente, secretário e os restantes irmãos; e, em último lugar, os *irmãos*. A Associação realiza a eleição do presidente de quatro em quatro anos de entre todos os membros da *Irmandade*. A *Irmandade da Beneficência* regista aproximadamente 200 sócios agregados, que possuem cartão próprio, sem caráter obrigatório de pagamento de quotas, porque muitos deles contribuíram para a construção da casa. Também são entregues cartões aos sócios simpatizantes que se dispõem a pagar uma quota simbólica por ano, ajudando nas festas. Dos 200 *irmãos* que compõem a *Irmandade da Beneficência*, 40% deles estão ligados às atividades agrícolas e à lavoura e 30% à atividade piscatória, sendo que os restantes estão ligados ao comércio e serviços. Até ao ano de 1974, só houve um *mordomo* da festa da Bandeira da Beneficência ligado à atividade piscatória. Isso aconteceu em 1961. Depois de 1974, houve um outro *mordomo*, inicialmente inscrito como irmão pescador, mas na época da sua mordomia já se dedicava à atividade de exportador de peixe. No século XXI, dois *mordomos* ligados à atividade piscatória já

realizaram a festa do *Espírito Santo da Bandeira da Beneficência* (Anexo documental: Doc. 2).

4.1.1.1. Uma memória familiar da Beneficência

Numa conversa com Odete Vieira sobre o passado da família, esta recordou-se das festas das Bandeiras do Espírito Santo da Beneficência em que o avô e o pai foram *mordomos*. O primeiro em 1948 e o segundo em 1964. Neta e filha recorda-se do modo como estava decorado o quarto do *Espírito Santo*. *O quarto do Espírito Santo do meu avô, Filipe Maria Moniz, tinha umas pequenas colunas tapadas com papel fino. Em cima delas havia “cashpons”, vasos acastanhados, enfeitados com açucenas. Para enfeitar os quartos as pessoas tinham por hábito ir às quintas pedir flores para o quarto do Espírito Santo. Além das açucenas, eram também rosas brancas, chamadas do Senhor Santo Cristo, que cheiravam muito bem, e rosas grandes de cor rosa escuro*”. Aquando da festa da mordomia realizada pelo pai, Antonio Sebastião Vieira, a filha referiu uma pequena história que esteve por detrás da aceitação da *Bandeira*. De família ligada à terra, *a mãe teve a possibilidade de escolher o presente de casamento dado por um tio, a doação de uma casa ou um carro e junta de bois. Escolhida a última era costume estes serem decorados e usados por altura do Espírito Santo na distribuição das pensões. Era habitual ser um senhor chamado José que enfeitava o carro e a chavelha com flores coloridas feitas de lustro e papel fino. A base da chavelha era coberta de papel fino e as “alcadas”, bicos ou lacinhos, eram coladas com uma cola preparada feita à base de farinha de trigo e água, que devia ficar bem consistente. Aquele senhor veio ter com a minha mãe e disse que eles (família) “iam pegar” no Espírito Santo. A minha mãe que tinha uma casa pequena respondeu que não tinha casa para realizar a festa, por serem festas muito grandes. Mas ele respondeu-lhe que ela “pegava” na festa, “arranjava” a casa durante aquele ano e, depois, no ano seguinte fazia a festa. Naquela época, quando o mordomo novo recebia a Bandeira não se enfeitava o quarto. Isso só acontecia por ocasião da festa e, naquela altura, o decorador do quarto foi rabo-peixense José Vieira, que ficou conhecido pelas decorações feitas no Coliseu Micaelense. O tema foi um coração que ficou no centro do quarto, e sobre ele colocou-se a Bandeira, o cenário era um cenáculo, tudo em cetim azul. Do teto pendiam rosas cor-de-rosa, feitas em papel crespo. Quem fez a reportagem da festa foi o Nóbrega, que chegou atrasado tendo a*

Bandeira já tinha sido retirada do coração, para que se fizesse o cortejo. Neste dia, chovia muito e o padre Benjamim, que fazia parte da Ação Católica de Rabo de Peixe, disse que a culpa era das moças que estavam muito vaidosas, devido aos seus trajes que, à época, se completava com chapéus. No dia da cerimónia religiosa, na igreja, os homens não se misturavam com as mulheres, que ficavam próximas do altar enquanto os homens situavam-se ao fundo da igreja. Até à década de noventa, do século XX, as crianças iam no cortejo vestidas de branco, atualmente já não vão tantas. Também os mordomos não iam ver os gueixos aos pastos.

Na sexta-feira depois da cerimónia no barracão, fazia-se o arraial na praça e quando este terminava a filarmónica deslocava-se à casa do mordomo onde se oferecia massa sovada e laranjada. Na sexta-feira também se fazia a bênção da massa que é distribuída pelos criadores. Naquela época, uma semana antes, na casa do mordomo juntava-se família e amigos que colaboravam na confeção da massa sovada que era amassada em casa. Depois os alguidares de barro eram colocados no chão de um quarto, tapados com mantas, para aquecer a massa. A cozinheira era uma senhora de nome Ritinha que ia dando indicações para que as raparigas fossem verificando os alguidares, cuja massa “estivesse a vir”, isto significava ver se a massa estivesse levedada. Estendia-se a massa sovada em tigelas, cujos bolos eram colocados em folhas de bananeira. Durante esta semana fazia-se os pães leves, que eram difíceis de fazer pois eram feitos à mão. A massa era batida com uma máquina manual da qual era preciso ter jeito para trabalhar com ela, pois tinha de se rodar com ela entre as duas mãos. Este utensílio era feito de madeira. Tinha um cabo comprido e na extremidade uma espécie de estrela, que ao rodar batia a massa. Os pães leves eram diferentes do pão de ló que hoje se utiliza, era mais saboroso. A confeção do pão leve era composta de 4 dúzias de ovos, 1 kg de açúcar e 1 kg de farinha. Esta quantidade dava para oito ou nove pães. Primeiro havia que bater muito bem os ovos. Também se faziam os suspiros, que as raparigas iam batendo e provando. As festas tornavam-se enormes devido também às esmolas que as pessoas doavam e que depois era preciso retribuir dando massa sovada, os pães leves e os suspiros. Contrariamente aos dias de hoje era tudo feito em casa¹⁶⁴ (Anexo fotográfico: Figs. 36 - 54).

¹⁶⁴ Odete Vieira, Rabo de Peixe (1946-)

4.1.2. A Irmandade da Bandeira da Caridade

A festa do *Espírito Santo* da Bandeira da Caridade ou da Trindade, como vulgarmente também é conhecida, é outra das festas do *Espírito Santo* em Rabo Peixe. Esta festa realiza-se no domingo da *Trindade*, e foi instituída a vinte e três de junho de 1875, pelos padres Manuel Tavares de Rezendes, José Guerlandão e José Bettencourt. O seu primeiro *mordomo* foi o morgado de Rabo de Peixe, por amizade aos referidos padres.

Maurício d'Arruda da Costa Botelho, distinto e estimado cavalheiro da ilha e membro da fidalguia micaelense, prestou serviços públicos pelo regime liberal. Foi um dos fundadores e proprietários do jornal *Açoriano Oriental*, e mais tarde, um dos dois membros que se opôs à venda do referido jornal.¹⁶⁵ Também foi um dos sócios que contribuiu para a constituição da Sociedade Promotora Agrícola Micaelense.¹⁶⁶

O seu caráter revelava a sua *bondade de coração, generosidade de alma e honestidade. A sua incedível bondade era transmitida pelo seu semblante emoldurado por uma linda e comprida barba branca coroada por uma ampla e luzidia calva. O primor com que tratava o belo sexo fazia-o ser adorado e conhecido por tio Maurício. Tinha um temperamento descansado e distraído, que o levava a questionar os hospedes constantes, que recebia em sua casa, de forma ocasional. Outro aspeto da sua calma era deixar-se levar pela montada ao sair de casa, não se interessando se podia fazer o mesmo caminho em menos tempo*¹⁶⁷.

Maurício d'Arruda administrava um vínculo bastante rentável, com casa junto à ermida de São Sebastião, em Rabo de Peixe onde residia a maior parte do tempo. Os seus bens compreendiam *240 alqueires de terra, mais 50 de vinha, quinta, casas e ermidas de São Sebastião no lugar de Rabo de Peixe, mais 216 alqueires de terra no Pico Raso do dito lugar, mais 96 alqueires nas Areias de Rabo de Peixe, mais 24 no Arrebentão, 255 alqueires no Boqueirão mais foros, cujos bens ascendia a 1773 935\$160 reis*¹⁶⁸. O morgado Maurício d'Arruda morreu solteiro, em 1876, deixando o *seu vínculo com um fundo para cima de cem contos*¹⁶⁹. *Apesar de solteiro deixou sucessão legitimada no filho natural, Maurício de Arruda, conhecido por Mauricinho, para ser distinguido do pai de quem herdou as boas prendas morais, mas que faleceu com doença tísica, deixando os*

¹⁶⁵ Supico, 1995, 1: 222-223.

¹⁶⁶ Supico, 1995, 2: 779.

¹⁶⁷ Supico, 1995,3: 1015.

¹⁶⁸ Costa, 2003: 122.

¹⁶⁹ Supico, 1995, 3: 1015.

*seus bens à Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, extinguindo-se, assim a linha morgadia*¹⁷⁰.

O morgado Maurício d'Arruda foi o primeiro *mordomo* da festa da Bandeira da Caridade, talvez rogando cura pela doença que o acometia¹⁷¹, como noticiou o jornal *A Persuasão* de 1975, voltando um ano mais tarde, o mesmo jornal, a assinalar a sua morte¹⁷². Naquela época, a *Bandeira* desta festa foi oferecida pelo referido morgado, surgindo mais tarde, o hino da Caridade, com música do maestro Monteiro de Almeida e poema de José Nunes da Ponte. As festas da Bandeira da Caridade têm sido sempre acompanhadas, por uma das filarmónicas locais, designadamente a Banda Marcial do Bom Jesus, criada em 1872¹⁷³. Os seus elementos, maioritariamente progressistas, haveriam de receber novos instrumentos, oferecidos pelo responsável do Partido Progressista da ilha de São Miguel, passando, desde 1888, a designar-se Banda Progresso do Norte, também conhecida como Banda Nova. Durante a década de quarenta daquele século, devido a problemas intrínsecos à banda, as festividades da *Trindade* tiveram o acompanhamento da Banda Lyra do Norte, a conhecida Banda Velha, por ser mais antiga que a Banda Progresso do Norte.

Terminado o século XIX e, ao longo de algumas décadas do século XX, as festas foram realizadas graças à ação de um grupo de amigos que zelava para que todos os anos se mantivessem as festividades em honra do *Divino Espírito Santo*. No ano de 1962, dos donativos conseguidos, surgiu a ideia de criar uma associação que permitisse uma melhor organização das festividades. Assim, no ano de 1963 nasceu a *Associação Irmandade Promotora das Festas da Caridade de Rabo de Peixe*, e, durante muitos anos, *os seus membros reuniam-se na sede da Filarmónica Progresso do Norte ou na sede da Junta de Freguesia*¹⁷⁴ de Rabo de Peixe. Mais tarde, a 27 de março de 2009, ficou assente em ata da assembleia da *Irmandade*, a deliberação de adquirir um prédio urbano, situado na Rua da Casa Nova, 24, antiga Rua das Padeiras, na freguesia de Rabo de Peixe. Para aquisição do imóvel, a associação da *Irmandade* beneficiou do apoio do Governo Regional dos Açores, da Câmara Municipal da Ribeira Grande e de emigrantes açorianos residentes no Canadá e nos Estados Unidos da América. Após a compra do imóvel foi necessário efetuar obras profundas, restando da antiga casa somente a fachada. Estas obras tiveram também

¹⁷⁰ Supico, 1995, 3: 1016.

¹⁷¹ Jornal *A Persuasão*, 24 de Maio de 1875, secção “Notícias Locais”: 3.

¹⁷² Jornal *Diário dos Açores*, 5 de Julho de 1876, secção “Notícias Locais”: 2.

¹⁷³ Faria, s/d: 36.

¹⁷⁴ Estrela, 2015: 57.

um forte apoio das comunidades de emigrantes nas Bermudas, nos Estados Unidos da América e no Canadá, *onde durante um ano, uma das Bandeiras da Caridade permaneceu, visitando casais devotos, inclusivamente permitiu que na Comunidade de Toronto fosse realizada uma mordomia*¹⁷⁵. Para além disso, também houve a colaboração das Associações de Amigos de Rabo de Peixe, localizadas no Canadá, nas cidades de Toronto e Montreal, dos Estado Unidos da América e de outras entidades patrocinadoras e de colaboradores, além da oferta de materiais de construção, também doaram o seu trabalho. A compra desta casa teve como intuito salvaguardar e garantir que os festejos e louvor à *Santíssima Trindade* decorressem com dignidade, atendendo à dimensão atingida pelos mesmos. Ao mesmo tempo, a *Irmandade* desejava apoiar os *mordomos* com poucas condições materiais, ajudar no acolhimento de todos aqueles que quisessem participar nos preparativos das festas, e também proporcionar alojamento a todos os emigrantes que se desloquem à sua terra e que queiram ser *irmãos* e *mordomos* da Bandeira da Caridade. Para isso, na reconstrução da casa, disponibilizou-se espaço para um apartamento de dois quartos, um salão de refeições para 300 pessoas, espaços sanitários, cozinha, pequeno escritório com sala de reuniões, e um pequeno museu, cujos expositores mostram artigos relacionados com as festas, incluindo as lanternas e castiçais utilizados anualmente, bem como duas antigas *Bandeiras*. O rés-do-chão do edifício é composto por uma ampla entrada e um quarto que é ornamentado para receber a *Bandeira*, quando o *mordomo* é um emigrante (Anexo fotográfico: Figs. 149, 150).

No dia 15 de junho de 2014 ocorreu a inauguração da sede das festas da Caridade, sendo que, depois disso, já aconteceram três mordomias da responsabilidade de emigrantes, oriundos de Rabo de Peixe, residentes nos Estados Unidos, que decidiram abraçar aquele cargo, por terem condições materiais, de permanência e equipamento para a realização de todas as tarefas, e quarto para decorar, receber e colocar condignamente a *Bandeira*. Presentemente existem cinco *Bandeiras*, uma das quais se encontra na casa do *mordomo*. Este número deve-se à degradação que a *Bandeira* vai sofrendo ao longo do tempo. Quando isso acontece, o pano vermelho adamascado é substituído. Na nova *Bandeira* é bordado a fio de ouro o nome Caridade, pelas senhoras da Cooperativa de Artesanato Senhora da Paz, em vila Franca do Campo. Nela é colocada a pomba original assim como as estrelas de prata. Nos antigos panos colocam-se estrelas de menos valor e outra pomba. Uma destas quatro *Bandeiras* encontra-se numa redoma e outra dentro de

¹⁷⁵ Idem, Ibidem, 2015: 58.

um quadro. As restantes duas estão disponíveis, como relíquias, e são deslocadas durante algum tempo para casa de algum *irmão*, para preces, súplicas e cumprimentos de votos.

A Irmandade das Festas da Caridade da Vila de Rabo de Peixe teve o seu primeiro Estatuto aprovado a 16 de junho de 1950, o segundo a 22 de abril de 1986 e o terceiro a 18 de dezembro de 2007. A instituição é formada por quatro órgãos: a Mesa da Assembleia Geral, constituída pelo presidente, vice-presidente e secretário; a Comissão de Festas, composta pelo presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e três vogais; Conselho Fiscal, constituído pelo presidente, 1.º e 2.º secretários; e 93 *irmãos*. A *Irmandade* realiza eleições de três em três anos para que, de entre todos os membros possa ser eleito o presidente.

A representatividade do seu presidente, durante o cortejo de domingo, é simbolizada e reforçada pelo bastão que simboliza a autoridade, dentro da *irmandade*, no cumprimento da unidade e defesa das normas estatutárias e, ao mesmo tempo, da mensagem espiritana da paz entre todos os homens. Em 1959, a primeira pessoa a usar o bastão foi o presidente da *Irmandade* José de Sousa Faria (Anexo fotográfico: Fig. 151).

Dos noventa e três *irmãos* que compõem a *Irmandade da Caridade*, só dois *mordomos* tinham como profissão a atividade piscatória, cujas mordomias se realizaram a partir de 1978 (Anexo documental: Doc. 3).

4.1.3 O ciclo festivo das *Bandeiras do Espírito Santo*

Apesar das diferenças entre as duas *irmandades*, o ciclo festivo das *Bandeiras de Beneficência* e da *Caridade* desenrolam-se numa sequência de etapas cerimoniais que procuraremos identificar com base na pesquisa de terreno realizada nos anos de 2018 e 2019.

O ciclo das celebrações principia com a entrega do símbolo espiritano ao novo *mordomo*, um ano antes da realização da *Festa de Pentecostes* ou da *Festa da Trindade*, consoante a Bandeira. Deste modo, o *mordomo* dispõe de um ano para organizar as festas, aguardando a sua vez esperando ter disponibilidade financeira. Em reunião com a *Irmandade*, o *mordomo* acerta a preparação das tarefas para a semana das festas: a

inspeção ao gado nas pastagens; o transporte de gado para o matadouro; a apanha de verduras e ramalhetes; decoração do *barracão*; transporte de carne do matadouro para o *barracão*; corte da carne e o seu ensacamento e distribuição de *pensões*. Todas as atividades relacionadas com a festa para o *Divino* articulam-se entre a casa do *mordomo* e a *Casa da Irmandade*, onde, por vezes, se confeccionam e servem as refeições. Na casa do *mordomo*, o mais importante espaço e lugar de culto é o quarto destinado à colocação da *insígnia* do *Divino Espírito Santo*, cuja ornamentação está a cargo do *mordomo* responsável também pela ornamentação da igreja para a cerimónia religiosa de domingo da bênção da *Bandeira*. Junto deste quarto decorre o ritual sagrado de rezar diariamente o terço, durante todo o ano, convidando o *mordomo* a família, amigos e vizinhos consentindo na presença de todos aqueles que o queiram fazer. Mais tarde, os convites são extensivos ao pároco local e ao padre escolhido para realizar as cerimónias religiosas na igreja, às Sociedades Filarmónicas e aos *irmãos* da *Irmandade* para, em conjunto, procederem à abertura do quarto.

Durante a época das festas do *Espírito Santo* das Coroas e Bandeiras, membros da comunidade contribuía com dádivas de géneros, muitos dos quais por *intenção* ou *agradecimento*. Esta prática foi uma ação recorrente até à década de oitenta do século passado. As dádivas eram constituídas na sua maioria por aves (galinhas), farinha, açúcar, ovos e outros produtos. Presentemente, ainda se verificam algumas dádivas de géneros, mas, geralmente, compete ao *mordomo* comprar tudo o que é necessário. As suas competências abarcam a aquisição dos *foguets*, o *fogo de artifício*, a encomenda, numa das padarias locais, da *massa sovada*, do *pão leve* e dos *suspiros* e a compra de todas as provisões necessários à confeção das refeições. Também convida uma boa cozinheira, que conhece bem, e esta, por sua vez, escolhe três ou quatro ajudantes, mediante o pagamento de uma remuneração. Para além disso, contacta proprietários de matas para aquisição de ramos de verduras, que normalmente são de criptoméria ou até de pinho, para decorar a rua, a sua casa e o *barracão*. O *mordomo* também compra papel para enrolar a *massa sovada*, *suspiros* e *pão leve*, fita para prender os empacotamentos e sacos de plástico para guardar o *pão* e a *carne* que serão distribuídos.

Faz ainda parte das competências do *mordomo*, tratar de toda a logística necessária para o sucesso das festas. Para tal, enceta diversos procedimentos junto da Câmara Municipal da Ribeira Grande, de modo a obter licença para o ruído e *fogo de artifício*, para utilização do *barracão* e do Largo do Coreto, encerramento e cancelas de ruas,

colocação de contentores de lixo e direitos de autor para uso de música gravada. As *roqueiras*, o *fogo de artifício* e o Cortejo Tradicional de carros de bois obrigam à obtenção de um seguro obrigatório por parte do *mordomo*. Sendo necessário levar um número elevado de bovinos para abate, tem de enviar um ofício, com antecedência, para o matadouro de São Miguel comunicando a data e a quantidade de animais a abater. Tudo para que a sua mordomia corra da melhor forma e lhe possa granjear alguma distinção.

A Junta de Freguesia reconheceu em 2016 a grande importância dos mordomos na Gala do *Espírito Santo* promovida pela Junta de Freguesia de Rabo de Peixe que se realizou após o encerramento do ciclo espiritano, no Teatro Miramar. Esta cerimónia continuou nos anos de 2017 e 2018 e com ela o poder público pretendeu reconhecer, agradecer e homenagear os *mordomos* das festas dos *Impérios* e das *Bandeiras do Espírito Santo*, atribuindo aos primeiros um simbólico prémio monetário e uma placa comemorativa. Contudo, as instituições agraciadas consideram que aquela entidade não devia atribuir prémios, mas facilitar todo o processo burocrático que os *mordomos* são obrigados a suportar no decorrer das festas.

Na semana seguinte após ter recebido a *insígnia do Espírito Santo* em sua casa, o novo *mordomo* realiza um *jantar*, denominado a *Ceia dos Criadores*. Para este *jantar*, são convidados criadores de gado da localidade e de várias partes da ilha, a fim de se auscultar a sua disponibilidade para alimentar e cuidar dos vitelos machos, dos quais se obterá a carne de novilho para as *pensões* e *esmolos*. Ao longo do ano, os animais terão o acompanhamento do *mordomo* e da *Comissão de Festas da Irmandade*, para averiguar sobre o seu estado e, se necessitam, de cuidados veterinários. *Esses criadores são muito importantes no desenrolar do processo da festa porque colaboram, de certa forma, para o sucesso da mesma*¹⁷⁶ e ao longo do ano são agraciados com dádivas.

Pelo Natal, o *mordomo*, conjuntamente com a *Comissão de Festas da Irmandade*, organiza e prepara cabazes de Natal com postais a desejar as *Boas Festas* aos criadores de gado e *irmãos* benfeitores. Normalmente, estes cabazes são compostos de um quilo de bacalhau, 1 litro de azeite, grão de bico, cinco garrafas de bebidas, licorosas e espirituosas, aperitivos, bolachas e chocolates diversos e fruta fresca, como tangerinas e ananás. No ano de 2018, a distribuição dos cabazes de Natal, aos criadores e a quem os pagou, foi acompanhada de um pequeno cortejo, constituído pelo *mordomo*, pela *Comissão* e outros

¹⁷⁶ Ferreira, 2014: 92.

irmãos da Irmandade com um carro de bois decorado com elementos alusivos ao Natal e ao *Espírito Santo* (Anexo documental: Doc. 12).

No início do novo ano começam-se a preparar as indumentárias, tiram-se as medidas e confeciona-se a roupa que as crianças e jovens vão usar no cortejo do pão. Muitas vezes as roupas a usar no cortejo do pão são compradas já feitas, colocando-se na parte posterior das blusas o nome do *mordomo* e ano do cargo. Também as vestimentas de cerimónia, que serão usadas no domingo da *Festa*, são preparadas cuidadosamente. Os homens vestem fato, as senhoras vestido comprido. As meninas e jovens que acompanham o cortejo usam vestidos claros e, muitas vezes, usam o vestido da sua comunhão ou pedem vestidos emprestados de outras funções espíritanas já realizadas. Preparam-se os convites e o programa das festas (Anexo documental: Docs. 7, 8, 9, 10).

O domingo que coincide com o mês antes do domingo da *Festa*, foi estabelecido, oficialmente, como o *Dia da Irmandade da Bandeira da Beneficência* ou da *Caridade*. O denominado *Dia da Irmandade*, os seus membros concentram-se junto à igreja do Senhor Bom Jesus, depois de previamente combinado o dia, local e hora. Todos eles envergam o seu melhor fato e gravata, muitas delas de cor vermelha, cor da bandeira. Os homens pertencentes à *Irmandade* usam crachás retangulares, com fundo branco, letras a vermelho com a designação da *Associação* e o desenho da *Bandeira*. Duas ou três crianças acompanham os pais naquela tarefa. Há necessidade de inculcar nos mais novos o sentido de responsabilidade e o gosto de fazer parte da *Irmandade*, na qual já estão inscritos. Neste percurso pela vila, o *mordomo* que efetua a festa é acompanhado pela *Cabeça da Irmandade*, constituída pelo presidente, vice-presidente e *roleiro*, este último com a função de tomar nota de todos aqueles que se inscreveram como *irmãos da Festa* e juntando-se a estes os restantes elementos da *Irmandade* e pelo *mordomo* do ano seguinte. Acompanhados por amigos e devotos do Espírito Santo, preparam-se para percorrer a vila, de porta em porta e de rua em rua, convidando todos aqueles que queiram ser *irmãos da festa do Divino Espírito Santo*. Para isso, antecipadamente o *mordomo* distribuiu envelopes por todas as casas, que neste dia, são entregues por todos aqueles que estão interessados em receber *pensão*. O *mordomo* recebe o envelope contendo a importância relativa à *pensão*. Nele está o nome, a morada e o contacto da pessoa (Anexo fotográfico: Fig. 55 e Anexo documental: Doc. 11).

Pelas dezasseis horas, os homens iniciam o caminho batendo de porta em porta. À frente, vai o *mordomo* acompanhado pelo presidente e elementos da *Irmandade*. Atrás

todos os outros que por simpatia acompanham o *mordomo*. Por volta das dezoito horas, o lado este da freguesia já foi percorrido, e os envelopes entregues de todos aqueles que querem ser *irmãos* da *Festa*. Alguns dos habitantes asseguram que se esqueceram de colocar o dinheiro no envelope, mas afiançam que depois o irão entregar à *Associação*.

Os homens descansam fazendo um intervalo na *Casa do Espírito Santo*, onde os espera um pequeno lanche composto de bebida e aperitivo. Meia hora depois a *Irmandade* volta a sair para percorrer o lado oeste da freguesia. No trajeto, os rapazes mais novos e mais ligeiros vão à frente batendo às portas, seguindo as orientações do *mordomo* e do presidente da *Irmandade*, que conhecendo a população indica com precisão onde devem bater, pois algumas casas são de criadores e *benfeitores*, e nesse caso, estão isentos de pagamento de *pensão*. Pelo caminho, o grupo depara-se com as *Festas das Coroas*. Naquele dia realizam-se duas *Coroações*: uma de manhã e outra à tarde e os *quartos* do *Espírito Santo* encontram-se expostos aos visitantes. Felicita-se o casal de *mordomos* que se situam junto à porta de casa e rapidamente o grupo é convidado a entrar para tomar uma água, refresco ou cerveja e saborear um petisco que se encontra numa grande mesa, ornamentada e preenchida por pequenos bolos, guloseimas, aperitivos e petiscos.

Previamente, a rua e a casa do *mordomo* são preparadas para as primeiras cerimónias. A rua, onde está presente o *Divino Espírito Santo*, é assinalada com a decoração de bandeirolas coloridas, e a porta da casa do *mordomo* emoldurada por um tradicional arco feito de pequenos ramos de criptoméria. A originalidade deste arco está na grande composição de flores que repousa sobre ele. Dentro de casa, o quarto onde está depositada a *Bandeira do Espírito Santo* é ornamentado em segredo, empregando-se, com esmero, adornos e flores, aos quais não se olha a custo, pois o *Divino Espírito Santo* tudo merece.

No dia dedicado à *Irmandade*, o pároco abençoa a *Bandeira* e o quarto onde esta *insígnia* se encontra. Previamente, pela frente da casa do *mordomo*, alguns homens espalham cedro e criptoméria picados, enquanto uma pequena multidão se vai aglomerando em redor da casa. A abertura do quarto, onde está exposto o símbolo do *Divino Espírito Santo*, é marcada para as vinte e uma horas. Esta hora é assinalada pelo som da filarmónica que se ouve ao longe, anunciando o início dos festejos para a bênção e abertura do quarto da *Bandeira da Beneficência* ou *Caridade* consoante a banda que a acompanha, seja a Banda Lyra do Norte ou Banda Progresso do Norte. Ao chegar a filarmónica posiciona-se de frente para a casa do *mordomo*, onde se situa o quarto onde

toca o *Hino do Divino Espírito Santo*. Seguidamente, o padre acompanhado pelo mordomo e esposa e, pela *Cabeça da Irmandade*, acercam-se da janela, que se abre, para proceder à abertura oficial do quarto. O padre faz alusão às festas espiritanas e, juntamente com as pessoas presentes reza o *pai-nosso*. O padre dá o mote e os presentes replicam usuais cânticos ao *Paráclito*. A cerimónia continua com o padre a implorar ao *Espírito Santo* que encontre nos homens o coração aberto para receber os dons e a graça do *Divino Espírito Santo*. Simultaneamente o quarto é aspergido com água benta, o fumo e o cheiro do incenso espalha-se pelos que estão mais próximos, a filarmónica toca o hino do *Divino Espírito Santo* e as *roqueiras (fogo)* ensurdecem o ar com os seus sons. Terminada a bênção, a multidão bate palmas ao *Divino* e pela janela, contempla, pela primeira vez, o quarto enfeitado.

O padre dirige-se para dentro de casa onde se volta a aspergir e a incensar o quarto onde permanece a *insígnia do Espírito Santo* (Anexo fotográfico: Figs. 57 - 59). Terminada esta cerimónia, à porta, o casal de *mordomos* recebe os cumprimentos dos músicos que, um a um, entram dentro de casa onde extensas e decoradas mesas, com aperitivos, doces e petiscos feitos de coração de bovino, iscas de fígado, fava rica, lulas e polvo, aguardam os convidados e todos aqueles que apareçam, pois, *o Espírito Santo não fecha a porta a ninguém*. Enquanto muitos se deliciam com os manjares alguns músicos continuam a tocar para regozijo dos presentes (Anexo fotográfico: Figs. 60 - 64).

Dez dias antes da celebração de *Pentecostes*, ou da *Trindade*, numa quinta-feira, pela manhã e prolongando-se pelo dia todo, o *mordomo* e a *Comissão de Festas da Irmandade* deslocam-se às pastagens para inspecionar os animais *oferecidos* em honra do *Divino Espírito Santo*. No local, o mordomo agradece com uma bebida e petiscos o cuidado e esmero do criador responsável pelo tratamento do *gueixo* durante aquele ano. Na semana anterior à *Festa*, acontece o primeiro *jantar* dado pelo *mordomo* em homenagem aos criadores de gado. Este *jantar*, denominado *Ceia dos Criadores*, realiza-se como forma de agradecimento àqueles que cuidaram e trataram dos animais que serão sacrificados para as festas (Anexo fotográfico: Figs. 65 - 69). Até ao início do século XXI, a *Ceia dos Criadores de gado* era feita na sexta-feira da *semana da festa*, e somente os homens eram brindados com uma refeição. Afinal, todas as atividades ligadas à *Festa* eram realizadas durante aquela semana. Antes da inauguração do matadouro da ilha de São Miguel (2001) era tradicional, na sexta-feira anterior ao domingo de *Pentecostes* o cortejo dos animais, que eram recolhidos e concentrados no Largo do Charco (Anexo

fotográfico: Figs. 70 - 72). Ali, eram enfeitados com flores naturais e de papel, e depois percorriam em cortejo as ruas da vila até ao *barracão* da freguesia, onde eram abatidos. Por vezes, as mulheres transportavam as vísceras dos animais que eram lavadas no Calhau. A partir daquela data e, cumprindo as regras de controlo sanitário, houve a necessidade de alterar alguns dos procedimentos, ligados às *Festas*. Assim, no domingo anterior à *Festa* faz-se a recolha de gado no Largo do Charco, com o desfile dos animais a fazer-se em *carreolas*, isto é, são transportados em vulgares *trelas* pelas ruas da freguesia, devido ao trânsito. Permanecem nas ditas *carreolas* durante uma hora ou duas, na praça principal da vila de Rabo de Peixe, para que as pessoas possam apreciar o porte dos animais a abater. Na segunda-feira, os animais são transportados e abatidos no matadouro e guardados em câmara frigorífica até à sexta-feira, véspera da *Festa*. Esta alteração obrigou que a *Ceia dos Criadores* se realize no sábado anterior à semana festiva e abrange um número muito alargado de convidados, constituído pelos criadores e respetivas famílias, *benfeitores*, familiares e amigos que se reúnem na *Casa do Espírito Santo*. Até à década de sessenta do século XX, a refeição, simples, constituída por *massa sovada*, *vinho* e refresco, que se oferecia somente aos homens, foi substituída por um prato de carne guisada e, mais tarde, pelos anos oitenta, este *jantar* começou a ter características mais pretensiosas acabando, atualmente, por ser uma refeição luxuosa, onde são apresentados diversos pratos e iguarias, consoante o *poder do mordomo* (Anexo documental: Doc. 4 - 6).

Iniciada a semana da *Festa*, a partir da segunda-feira, em casa do mordomo juntam-se familiares, membros da Irmandade e respetivas esposas, amigos e todos aqueles que queiram ajudar. Durante esta semana de trabalho intenso são oferecidas refeições a todos estes voluntários que participam da organização das festividades. Diariamente almoçam e jantam em casa do mordomo, onde há sempre uma refeição composta de sopa, de um prato de carne ou peixe e massa sovada. Realce-se que este trabalho voluntário é uma forma de dádiva, pois as pessoas envolvidas doam o seu tempo, e muitas vezes, parte das suas férias, para poderem ajudar nas festas espíritanas.

No primeiro dia da *semana das festas* um grupo de voluntários vai às matas apanhar verdura, normalmente ramos de criptoméria, destinados à ornamentação do *Centro Comunitário de Rabo de Peixe* (*antigo barracão de peixe*¹⁷⁷) e das ruas próximas

¹⁷⁷ Brum, 1992: 11. Na década de noventa do século XX os animais eram abatidos no matadouro localizado na traseira daquele que era o barracão de peixe. Antes de haver eletricidade em Rabo de Peixe o lugar era decorado com “balões de madeira” contendo velas.

da residência do *mordomo*. Esta atividade perdura até à quinta-feira, conhecida como *dia de ramalhetes*. O termo relembra o dia em que homens, denominados *ramalheiros*¹⁷⁸, costumavam ir às matas apanhar criptoméria sem qualquer encargo financeiro, para neste dia enfeitarem os locais festivos. Também no primeiro dia da *semana das festas* inicia-se a distribuição da *massa sovada* aos *irmãos* das *pensões*. Na quarta-feira doam-se duas refeições: um almoço para as crianças do Primeiro Ciclo de uma das escolas da vila, cujo cardápio é constituído por sopa, um prato de carne e *massa sovada*. Ao jantar é oferecida uma refeição comunitária, consistindo nas sopas do *Espírito Santo* e *massa sovada*. Entre o almoço e o jantar são servidas sopas do *Espírito Santo* (Anexo fotográfico: Figs. 73 - 77).

Na sexta-feira à tarde, as carnes dos animais abatidos no Matadouro Municipal, são transportadas para o *Centro Comunitário de Rabo de Peixe*, onde, cerca de sessenta homens, nomeadamente talhantes *desmancham* e limpam a carne, que é exposta no *barracão* que tem o formato de U, para a cerimónia religiosa da bênção da *carne*, do *pão* e do *vinho*.

À noitinha, pelas vinte horas, a Rua da Praça começa a encher-se. A população local começa a chegar e avizinham-se de modo a observar o cortejo que sai da igreja em direção ao *barracão*, onde muitos populares assistem ao corte da *carne* que vai sendo dependurada. Na igreja, aprontam-se os últimos preparativos do cortejo e na rua residentes, visitantes e alguns turistas, abeiram-se nos passeios para assistir ao cortejo que sai da igreja em direção ao *Centro Comunitário de Rabo de Peixe*, ao ritmo da banda filarmónica que toca em primeiro lugar o Hino do Divino Espírito Santo e depois outras composições musicais.

À frente, do cortejo, desfila o guião da *Bandeira da Caridade* ou da *Beneficência*, seguido de duas alas de homens vestidos de opas vermelhas sobre o fato. A seguir, em lugar central, segue o *mordomo* levando o crucifixo, ladeado por dois homens empunhando as alegóricas lanternas de velas acesas, lembrando, também, que até 1931 não havia iluminação¹⁷⁹. Atrás do *mordomo*, segue a *mordoma* levando o turíbulo com o incenso que o pároco usará para proceder à bênção da *carne*, do *pão* e do *vinho*. Filhos,

¹⁷⁸ Brum, 1992:11.

¹⁷⁹ J. Luís Faria (1943-) contou-nos que a freguesia de Rabo de Peixe recebeu luz elétrica por intermédio da irmã do eng.º José Cordeiro, Maria Cordeiro Agnelo que casou e ficou a residir no Pico da Pedra. Senhora de posses, para a eletricidade chegar ao Pico da Pedra, teve de conversar com os donos dos terrenos de Rabo de Peixe por onde passariam os cabos em direção ao Pico da Pedra. À volta de uma centena de pessoas de rabo-peixense mostrou-se interessada em beneficiar da novidade o que permitiu que não só a luz elétrica chegasse à freguesia do Pico da Pedra mas também beneficiou a freguesia de Rabo de Peixe.

família chegada e amigos mais próximos acompanham a mordoma, terminando o cortejo com a filarmónica. Durante todo este trajeto são lançadas *roqueiras* (*fogo*).

O trajeto do cortejo percorre, sensivelmente, duzentos metros. À chegada, a comitiva mantém as suas posições no pátio do recinto, onde o padre pronuncia uma elocução congratulando a vila, os *mordomos* e a festa. Seguidamente, o padre acompanhado pelo *mordomo* transportando o crucifixo, os homens portadores das lanternas e o sacristão, que balançando o turíbulo deixa no ar o cheiro adocicado de incenso, entram no interior do edifício onde está exposta a *carne* para proceder à sua bênção, aspergindo-a com água benta. No decorrer desta cerimónia a filarmónica toca de forma contínua o Hino do Espírito Santo. Terminada a cerimónia religiosa todos os presentes saudaram o *Divino* com uma salva de palmas. De seguida, o mesmo grupo dirige-se para o local onde está o *pão*, exposto numa espécie de altar, no qual se encontram sacos de plástico fechados, cada um contendo dois pães. Junto deles estão também garrafas de vinho, em número equivalente às *pensões* a distribuir no dia seguinte conjuntamente com a *carne*. O sacerdote abençoa estes alimentos e para terminar a cerimónia convida os presentes a dar vivas ao *Espírito Santo*, assim como aos *mordomos*, à respetiva *Irmadade* e à vila de Rabo de Peixe. A população presente aplaude com entusiasmo. O cortejo recompõe-se e percorre de novo, o trajeto para a igreja onde se desfaz, regressando os principais intervenientes ao *barracão*, acompanhado pela filarmónica que volta a tocar o hino espiritano. Na principal praça da vila rabo-peixense o ambiente é de festa e alegria. No quiosque da praça tudo se prepara para que a filarmónica brilhante a noite com o seu repertório musical. Ao redor da praça, pequenas barracas vendem algodão doce, as tradicionais *freiras* (pipocas), coloridas e gelados, que deliciam, sobretudo, a criançada. Na casa da catequese, junto à igreja, diversas senhoras reúnem-se para confeccionar e vender malassadas, fora da época carnavalesca, com o intuito de, por um lado, *matar a saudade* de muitos emigrantes, presentes na festa e, por outro, contribuir para as obras de restauro do templo paroquial (Anexo fotográfico: Figs. 78 – 87 e 152, 153).

O arraial das festas das Bandeiras do *Espírito Santo* tem início na quarta-feira e prolonga-se pelo resto da semana. Na quarta-feira, o arraial costuma ser animado por um conjunto musical da vila, que pode ser o grupo de folclore *A Gaivota* ou o *Grupo de Cantares Vozes do Mar do Norte*. Na quinta-feira, o arraial conta com a presença animada de um artista luso-canadiano, de Portugal continental ou mesmo da ilha e, no dia seguinte,

é a Banda Lyra do Norte ou a Banda Progresso do Norte, conforme a Bandeira, que tem a seu cargo entreter a comunidade tocando trechos musicais, após a bênção do pão, da carne e do vinho. Nesta noite, após o lançamento de *fogo de artifício*, o arraial continua com atuação de um grupo musical da ilha de São Miguel.

No sábado procede-se à distribuição das *pensões* aos *criadores de gado*, aos *carreiros*, aos *benfeitores* e aos *irmãos* que pagaram *pensão*. A distração desta noite são as *Despensas* que circulam pela freguesia, saudando o *Divino Espírito Santo* nas casas e quartos onde estão expostas Bandeiras e Coroas. Até 1985, somente estes grupos circulavam pela freguesia. A partir daquela data, a criação dos grupos das *Despensas dos Homens da Terra* permitiu que a *Festa da Trindade* fosse abrilhantadas por estes grupos.

No domingo de *Pentecostes*, em todas as ilhas açorianas celebra-se o *Paráclito* e por todas as cidades, vilas e freguesias ouvem-se as roqueiras a estralejar misturadas com o som forte dos *bombões* que anunciam a entrada ou a saída dos atos sagrados mais cerimoniais que se realizam em honra do *Divino*. É o que acontece na vila de Rabo de Peixe quando o cortejo portador do símbolo divino sai da casa do *mordomo* em direção à igreja. O domingo de *Pentecostes* ou o da *Trindade* são o corolário de todas as festividades. Nestes dias realiza-se o mais importante cortejo e a celebração litúrgica, ambas encaradas como únicas na consagração da *Bandeira*. Para que a cerimónia retrate a devoção do *mordomo* e da sua família é necessário que todos os preparativos sejam feitos com antecedência, desde a preparação das oferendas até à decoração da igreja, que refletem o brilhantismo dos festejos.

Por ocasião das festas da *Bandeira da Beneficência*, o *mordomo* convidava, por comparação aos Apóstolos, doze homens de origens humildes e mais necessitados, para integrar o cortejo de domingo. Estes homens seguiam em fila vestidos de opas vermelhas atrás do *mordomo* que levava a *Bandeira*. Cabia-lhes o papel de guarda de honra à *insígnia* mesmo no interior da igreja. Ali, colocada a *Bandeira* no altar-mor, os denominados apóstolos, postavam-se no cadeiral que ladeia aquele altar. De volta a casa do *mordomo*, estes homens eram convidados para o almoço. A última vez que isso aconteceu foi em 2003, aquando da realização da mordomia efetuada por José Eduardo Terceira. Foram protagonistas desse papel um grupo de timorenses que se encontravam na ilha de São Miguel a estudar na Escola Profissional da Povoação, no âmbito de um protocolo entre a Associação Amizade Açores/Timor e a Câmara Municipal daquele concelho (Anexo Fotográfico: Figs. 88 - 90). Atualmente, a participação dos *apóstolos* é

rara, pois nem sempre o mordomo consegue reunir doze homens para aquele efeito, o que demonstra que as pessoas já vivem melhor e têm mais conforto no seu quotidiano.

Neste domingo, *em casa do mordomo, é servido um almoço a convidados, familiares e amigos que consiste, geralmente, de sopa de carne e assado misto, sendo a massa sovada, o pão leve e os suspiros a sobremesa*¹⁸⁰.

Pelas treze horas, organiza-se o cortejo processional a partir da casa dos *mordomos*, constituída pelos próprios, familiares, crianças, convidados, antigos mordomos e as duas filarmónicas da vila. Os elementos constituintes dos cortejos, quer da Bandeira da Beneficência, quer da Bandeira da Caridade, obedecem à mesma ordem. Nestes dias as cerimónias impõem o fausto. Homens, mulheres e crianças trajam a rigor, muitas vezes, usando vestuário oferecido pela família que está emigrada na América e no Canadá. Os homens vestem fatos e gravatas e as mulheres ajeitam-se ao máximo para o dia. Vão ao salão de beleza, para se aprimorarem e enfeitam-se com bijuterias ou até com as suas melhores joias. Os rapazinhos usam fatos, parecem pequenos homens, mas por vezes não usam casaco. As meninas normalmente usam vestidos da comunhão.

Antecedendo o cortejo, um pequeno camião transportava a rama de criptoméria desfiada, conhecida pelos rabo-peixenses como *crica*, que dois homens espalham pelas ruas. (Anexo Fotográfico: Figs. 91 e 92).

O cortejo iniciou-se com um pequeno guião, indicando a Bandeira a que pertence, levado por uma criança do sexo masculino ladeado por duas raparigas que levam na mão um cordão que pende de um dos lados do *guião*. A estes seguem-se sete adolescentes vestidas de anjos, nas cores branca e vermelha, levando na mão um *cajado* onde está dependurada uma pequena bandeira indicando um dos dons do *Espírito Santo*. Estes representantes dos dons situam-se ao meio do cortejo e são ladeados por meninas que levam ramos de flores iguais. Até aos anos oitenta do século XX, estes anjos ainda vestiam de vermelho, levavam uma faixa branca e na cabeça uma coroa de papelão com a inscrição de cada um dos dons. Em algumas ilhas açorianas os dons do *Espírito Santo* são identificados com cores diferentes. Contudo, em Rabo de Peixe não encontrei esta tradição.

¹⁸⁰ Ferreira, 2014: 102.

No cortejo da *Caridade*, no meio daquelas crianças, encontram-se outras que seguram um pequeno *guião* onde figuram as três virtudes teológicas e os respectivos símbolos (Fé - cruz, Esperança – âncora e Caridade - coração). Àqueles seguem-se três moças, ricamente vestidas, empunhando também ramos de flores, e logo depois seguem-se duas alas de três pares, uma moça com um ramo de flores, tendo à sua direita um rapaz de fato e gravata, ou laço vermelho, que leva nas mãos um quadro retangular tridimensional com a representação da pomba do *Divino Espírito Santo*, feita de penas. A seguir, uma moça leva uma taça com um arranjo de flores, idêntico aos restantes e atrás desfilam dois membros da *Irmandade* que transportam os castiçais. Logo depois a *Bandeira* é levada pelo *mordomo* acompanhado por duas mulheres, e ao lado destas os respectivos maridos, membros da *Irmandade*, que transportam as lanternas de prata. O cortejo prossegue com a *mordoma* acompanhada pelo pároco, seguida de todos os membros da *Irmandade* e respectivas esposas, que trajam vestidos de cerimônia. A este grupo segue-se uma fila de homens da *Irmandade* e uma bandeira indicando que a seguir desfilam criadores, acompanhados das esposas, que ajudaram a criar o *gueixos* para a Festa.

No cortejo da *Caridade*, o presidente da *Irmandade* leva o *bastão*, símbolo da ordem e da unidade. Seguidamente, antigos mordomos levam faixas vermelhas atravessadas por cima dos fatos ou vestidos, indicando a data da sua mordomia. Em penúltimo lugar exibe-se o novo casal de *mordomos*, residentes no Canadá. A fechar o cortejo, as bandas filarmônicas da vila tocam trechos musicais, sendo uma delas associada tradicionalmente à festa da *Bandeira da Beneficência* e a outra à festa da *Bandeira da Caridade*.

Os homens e algumas das mulheres da *Bandeira da Beneficência* e da *Caridade* presentes no cortejo, para além do uso de um crachá como elemento da *Irmandade*, também usam um alfinete com o formato de uma bandeira representando o afeto que têm à *Bandeira* (Anexo fotográfico: Figs. 93 - 104).

No trajeto até à igreja *tudo cheira a festa*. No chão, a *crica* exala o perfume da criptoméria e, de ambos os lados, as ruas apresentam-se engalanadas com pequenas criptomérias. No adro da igreja foram colocadas três criptomérias que ladeiam um corredor de entrada à porta principal. Nas paredes que ladeiam a porta estão dois painéis vermelhos com a representação da *Bandeira*. No lado esquerdo, do adro está exposto um carro de bois com a característica *chavelha* ornamentada. O interior da igreja também foi

decorado para a festa. Entre as colunas que ladeiam a nave central vêm-se faixas vermelhas formando ondas, os arranjos florais estão por todo o lado assim como os painéis vermelhos, representando o *símbolo* do *Espírito Santo*.

Ao chegar à igreja, o cortejo é recebido com *roqueiras* atiradas ininterruptamente. O coro da igreja recebe o cortejo entoando o Hino do Espírito Santo. As pessoas que acompanham o cortejo acomodam-se, e durante a cerimónia, a *mordoma* senta-se no primeiro banco do lado esquerdo da nave principal bem como toda a sua comitiva. Do lado direito, também no primeiro banco sentam-se os novos *mordomos* seguidos da sua família e amigos.

Entretanto, o *mordomo* coloca a *Bandeira* junto ao altar-mor. A seguir sustém nas duas mãos o crucifixo ladeado por dois *irmãos* da *Irmandade* que levam as lanternas. De costas para o altar principal, estes três elementos esperam o início da cerimónia religiosa. O coro inicia cânticos religiosos e o pároco purifica o espaço, incensando o altar onde irá celebrar a Eucaristia, e a zona onde se encontra a *Bandeira*. Concluído este ritual, os três padres presentes esperam um pequeno cortejo encabeçado pelo *mordomo* que percorre o templo em direção ao altar onde é depositado o crucifixo e as duas lanternas. Também desse pequeno cortejo fazem parte antigos *mordomos* que se sentam nos cadeirões que ladeiam o altar. A Eucaristia concelebrada pelos três sacerdotes (um local e dois convidados), processa-se de forma muito digna acompanhada pelo coro, composto de senhoras envergando cachecol vermelho e por homens de gravata vermelha. As leituras evangélicas são da responsabilidade do *mordomo* e da *mordoma*.

No momento do ofertório, é organizado um pequeno cortejo de oferendas composto pelos *mordomos*, filhos e familiares que transportam as esmolas, as velas enfeitadas para colocar no altar, as duas lanternas, um prato com *massa sovada*, o *vinho*, o *bolo leve* e os *suspiros*, um prato contendo *pão* e *espigas de trigo*, uma taça de *produtos hortícolas*, uma taça de *fruta variada*, o *cálice*, as galhetas da *água* e do *vinho*, o cibório contendo as hóstias, a consagrar durante a eucaristia, e por fim os turíbulos de onde emana o incenso. À exceção do cálice, das galhetas e do cibório colocados no altar, onde se celebra a missa, as restantes ofertas foram colocadas junto ao altar-mor, próximo da *Bandeira*. Enquanto o coro entoa cânticos, os padres incensam, de novo, o altar onde vão celebrar a missa. A cerimónia eucarística prossegue e por ocasião da comunhão são os *mordomos* os primeiros a comungar seguidos dos *mordomos novos*. Antes de terminar a

cerimónia, o sacerdote agradece aos *mordomos* e a todas as pessoas o empenho na realização das Festas (Anexo fotográfico: Figs. 105 – 109 e 154, 155).

No final da celebração, a cerimónia religiosa prossegue com a bênção da *Bandeira*, ao som do canto do Hino em louvor ao *Divino Espírito Santo* e junto ao altar, o casal de *mordomos* cessantes rodeia-se da família, da *Comissão de Festas* e amigos para uma sessão de fotografias a fim de mais tarde, recordar e matar saudade do dia em que tiveram em sua casa o *Senhor Espírito Santo* (Anexo fotográfico: Fig. 156). Concluída a sessão, mesmo na igreja, reorganiza-se o cortejo que, à saída, é esperado e brindado com o arremesso de flores pela população que assistiu à cerimónia, a banda filarmónica toca o *Hino do Divino Espírito Santo*, *roqueiras* e *bombões* rebentam assinalando o fim da cerimónia. O cortejo encaminha-se para casa do *mordomo novo* que, a partir deste momento, ocupa um lugar diferente no desfile, ao lado da *mordoma velha* e do pároco. Ao longe, o cortejo vislumbra a casa do *mordomo novo* assinalada pelas pequenas criptomérias, cortadas para o efeito, que ladeiam a rua, ornamentando-a para a chegada do *Espírito Santo*, e em cuja porta se vê o tradicional arco de ramos de criptoméria encimado por um grande arranjo de flores.

Chegado a casa dos *mordomos novos*, ouve-se novamente o *Hino ao Espírito Santo*. Os *mordomos velhos* despedem-se da *Bandeira*, beijando a pomba, fazendo-se assim transladação da *insígnia* para o novo quarto que foi decorado para a receber. A janela foi aberta para que todos possam apreciar o novo espaço onde o *Espírito Santo* permanecerá durante um ano. Principia, assim, uma nova mordomia. O padre assinala este momento com uma prédica enaltecendo o papel dos antigos *mordomos*, na que *sabiam bem o desafio que tinham pela frente ao acolher a Bandeira na sua própria casa, porque sempre estão inseridos nos trabalhos e sacrifícios que são inevitáveis para que tudo que precisa ser feito, seja pelo melhor possível. (...) Depois de muito esforço, dedicação, de tantos cansaços acumulados, de muitas preocupações, de poucas horas de descanso, mas tudo isto carregado de muito zelo, alegria e paixão por tudo isto que foi feito em vista destas festas, o sentimento que prevalece acima de todo cansaço é o da GRATIDÃO! Gratidão pela missão cumprida, deixando mais um registo destas Festas na história desta Vila e no coração do seu povo!*¹⁸¹ A pregação continuou exaltando a força e o poder do *Paráclito* de que todos os homens necessitam na sua vida, e desse

¹⁸¹ José Cláudio. 2019. *Sermão de mudança de Bandeira da Beneficência*. 9 de junho.

modo envolvendo os novos mordomos e filhos que têm como herança um historial familiar de devoção ao *Divino Espírito Santo*. Quando perguntei ao mordomo se tinha alguma motivação específica ele respondeu de imediato: “É um sonho!” E a esposa completa: “Um sonho, gosto e fé!” Desde quando?, pergunto: “Desde criança!” Quando chegava por estas épocas o mordomo ia a Internet ver as fotos e sempre dizia à sua esposa: “Um dia vamos fazer aquelas Festas!” A esposa pensava que era coisa só de momento quando via as fotos, mas há 3 anos atrás o esposo lhe diz: “Idalina: é para dar o nome!” “Eu nunca estive brincando, eu realmente tenho aquela fé!! E cá estamos! Chegou o dia! A partir de hoje aqui se encontra a sagrada Bandeira do Divino Espírito Santo das Festas da Beneficência! Para os mordomos e sua família, as Festas já começaram meses atrás nos mínimos detalhes que foram sendo projetados. A mordoma me dizia dias atrás que já experimentava um progresso no sentido de ser ainda melhor diante de um propósito que tinha feito. E isto é muito significativo, pois a verdadeira devoção tende para uma transformação do coração!

No quarto que poderão contemplar, vê-se vários caminhos, para dizer que por muitos caminhos e de diferentes formas, o Espírito Santo vai conduzindo nossa vida, na diversidade dos dons e nos vários acontecimentos da vida! Nos dois caminhos mais altos que se encontram, forma-se um triângulo, que recorda o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mistério de comunhão de amor divino, no qual somos convidados a participar!

Desejamos que a realização deste sonho possa produzir muitos frutos de vida cristã no Espírito, na vida dos mordomos, de seus filhos, de seus familiares, de todos que já estão a se empenhar e dos que ainda se empenharão!¹⁸² O sacerdote termina o sermão com um bem-haja a todos aos presentes e dando vivas ao *Espírito Santo*, às festas e *Irmandades*, aos novos mordomos e à vila de Rabo de Peixe! (Anexo fotográfico: Figs. 110-117 e 157-159).

À porta de casa, os *mordomos novos* recebem as felicitações dos visitantes que se acercam curiosos para visitar a decoração do *novo quarto do Senhor Espírito Santo*, convidando todos os presentes a participar no bufete disposto para o efeito, que continuará aberto o resto do dia. Ali também começam a chegar as *Despensas dos Homens do Mar* (no domingo de *Pentecostes*) ou *da Terra* (no domingo da *Trindade*), que para além de tocarem e cantarem ao *Divino* em frente ao *quarto* também são convidados a entrar para

¹⁸² Idem, *ibidem*.

se refrescarem com uma *cervejinha*. O local onde se situa o bufete é de alegre confraternização e partilha desinteressada. Dentro de casa ouvem-se os acordeões e as castanholas a tocar, a agitação que envolve os presentes é de muita alegria e prazer (Anexo fotográfico: Figs. 118-125 e 160).

Em casa do *mordomo novo* a *Bandeira do Divino Espírito Santo* fica exposta até ao dia 29 de junho, dia de São Pedro (2019). Depois, desta festa, o quarto é desfeito e a *Bandeira* era dobrada e arrumada numa redoma onde permanecia em lugar de destaque. No ano de 2012, enquanto *mordomo*, Artur Oliveira concebeu um oratório em madeira onde, desde então, a *Bandeira* fica guardada.

As festas propriamente ditas decorrem até segunda-feira de Pentecostes, naquele que é o dia de encerramento das festas para o *mordomo velho*, conhecido como dia do desmancho.

4.1.3.1. As *pensões*: preparação e distribuição

A preparação e a distribuição de alimentos cerimoniais (*pensões*) têm uma importância central nas *Festas das Bandeiras*.

Na *Irmandade da Beneficência*, todos os anos são abatidos à volta de 35 gueixos ou novilhos, apenas machos, que, conforme o seu porte, equivalem a uma quantidade de carne limpa entre 10 000 a 12 000 kg. Nesta *Irmandade* existem três regimes de *pensões*, as *pensões dos criadores de gado*, que não são pagas, pois estes contribuíram com os seus serviços na criação dos animais. Neste regime distinguem-se três categorias que se assemelham nas ofertas: os *criadores* que oferecem o novilho, os *criadores* que só criam o novilho e um *irmão* que colabora com uma dádiva equivalente ao valor de um novilho. Para estes *criadores* a *pensão* é composta de 9 kg. de carne limpa mais o *convite*. Este é constituído por *carne* de segunda, um bocado de cada órgão do animal e a língua por inteiro. Também recebem 4 bolos de *massa sovada*, 4 *suspiros*, cujo diâmetro ronda os 15 cm, 5 litros de *vinho*, 4 *pães* e um *bolo de ló*, em substituição do tradicional *pão leve*. No cortejo dos carros de bois, o empenho dos seus donos é recompensado com a doação de uma *pensão* semelhante à dos *criadores do gado*.

A *pensão* distribuída ao *irmão benemérito* é constituída por 6 kg. de *carne* limpa mais o *convite*, que consiste em *carne* de segunda, 4 bolos de *massa sovada*, 4 *suspiros*, cujo diâmetro ronda os 15 cm, 5 litros de *vinho*, 4 *pães* e um *bolo de ló*. Ser *irmão da festa* equivale a receber uma *pensão* composta de 3 kg. de *carne* limpa mais uma esmola, sendo esta de 1 kg de *carne* de segunda, 2 *pães*, 1 bolo de *massa sovada* e 1 litro de *vinho* tinto. Se algum destes *irmãos* faz uma oferta, junta-se mais 1 bolo de *massa sovada* e *bolo de ló*. Nas *pensões* dos beneméritos, os irmãos pagam uma quantia maior do que estes que entregam simbolicamente trinta euros.

As ofertas dos *benfeitores* aos *mordomos* são consideradas *dádivas ao Espírito Santo*. Estas são feitas em dinheiro, em tecidos para roupa, em bezeros ou novilhos, em grande quantidade de fruta incluída nos cabazes de Natal, ou traduzem-se na cedência dos carros de bois para os cortejos. Outros contribuem para as festas, doando o seu tempo e trabalho, por vezes tirando uma semana de férias para o efeito, ou fazendo doações mais pequenas, como flores ou azeite para alumiar *Divino*. Nas *pensões* dos beneméritos, os *irmãos* pagam mais do que aqueles, que entregam uma quantia simbólica de trinta euros.

Na *Irmandade da Caridade* são normalmente abatidas entre 22 e 27 *cabeças de novilhos*, que equivalem aproximadamente a 10 toneladas de carne. Por vezes, um emigrante dos EUA ou do Canadá vem a Rabo de Peixe trazer doações, em dinheiro, feitas por outros emigrantes ou por ele próprio, que são entregues sob forma de *pensões*, às pessoas por ele indicadas. Esta situação coloca, por vezes, o *mordomo* em dificuldades logísticas para dispor de mais carne. No entanto, o *mordomo* predispõe-se providenciar sempre de modo a obter a carne necessária.

À semelhança da *Irmandade da Beneficência*, existem diferentes modalidades de *pensões*. Uma, dedicada aos *benfeitores*, inclui os *criadores de gado* e aqueles que oferecem gado. Estes recebem uma *pensão* de 6 quilos de *carne* limpa, 3 bolos de *massa sovada*, 1 *bolo leve*, *suspiros*, 5 litros de *vinho*, o *convite* ou *esmola*. Esta é composta por aparas das carnes, que restam depois da carne limpa. A outra modalidade de *pensão* tem um preço simbólico de trinta euros e é constituída por 3 quilos de *carne* limpa, 1 bolo de *massa sovada*, 1 litro de *vinho*, 1 *pão* e uma *esmola*, que consta de 1 quilo de *carne* de segunda. Esta esmola era anteriormente dada pelo *mordomo*. Hoje, esta decisão é da responsabilidade do *irmão da pensão*, que entrega a quem considera ser carenciado.

Nesta época, em muitas casas espera-se pela *carne da pensão*. No próprio dia ou no seguinte, o almoço ou o jantar vai ser confeccionado com aquela *carne que não é uma carne como as outras*. *Eu sou irmão das festas, tanto faz de uma ou da outra, eu sempre fui irmão das Bandeiras e nunca vi carne igual. Durante o ano eu vou buscar a carne a um dos melhores talhos de São Miguel, mas nunca chega à carne que vem na pensão. Não existe diferença entre uma e outra, ela está na nossa cisma. É o Espírito Santo é que está trabalhando aqui [apontando para a cabeça]. Não há palavras para se explicar. A minha mulher às vezes diz: “Olha, eu nunca como carne que cheire como esta, a do Espírito Santo”. E eu digo “oh, mulher, isso é tudo igual”, eu digo isso muitas vezes. E ela diz-me “Não, estás enganado, estás enganado, tu não estás cozinhando, eu é que estou cozinhando, eu é que sei.” Pronto, é a fé dela. É a fé que nos salva e eu acredito muito no Espírito Santo*¹⁸³.

Além destas *pensões*, existem dádivas envolvidas nos regimes de pensões, que são entregues a pessoas carenciadas. Se, por exemplo, houver, na totalidade 600 *pensões* para irmãos, são cedidas pelo menos, 300 *esmolas*, constituídas por sensivelmente 1 kg de carne de segunda.

Os *carreiros* são os homens que tradicionalmente tinham como função decorar os tradicionais carros de bois para distribuição das pensões, e são *respeitados* com uma *pensão* gratuita, equivalente àquela que é entregue aos *criadores de gado*. Atualmente, existem poucos homens dedicados a esta atividade; e os que existem são muito solicitados fora da freguesia, o que promove o encarecimento do seu trabalho e a recusa do *valor da pensão* que lhe é oferecida pelo *mordomo* (Anexo fotográfico: Figs.170-177; Anexo documental: Doc. 11).

4.1.3.2. O Cortejo Etnográfico

Até aos anos de 2008 e 2009 durante o dia de sábado das festas espiritanas realizavam-se dois cortejos. Um, pelo meio-dia, era o *cortejo do pão*: reunia-se todo o pão, que ao chegar a casa do mordomo ou à igreja era abençoado pelo pároco. O cortejo

¹⁸³ António Luís Amaral (1952-)

era organizado pelo mordomo que convidava rapazes e raparigas da freguesia para levarem o pão que era colocado em açafates cobertos por uma bonita toalha bordada ou de renda. Ao chegar à igreja, eram esperados pelo mordomo, família e amigos. Ainda hoje, se faz a cerimónia da bênção do pão. Nela, o mordomo ainda é portador do crucifixo e fica ladeado de rapazes que empunham lanternas. O segundo cortejo realizava-se pela tarde de sábado, nos tradicionais carros de bois, devidamente enfeitados para a entrega das pensões, onde o pão era distribuído conjuntamente com a *carne*, o *vinho* e a *massa sovada*. A mudança relaciona-se com os novos tempos e inadequadas condições sanitárias no transporte dos alimentos.

Em 2017, a *Comissão de Festas da Bandeira da Beneficência* juntamente com o *mordomo* decidiu juntar num só desfile o Cortejo do Pão e o Cortejo das Pensões e, em 2019 decisão idêntica foi tomada pela *Comissão das Festas da Bandeira da Caridade*.

Enquanto o *Cortejo da Bandeira da Beneficência* é organizado e termina junto da *Casa do Espírito Santo da Beneficência*, o da *Bandeira da Caridade* tem o seu início e o seu fim junto da praça da vila, como era tradicional nas duas Bandeiras. Nos referidos locais concentram-se os participantes bem como os carros de bois enfeitados (Mapas 4 e 5).

Até inícios da década de setenta, do século XX, o carro de bois era o principal veículo nas ilhas açorianas para acarretar os bens que a terra produzia. Era também utilizado no transporte de pessoas em dias de romaria, em mudanças dos proprietários ou daqueles que os fretavam ou pediam emprestado. Para amparar as cargas colocava-se fueiros ou *seves* de vimes encruzados no leito do carro. O pesado carro de madeira era puxado por um ou mais bois de grande porte atrelados a uma canga e conduzidos por um homem (*carreiro*) a pé, sentado no *varal* (cabeçalho), com o auxílio de uma aguilhada (*aguilhão*). Os animais que puxavam o carro também eram usados para lavrar a terra, puxando o arado e também gradar com o auxílio da grade ou debulhar o cereal, puxando o trigo¹⁸⁴.

Atualmente, a utilização do carro de bois nos *cortejos etnográficos* do *Espírito Santo* de Rabo de Peixe mantém a tradição do seu uso, mas agora ritual. De acordo com Rui Tavares, importa realçar que, para manter a tradição secular, os carreiros fazem um grande esforço económico para comprar ou manter a junta de bois ao longo do ano, apenas

¹⁸⁴ Sobre o carro de bois de São Miguel ver Oliveira, Pereira e Galhano, 1987: 45-47.

para o desfile etnográfico, realizado no sábado de *Pentecostes* e da *Trindade*. Nestes dias, carros e animais são devidamente enfeitados para desfilar nos cortejos. Até 1991, João Afonso Faria, para além de usar os materiais tradicionais na decoração da chavelha também não descuidava os seus animais: *escovava os bois, areava os chifres com palha de aço seca e limpava as rabiças à navalha e pintava de preto as unhas dos animais, a condizer com os apetrechos do carro*¹⁸⁵.

Guardada durante o ano, a *chavelha* ou “estrela” é recuperada pelos carreiros, primorosamente enfeitada e colocada nos característicos carros. A chavelha rabo-peixense identifica-se pela simetria dos motivos geométricos: a *coroa*, a *cruz*, os *quatro caracóis*, os *quatro corações*, os *dois vasos*, os *dois arcos*, as *duas palmas* (que podem ter, ou não, *bicos* ou *dedos*) e pelas *ruas* que rodeiam as *oito travessas* ou *travessões*. Segundo Rui Tavares, a *chavelha* é um símbolo social utilizado durante o ciclo das festas espíritanas em Rabo de Peixe (Anexo fotográfico: Figs. 126-130). Este autor refere que na sua preparação intervêm vários elementos, assinalando que desde o mordomo, a família do carreiro, os amigos e a comunidade em geral contribuem com verduras e flores. Esta típica *chavelha* que ornamenta os carros de bois possui características no seu formato que lembram uma bandeira fechada em triângulo, uma lágrima estilizada ou as línguas de fogo que desceram sobre os apóstolos, pelo *Pentecostes*¹⁸⁶.

Pelas festas espíritanas, toda a família do carreiro ajuda na decoração, tanto do carro como da *chavelha*, num sistema de produção familiar, alargado sobretudo às mulheres que, com diferentes graus de parentesco, desempenham um papel fulcral na sua ornamentação (Anexo fotográfico: Figs. 131-135). Por sua vez, colocada a *chavelha* em cima de uma mesa, a mãe ensinava às filhas, noras e sobrinhas como a decorar, quais os papéis a serem utilizados na sua ornamentação, as suas etapas, o corte das fitas para realizar os bicos e as arcadas, como utilizar a cana que servia de molde para os fazer sempre com o mesmo tamanho, o preenchimento da *estrela* a partir do meio, a colocação dos bicos primeiro e depois as arcadas, quais as flores naturais a serem usadas entre os bicos e as arcadas, como cortar o caule da flor bem rente para poder aderir à cola e como confeccionar esta cola feita de água e farinha de trigo.

¹⁸⁵ João Faria (1975-), da família “Nateiro”, referiu que o pai João Afonso Faria, tinha dois carros e uma junta de bois e, habitualmente, pelas festas, alugava mais uma junta, para sair nos cortejos.

¹⁸⁶ Ferreira, 2014: 100.

Os artistas que ornamentam a *chavelha* são, sobretudo mulheres da própria família a quem pertence o carro. Elas são as *artistas de chavelhas*, que utilizam como instrumentos de trabalho, tesouras, lâminas, facas e uma superfície onde possam fazer os cortes necessários¹⁸⁷.

Atualmente, João Faria, dono de centenário carro de bois, prima por executar a ornamentação da *chavelha* de modo tradicional. O seu fundo é preenchido em papel (fino, seda ou vegetal “manteiga”) de cor branca e amarela. Todos os elementos são torneados com bicos, dispostos lado a lado, para dentro e para fora e no meio deles arcadas ou caracóis, que devem ter entre si igual simetria. No meio dos bicos são colocados os goivos brancos, roxo ou rosa, cores mais comuns na ilha. Os corações são preenchidos com flores denominadas por *capitães* (gerânios), dobrados de cor vermelho forte, também conhecidos por *malvões*. Na década de cinquenta, Fernanda Correia decorava os *vasos da chavelha* com giestas. A sua escassez levou ao uso de *vergonhosas* ou *maria vergonhosas*, de cor rosa fúchsia. A escolha destas flores deve-se à sua estrutura miúda capaz de cobrir todos os espaços de modo a encobrir a cola artesanal, referida por Fernanda Correia, (1937-) e filha, Maria Esperança Faria (1961-)¹⁸⁸. A par deste tradicional modo de adornar a *chavelha*, nos nossos dias, assiste-se a formas inovadoras de a enfeitar com o recurso a novos materiais. Os desenhos continuam a ser guarnecidos com bicos e pequenas arcadas feitas em papel, coladas em direção à cruz. Espaços e desenhos são preenchidos com papel de prata metalizado, de um ou de ambos os lados, e, ou com flores naturais ou artificiais (feitas de papel), quando faltam de flores naturais, sobretudo goivos. Surgiram também novos elementos utilizados na decoração como desenhos, fotografias ou mesmo pombas artificiais, que decoram o centro da *chavelha*.

Presentemente, em vez de se usarem flores, recorre-se a bicos feitos de papel metalizado, o que para algumas pessoas torna a decoração mais vistosa (Anexo fotográfico: Figs. 136-139). Esta lida era executada na sexta-feira à noite e todos participavam pois está no sangue da família, é uma arte tradicional de família. Segundo uma filha de José Horácio, já falecido, na década de setenta do século XX, para distribuir as pensões saíam cinco carros de bois enfeitados. À frente ia o homem encarregado do rol, aquele que tinha a seu cargo saber a quem entregar as pensões, seguido dos carros

¹⁸⁷ Tavares, 2003: 7-8.

¹⁸⁸ A receita da cola / papa faz-se colocando dois litros de água ao lume. Numa tigela ou “pana” põe-se 1 kg de farinha à qual se misturou um pouco de água fria. Depois de desfeita junta-se à água a ferver com 2,5 dl de vinagre para não fazer grumos e mexe-se. A papa está pronta quando faz ponto de estrada, isto é, quando se consegue, raspando com a colher, ver o fundo do tacho.

que, um a um, carregavam a massa sovada, a carne, o pão, o vinho e a alegre rapaziada, que fazia do dia uma grande festa.

Para a decoração da *seve*, usavam-se lençóis brancos que foram sendo substituídos pelo uso da *crica*, nas décadas de sessenta e setenta. A *crica* era preparada pelos rapazes que desfiavam os galhos e picavam a criptoméria. A sua aplicação na *seve* obedece a uma técnica de colocação. Esta inicia-se na zona inferior, amarrando-se a *crica* até ao meio da sebe e depois do cimo para o meio. De cima amarram-se as pontas que se vão escondendo na verdura, colocada na parte de baixo. Depois de aparadas todas as pontas a *seve* fica concluída. Nos tempos atuais, já se vêem *seves* também decoradas com cetim e com outros ornamentos, como pequenas réplicas da bandeira do *Espírito Santo*.

Para o carro entoar o seu *canto*, isto é, para que chie pelas ruas da vila, é necessário sebo, gordura de vaca seca e colocada debaixo do eixo do carro. Este produto vai se tornando raro. No final do dia do cortejo, em casa de João Faria, é habitual realizar-se um jantar com todos aqueles que participaram, na decoração do carro para o cortejo. Este jantar é composto por carne guisada ou *picada* confeccionada com a *carne* da *pensão* que foi ofertada ao *carreiro* pelo *mordomo*, gratificando o brilhantismo e o prestígio emprestado às festas. Presentemente as *seves* carregam ranchos de crianças, animadas e divertidas que são transportados pela freguesia num passeio cheio de cor e alegria .

De acordo com Gabriela Amaral, as pessoas que assistem ao desfile e apreciam a arte de enfeitar as *chavelhas* reparam em todos os pormenores da decoração do carro e das juntas de bois. Por vezes, tiram fotografias e comparam, entre si, o modo como aqueles carros estavam decorados, ou através das inovações que surgem ou pelo modo tradicional com que foram executados (Mapa 6).

Presentemente existe uma geração de *carreiros*, que, paralelamente à participação na festa de Rabo de Peixe, representam outras localidades da ilha de São Miguel durante a época de festas espiritanas. Para além desta geração atual de *carreiros*, detetamos outros, já falecidos ou impossibilitados de o serem, pela idade ou falta de meios para executarem o trabalho, destacando-se os seguintes casos: José Horácio Costa (falecido), Fernando Furtado, José Francisco Maiato, que chegou a representar o Livramento, Capelas e Farropo e que herdou a tradição do avô materno Francisco Maiato, João Jacinto Faria e seu filho João Afonso Faria (falecidos), João Afonso António Vieira (falecido) e que também seguiu a tradição do sogro Filipe Maria Tavares, António Labão (falecido), os

irmãos Luís Leonel e José Leonel (falecidos), António Tavares Grilo (falecido) e Joaquim Lisboa. Tornou-se evidente nos contatos com estas famílias que, de alguma forma, os seus antepassados exerciam atividades agrícolas e de *carreiro* mas também efetuavam fretes na freguesia e arredores. A antiga necessidade de distribuição das pensões pela freguesia levou à tradição de envolver os *carreiros* locais naquela tarefa, oferecendo-lhes uma *pensão* gratuita em honra do *Divino Espírito Santo*.

No desfile etnográfico, primeiramente apresenta-se o tradicional *cortejo de bênção do pão*. Lado a lado, rapaz e rapariga envergam roupas a condizer, indumentárias que são da responsabilidade do mordomo, e que têm em comum, visível nas costas da blusa, o nome do mordomo e o ano do seu encargo. À frente do cortejo, duas jovens levam um cartaz anunciando a respetiva Bandeira, seguidas de duas crianças que levam um tabuleiro vermelho, com as siglas da festa (F.B ou F.C.) cada uma segurando-o de um dos lados. No tabuleiro colocam dois panos, um branco e um vermelho, com as pontas caídas para fora. Simbolicamente, dentro dele, um saco de plástico amarrado contém dois pães. Sim, amarrados, *porque com o pão não se brinca!* Seguem-se diversas filas de rapazes e raparigas, cada par empunhando um tabuleiro (Anexo fotográfico: Figs. 140, 141 e 161 162). Os rapazes vestem calças de ganga azuis e as raparigas saias vermelhas, de cuja bainha sai uma renda de cinco centímetros, e *t-shirt* branca tal como os rapazes. Os jovens, da fila dos mais pequenos à fila dos mais crescidos, demonstravam uma invulgar alegria e satisfação, nos sorrisos de felicidade que exibiam. Este grupo enorme era secundado por outro composto pelos mordomos, pela comissão de festas, por familiares e amigos que encerravam o cortejo do pão, vestindo os homens e mulheres calças de ganga azul e *t-shirts* brancas todas elas assinaladas com o nome da Bandeira que festejavam. Este grupo animado entoava trechos musicais populares acompanhado pelo toque dos instrumentos de alguns elementos da Banda Lira do Norte incorporados desfile. Seguem-se os carros. Primeiro, uma miniatura do tradicional carro de bois puxada por duas cabrinhas, exibindo a decorada *chavelha*, e logo a seguir os grandes carros puxados por bois de grande porte, comandados pelo aguilhão do lavrador (Anexo fotográfico: Figs. 142-147 e 163-169). Os que assistem impressionam-se com o porte e pujança dos animais, enquanto os receiam. Neste desfile, que junta dois cortejos, vêm-se aqui e acolá, homens da *Irmandade* que ajudam a orientar o cortejo pelas ruas da vila.

Durante o Cortejo Etnográfico existem algumas ruas por onde não passam os tradicionais carros de bois. Isto acontece porque são antigas, estreitas e inclinadas,

podendo colocar em perigo as pessoas devido à força dos animais. Os carros esperam, então, em determinadas ruas pelo retorno do cortejo e voltam a incorporar-se nele quando as ruas não apresentam perigo.

4.2. Os Impérios das Coroas do *Espírito Santo*

Em Rabo de Peixe, para além da *Bandeira*, a *Coroa* é outra insígnia do *Divino Espírito Santo* que identifica ciclos celebrativos espiritanos onde a *Coroação* de uma criança ou de um adulto assume grande importância. Como vimos esta prática remonta às primeiras festas do *Espírito Santo* realizadas pela rainha D. Isabel e pelo rei D. Dinis, em Alenquer, nas quais um homem pobre e humilde foi coroado com o símbolo real. Os fidalgos pediram para realizar idêntica cerimónia ao rei e este permitiu-lhes *poderem ter uma corôa, á similhaça da corôa real portugueza d'aquella época, naqual se engastasse um medalhão de forma olipsoide, em que estivesse desenhado o grupo da trindade Santíssima, para assim poder receber a bênção da Egreja*¹⁸⁹. *Só assim a coroa podia receber bênção religiosa e se passaria a chamar: Coroa Real do Divino Espírito Santo*¹⁹⁰. Por sua vez, a fundação *do culto pela rainha permitiu a soberana oferecer uma coroa para o Império do Espírito Santo em Alenquer*¹⁹¹. Segundo alguns autores, as primeiras coroas eram constituídas por quatro hastes simbolizando os quatro evangelhos dispostas sobre o diadema¹⁹². Atualmente, a *Coroa* é constituída por seis hastes. No cimo tem um pequeno globo de ouro, e sobre ele uma pomba de asas abertas. A *Coroa* repousa numa taça de pé alto. Entre as suas hastes assenta o *Cetro*, vara em cuja extremidade se encontra uma pomba também de asas abertas. Todo o conjunto é de prata ornamentada motivos geométricos e florais estilizados. Em Rabo de Peixe é usual a colocação de uma *roseta*, executada com fita de cetim branca ou vermelha, numa das hastes da coroa, símbolo do amor que une o homem ao *Espírito Santo*. Este laço pode testemunhar o pagamento de uma promessa ou um pedido de alguém que está doente. Por vezes, pode-se ver numa *Coroa* pequenos laços colocados por pessoas que devotamente pedem *intenções* ao Paráclito.

¹⁸⁹ “A origem das festas do Espírito Santo”. Jornal *A Estrella Oriental* de 27 de Maio de 1916.

¹⁹⁰ Mendes, 1903: 358.

¹⁹¹ Enes, 1997: 355.

¹⁹² Gaspar, 2005: 44; Lemos, 2007:46.

Na vila de Rabo de Peixe a expressão *Coroa do Espírito Santo* significa o mesmo que *Império do Espírito Santo*. No entanto, o termo *Coroa* designa também as cerimónias da *Coroação* que se realizam na igreja. Por sua vez, o termo *Império* não só designa o *teatro* onde se colocam as *insígnias*, mas também o conjunto dos dois cortejos e outras celebrações do último dia das festas (dia do *Império*): O cortejo do *mordomo velho* levando as *insígnias* do Espírito Santo (*Coroa e Bandeira*) para o *teatro* de madeira, onde ficam expostas até à meia-noite e o cortejo do *mordomo novo* que vai buscar as referidas *insígnias*, levando-as para sua casa.

Os Impérios rabo-peixenses diferenciam-se dos demais realizados na ilha de São Miguel, não pelos símbolos que evocam o *Divino*, mas pelo sistema que difere dos seus congêneres. Contrariamente ao sistema de *domingas* que existe na ilha, e que funciona por sorteio, na vila de Rabo de Peixe os *mordomos* dos *Impérios do Espírito Santo* disponibilizam-se para a realização de um *Império*, mediante a proposta de uma determinada data, consoante as suas disponibilidades financeiras. Normalmente, a decisão de aceitar ser *mordomo* é uma tradição familiar que, mais cedo ou mais tarde, terá de ser tomada. Por devoção e fé, voto e agradecimento, a honra de ter em casa o *Divino Espírito Santo* ao longo de um ano revela-se uma satisfação enorme para os mordomos.

No século XIX, segundo José Faria havia o Império das Festas e o Império da Trindade. O primeiro efetuava-se no domingo de Pentecostes e o segundo no domingo da Trindade. Quando estes Impérios terminaram, as Coroas recolheram à Igreja e foram guardadas debaixo da Capela do Santíssimo. Também até à década de quarenta existiu o Império do Canto do José Bento, onde hoje fica localizada a empresa de Mariano Gouveia.

Na vila de Rabo de Peixe existem seis *Coroas*, associadas a determinadas áreas geográficas da localidade. Nos finais da década de setenta o *Império* abrangia somente os habitantes de uma rua ou de um bairro que manifestavam uma certa rivalidade, expressão do orgulho que tinham no *seu Império*. A instauração da autonomia, melhores condições de vida e a vontade de continuar a festejar os *Impérios* permitiram a gradual expansão das festas para outras ruas da freguesia. Apesar disso, *Império* e respetivo arraial seguem a tradição (dia do *Império*), na medida em que esta cerimónia efetua-se na zona antiga, local onde também se realizam os arraiais. Cada *Império* possui a sua própria *Coroa e a sua Bandeira* que se conservam em casa do *mordomo* por um ano, após o qual transitam para outro *mordomo*.

As seis Coroas e os dias em que efetuam as coroações possuem uma ordem de concretização para a sua realização. No segundo domingo após a Páscoa sucedem-se duas coroações: por volta do meio-dia a *Coroação de São Sebastião*, e à tarde a *da Caridade (Trindade)*. No domingo seguinte, da manhã é a vez da *Coroação dos Inocentes* seguida, durante a tarde, da *Coroação do Rosário*. Após o domingo dedicado às Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, de quem os rabo-peixenses são muito devotos, realiza-se a *Coroação de São João* e no domingo seguinte a *Coroação de São Pedro*.

Terminada as cerimónias da *Coroação*, no domingo seguinte inicia-se a última fase do cerimonial de cada uma das *Coroas*: O primeiro é o *Império de São Sebastião*, seguido do *Império da Caridade*, o terceiro é o *do Rosário*, o quarto o *de São João*, o quinto o *de São Pedro* e o sexto o *dos Inocentes*. Nos últimos dois anos, este último império, que era realizado no dia de Corpo de Deus, é efetuado quinze dias depois do *Império de São Pedro*. A justificação para que isso aconteça tem a ver com a observância das celebrações religiosas ligadas às comunhões, que afastava as pessoas da participação das festividades espíritanas, por se encontrarem em confraternização com familiares e amigos em festas privadas.

Os *Impérios da Caridade*, do *Rosário* e de *São Pedro* possuem *Comissões de Festas*, constituídas entre quinze a vinte pessoas, e são dirigidas por um presidente, vice-presidente e vogais. Estas comissões apoiam os *mordomos* no funcionamento de cada império com marcação de datas, atividades e registos de inscrições para futuros *mordomos*. Em ano que não há *mordomo* para *pegar num dos Impérios*, auscultam-se familiares, amigos e conhecidos para que não se deixe de fazer a festa em honra ao *Divino Espírito Santo*. De acordo com o calendário religioso, os *Impérios* realizam-se anualmente segundo a indicação das datas tradicionais e as zonas estipuladas para a sua concretização. Nestes *Impérios* não existem *Irmandades*, nem se distribuem *pensões*.

A seguir, apresentamos a ordem sequencial da realização dos impérios. O *Império de São Sebastião* assim como o *Império dos Inocentes* são dos impérios mais antigos de Rabo de Peixe. Tradicionalmente, o *Império de São Sebastião*, realizava-se na rua do mesmo nome, enquanto as festividades do último dia (*Império* e respetivo arraial) se faziam no Largo de São Sebastião. Presentemente devido à grande afluência de trânsito naquela rua, o *Império* e o arraial passaram a ser realizados na Rua do Forno de Cal. Este *Império* tem lugar na segunda-feira de *Pentecostes*, comumente referenciado pelos rabo-peixenses como o dia da Festa, por ser dedicado, pela Igreja Católica, ao Paráclito. O uso

do termo *Coroação* é pouco usual em Rabo de Peixe, mas neste dia, o povo chama *Coroação* ao cortejo que se realiza no dia de *Pentecostes*.

Até aos nossos dias o *Império da Caridade* e o seu arraial efetuam-se na Rua da Eira¹⁹³. A seguir a este Império, temos o *Império do Rosário*, na zona do final da ladeira da Rua do Rosário, com arraial no canto direito de quem sobe, à entrada para a ermida da Nossa Senhora do Rosário. Neste império não é necessário montar o tradicional teatro, em madeira, devido à cedência de espaço, pertencente a uma casa particular.

O *Império* seguinte é o de São João que se realiza no quarto domingo após o domingo de Páscoa, dia do seu Santo e que se efetua no largo do mesmo nome. Este *Império* também conhecido como o *Império do Charco* é assim chamado, porque naquele lugar havia uma lagoa artificial para retenção de águas fluviais (*charco*)¹⁹⁴ que evitava acumulação de água e risco de inundações para a freguesia. As águas recolhidas na lagoa serviam para bebedouro de animais e, ao mesmo tempo, tornou-se um espaço de festa.

Segundo José Faria, até à primeira década do século XX, este *Império* realizava-se no fim da Rua do Rosário e princípio do lugar da Cruz. A partir desta época o rabo-peixense António Tavares Torres, na altura presidente da Câmara Municipal da Vila da Ribeira Grande, deslocou-o para o lugar do Charco de São João devido a uma conjugação de fatores. A sua localização, as quintas existentes no lugar das Areias e a época do ano em que se realizava o Império estimulavam a vinda de pessoas de outros lugares da ilha, nomeadamente os donos de várias quintas e respetivos familiares. Em 1870, já o *Charco representava um quadro poético onde se reuniam na estação calma, e quando os ardores do sol iam diminuindo d'intensidade, muitas das famílias que n'aquelles arredores possuíam prédio e que para alli vão gosar n'naquela quadra de suavidade a frescura que n'esse sítios se frue*¹⁹⁵.

De acordo com José Faria, este *Império* ficou afamado devido à presença dos veraneantes, e respetivos convidados, que na altura, se encontravam naquele lugar, e cuja presença prestigiava o *Império* do Charco. De acordo com Manuel Estrela *famílias daquela vila e veraneantes proprietários de quintas que para ali se deslocavam estabeleciam relações de cordialidade, especialmente na época do Império de São João,*

¹⁹³ José Luís Faria (1943-) relatou-nos que o nome desta rua deriva do facto naquele lugar ter existido uma eira pública, antes da construção das escolas.

¹⁹⁵ Ferreira. 1870: 70.

no mês de junho. Para esta festa, moradores e veraneantes aprimoravam as suas quintas com a limpeza de veredas e branqueamento das paredes com cal. Neste dia juntavam família e amigos. Para se aproximarem das festas e dos locais mantinham os portões das quintas abertos e as pessoas sentavam-se em capachos ou mantas e convidavam quem passasse a unir-se a elas na refeição, num petisco ou bebida¹⁹⁶.

Durante muitos anos, este *Império* exclusivamente realizado pelos membros da Banda Nova era um *Império forte e afamado*, ou seja, melhor do que os outros, pois havia mais poder económico para o realizar. Nos anos 60, do século passado, houve problemas entre as duas bandas locais, que se refletiram na realização do *Império*. Então, durante uns anos o *Império* realizava-se na igreja paroquial e as festas faziam-se defronte da igreja. No ano de 1967, António Maria Tavares e amigos reposicionaram o *Império* no seu antigo lugar. Nesse tempo, no dia de São João não se trabalhava e, conforme o calendário do ano, às vezes eram dois a três dias de festa. No decorrer das festas, um pescador levava a sua pequena embarcação para o *Charco* e disponibilizava-se a dar voltas de barco, mediante um pagamento simbólico. Durante alguns anos, também era montado um palanquim ou coreto no meio do charco, onde a banda Lyra do Norte alegrava o arraial¹⁹⁷. Inicialmente, os responsáveis por este *Império* escolhiam a Banda Nova para o abrilhantar. No entanto, apesar de, no início, os músicos da filarmónica serem os próprios mordomos para, assim, conservarem a *Coroa* nas suas mãos, atualmente, a Banda associada a esta festa é a Banda Filarmónica Lira do Norte, ou Banda Velha, que tomou para si, o *Império*¹⁹⁸.

No domingo seguinte, realiza-se o *Império de São Pedro* no dia do seu padroeiro, vinte e nove de junho. O dia de São Pedro é uma festa religiosa imóvel e dia de feriado municipal, no concelho da Ribeira Grande. O *Império* e o seu arraial realizavam-se na parte mais larga da Rua da Alegria, conhecida como antiga Cova do Outeiro ou Cova de São Pedro. Para além dos rituais ligados às celebrações do *Império*, este tem a intervenção das *Cavalcadas de Rabo de Peixe* que neste dia se aprumam e saem para festejar o *Divino Espírito Santo*.

Por último, realiza-se o *Império dos Inocentes*, celebrado até 2016 no dia da Festa do Corpo de Deus. Conforme se explicou, atualmente, o *Império* realiza-se quinze dias

¹⁹⁶ Estrela, 2020: 12.

¹⁹⁷ Tavares, 2011: 83-84.

¹⁹⁸ José Luís Faria (1943-)

depois desta festa. O seu nome deriva da inocência das crianças que recebiam, neste dia, a sua primeira comunhão. Este *Império* efetua-se no Largo Frei António Presépio Moniz, principal praça da vila, com império montado no coreto. As pessoas com mais idade, como José Faria recorda-se que também era conhecido como o *Império dos Burros*, ou, ainda, por *Império da Bênção dos Animais*. Os burros, eram muito comuns e importantes nos transportes de mercadorias, não podendo sofrer mazelas e, quando isso acontecia, os seus donos recorriam a promessas que, depois eram cumpridas, por altura deste *Império*. Neste dia, os animais eram levados até próximo do coreto, onde se encontrava a *Coroa do Espírito Santo* e eram abençoados com o *Cetro*. Os seus donos pagavam promessas de cinco, dez ou vinte escudos, que remetiam para o mordomo como forma de o ajudar nas despesas¹⁹⁹. Segundo José Faria, este ato revestia-se de elevado significado económico para a freguesia, pois aqueles animais e os seus *seirões* eram indispensáveis no trabalho dos *ceboleiros* e *vendilhões*²⁰⁰ (Mapa 7).

4.2.1. O ciclo festivo do *Império das Coroas*

Em Rabo de Peixe, as *Festas dos Impérios das Coroas do Espírito Santo* celebram-se durante dois dias, cada um comportando cortejos distintos. Além das dádivas efetuadas durante os dois dias de Festa, alguns *mordomos* podem fazer outras esmolas, consoante a sua vontade e disponibilidade monetária. Em alguns casos, o *mordomo* de um *Império* contata com a direção da escola para promover um almoço para todas as crianças do Primeiro Ciclo. Conforme o espaço de que os *mordomos* dispõem, este almoço pode ser servido de uma só vez, ou por grupos, até totalizar o número de crianças que pretende ofertar. O almoço servido às crianças é composto de *sopas do Espírito Santo*, *massa sovada* e *arroz doce*. As *sopas* e o *arroz doce* geralmente são confeccionadas em casa, mas a *massa sovada* é de fabrico local. As *sopas do Espírito Santo* são cozinhadas de dois modos. Uma delas é preparada de modo tradicional, acrescentando-se rodelas de chouriço. A outra é feita como se de sopa de carne se tratasse, sem pão, pois nem todas as crianças gostam da sopa característica desta época festiva.

¹⁹⁹ Faria, s/d: 19.

²⁰⁰ José Luís Faria (1943-)

Os *Impérios das Coroas de São Sebastião, da Inocência, do Rosário, de S. João, de São Pedro*, escolhem normalmente a Banda Lyra do Norte para acompanhá-los nos seus festejos, talvez por ser a filarmónica mais antiga. O Império da Caridade escolhe a Banda Progresso do Norte (Anexo documental: Doc. 13, 14).

4.2.1.1. Primeiro Cortejo: entrega das insígnias do *Espírito Santo*

O início do ciclo de cada *Império da Coroa do Divino* está associado ao primeiro cortejo, que se realiza à meia-noite, partindo do lugar onde se efetuou o *Império* em direção à casa do novo mordomo. Este cortejo integra os *mordomos novos* depositários da *Coroa* e da *Bandeira do Espírito Santo*, convidados, familiares e amigos (Anexo fotográfico: Figs. 178-181).

Durante o ano, as *insígnias* divinas permanecem na casa do *mordomo*. Segundo uma antiga mordoma do Império da Caridade, a permanência do Espírito Santo em casa é *uma emoção muito grande, sentimos a casa preenchida pela Sua companhia*²⁰¹. Quando terminou a sua função, enquanto *mordoma do Espírito Santo*, *a família sentiu um vazio, alguma coisa estava em falta, a família sentia-se incompleta*. A partida das *insígnias* para outra família deixa nas crianças a nostalgia dos rituais. Os filhos dos *mordomos novos* são motivados pelos pais a adorar e a rezar ao *Divino Espírito Santo* e a despedirem-se *Deste* antes de se deitarem. A casa torna-se assim um espaço de rituais sagrados, entre os quais se destaca *a reza do terço*, sendo também o espaço onde se realiza os preparativos para a festa. O ritual de rezar o terço acontece habitualmente, todos os dias, convidando-se a família, amigos, vizinhos próximos, e todos aqueles que queiram aparecer e *são sempre bem-vindos*. No final, a criança mais pequena dá a beijar aos presentes, o *beijinho*, ou seja, o *Cetro da Coroa do Espírito Santo*.

Decorrido o ano, as Festas realizam-se de acordo com o calendário pascal. Durante a semana que as antecede, faziam-se os preparativos. Para Rosário Costa, realizar uma *mordomia*, qualquer que seja ela, o *Império* ou a *Bandeira*, é *uma imensa fé e devoção que têm pelo Senhor Espírito Santo*²⁰². Um mês antes da realização das festas o quarto,

²⁰¹ Rosário Costa (1980 -)

²⁰² Rosário Costa (1980-)

onde até então estiveram os símbolos espiritanos, é encerrado, dando-se início a uma nova preparação e decoração que reabre ao público no dia em que se realiza na igreja o ritual da *Coroação*. Para a decoração dos quartos, são contactados artistas com bom gosto, e prestígio local, como José Vieira e Artur Albano, já falecidos, e Domingos Caloiro, João Amaral, Renato Moniz e Teófilo Costa. Após a cerimónia religiosa na igreja os símbolos do *Divino* são colocados no quarto e este abre pela primeira vez aos olhares curiosos dos devotos (Anexo fotográfico: Figs. 182, 183, 184, 185). Um a um, vizinhos, conhecidos e amigos aproximam-se da casa do *mordomo* para ver o quarto onde permanece o *Espírito Santo*, seguindo-se o ato de cumprimentar e felicitar os *mordomos* que aguardam à porta, disponibilizando comes e bebes aos visitantes. Dependendo da capacidade financeira dos *mordomos*, é oferecida à família, amigos, convidados e demais pessoas que os acompanharam no cortejo, uma refeição ligeira de petiscos e aperitivos, nomeadamente iscas de fígado, dobrada, moelas, camarão, fava guisada, chouriço, amendoins, fava frita, tremoços e bebidas variadas. A semana de preparação dos rituais ligados à dádiva de refeições e aos cortejos costuma ser um tempo esperado pela *alegria, pelo convívio proporcionado, com a família e os amigos, que chegam para ajudar nos preparativos*²⁰³. Os pratos são confeccionados pela *mordoma*, normalmente ajudada por familiares próximos e pessoas amigas que doam o seu contributo na forma de trabalho: umas a descascar batatas, alhos e cebolas, outras a confeccionar o arroz doce, outras ainda a pôr as mesas, a lavar e a limpar. Enfim, existe sempre algum serviço, e quem quer ajudar, pode fazê-lo e é sendo sempre bem-vindo. Pela sua grande fé e devoção, Rosário Costa *espera, todos os dias, receber a graça do Divino Espírito Santo*²⁰⁴.

4.2.1.2. Segundo Cortejo: *Coroação das crianças*

Os preparativos para a realização do segundo cortejo das *Coroas do Divino Espírito Santo* iniciam-se três a quatro semanas antes. Compram-se as bebidas, enche-se a *despensa* dos ingredientes necessários, combina-se com o decorador a nova *ornamentação do quarto do Espírito Santo*, reservam-se flores, encomenda-se a massa sovada e o pão e dão-se os últimos retoques nas roupas para usar nos cortejos. A semana

²⁰³ Idem, Ibidem.

²⁰⁴ Idem, Ibidem.

anterior ao dia da *coroação*, juntam-se família, amigos e vizinhos mais chegados e, com mais experiência na realização destas festas, que apoiam com o seu saber os *mordomos* na confeção das refeições que são oferecidas. Todas estas atividades têm como propósito preparar o segundo cortejo, que se dirige à igreja, onde, normalmente, após a celebração litúrgica se procederá à coroação da filha ou filho do *mordomo*. Neste dia, há hora determinada, junto à sua casa, o *mordomo* destina as pessoas que vão desempenhar funções indicando no cortejo os respetivos lugares. Na frente, em primeiro plano, duas crianças levam uma faixa de pano, onde se destaca o nome do Império, seguidas de um rapaz que leva o guião ladeado por duas meninas ou dois rapazes. Em terceiro lugar, desfilam os sete dons do *Espírito Santo*, bordados a ouro em pano vermelho adamascado, gravados numa fita, ou, ainda, inscritos em forma de pomba ou em clave de sol, como é o caso do Império de São João, cujos maiores titulares são os músicos da Banda Lira do Norte. Por vezes, familiares ou vizinhos, com *Coroas*, solicitam ao *mordomo* a sua incorporação no cortejo, como figurante, ajudando a compô-lo. Neste caso, à frente dos homens ou mulheres que levam a *Coroa* vai uma criança levando o *Cetro* correspondente. Atrás destes, a Bandeira do *Espírito Santo*, levada por um rapaz, (filho, parente ou amigo do *mordomo*) ladeado por duas raparigas com indumentárias iguais. Em quinto lugar, as crianças, filho ou filha dos *mordomos* que vão ser coroados com a *Coroa do Império*, leva o *Cetro* ou *beijinho*. A seguir às crianças vai o *mordomo* que leva a *insígnia* principal do Espírito Santo: a *Coroa*. Tradicionalmente, somente o *mordomo* transportava a *Coroa*, mas atualmente, existe a opção de ser o *mordomo* a levar a coroa para a Igreja e no regresso a casa ser a *mordoma* a transportá-la. Ao lado de quem transporta a *Coroa* podem ir dois homens ou duas mulheres. Se forem os homens levam castiçais, se forem mulheres levam ramos de flores. Na *Coroação* as indumentárias condizem com as cores predominantes da decoração ao *quarto do Espírito Santo*. Os homens vestem fato, e a maior parte das senhoras vestem vestidos compridos de cerimónia. Os mais jovens, especialmente as crianças usam o branco onde se realçam as faixas nas cinturas e as flores no cabelo das meninas condizentes com as cores predominantes (Anexo fotográfico: Figs. 186-196).

Família chegada, amigos e convidados integram o cortejo que encerra, novamente, com a Banda Lyra do Norte, conhecida como *Banda Velha*. A outra banda da freguesia, a Banda Progresso do Norte geralmente é a escolhida para acompanhar o *Império da Caridade*. Atualmente, alguns *mordomos* diligenciam para que o percurso do cortejo

inclua a casa do *mordomo* seguinte, como forma de o distinguir e de o anunciar a toda a freguesia.

Ao saírem da igreja, a ordem do cortejo é reorganizada, ouvindo-se estrondosamente o *rejeitar de roqueiras* e, simultaneamente, o *Hino do Espírito Santo* tocado pela filarmónica. Durante o trajeto, as pessoas abeiram-se das portas e janelas. Em diferentes casas, as senhoras esperam pelo *Divino* com pequenas taças de pétalas de rosas que atiraram sobre o *Senhor*, representado na *Coroa*. Outras, saem das suas casas e procuram as ruas por onde passa o cortejo.

O cortejo encaminha-se para a casa do *mordomo* onde os símbolos do *Divino* são depositados no quarto que é aberto para todos os que acompanharam o cortejo os possam admirar, cultuar, surpreendendo-se com a decoração. À porta, os *mordomos* recebem os cumprimentos de todos aqueles que os acompanharam no cortejo, bem como de toda a comunidade que comparece para ver a abertura e a nova decoração do quarto, que tinha sido renovado e preparado para receber novamente as *insígnias*.

As crianças que participaram no cortejo recebem um pequeno *bolo de massa* equivalente a um quarto de bolo de massa sovada grande, e ainda um pequeno lanche, que também é oferecido aos adultos que compunham a comitiva, os convidados, a família, os amigos e os membros da filarmónica convidada. Mais tarde, é servido um almoço à família, vizinhos próximos, amigos e convidados da freguesia e de fora, ao gosto dos *mordomos*.

A *Coroa* permanece na casa do *mordomo* mais seis semanas, durante as quais são distribuídos *bolos de massa*, *pão leve (bolo de ló)* e grandes *suspiros* aos convidados do *mordomo* que participaram das tarefas e nos cortejos. Em casa, todos os dias se continua a rezar o terço, nos moldes já mencionados. Concluída a sexta semana, recomeçam os festejos que culminam com a realização do Império.

4.2.1.3. Terceiro Cortejo: da casa do mordomo ao *Império*

Para a realização do último cortejo existem três dias de atividades festivas que se iniciam com o arraial na sexta-feira e que continuam no sábado e no domingo, dia do *Império*. Na semana anterior, o *mordomo* preparou tudo o que era necessário para os três dias do arraial. Construíram-se duas *barracas*, uma para a venda de comida e bebida, e outra para montar o bazar com os *prêmios*, previamente recolhidos por moças da freguesia, dispostas a ajudar o *Império* e o seu *mordomo*. Estas vendas contribuem para ajudar o mordomo a liquidar uma parte das despesas. Este também se encarrega da montagem do *teatro* ou *triatro* e respetiva ornamentação. Paralelamente, a banda filarmónica, conjuntos musicais, ou grupos folclóricos são contactados para atuar no arraial.

No arraial que se efetua na sexta-feira, o *mordomo* prepara o braseiro e oferece a toda a população sardinhas e chicharros assados acompanhados de pão de milho. No sábado, o arraial continua com música ao vivo e, por vezes, ainda é oferecido um churrasco aos locais, caso reste comida do dia anterior. Nestes arraiais é comum haver outros comerciantes que, distanciados da atividade do *mordomo*, vendem os seus produtos, tais como pipocas, cachorros quentes e gelados.

No domingo, entre as dezassete e as dezoito horas, sai da casa do mordomo o terceiro cortejo com a mesma estrutura dos anteriores. Desta vez, tendo o Divino permanecido durante um ano na sua casa, os mordomos manifestam-se já entristecidos e saudosos, pois o cortejo encerra um ciclo de alegria na família, ciclo de fé, devoção, graça espiritual e recompensa divina. Com ele, encerra-se também um ciclo de maior confraternização social que une o casal de *mordomos* a todos aqueles que se envolveram nas festividades, comungando com a dádiva do seu trabalho e sacrifício, que por mais pequeno que seja, colaborou e permitiu a partilha festiva de abundância na comunidade em honra do *Senhor Espírito Santo*, pois ele representa *Deus, o soberano supremo, e só ele pode coroar os homens e os povos com as suas bênçãos*²⁰⁵. O cortejo encaminha-se para o *Império* devidamente montado e decorado onde são colocados os símbolos do Espírito Santo (Anexo fotográfico: Figs. 197-222). Ali chegados, os mordomos apresentam uma feição visivelmente emocionada. Se por um lado, as lágrimas que lhes correm na cara transmitem já saudade, do tempo da alegria por terem tido durante um ano

²⁰⁵ Chevalier & Gheerbrant. 1994: 232.

a sua casa preenchida pelo *Divino* simbolizado nas *insígnias* sagradas, por outro, o cansaço, próximo da exaustão física, decorrente da organização e preparação dos trabalhos do último mês e meio. Esta junção de atividade e emoções que presenciamos nos *mordomos* serviu para os fortalecer pessoalmente e na comunidade, e para revigorar e enaltecer os seus sentimentos religiosos.

Consoante a aproximação ao teatro todos vão depondo os artefactos utilizados no cortejo: as pequenas bandeiras contendo os dons espiritanos, as flores, os castiçais, o quadro com a imagem do Santo e no caso do *Império de São Pedro* os seus emblemas. Junto à pequena escada do *Império*, uma rapariga, com uma taça nas mãos, contendo pétalas de flores, aguarda para as lançar à chegada da *Coroa* e da *Bandeira*.

Ao chegarem ao *teatro*, e antes de depositarem as *insígnias*, os *mordomos* e crianças que foram coroadas posam para as fotografias e os vídeos. Nesta ocasião a filarmónica toca o Hino do Espírito Santo e as *roqueiras* estoiram no ar. No final, as pessoas aplaudem enquanto um membro da *Comissão das Festas* recebe e dispõe no interior do *teatro* todos os artefactos e as *insígnias* que ficam expostas até à meia-noite. A chorar, os *mordomos* despedem-se dos símbolos divinos, mas há que seguir em frente e as regras exigem que os *mordomos velhos* se retirem com os respetivos acompanhantes, seguido pelos acordes da filarmónica que os acompanha até casa onde haverá um lanche. Mais tarde, todos retornam ao arraial. A função dos *mordomos* só termina à meia-noite, ocasião em que o *Presidente da Comissão de Festas* entregará as *insígnias* sagradas aos *mordomos novos*.

A função e a importância do *Império* estão presentes nos símbolos do *Divino* ali depositados, que sacralizam o espaço e promovem relações sociais entre as pessoas presentes até que as *insígnias* sejam entregues ao novo casal de *mordomos* que se dispuseram a celebrar o *Império* no próximo ano, renovando o ciclo da *Coroa do Espírito Santo*.

O arraial continua com as barracas para todos os gostos: das rifas, das bebidas e comidas, dos gelados e das pipocas. Segue-se a arrematação de objetos, produtos hortícolas e artesanato: garrafas de bebida, sacas de batatas, abóboras, miniaturas de madeira, da igreja do Bom Jesus, de um trator e de um *pial* tradicional dos Açores. Enfim, tudo serve para realizar receita e ajudar o mordomo a pagar as despesas. Num palco montado, o serão do arraial é abrilhantado com um filho da terra que canta e diverte o

público com brejeirices. Por vezes, antes de terminar a noite, o *mordomo* chama ao palco todas as pessoas que contribuíram com o seu trabalho para a realização das festas oferecendo-lhes uma lembrança, que pode ser uma medalha, contendo os nomes e a data da *mordomia*. Antes da meia-noite, o público é convidado a assistir ao fogo de artifício, que ajuda a animar a festa e encerra em grande o cargo dos *mordomos velhos*. O público celebrou todos os momentos com salvas de palmas.

Próximo da meia-noite, começam a chegar os mordomos novos e os seus acompanhantes. Até aí houve que preparar a casa para onde irá o *Divino Espírito Santo*, enfeitar a rua com bandeirolas de pano coloridas, a entrada da casa com o tradicional arco redondo ou quadrangular e respetivo arranjo floral, decorar o *quarto* do Paráclito e dispor de uma mesa recheada de acepipes para receber os convivas.

Solenemente, o Presidente da Comissão entrega as *insígnias* ao *mordomo novo* e a cerimónia é marcado por fotografias e gravação em vídeo. Atiram-se *roqueiras* e *bombões*. A filarmónica toca o Hino do Espírito Santo. *Mordomos* e acompanhantes organizam o cortejo transportando as insígnias e todos os objetos simbólicos do cortejo, culminando com os acordes da filarmónica que os acompanha até à nova casa do *Espírito Santo*. Este cortejo é acompanhado pelo público que espera, curioso, em descobrir o motivo de decoração do novo *quarto*, que prima sempre pela diferença. Chegados a casa do mordomo, os símbolos divinos são colocados nos respetivos lugares e dá-se a cerimónia oficial da *abertura do quarto*. À porta, o casal de *mordomos* recebe os cumprimentos daqueles que acompanharam o *Divino* para a sua nova moradia assim como aqueles que tiveram a coragem de *O* glorificar e louvar perante os homens.

4.2.1.4. As marchas do *Império* de São João

A realização da primeira marcha de S. João em Rabo de Peixe surgiu em 1992, por ocasião do *Império* de S. João, de modo a prestigiar não só o *Império*, mas igualmente as festas daquele Santo, tendo sido promovidas pelos *mordomos* António e Graça Medeiros (Anexo fotográfico: Figs. 223, 224). Como tudo que tem o seu começo, a marcha não teve coreografia e constituiu-se como desfile, onde rapazes e raparigas seguiam cantando trechos musicais adequados ao dia. A marcha saiu da casa dos

mordomos e dirigiu-se em desfile para o Largo do Charco, local onde se realiza o *Império*. No ano seguinte, seguindo a mesma ideia do anterior, o mordomo do Império de São João, António de Sousa Carreiro Mota, conhecido como António do Porto, camponês e músico da filarmónica Lyra do Norte, tomou a iniciativa de também realizar uma marcha, mais a sério, para regozijo das pessoas e da vila de Rabo de Peixe (Anexo fotográfico: Fig. 225). Convém clarificar que este rabo-peixense com apenas um ano de idade foi com os pais para a ilha Terceira, de onde retornou com nove anos. Por isso, influenciado pelas marchas que se realizavam na ilha que o viu crescer, informou-se com família e amigos, ainda naquela ilha, sobre as marchas e pediu-lhes músicas que deram corpo à letra composta por António Silva. A marcha era constituída por catorze pares. António Mota encarregou António Luís Amaral²⁰⁶, colega de filarmónica, de dar forma à coreografia para a marcha que se apresentou ao público no sábado e no domingo do *Império*. Esta foi a primeira marcha de São João que, oficialmente, naquele ano, participou representando Rabo de Peixe nas Marchas de São João em Vila Franca do Campo e nas Marchas de São Pedro, na Ribeira Seca, da Ribeira Grande.

Desde esta data, as marchas são organizadas pelo *Império* de São João, e têm contribuído para o engrandecimento das festas espiritanas da vila de Rabo de Peixe e, mais tarde, enriqueceram o desfile de marchas de São Pedro, na freguesia da Ribeira Seca que se efetua no sábado, véspera do seu padroeiro, e para as quais são convidadas. Quando isso acontece, o compositor adapta a letra da marcha ao dia do Santo, enquanto a música permanece a mesma. As marchas realizam-se normalmente todos os anos só não se concretizando por dificuldades monetárias dos *mordomos*.

António Luís Amaral, (1952-), assistente operacional, tem realizado parte destas marchas como mestre ensaiador, por ter experiência como mestre das marchas de Carnaval que se realizavam na freguesia de Rabo de Peixe, localidade, já conhecida pela *terra das comédias*²⁰⁷ em 1845. Acerca do modo como eram organizadas as marchas nesta vila, António Luís Amaral referiu que cada *mordomo* as fazia segundo as suas possibilidades, muitas vezes, pedindo ajuda aos seus familiares emigrados, para os tecidos

²⁰⁶ Teve a seu cargo a coreografia das Marchas de Carnaval em Rabo de Peixe.

²⁰⁷ Supico, 1995, 2: 576. J. Luís Faria indicou-nos que havia dois teatros em Rabo de Peixe: o teatro de São Sebastião localizado junto ao solar do mesmo nome e o teatro Miramar. Antes de haver cinema os teatros / comédias eram a distração do povo. As mulheres não participavam e os homens desempenhavam os dois papéis, vestindo-se para tal. Segundo ele, enquanto isso acontecia, os “vilões” entretinham as pessoas. Estes “vilões” eram três homens que diziam tercetos: o primeiro compunha o primeiro verso, o segundo ajudava a compor o dito pelo primeiro, e o último, que era um vilão velho, contradizia com a sua sabedoria. (Ex: 1- Uma mulher deu a beber ao marido vinho estragado; 2 – O marido gostou e achou muito saboroso; 3 – O marido não percebeu porque era um baboso (idiota)!

dos fatos dos marchantes, que depois eram confeccionados, por diferentes costureiras da vila que, assim, também apoiavam gratuitamente as festas. Para este mestre coreógrafo na constituição de uma marcha é fundamental haver um mínimo de dezasseis pares. Rapazes e raparigas são convidados pelo *mordomo* que é auxiliado pelo mestre que já os conhece, dos anos anteriores, pela sua capacidade de interpretação. As músicas que dão o tom à marcha são compostas pelo rabo-peixense António Arruda ou emprestada de marchas da ilha Terceira ou de Vila Franca do Campo. Habitualmente, a letra das músicas é constituída por seis quadras e um refrão e costumam ser elaboradas por António Silva, António Luís Amaral ou António Arruda, naturais de Rabo de Peixe. Todos os anos a marcha tem nome próprio, como por exemplo, a *Marcha de São João do Charco*. A cenografia da marcha é feita de acordo com a música e a letra. Inicialmente as marchas apresentavam quadros cénicos simples que têm evoluído com o tempo e a prática. A letra da marcha escolhida para fazer o trajeto entre a casa do *mordomo* até ao lugar do *Império*, Largo do Charco, é denominada a *Marcha do Caminho*.

Os ensaios para a marcha de São João começam no mês de março e decorrem uma vez por semana. Na semana antecedente à festa ensaia-se todos os dias, se for necessário. Os ensaios são feitos de acordo com os números e a designação da atuação. No dia da marcha sair à rua, o maestro, a cantar, encabeça o desfile desde a casa do mordomo até ao Largo do Charco. O maestro indica aos pares e à filarmónica a ordem numérica da atuação da marcha que pode ser crescente ou aleatória. Chegados ao largo de São João ou Charco, já se encontra um palanque preparado. Enquanto o grupo se compõe para a marcha, o maestro toma assento no palco, ladeado por quatro jovens, normalmente quatro raparigas, e em conjunto todos fazem coro uníssono com os pares de marchantes. Concluída a apresentação é imperioso que a marcha ali permaneça para dar ideia de que pode atuar novamente e as pessoas, com esta esperança, permaneçam e desfrutem do arraial e do que ele tem para oferecer, por forma a contribuir para as despesas da festa e ajudar o *mordomo* (Anexo fotográfico: Figs. 226, 227 e Doc. 15, 16, 17).

4.2.1.5. As Cavalhadas no *Império* de São Pedro de Rabo de Peixe

De acordo com os elementos recolhidos, um grupo de cavaleiros rabo-peixenses, que participava anualmente nas celebres *Carvalhadas* de São Pedro, da Ribeira Seca, da Ribeira Grande²⁰⁸, a partir de 1946²⁰⁹ passou a integrar o ciclo festivo *do Império de São Pedro* da sua freguesia acabando por *Cavalhadas de Rabo de Peixe*. Por esta razão, torna-se necessário referir brevemente as Cavalhadas da Ribeira Seca.

Fernando Maré, *rei das Cavalhadas* ribeira-grandenses, de 1960 a 1985²¹⁰, e atualmente organizador desta festividade, contou-nos que, na opinião do Doutor Cortes Rodrigues, com quem conversou, as Cavalhadas de São Pedro derivaram das homenagens feitas àquele santo, patrono da Igreja da Ribeira Seca, freguesia, que durante a erupção ocorrida no ano de 1563, viu parte dela ser soterrada, incluindo a igreja que ficou parcialmente destruída, mas a imagem São Pedro ficou intocável no seu altar. Este fato foi considerado um milagre e o capitão do donatário, que vivia em Vila Franca do Campo, onde já tinha passado por uma situação idêntica, ocorrida em 1522, prometeu vir mais a esposa em homenagem a São Pedro. Trouxe consigo os seus vassallos, que eram os seus guardas e que no cortejo atual estão representados em número de quatro: o primeiro e o segundo vassallo vão na frente do cortejo da Cavalhada e o terceiro e o quarto vão no fim. Além dos vassallos, trouxe também os arautos ou corneteiros e veio acompanhado de cavaleiros de algum estatuto social, à época, mordomos do *Espírito Santo*, que hoje são representados pelos cavaleiros. Ainda hoje, existem pessoas que participam como cavaleiros, por promessa e quando não o podem fazer, preparam um cavaleiro para ir no seu lugar. O cumprimento de uma promessa consta de ser cavaleiro de São Pedro e dar as sete voltas à igreja, que estão relacionadas com os sete dons do *Espírito Santo*. Durante o trajeto do cortejo, os mordomos das festas do *Espírito Santo*, oferecem beberetes aos outros cavaleiros²¹¹.

Segundo testemunhos de habitantes de Rabo de Peixe, sempre houve cavaleiros desta freguesia que participaram naquelas cavalhadas, em maior ou menor número. A ida dos cavaleiros rabo-peixenses à Ribeira Grande implicava preparar os cavalos de manhã para o evento à hora do meio-dia. Ao longo do dia, os animais ficavam extenuados pela

²⁰⁸ Sobre as Cavalhadas consulte-se, Carlos Riley, 1994.

²⁰⁹ Informação de Odete Vieira (1946-).

²¹⁰ António Fernando Maré iniciou-se como rei aos vinte anos.

²¹¹ Fernando Maré (1940-).

lonjura do trajeto, pelas paragens dos cavaleiros durante o percurso, que muitas vezes não tinham em consideração a necessidade de água e de sombra para as montadas. Pela tarde, ao chegarem a Rabo de Peixe, os animais, para além de cansados, apresentavam-se irritados e irrequietos em consequência das manobras que os cavaleiros os obrigavam a fazer e, por isso, muitos deles deixaram de participar nas Cavalhadas da Ribeira Seca.

Segundo Fernando Maiato, (1956-), que aos doze anos começou a participar nas *Cavalhadas de São Pedro* da Ribeira Seca *havia dois ranchos de cavaleiros*, os velhos e os novos, e a mãe incentivou-o a ser um destes. A sua primeira vestimenta era um chapéu com flores, parecido com o de um *cowboy*, uma capa e uma rosa nela pregada. Quando chegou a casa da dinamizadora das Cavalhadas, Maria Mota vendo que ele e o Mané Pataquinha, [Manuel Ventura] não estavam vestidos de acordo como os restantes, tratou de os vestir convenientemente. No ano seguinte, foi a mãe que lhe preparou a nova indumentária e Fernando habituou-se a participar das Cavalhadas da Ribeira Seca. No regresso, o grupo de cavaleiros, de Rabo de Peixe participava no *Império de São Pedro* da freguesia e muitas vezes a sua atuação estendia-se aos Fenais da Luz, onde pregavam junto à Ermida daquele Santo, situada junto ao mar, onde também se realizava a festa do *Espírito Santo de São Pedro*. Por vezes, dias mais tarde, os mesmos cavaleiros iam também à freguesia de Santo António, por ocasião do *Império* de São Pedro, também para pregar ao santo. Fernando Maiato relatou que em Rabo de Peixe sempre houve cavalhadas no dia de São Pedro e considerou a necessidade de haver uma comissão organizadora, à semelhança do que existe na freguesia da Ribeira Seca, de modo a organizar e tratar das questões relacionados com as cavalhadas: as montadas, os selins e os trajés²¹². O relato deste rabo-peixense é corroborado por Pedro Sousa, (1952-), vendedor ambulante, e é o atual *rei das Cavalhadas de São Pedro de Rabo de Peixe*. Começou como *primeiro vassalo*, com a idade de vinte e quatro anos e, aos trinta e nove, impelido pelo compadre, tornou-se *rei*, título que conserva há 24 anos. Outros o antecederam no cargo. Recorda-se do primeiro que conheceu, José Pereira, depois foi o José Paulo Abelha, o José Brum, o Manuel Panguita e o António Manuel Diáda, conhecido como António da Ema, porque a mãe chamava-se Ema, o António Miguel Tavares Maiato, irmão de Fernando Maiato e a seguir o próprio Pedro Sousa.

²¹² Fernando Maiato (1956-)

A identidade das *Cavalcadas de Rabo de Peixe* é reforçada pelas relações familiares e comunitárias dos cavaleiros. A prática transmite-se de geração em geração e, quem por gosto quer participar nelas e não tenha cavalo, selim ou roupa, há sempre alguém que procura disponibilizar o necessário, incentivando os mais novos, a preservar a tradição. Para alguns cavaleiros, fazer parte nas *Cavalcadas da Ribeira Grande* sem participar nas de Rabo de Peixe, é faltar ao dever para com a sua terra, *é vender-se por vinte euros* que irão receber pela presença.

Em Rabo de Peixe, as quadras que são recitadas nas Cavalcadas têm passado de *rei em rei* e chegaram ao atual, Pedro Sousa²¹³, pela mão de António Maiato. As quadras do *primeiro vassalo* são do repertório antigo, mas as do *segundo vassalo* foram criadas por Pedro Sousa. Nascido no dia de São Pedro, recebeu o nome em intenção do seu Santo protetor e sente-se honrado por poder representar o papel de *rei* no dia de Festa de São Pedro (Anexo documental: 18, 19, 20).

O seu papel inicia-se junto à residência. A emoção e o amor que sente pelo patrono faz parte da primeira quintilha que é declamada por ele, forma de homenagear aquele que o apadrinhou. Apesar dos seus estudos só irem até à quarta classe, orgulha-se deles, pois diz saber mais que os filhos que têm mais estudos. Já reformado, é músico na banda Filarmónica Lyra do Norte e cantor repentista nas festas populares de Rabo de Peixe.

Normalmente, as *Cavalcadas do Império de São Pedro* são constituídas, em média, por quinze a vinte cavaleiros, naturais de Rabo de Peixe. Como usualmente, em 2019, no dia do Santo, pelas dezassete horas, o grupo de cavaleiros reúne-se junto à *Vivenda Sousa*, situada na Rua Gonçalo Velho, 91. Era constituído por catorze cavaleiros com idades compreendidas entre os doze e trinta anos, com exceção para o *rei*. Pelas dezoito horas, Pedro Sousa acerca-se da porta de casa e convida o grupo de cavaleiros para um bufete, organizado pela esposa e familiares. Enquanto os animais permanecem na rua, os homens servem-se dos petiscos, sobremesas e bebidas apresentadas numa mesa farta e preparada para o efeito. No centro dela está um bolo de aniversário, que vai servir de mote para que cantem os parabéns a Pedro Sousa que celebra os seus anos naquele dia. Pelas dezoito e trinta, a esposa do *rei* procura-o porque são horas de vestir a indumentária

²¹³ Mas, enquanto rei e para saudar o seu padroeiro acrescentou oito quadras, da sua autoria, nomeadamente a I, II, III, XXX, XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV e XXXV (Anexo documental: Docs: 18,19,20).

para a *pregação* em frente à casa. Vestido a rigor Pedro Sousa deixa-se fotografar em grupo, e à vez, com os restantes membros da cavalhada, que se mostram satisfeitos.

A indumentária do *rei* é constituída por um chapéu que traz à cabeça em formato de bico enfeitado com pequenas flores coloridas de papel metalizado e penas de pavão. O traje do *rei* e dos *vassalos* diferem do vestuário dos cavaleiros. Aqueles trajam calça preta, faixa vermelha, camisa branca, gravata vermelha, capa vermelha guarnecida de branco e chapéu de bico vermelho decorado com pequenas flores coloridas e empunham uma espada. O traje dos cavaleiros é composto por calça branca, presa à cintura uma faixa vermelha, camisa branca e gravata vermelha. Nas mangas, nas costas e no peito da camisa têm laços vermelhos. Levam a bandeira de São Pedro, de cor vermelha com as chaves simbólicas. Usam chapéu preto alto, enfeitado com cordões e fantasias douradas. Calçam meias brancas ornamentadas de renda. Os cavalos são cobertos por um pano branco enfeitado com laços vermelhos no peito, nos flancos e na garupa. Todos os elementos do grupo esmeram-se no seu traje, pois os três melhores poderão ganhar o prémio para os mais bem-apresentados. Preparado, o rei e o cavalo sai de casa e coloca-se em frente da porta, onde já está preparado o microfone, e alguns grupos de pessoas reúnem-se para ver a cerimónia. Os restantes cavaleiros acercam-se do *rei* e do *primeiro* e *segundo vassalos*. Este último começa a *pregação* das dez quadras previamente preparadas, seguida da *pregação do primeiro vassalo* e depois o rei, tira o chapéu e conserva-o na mão esquerda enquanto segura a espada com a direita, acompanhando o discurso com movimentos do corpo. Neste ritual cerimonioso, a primeira quintilha declamada é especial: foi composta por Pedro Sousa para homenagear o Santo que lhe deu o nome, pois o seu nascimento coincidiu com a passagem do cortejo de São Pedro em direção ao *Império*. Concluída a *vassalagem a São Pedro*, o rei dá ordem de saída tomando a dianteira do cortejo, seguido pelos vassalos e cavaleiros que se encaminham para o centro da vila. A assistência é convidada a entrar na residência para poder desfrutar do bufete. Tudo é executado para que a chegada da *Cavalhada* não se antecipe ao cortejo do *Império do Espírito Santo de São Pedro*. A trajetória do cortejo inicia-se na Rua Gonçalo Velho e segue pelas Ruas de São Sebastião, de Belém em direção à praça principal. Neste local, o grupo pára junto à igreja onde volta a haver uma *pregação ao Santo*. De seguida, o cortejo dirige-se à Rua do Pires, Rua do Bairro, Biscoito, Rua das Padeiras, Rua do Rosário, Rua da Inocência, Rua dos Serafins e finalmente Rua d'Alegria, local do *Império* de São Pedro, onde foi colocado o *teatro* de madeira contendo as *insígnias* espíritanas: a *Coroa e a Bandeira do*

Espírito Santo. É junto dele que novamente se discursa a São Pedro e por isso o público abre alas, pois chegaram os cavaleiros que vêm pregar ao *Divino Espírito Santo* e festejar o dia de São Pedro! A *pregação* inicia-se da forma já referida. Concluída, os cavaleiros são aplaudidos e ouve-se de entre o público dois ou três presentes que exclamam: *Viva o nosso Rei!* (Mapa 8)

Terminado o sermão, os cavaleiros, chefiados pelo seu *rei*, dão sete voltas ao local onde se situa o *teatro*, por analogia aos sete dons espiritanos. Partindo da Rua d'Alegria cavalgam pela rua da Inocência, saem na Travessa desta rua e entram novamente na Rua da Alegria e assim sucessivamente. Na última volta, sem parar, o *rei* despede-se do público bradando em voz alta um *Até para o ano*. Terminadas as voltas ao *Império*, o grupo é convidado a entrar em casa do *mordomo velho* e do *mordomo novo*. Pelas vinte e três horas, o grupo de cavaleiros retorna ao arraial, sem os fatos e cavalgadas. Espera-se a cerimónia de entrega de prémios aos cavaleiros melhores trajados. Estes prémios são atribuídos por um júri, convidados pelo *mordomo*, normalmente, constituído por três colaboradores da Câmara Municipal da Ribeira Grande. Os prémios são atribuídos aos cavaleiros que apresentam indumentária adequada à norma estabelecida pela edilidade municipal. O *rei* e os *vassalos* não são abrangidos pelo concurso. A sua colaboração cinge-se a uma lembrança composta por uma medalha de agradecimento oferecida pelo *mordomo*. Pela meia-noite, é tempo de ver a mudança da Coroa e da Bandeira para casa do *mordomo novo* (Anexo fotográfico: Figs. 228-241).

4.3. Bandas Filarmónicas, Bandeiras e Coroas

As festas do *Espírito Santo* são animadas por música própria, executada por *grupos musicais responsáveis pelo acompanhamento e direção musical dos festejos*²¹⁴, como os tradicionais grupos de foliões e as filarmónicas.

Atualmente, apesar de algumas localidades açorianas disporem de grupos de foliões, houve muitas que os substituíram por filarmónicas. Todavia, os dois grupos musicais distintos podem coexistir. Em Rabo de Peixe, os rituais espiritanos sempre

²¹⁴ Sobre os grupos musicais das Festas do Espírito Santo ver Leal, 2017: 61,62.

foram acompanhados pelas filarmónicas, não se conservando memória da existência de foliões.

Em 1832, D. Pedro IV chegou aos Açores acompanhado por aquela que foi a primeira filarmónica observada pelos habitantes das ilhas, espantados com os instrumentos musicais que o grupo exhibia. Como consequência, durante o século XIX, na região açoriana foram surgindo diversas bandas filarmónicas, sendo a primeira criada em 1844 com o nome de Banda Harmónica. No entanto, os *curiosos tocantes* só se afirmariam mais tarde segundo referência do *jornal Açoreano*²¹⁵ datado de 1849. Assim, na segunda metade do século XIX, as bandas filarmónicas difundiram-se nas nove ilhas como elemento inovador, sabiamente apropriado politicamente pelos partidos da época, o partido progressista e o partido regenerador, que disputavam o governo do reino e viram na novidade uma forma de ganhar seguidores. Por este motivo, em muitas freguesias das ilhas açorianas sobressaíam duas filarmónicas, apoiadas pelos dois partidos, que normalmente, rivalizavam entre si, exprimindo as lutas partidárias, com alguns episódios embaraçosos para os seus músicos.

Na vila de Rabo de Peixe a história das duas filarmónicas existentes também foi marcada pelos referidos dois partidos. A primeira banda filarmónica na freguesia de Rabo de Peixe surgiu no ano de 1865, data corroborada pelo jornal Açores de 28 de março de 1946. Segundo José Faria *o partido progressista fundou a primeira banda em Rabo de Peixe, com o nome de Lyra do Norte, em 1865. O instrumental foi oferecido por um fidalgo progressista de Ponta Delgada, José Maria Amaral, mais conhecido, por José Maria do Colégio. Acontece que em Rabo de Peixe os senhorios ou donos dos terrenos, a quem o povo pagava renda e foro, eram quase todos do partido regenerador e ameaçaram tirar os terrenos, a quem pertencesse à banda. Com medo de que isso acontecesse e, estando em causa a sua subsistência económica, num domingo de manhã, [os elementos da banda foram] entregar o instrumental a quem o tinha oferecido. No mesmo dia, foram pedir um instrumental ao Conde Jácome Correia, que era regenerador e tinha muitos terrenos em Rabo de Peixe. Ele prometeu oferecer um novo instrumental que chegou de Lisboa, alguns meses depois*²¹⁶. Segundo Manuel Estrela, os maiores patrocinadores e benfeitores da *banda velha* foram os pares do Reino, o Conde da Praia e Monforte e Pedro Jácome Correia, monárquicos regeneradores²¹⁷. Contudo, apesar de

²¹⁵ Supico, 1995, 2: 430.

²¹⁶ Faria, sd: 35-36.

²¹⁷ Estrela, 2000: 31

todo este apoio, o grupo de músicos que inicialmente compôs a primeira banda de Rabo de Peixe, ficou dividido pelas ideias políticas dos seus elementos e, por isso, quando chegaram os instrumentos de Lisboa, somente os regeneradores fizeram parte da Banda Lyra do Norte.

Segundo José M. Cabral, a Banda Lyra do Norte, foi fundada a 19 de maio de 1867, tendo como padroeira Santa Cecília, protetora dos músicos. Esta data é certificada por Supico que referiu que a banda *foi fundada em 1867 por iniciativa de um rapaz de meios de Rabo de Peixe. Chamava-se António Tavares Moniz, mais conhecido por António Cominhos. Em 11 de outubro de 1868 apresentou-se pela primeira vez em público acompanhando a procissão de nossa Senhora do Rosário (...) e apresentou-se com uma rica e bela bandeira*²¹⁸. A banda filarmónica Lyra do Norte apresentou-se na festa da paróquia, tocando um hino com letra de Jacinto Inácio Cabral, autor do hino do *Divino Espírito Santo*. Supico igualmente refere, que para além de protetores políticos, esta *banda conquistou a consideração de mais distinta entre as suas congéneres*²¹⁹. Mais tarde, a 31 de dezembro de 1898 esta filarmónica sofreu um grande revés, conforme foi noticiado no *Comércio Micaelense*: “*A noite passada manifestou-se um incêndio na Casa da Sociedade Lira do Norte, em Rabo de Peixe, ardeu todo o prédio, os instrumentos, bandeira e móveis do dono da casa. Apenas se salvou o bombo! A causa foi cair no sobrado roto um candeeiro, que estava suspenso no teto, com petróleo aceso, derramando-se a chama que se comunicou à loja cheia de palha.*”²²⁰. O fogo não enfraqueceu a Banda Lyra do Norte que, ao longo de décadas continua a ser muito apoiada e acarinhada pelo povo da freguesia.

Com base nestas informações, utilizamos o calendário dos anos de 1867 e de 1868. No primeiro calendário, verificou-se que a Banda Lyra do Norte foi fundada, ou teve a sua primeira aparição pública, no domingo da Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, dia 19 de maio de 1867. Esta festa foi realizada, após a celebração da Páscoa, a 21 de abril, e a Festa de Pentecostes festejou-se a 9 de junho daquele ano, data coincidente com a notícia publicada pelo jornal *O Forum*, no qual refere o aparecimento da Banda Lyra do Norte nas festas *do Espírito Santo da Sociedade da Beneficência* realizadas por António Tavares Moniz, o mesmo que Supico menciona ter sido o seu fundador. No historial da banda foi importante o papel do emigrante e comendador rabo-peixense, João

²¹⁸ Supico, 1995, 2: 439.

²¹⁹ Supico, 1995, 2: 440.

²²⁰ Idem, ibidem.

Lourenço da Silva que ofereceu, em 1902, os membros da filarmónica de um novo fardamento e uma valiosa bandeira à Irmandade da Festa da Beneficência.

Em 1978, a Banda Filarmónica Lyra do Norte deslocou-se aos EUA e Canadá para acompanhar as festas do *Espírito Santo* realizadas por emigrantes naqueles países. Em 2016 verificou-se novas deslocações àqueles países, por ocasião das Festas do *Divino* de Fall River e da Festa do Senhor Santo Cristo, no Canadá. Assim e, de acordo com a notícia publicada no Jornal *Atlântico Expresso* na cidade de Pawtucket realizou-se, no salão de festas da Igreja de Santo António, uma festa de angariação de fundos a favor da deslocação da Sociedade Filarmónica Lira do Norte para participação nas Grandes Festas do Espírito Santo de Nova Inglaterra e logo de seguida, no “Labor Day” abrilhantar as já centenárias festividades Portuguese Holy Ghost Society, em West Warwick. Ambas cidades, pertencentes ao Estado de Rhode Island, são lugar de grande concentração de emigração açoriana. Este encontro que, afinal se transformou em festa, juntando o pároco daquela igreja, rabo-peixenses e açorianos em geral obteve contributos em várias vertentes com comida, rifas, ofertas para arrematação e entretenimento, tendo este último incluído uma exposição fotográfica da filarmónica e a presença de um DJ MBT Entertainment de origem rabo-peixense, José Maiato. Após a estadia nos E.U.A. a Sociedade Filarmónica Lira do Norte seguiu para a cidade de Brampton, no Canadá, onde participou na Festa do Senhor Santo Cristo. Para esta deslocação a filarmónica também obteve apoio financeiro dos Amigos de Rabo de Peixe de Ontário que apoiou uma festa de obtenção de fundos²²¹.

A segunda banda filarmónica de Rabo de Peixe foi instituída no ano de 1872 com o nome de Banda Marcial Bom Jesus. Surgiu com o apoio dos republicanos e era composta por elementos defensores das ideias progressistas. Em 1883, O seu hino foi composto e oferecido pelo padre da freguesia J. J. de Sousa, ano em que possivelmente mudou o seu nome para Banda Progresso do Norte e instituiu como sua padroeira Nossa Senhora da Conceição. No ano de 1894, esta banda tocou pela primeira vez o Hino da Autonomia dos Açores, com letra do rabo-peixense António Tavares Torres e música de Joaquim Lima, mestre da filarmónica. No século XX, a letra deste hino, tendo por base a circunstância política da época, foi substituído por outra da autoria da poetisa açoriana

²²¹ Estrela. 2016: 17.

Natália Correia. Desde 1979, música e letra constituem, oficialmente, o Hino da Região Autónoma dos Açores.

Depois de um breve período de interrupção, por falta de elementos, a filarmónica retomou a sua atividade em 1950 e *era a mais querida pelo povo do mar*²²² o que se compreende porque o Partido Progressista anunciava mais justiça social, mais humanismo e as pessoas que precisavam de maior justiça social eram os pescadores²²³.

A Banda Progresso, além de ser conhecida como a *banda nova* era apelidada de ser *ligeira* e a *banda velha* por ser *arrastada*. Ligeira derivou pelo fato da sede da filarmónica Progresso do Norte ficar mais próxima da igreja e, em dia de procissão, sempre que os seus músicos ouviam o primeiro sinal do bombo da banda Lyra do Norte, organizavam-se à pressa e, muito rapidamente, chegavam primeiro à frente da igreja, nem que fosse só com sete músicos, como chegou a acontecer... só para chegar mais cedo do que a outra²²⁴.

A Banda Progresso do Norte esteve nos E.U.A. em 2008 onde participou nas festas do *Espírito Santo* do Império do Tio Mateus e nas Grandes Festas do *Espírito Santo* de Fall River.

As duas bandas filarmónicas de Rabo de Peixe são muito acarinhadas pela população, e conservam a exclusividade e o privilégio de abrilhantarem as festas do *Espírito Santo* na sua vila. Quer uma, quer outra usufruem de relações próximas aos Impérios e às Bandeiras, filiando-se a banda mais antiga à Bandeira da Beneficência e a cinco impérios, São Sebastião, Inocentes, Rosário, São João e S. Pedro, e a banda mais nova à Bandeira da Caridade e ao Império da Caridade. Estas filarmónicas partilham o seu espaço com outras por ocasião das festas da padroeira da localidade, onde predomina um maior sentimento comunitário (Anexo fotográfico: 242-248).

Em conclusão, na vila de Rabo de Peixe, as Bandas Filarmónicas são instituições sociais importantes e a sua relação com as *Bandeiras* e as *Coroas* contribuem para a organização estrutural, social e cerimonial das Festas do *Espírito Santo* naquela localidade, projetando-as nas comunidades emigradas nos E.U.A. e Canadá.

²²² Idem, *Ibidem*. 2000: 19.

²²³ Idem, *Ibidem*. 2000: 31.

²²⁴ Estrela, 2000: 21-22.

4.3.1. Memórias de um músico

António Luís Amaral (1952-), filho de um *mateiro* que trabalhou no Pinhal da Paz (Ponta Delgada). Ficou órfão de mãe quando tinha dezoito meses juntamente com um irmão e uma irmã. Desde muito novo apreciava a música das filarmónicas, especialmente a da Banda Lyra do Norte. A competição entre as duas bandas da freguesia provocava alguma hostilidade entre famílias, adeptas, de uma ou outra banda da *Bandeira do Espírito Santo*.

António Amaral explicou-nos que, na década de cinquenta, quando uma família próxima à banda Filarmónica Lyra do Norte e, por consequência, pertencendo à *Bandeira da Beneficência*, um rapaz não tinha autorização para namorar, muito menos casar, com uma rapariga, cuja família pertencesse à banda Filarmónica Progresso do Norte, ligada à *Bandeira Caridade*: *Os pais eram muito rigorosos e diziam que preferiam morrer do que o filho casasse com determinada rapariga*. Apesar deste antagonismo, os seus pais foram uma exceção pois casaram-se mesmo assumindo diferentes pertenças musicais e espiritanas. O pai, admirador da Filarmónica Progresso do Norte, pretendia que os dois filhos homens fossem músicos daquela banda. Contudo, os rapazes pretendiam enveredar pela carreira de músico, mas na *banda velha*, ou seja, na Filarmónica Lyra do Norte, em homenagem à mãe que pouco conheceram, mas sabiam da simpatia que ela tinha pela referida banda.

Por altura das festas da *Bandeira da Beneficência*, o pequeno António Luís ajudava a acartar os ramos de verduras com que os homens enfeitavam as ruas, em troca de uma fatia de massa sovada e de uma *laranjada*, oferecida pelo *mordomo* da festa.

Visivelmente emocionado, António Luís recordou-se como o destino lhe proporcionou honrar a memória da mãe, levando-o a aprender música e a tocar na banda na sua preferida. Junto da casa onde morava havia uma loja, que pertencia a Manuel da Costa Moniz, músico e maestro da Lyra do Norte. *Eu costumava ir até lá e um dia ele disse-me: Porque é que não queres aprender música? Tu tens um ouvido bom e sabes cantar. Vais aprender música. Eu respondi-lhe que o meu irmão mais velho tinha tentado ser músico da banda velha e que este era também o meu sonho, mas o nosso pai não o consentia. Ele respondeu-me que iria ensinar-me música ali mesmo, na sua loja. E foi assim, num quatinho atrás da loja, onde ele guardava achas e havia uma mesinha onde me sentava a estudar com a sua orientação, enquanto ele se ocupava dos clientes na loja.*

Com doze anos, o mestre da banda velha anunciou-me que eu já estava preparado para sair e tocar na Lyra do Norte e disse-me: Agora vais pegar no fardamento. Cheio de medo da reação de meu pai, respondi-lhe: Oh, senhor Costa, pela sua saúde, o meu pai vai me matar. Não vai, eu é que vou à tua casa e levo a roupa. Então o Manuel da Costa bateu à porta do meu pai que lhe perguntou: Oh, compadre (por ser mais velho) o que é que faz por aqui? O Manuel Costa explicou ao meu pai: Oh, compadre o que eu faço por aqui é que a tua esposa antes de morrer, tinha tanto gosto de ter um filho a tocar na banda velha e tu nunca lhe deste esse gosto, portanto, esse pequeno vai tocar na banda velha. O meu pai ficou surpreso: Oh, o que é que o meu filho mais velho vai dizer, que eu não quis que ele tocasse lá. Eu não tenho nada a ver com isso, respondeu-lhe o Costa. A partir daí, quando o meu pai ia ver a banda velha atuar numa procissão ou numa festa, via-me passar a tocar e dizia-me 'cadeus' (adeus). Eu quando chegava a casa perguntava: O meu pai viu as bandas? e ele respondia: Ai, vi, a banda velha estava boa, mas a nova estava melhor. Tinha sempre aquela coisa, mas pronto, o meu pai sendo da banda nova era da nova. E eu nunca fui da nova, fui sempre do lado da minha mãe²²⁵.

4.4. As *Despensas* do Espírito Santo

As *Despensas* são a terceira modalidade de festejos do *Divino Espírito Santo* de Rabo de Peixe. Este ciclo ritual privilegia a preparação e distribuição de alimentos consagrados, a carne, o pão, e o vinho, e caracteriza-se também pela ausência dos emblemas do Paráclito, a Bandeira e a Coroa. Segundo João Leal na ilha de Santa Maria existem os denominados *Impérios Secos*, que apesar de ter rituais próprios, não possuem símbolos religiosos nem outros rituais característicos dos *Impérios*²²⁶.

As *Despensas* eram realizadas tradicionalmente, apenas pelos *Homens do Mar*, mas, a partir da década de oitenta, passaram identicamente a ser promovidas pelos *Homens da Terra*.

²²⁵ António Luís Amaral (1952-).

²²⁶ Leal. 1994: 62.

Calcula-se que o termo *despensa* tenha o seu fundamento na *despensa*²²⁷ ou *copeira*,²²⁸ espaços que integram os *Impérios do Espírito Santo*, onde se guardam as carnes, pão, massa sovada e vinho²²⁹. Para vincular esta crença, dispõe-se de duas interessantes narrativas ligadas as estas festividades na Ilha de São Miguel. A primeira surgiu com o ribeira-grandense José Raposo Marques que relatou: *na 6.ª feira é conduzido o gueixo (...) ao som das fanhosas rabecas, de grunhidores, estridentes, clarinetes ou orquestras (...) e, à voz de repentistas, desde o pascigo, onde esteve a engordar - até à casa do dono – o Dispenseiro ou Imperador*²³⁰. A segunda narrativa é comentada por Manuel V. Gaspar que usou a expressão *despenseiro* ou *depositário* para a pessoa que acarreta com organização de todas as festas do império. O mesmo autor aludiu várias vezes ao termo, descrevendo alguns dos rituais dos Impérios que se organizam nesta ilha. Relativamente à *despensa*, lugar forrado de ramos de incenso e faia onde se coloca a carne depois de abatidos os gueixos; à entrega do pão em casa do *despenseiro*, depois da sua confeção pelos irmãos; e às disposições que o *despenseiro* toma relativamente a diversos rituais relativos à festa como, por exemplo, durante os cortejos.²³¹

A grafia dos termos *despensa* ou *dispensa* tem gerado alguma controvérsia no meio rabo-peixense, e acredita-se que a escrita é com “e” e não com “i”, porque as palavras *despensa* e *dispensa* possuem significados muito diferentes, embora tenham pronúncia idêntica, podendo ser consideradas palavras homófonas, tal como acontece com a palavra “tiatro” em vez de teatro.

4.4.1. As *Despensas dos Homens do Mar*

No século XVI, Gaspar Frutuoso fez algumas menções ao lugar de Rabo de Peixe referindo haver nesta localidade *uma formosa baía [e ser] abastado lugar de peixe*,²³² onde se achou *ali no princípio, junto do mar, um peixe muito grande, sem se saber que peixe fosse, se era baleia ou de outro nome, (...)*²³³. Mais adiante aquele cronista volta a mencionar que *saem à costa desta ilha, algumas vezes, baleias, mais da banda norte que do sul, principalmente do lugar de Rabo de Peixe, onde se achavam muitas favas do mar,*

²²⁷ Andrade, 2016: 119.

²²⁸ Leal, 1994: 55.

²²⁹ Lopes, 1957: 16.

²³⁰ Marques. 1952: 30.

²³¹ Gaspar. 2005: 137-155.

²³² Frutuoso, 1998, 4: 193.

²³³ Idem, Ibidem, 1998, 4: 192.

que dizem ser-lhe agradável ou natural manjar. E, posto que muitas saíssem somente se aproveita o azeite delas, sem nunca se achar ambre²³⁴. No século XVII, devido à abundância de peixe nos mares açorianos, os pescadores já existiam, embora em número insignificante, mas que originaram e representaram uma *classe distinta das demais, pelo seu caráter e costumes especiais, vivendo em bairros próprios*²³⁵. Com base nestas notas, começaram a dedicar-se à atividade piscatória, como forma de subsistência. À semelhança de outras localidades açorianas, foi deste modo que surgiu a primeira comunidade marítima em Rabo de Peixe. Depreende-se que a *enseada formosa*, de Rabo de Peixe, abrigada do tempo sul e do lado nordeste, tenha facilitado a entrada e a saída de pequenos barcos, formando-se, assim, ao longo dos séculos, uma classe marítima distinta na zona litoral. Estes núcleos de pescadores, durante séculos, estavam circunscritos a uma área específica, próxima do pequeno ancoradouro, onde viviam em condições muito pobres, que se mantiveram ao longo dos anos. No inverno de 1854, houve notícia que em *Rabo de Peixe parte das casas palhaças foram pelos ares*²³⁶ devido à ocorrência de mau tempo. Nos finais do século XIX, Gabriel Almeida lamentava a situação deplorável em que viviam as comunidades piscatórias na ilha de São Miguel: *os pescadores viviam em casas pobres apinhadas de gente, com pouca higiene, debaixo das camas e nos cantos das casas há trouxas de roupa, molhos de corda, caniços, redes, cestos e outros aprestes de pesca, e em grande quantidade o engodo para isca do peixe*²³⁷.

Em 1938, no *Primeiro Congresso Açoreano* denunciava-se a pobreza e as circunstâncias em que vivia grande parte do povo açoriano. Numa das intervenções do colóquio, um dos participantes denunciou a falta de construção de Bairros Económicos no arquipélago, conforme já haviam sido fabricados em outras regiões portuguesas. Na mesma época, e por igual motivo, Carreiro da Costa apelava à construção de um bairro de casas económicas para os pescadores da Vila da Lagoa, que viviam em situações deploráveis para o século em que viviam²³⁸. Crê-se que na sequência destas intervenções, treze anos mais tarde, as casas *palhaças* onde muitos dos pescadores de Rabo de Peixe viviam, foram substituídas pela construção do primeiro bairro piscatório, visitado por conferencistas, em 1954, e que era *constituído, na sua primeira fase, por 100 casas. A construção, de dois ou três anos apenas, é um excelente melhoramento para aquela*

²³⁴ Idem, *Ibidem*, 1998, IV: 261.

²³⁵ Ferreira, 1940: 585.

²³⁶ Supico, 1995, 2: 406.

²³⁷ Almeida, 1893: 18.

²³⁸ Costa, 1940: 323.

*localidade, que tem uma numerosa população de gente de mar, muito pobre e necessitada*²³⁹. Este bairro foi edificado na zona este da freguesia, mais tarde denominada de *Caranguejo*. A população aí residente era quase totalmente constituída por pescadores, sendo alguns donos de barcos e mais abastados. No *Bairro dos Pescadores*, constituído pela Rua São Pedro Gonçalves, Rua de Santo António, Rua de S. Paulo, Rua de S. José e Rua de N^a S^a da Boa Viagem, só viviam pescadores que trabalhavam por conta de outrem. Neste espaço vivia a comunidade mais carenciada do *Caranguejo* e de Rabo de Peixe, que de forma generalizada, praticava a endogamia, isto é, casavam entre si. Até ao ano 2000, data da sua demolição, estas ruas tinham pequenas pracetas, com o mesmo nome, a que chamavam *eira*, e, que os homens usavam para vararem barcos, escalar peixe, remendar redes e fazer outras atividades ligadas à atividade piscatória. Por sua vez, as mulheres usavam o espaço como estendal, e, nos tempos livres, sentavam-se às portas, a conversar umas com as outras e a cuidar dos filhos ainda pequenos que ali brincavam, porque a partir dos dez ou doze anos, os rapazes já acompanhavam os pais nas atividades da pesca. Este Bairro dos Pescadores foi demolido, por falta de condições sanitárias e as casas serem pouco adequadas aos agregados familiares. Em 2003 começou a demolição e a reedificação do novo bairro que se prolongou até 2010 num processo de construção das novas casas e realojamento faseado, com o objetivo de instalar nos novos lares, as famílias que durante certo tempo viveram em *contentores* adaptados à habitação.

A zona a que chamavam *Caranguejo* também incluía a área do Biscoito e a área da Lapinha. Esta última, junto ao mar, deu origem à Rua da Lapinha que liga a fábrica de conservas de peixe ao porto de Rabo de Peixe. Nesta rua, existem várias pequenas travessas que constituem o *Bairro do Biscoito*, abreviadamente conhecido como Biscoito. Próximo, fica a Canada da Meca situada em Santana, a leste da vila, onde se localiza a fábrica de iogurtes. Dizia-se que naquele lugar viveu uma comunidade moura, muitos dos quais que se dedicariam à pesca. A oeste, no outro extremo da vila, está localizado o sítio denominado Cova da Moura, área onde, tradicionalmente, viviam os vendilhões de peixe²⁴⁰.

Até à década de 70 do século XX era marcante a distinção entre a gente do mar e a gente da terra, dividida pela estrada nacional. Sobre esta distinção social, Manuel Estrela referiu que *um pescador para levar o guião na procissão de Nossa Senhora do Rosário*,

²³⁹ Conferência Insular Açoriana. Primeira Reunião. 1954: 208.

²⁴⁰ *Supra*: 67.

*só o fazia na segunda-feira. No domingo era para os homens da terra. E tinham que pagar cinquenta escudos para isso. Diziam que não era um pagamento, mas sim uma oferta ...*²⁴¹. Na parte sul da freguesia residiam aqueles que viviam das atividades agrícolas, camponeses jornaleiros, donos ou arrendatários de terras; na parte de baixo, junto ao mar, encontravam-se os que viviam do mar, os pescadores, cuja profissão ao longo dos séculos tem sido identificada como uma das mais árduas. Se antes se demarcava na freguesia lugares e atividades económicas diferenciadas, o sentimento religioso era o mesmo que batia no coração de todos os habitantes de Rabo de Peixe, embora a religião não os unisse no mesmo espaço.

A história da comunidade piscatória tem sido marcada por grandes dificuldades. Os pescadores passavam *os dias ou as noites no mar, trabalhando arduamente e lutando com as ondas, que não raro lhes dão a morte*²⁴². Recordando-se deste tempo, um antigo pescador de Rabo de Peixe, o *tio João Quelmas*, recordando os tempos que vivia no mar, contava aos mais novos: *andei por estes mares mais de sessenta anos, noite e dia, aos “batarrolos” e em “rebaldarias”, por riba deles; vi-me por cinco vezes perdido; salvei-me, por milagre, ao pé do areal grande [Calhetas]; pesquei com tempo de todas as qualidades e por todas as bandas*²⁴³. Também, no século XIX, Gabriel de Almeida escrevia sobre a penosa vida dos pescadores, referindo a existência nos Açores da Confraria dos Marítimos, como uma espécie de *sistema associativo em que cada dia, de cada resultado da pesca se tirava um quinhão para uma confraria que tem a seu peito festejar anualmente o santo, padroeiro da irmandade e beneficiar os irmãos com socorros médicos e outros auxílios*²⁴⁴. Em Rabo de Peixe, esta confraria também existiu. Nos seus registos, menciona-se o apoio facultado aos membros da família em caso de doença ou morte do pescador, a partir da contribuição mensal dos elementos da classe piscatória inscritos na confraria. Atualmente, a Confraria de São Pedro Gonçalves, protetor dos pescadores, celebra anualmente, a sua festa no sexto domingo após a Páscoa.

A topografia da freguesia possibilitou o aproveitamento de um declive junto ao mar que facilitava o arriar dos barcos, mas *quando regressavam da pesca, os barcos, são varados na areia à força de braços, a uma grande distância da linha da maré, conforme consente o espaço do varadouro*²⁴⁵. Também, na década de quarenta, o ancoradouro de

²⁴¹ Estrela, 2000: 40.

²⁴² Ferreira, 1938: 585.

²⁴³ Ataíde, 1974, 3: 204.

²⁴⁴ Almeida, 1893: 19.

²⁴⁵ Almeida, 1893: 20.

Rabo de Peixe, é descrito, por comparação com outros na mesma ilha, como *mau, com pequenas manchas de areia (...) ao norte e no centro da enseada. Para desembarcar utilizava-se um pequeno cais, sem praia anexa*²⁴⁶.

As condicionantes naturais, relacionadas com o contexto geográfico e climático, dificultavam a vida na classe piscatória, sujeita a todo tipo de carências. Afonso M. Tavares recorda-se de haver ... *grandes tempestades. A bandeira branca na torre da Igreja, e todo o Caranguejo em alvoroço. Barcos voltados, os remos a balançar por cima da água, outros à espera da sua vez para entrarem e serem puxados à mão e a braços. Naquela agonia, morreram ali muitos pescadores. E depois, como era a situação da viúva e dos filhos? Outros não conseguiam, varar aqui, iam para as Capelas, tentar a sua sorte. Mulheres descalças a pé, a chorar, para as Capelas. Outras vezes, conforme o tempo e o vento, iam para o Porto Formoso. Quais eram os benefícios que esta gente tinha? Tirar esmola para o caixão, e a viúva e os filhos? Semanas inteiras sem ganharem nada, casas grandes de família, dois e três casais, na mesma casa, enfim. Quando o tempo permitia, as pobres mulheres, descalças, todas molhadas a apanhar lapas, para andarem depois, pelas portas das ruas da freguesia a oferecerem para comprarem, ou trocar por pão, para matarem a fome aos seus filhos*²⁴⁷.

O caráter religioso tem permanecido sempre aliado à atividade piscatória. Desde os nomes dos seus barcos, que têm inscritos os nomes de entidades divinas e de santos, às estampas religiosas que acompanham os pescadores, fortalecendo-os nas dificuldades que encontram no mar. Pescadores e famílias sempre imprimiram na sua vivência quotidiana com o mar a grande fé e devoção que têm com o transcendente, expresso no testemunho de D. Maria de Deus, com moradia de frente para o ancoradouro de Rabo de Peixe: *Os barcos iam para o mar com a companha e depois apanhavam mau tempo fora (...) às vezes eu estava a dormir e eu ouvia toques à porta. (...) eu vinha ver quem era (...) “Ai Maria de Deus pela tua saúde e por alma dos teus, abre a janela! Abre a janela dali [virada para o pequeno porto]”. “Eh mulher porque é?” “ai, o meu marido está no mar com essa tempestade que está aí. Ai meu Deus que quer meter os barcos no fundo, ai, Senhor, como é que vai ser isso?” “Eh, mulher não seja por causa disso, eu vou abrir”. Eu abria a janela, estava a janela aberta até ao outro dia, de manhã, até ter barcos a chegar, (...). Elas entravam aqui, [onde havia uma imagem do Senhor Santo*

²⁴⁶ Rodrigues, 1943: 103.

²⁴⁷ Tavares, 2011: 65.

Cristo] estavam de joelhos aqui no quarto, (...) Depois quando eles varavam bem (...) elas vinham no outro dia recompensar, uma vinha trazer um maço de velas, uma vinha trazer uma garrafa de azeite. “Ai acende ao Senhor Santo Cristo pela graça que ele deu”. (...) Prometiam, pegando-se ao Espírito Santo. Era muito duro (...) Era a maneira que podiam. (...) A gente todos temos fé que temos o amor da minha alma dentro de casa, todos temos fé. (...) Deus está no coração²⁴⁸.

Como os demais açorianos, os pescadores de Rabo de Peixe comungam da fé e veneração ao *Divino Espírito Santo* a quem pedem ajuda nas adversidades. Há séculos, que a classe piscatória saúda e honra o Espírito Santo de forma peculiar, realizando as *Despensas*, no sábado da Festa de Pentecostes.

Festividades idênticas são conhecidas em outros lugares das ilhas dos Açores. Augusto Gomes menciona que, *antigamente, na freguesia de Porto Judeu, ilha Terceira, realizava-se duas festividades distintas em honra do Divino Espírito Santo, a dos homens da terra, no domingo de Pentecostes, realizadas por lavradores e operários e a dos homens do mar, no domingo da Trindade, organizada pelos marítimos*²⁴⁹. O mesmo autor referiu que *na vila das Calhetas, na ilha de São Jorge, houve uma festa espiritana também realizada pelos homens do mar, que ao longo do ano amealhavam do valor dos salários da pesca para realizarem o seu império*²⁵⁰. Continuando o seu percurso pelo arquipélago açoriano, o mesmo autor, também refere que, *na ilha do Faial, na freguesia da Feteira, existe o Império da Caridade dos marítimos e ... neste caso só uma Irmandade de marítimos da Feteira de Baixo, cuja sede e o Império, fica junto da igreja da Feteira. ... Em termos estruturais assemelha-se à Festa dos Pescadores de Rabo de Peixe*²⁵¹.

Igualmente, na ilha de São Miguel realiza-se o *Império do Espírito Santo* dos Pescadores, na vila da Povoação. *Os pescadores ... cotizavam-se entre si e faziam peditórios, comprando vitelos, que eram confiados a criadores, que os criavam gratuitamente, entregando um ano depois para serem abatidos para a festa que consistia na partilha de alimentos compostos por pão, carne e vinho. Na sexta-feira, na sexta semana do Espírito Santo, da parte da tarde, o gado vem para abate, enfeitado com grinaldas de flores naturais na cabeça e flores presas no corpo e decoração em papel de*

²⁴⁸ Maria de Deus Penacho Vieira, Rabo de Peixe (1944-2018)

²⁴⁹ Gomes. 2001: 210.

²⁵⁰ Gomes. 2001: 226.

²⁵¹ Gomes, 2001: 234.

*seda multicolor. Percorriam as ruas da vila, seguidos de músicos e instrumentos de corda e castanholas, cantando em louvor ao Divino. Recentemente, introduziram instrumentos de sopro*²⁵². Aquele autor menciona o *Império do Espírito Santo* dos Pescadores, na Vila da Povoação, cuja semelhança é patente no ritual de quota, na compra do gado, e no acompanhamento deste para abate, *com músicos e instrumentos de corda e castanholas*²⁵³. Acerca deste último aspeto, ficamos a saber que depois de 1985, com o surgimento das *Despensas dos Homens da Terra*, estas têm sido convidadas a participar nestas festividades em outras localidades da ilha de São Miguel, o que suponhamos ter sido o que Augusto Gomes presenciou.

Na década de trinta, no século passado, o etnógrafo Luís Bernardo Leite Ataíde presenciou as *Despensas dos pescadores de Rabo de Peixe*, no quadro da dualidade social que existia, na freguesia: *Sábado, véspera de Festa do Espírito Santo. A freguesia apresenta feição alegre, os camponios têm a sua festa da [Bandeira] Beneficência, os pescadores as suas despensas*²⁵⁴. Conhecidas como as *Despensas dos Homens do Mar*, e durante muitos anos, circunscritas ao seu meio social e local, praticamente, eram desconhecidas dentro da ilha e no resto do arquipélago. Acerca do seu aparecimento, José Faria ouviu de seu pai, que *as despensas remontam ao século XVII quando, um barco regressado da faina, na enseada de Rabo de Peixe, sofreu a fúria do mar tendo os homens que compunham a companhia caído ao mar desesperados, tentando salvar-se uns aos outros. Da população que assistia sem nada poder fazer, uma mulher foi buscar uma coroa do Espírito Santo que colocou na cabeça durante três horas, ajudada pelas restantes pessoas que lhe seguravam os braços no alto. O mar amainou e os homens salvaram-se, o que foi considerado um milagre do Divino. Em agradecimento à terceira Pessoa da Santíssima Trindade, as companhias de pescadores de Rabo de Peixe festejam o sábado de Pentecostes*²⁵⁵.

Como já referimos, não houve explicação convincente para o uso da palavra *Despensa*. Acreditamos, porém, em conformidade com Augusto Gomes, que com o termo *Despensa* os homens do mar designavam a carne recebida pelo quinhão que, excedendo após o necessário do dia a dia, lhes permitiam *salgar e guardá-la na despensa, como recurso alimentar*,²⁵⁶ durante algum tempo. Opiniões contrárias ressalvam que estas

²⁵² Gomes, 2001: 220.

²⁵³ Gomes, 2001: 224.

²⁵⁴ Ataíde, 2011, 3: 318.

²⁵⁵ Faria, sd: 35.

²⁵⁶ Gomes. 2001: 220.

festividades estariam *dispensadas* das atividades religiosas ou de outra qualquer formalidade social. A ser verdade, tal é anterior aos últimos cem anos, o que ainda não foi provado. Relativamente a esta versão, ou seja, das *Dispensas* não participarem de cerimónias religiosas pode-se contra-argumentar que uma cerimónia religiosa não é só aquela que se realiza na igreja, mas em qualquer espaço, onde a prática religiosa seja outorgada pela autoridade religiosa, normalmente o sacerdote local. Isso acontece, por exemplo, com a deslocação do padre à casa do mordomo, onde se encontram “guardados” os alimentos a serem abençoados. Em 1918, Ataíde descrevia que, antes da sua distribuição, a carne e a massa sovada estavam acondicionadas em casa do mordomo, esperando pela cerimónia religiosa para o *padre (...) tudo incensar e benzer, espargindo água benta*²⁵⁷. Quanto às formalidades sociais, segundo as quais os pescadores teriam de pedir *dispensa*, tal não se adequa à época em que as *Dispensas* começaram a ser realizadas. Primeiro, pela falta de obrigatoriedade de formalidades sociais, no espaço limitado somente à comunidade marítima, pouco frequentado pela restante comunidade local; segundo, devido ao afastamento das localidades, que viviam isoladas, por falta de meios de comunicação, onde a legislação demorava a chegar e, para além disso, mesmo assim raramente era cumprida, como a legislação, que muitas vezes, estava relacionada com o poder e a igreja!

Crê-se que em Rabo de Peixe, a originalidade, da *Dispensa dos Pescadores* e, também, enquanto *Balho de Pescadores* aproximou-se da posição de exultação representada pelos foliões e, através dela, saudar e festejar o *Espírito Santo*, trazendo ao mesmo tempo um pouco de alegria e folguedo à sua vida rotineira, fechada e rodeada de miséria, ultrapassada pela fartura da *dispensa* anual. Deste modo, o nome *dispensa*, não só diz respeito à festa realizada em honra do *Divino*, pelo qual imploram em todas as circunstâncias da vida, mas fica também associada aos elementos que contribuem para a sua realização, que também tocam, dançam e cantam, exprimindo a satisfação de uma tarefa cumprida.

Com o tempo, as *Dispensas* adquiriram um acentuado carácter tradicional junto da comunidade piscatória, destacado por D. Ana (1973-), que referiu que a tradição das *Dispensas é uma tradição que nunca acaba (...). Antigamente, era mais divertido e alegre porque ia-se para o porto ver matar os gueixos. Que saudades que eu tenho*

²⁵⁷ Ataíde, 2011, 3: 326.

daquele tempo! As mulheres iam buscar o sangue do gueixo. Esta refeição era um petisco. Que saudades tenho de comer sangue de gueixo! Agora já não há. Eles não dão sangue no matadouro. Às mulheres era dada a dobrada que naquele tempo chamavam de coelheira e que lavavam na pedra do calhau com bastante limão. Era um consolo comer! Naquele tempo, as pessoas tinham “precisão” e aproveitavam as tripas, o sangue, a ube [úbere]. Quem tinha quinhão não queria aquelas coisas [vísceras], tinha a carne²⁵⁸. De acordo com Luís C. Brum os animais eram abatidos no Calhau Grande e ali a carne era dividida pelos elementos da companhia e colocada em palancas²⁵⁹. Segundo Helder Costa (1979-) em 2007 foi o último ano em que isso aconteceu.

Outro aspeto a ter em conta ao falar-se das *Despensas* organizadas em Rabo de Peixe é o facto de que competia ao dono do barco desempenhar o cargo de *mordomo*, pois a partir dele tudo dependia e era organizado, desde a posse do barco, em que trabalhava a companhia, até ao espaço físico onde quase tudo se organizava. Mas o mais importante é que de sua casa saíam os quinhões a serem distribuídos, depois de benzidos pelo padre. *Naquele tempo era assim. Era ele que guardava numa caixa o quinhão de cada vez que os pescadores fossem ao mar. Perto das festas, em frente aos companheiros da companhia, partiam a caixa, e consoante os quinhões guardados²⁶⁰. Pertencia, ainda, ao mordomo e aos seus companheiros, com a supervisão daquele, a aquisição da provisão dos víveres necessários para se fazerem as suas festas. Ao mordomo competia-lhe praticamente o cargo de munificent, porque era através dele que tudo se desenrolava.*

Àqueles que não tinham contribuído para o quinhão, era-lhes feita a doação de tripas, que eram devidamente aproveitadas e limpas no mar, junto do *calhau*, *naquelas poças grandes de água, abriam os buchos que eram bem lavados na água do mar. Em casa a gente botava num alguidar de barro com folha de milho rasgada, cebola, farinha, salsa, alho e limão. A gente remexia aquilo tudo, para dar o gosto e o cheiro à cebola, ao limão e a tudo. A gente passava tudo por água limpa, enquanto a água não saísse limpa e clara, a gente tava sempre a lavar para tirar a farinha, para tirar a cebola. Quando estava tudo limpo, limpo, limpo ficava consolando a ver tudo branco, branco como papel. Na segunda-feira era cozido em água e sal e era a comida de muita gente com pão de milho²⁶¹.*

²⁵⁸ Ana Andrade (1973-)

²⁵⁹ Brum, 1992:11.

²⁶⁰ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018)

²⁶¹ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018)

Relativamente à forma como preparavam o sangue fresco, D. Maria de Deus contou que colocavam no sangue, dois pauzinhos em forma de cruzinha que era para coalhar mais depressa. Depois de coalhado, ficava no formato de uma posta grande. Traziam do mar água salgada, da parte do mar que estivesse mais limpa, para cozerem nela o sangue coalhado. Consideravam que se fosse cozido com água doce e sal, nunca ficava saboroso como cozido com água salgada. Com a água a ferver, utilizavam uma faca para dividir a posta de sangue em quartos. Deixavam cozer mais um pouco e ficava pronta a comer. D. Maria de Deus contou, que quando o padrinho realizou *Despensa* foi visitado pelo Dr. Mota Amaral. Ao serão, com o baile formado, deram início à prova do sangue cozido. *O meu padrinho chegou-se a ele e perguntou: “O senhor também é servido?”. E eu, ainda, estou ouvindo-lhe, “Sim senhor, não desagradoço. É bom provar as coisas para ver se a gente gosta ou não”. E ele provou, esteve comendo, bebeu a sua cerveja e quando acabou ele disse assim: “Sim senhor eu não julgava que era assim, mas é bom para comer. É muito bom para comer, agradeço ao senhor pela sua lembrança, mas eu gostei”*²⁶².

Do *gueixo* que se matava tudo era aproveitado, a pele, as patas e a cabeça. Quem não tinha *Despensa*, pedia para “*amanhar uma cabeça*” mediante um preço baixo, para o pobre era bom porque tinha os lábios da vaca que também consola a comer. Porque aquilo tira-se a pele, fica tudo limpo, em carne. Há pessoas que adoravam comer aquilo, feito com batata consolava a comer. Era tudo limpo, tiravam aquela pele toda, ficava tudo limpo. Depois é bem tratado, lavado e cozido. Os miolos eram cozidos com os ovos batidos, com cebola verde e a salsa batidos, também era muito bom²⁶³.

Uma vez pelo ano do quinhão que recebiam, certamente que parte da carne era conservada, em sal, dentro de boiões de barro, colocados nas cozinhas.

Atualmente, as *Despensas dos Homens do Mar* abrangem os três dias durante os quais decorre as festas espiritanas, relativas ao *Pentecostes*.

²⁶² Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018).

²⁶³ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018).

4.4.1.1. Despensas, balhos e rodas

Para explicar a forma como se fazem as *Despensas* nos dias de hoje, o pescador António Cabral, de alcunha António da Virgínia, responsável pela realização de uma *Dispensa* nos últimos três anos, esclareceu que, dantes, elas eram organizadas ao longo do ano por cada uma das companhias, companheiros de lides piscatórias, num determinado barco. *O produto da pesca era dividido, depois de satisfeitas as exigências do fisco, em tantas partes iguais, chamadas quinhões, quantas são os tripulantes, incluindo o mestre, que recebe como qualquer um deles; e mais uma para o barco, (...) conforme os lugares, ainda outras que se vão juntando, cada uma em seu mealheiro de barro, que se quebra por ocasião de algumas grandes festas, como*²⁶⁴ por ocasião da festa de Pentecostes, no sábado do *Espírito Santo*. No fim do ano, com o dinheiro obtido dos quinhões, o *mordomo* comprava o *gueixo*, a farinha, para a massa sovada, roupa, sapatos e bebidas. Cada pessoa a quem cabia o quinhão, recebia a farinha, e com ela fazia a *massa sovada* na sua casa. D. Maria de Deus, lembrou esta época, contando que *o dono do barco ia com a companhia comprar o gueixo, depois compravam as farinhas, os açúcares, a manteiga, davam o que era o competente para a massa. Aquilo saía tudo (...) daquela companhia. Depois na quinta-feira, (...) indo buscando (...) andavam com os gueixos pela rua a mostrar a cada porta do companheiro, para as donas, as mulheres dos companheiros, se era um bom gueixo, se era menos, se era grado. Faziam a festa e era muito divertido. Já na quarta-feira, na semana da dispensa já [re]partiam as farinhas, os açúcares, a manteiga, aquilo que era dado para a massa. Estava ali as donas dos companheiros, as companheiras em casa do dono. Era 10 quilos de farinha, que partia, cada uma. A dividir por cada companheiro. Cada companheiro, dez quilos de farinha, três quilos de açúcar, o fermento, davam, pronto, os ovos, o competente para a massa. Cada companheiro que ia saindo com o seu açúcar, com a sua farinha, com aquilo que era dado, uma roqueira e um bombão para aquele companheiro. Era muito divertido, muito alegre. Agente já sabia e dizia assim: - Oh, tão [re]partindo as farinhas da companhia. Agora não se vê isso ...*²⁶⁵ Se a mulher do pescador não soubesse fazer *massa sovada*, entregava os ingredientes a uma cozinheira chamada tia Maria José Carrita, que vivia no local do Aforamento Cruz. Depois de pronta, a *massa sovada* era trazida para casa do *mordomo*, onde ficava guardada para ser benzida pelo padre. Contudo, o dono do barco que organizava as

²⁶⁴ Ferreira, 1943: 44.

²⁶⁵ Maria de Deus Penacho Vieira (1944-2018)

Despensas deixou de realizá-las, devido à falta de pagamento dos quinhões por parte de alguns elementos da companhia, o que o forçava a arcar sozinho com as despesas.

A organização das *Despensas* sofreu alterações na sua organização, inovações que se adequaram ao tempo e às situações. Assim distinguimos dois modelos organizativos. No primeiro, observamos que, para ser *mordomo* o pescador não necessita de ter barco. No segundo, um antigo pescador, mesmo emigrado, pode sê-lo através de um intermediário, que a pode organizar. Assim, em 2012, surgiu a modalidade que mais se encaixa no modelo tradicional de realização da *Despensa* por um pescador proprietário, ou não proprietário de barco. Este, enquanto mordomo faz a lista das pessoas interessadas e o *quinhão* é pago de uma só vez, garantindo, desde logo, o seu pagamento. Com o dinheiro obtido compram-se a um lavrador os *gueixos* já criados bem como a *massa sovada*, pão, as bebidas, o fogo e as roupas para os *irmãos* que constituem a *Despensa*. A outra modalidade de organizar e preparar a *Despensa* é decorrente do contato de antigos pescadores na diáspora com pescadores companheiros e amigos locais. Os primeiros contribuem com dinheiro, em cumprimento de promessas prestando o seu agradecimento ao *Espírito Santo*, sonhando, um dia, realizar um *Império* ou uma *Bandeira* (Anexo fotográfico: Fig. 249). A quantia doada é, muitas vezes, reforçada por mais companheiros pescadores que cooperam com quinhões, fazendo parte da mesma *Despensa*.

Habitualmente, são adquiridos dois *gueixos* por *Despensa*. Até 2007, os pescadores compravam *gueixos* ou bovinos a um lavrador. A partir do ano seguinte, a carne de novilho tem sido substituída por carne de vaca²⁶⁶. Todos os *irmãos* da *Despensa* recebem um *quinhão* igual composto de vinte quilos de *carne* limpa e com osso, mais cinco bolos de *massa sovada*. Também é costume que o *mordomo* compre as roupas conjuntamente com os *irmãos* mais novos, para que estes possam *escolher a roupa a seu gosto*²⁶⁷ e que todo o grupo vai vestir por igual. A este respeito, D. Ana revela que *a juventude já não gosta da forma como se vestiam antes. É preciso adaptar-se aos tempos modernos*²⁶⁸. Normalmente a roupa inclui dois pares de ténis, dois pares de calças e quatro *t-shirts* ou camisas.

Há cem anos, as festas das *Despensas* realizavam-se só no sábado de *Pentecostes*, com a concentração de todos os *gueixos* das respetivas companhias no lugar do

²⁶⁶ Helder Costa (1979-)

²⁶⁷ António Cabral (1969-)

²⁶⁸ Ana Andrade (1973-)

Aforamento da Cruz, transição para a Rua do Rosário. Dali, e em desfile pela freguesia, saíam os *bezerros presos pelo pé, enfeitados com flores, ramos verdes, fitas de papel e toucados de rosas, goivos, boninas, malmequeres e pampilhos*.²⁶⁹ O desfile do gado era acompanhado por *quatro homens em mangas de camisa avançando em quadrado, dois de costas, e seus vis-à-vis de frente, em passos de dança, três para diante e outros tantos para o lado, em requebros, saltos e atitudes pretensiosas, com tacanhos levantamentos de pernas (...) de braços erguidos em movimentação constante e agitada, trazendo, atreladas nos dedos grandes das mãos, as trincadeiras (castanholas), de buxo ou de pau preto, presas com cordões de cor rematados com pompons de vária tonalidade, cujo matraqueado ininterrupto vincava o compasso do balho ao som da rabeca, da viola da terra e, por vezes, de acordeão tocados por músicos vestidos à domingueira. Acompanhando o grupo seguiam os amigos e companheiros de trabalho, pois cada folia representava uma companha*²⁷⁰ que seguia os gueixos até ao porto. Apesar de hoje tal já não acontecer continua a ser importante mostrar os animais que foram adquiridos, *que devem ser quanto maiores melhor, para mostrar que os gueixos são superiores à Despensa vizinha*²⁷¹. Agora, dez dias antes da festa, pela manhã, os lavradores a quem se comprou os bovinos, trazem-nos para o porto de Rabo de Peixe, onde são descarregados e entregues aos *mordomos* das *Despensas*. Em camiões com trelas ou *carreolas*, como são conhecidas, os gueixos percorrem as ruas onde moram os irmãos da *Despensa*. Este cortejo é acompanhado pelos companheiros da *Despensa* que vão ordenados em quatro ou cinco filas. Cada uma delas é constituída por cinco elementos que, de braços levantados, tocam castanholas, enquanto fazem movimentos da esquerda para a direita com o corpo. Neste movimento de oscilação, os homens alçam a perna contrária ao movimento do corpo. Este baloiçar de corpo, ora para a direita ora para a esquerda, é conhecido como o *Balho dos Pescadores*, porque bailam em consonância com o toque harmonioso das castanholas. Atrás deles, outros elementos tocam ferrinhos, violão e acordeão. Finalizado este cortejo, os animais são novamente levados pelo lavrador que os entrega, na quinta-feira seguinte, no matadouro municipal para serem abatidos, de acordo com as normas sanitárias atuais. Ana Andrade recorda-se que o pai lhe contava que castanholas ou *trincadeiras* eram *cascas de lapas*, às quais se punham pequenos ramos de faia²⁷². Com base em testemunhos, Cláudia Tavares refere que *esta tradição se iniciou*

²⁶⁹ Ataíde, 2011, 3: 319.

²⁷⁰ Idem, *Ibidem* 2011, III: 319-320.

²⁷¹ António Cabral (1969-)

²⁷² Ana Andrade (1973-)

com os pescadores da freguesia, que com cascas de lapas, amarradas por um fio de seda, e acompanhadas pela viola da terra e pela rabeca começaram a balhar, manifestando a sua devoção pelo Divino Espírito Santo. Posteriormente substituiu-se as trincadeiras de lapas por castanholas de madeira de buxo ou pau preto, as quais eram enfeitadas, e ainda hoje o são, com pompons feitos em lã de várias cores. Atualmente, o mesmo instrumento é feito de um material semelhante ao plástico, o qual confere um som mais forte²⁷³. Esta versão é comprovada por António Silva que esclareceu que eram as crianças que usavam grandes conchas de lapas, para imitar os adultos. “Antigamente, as lapas não eram exportadas por isso não faltava lapas na ilha de São Miguel. Pelos Impérios comiam-se lapas cujas conchas eram do tamanho de uma mão. Uma ou duas semanas antes das festas do Espírito Santo quando começava a cheirar à florzinha nova do incenso, um dos rapazes, o maiorzinho, juntava crianças de nove, dez anos e dizia, vamos fazer uma Despensa? Usavam as cascas das lapas que batiam umas contra as outras, fazendo tac, tac, para fingir as castanholas ou trincadeiras²⁷⁴”.

À semelhança de outras festividades espíritanas, em frente à casa do *mordomo*, local onde se desenrola o principal ritual, é decorada com verduras de criptoméria, faia ou incenso e mastros. Estes são unidos por fios onde se penduram pequenas bandeiras multicolores. Na véspera de sexta-feira, num dos quartos da casa, forra-se o chão com plástico e por cima deste colocam-se ramos de criptoméria, (entre 5 a 6 sacas) previamente apanhados na mata. Também é neste dia que o *mordomo* vai buscar a carne ao matadouro. Esta vem dividida em oito partes, que são colocadas no quarto preparado para o efeito. Em cima da carne colocam-se sacos com gelo para a manter fresca até ao dia seguinte. Na noite desse dia, o *mordomo* reúne todos os *irmãos* e familiares da *Despensa* para um jantar, em que normalmente é servido peixe ou carne grelhada, nomeadamente sardinhas ou galinha.

No sábado, pelas sete horas da manhã, reúnem-se em casa do *mordomo* todos os elementos da *Despensa* para tomarem o pequeno-almoço e prepararem o Cortejo da Carne. O jejum é, geralmente, composto por uma caneca de café, uma fatia de massa, pão com manteiga e queijo. Pelas nove horas da manhã, os homens, vestidos de calça de ganga e camisa branca, levam a carne num carro fechado até à Rua da Eira. Os homens que compõem a *Despensa* fazem cinco filas ao longo da rua e desfilam com as mãos atrás

²⁷³ Tavares, 2004: 8.

²⁷⁴ António Silva (1950-). Na ilha de São Miguel as lapas começaram a ser exportadas na década de oitenta.

das costas. Atrás deles, três homens animam musicalmente o cortejo, um a tocar acordeão e dois à viola fazendo ouvir o *Pezinho*, melodia que acompanha as quadras soltas dos balhos e ou cantigas ao desafio. Segundo Antonio Silva a *música é entoada como se fosse a folia micaelense. Nesta ilha e na nossa freguesia chamava-se “Pezinho Velho” só tocado quando os gueixos desciam à freguesia, não havia acordeões, mas instrumentos de corda e alguns tinham ferrinhos outros não*²⁷⁵.

Ao chegarem à Rua da Eira, os elementos da *Despensa* aproximam-se do carro onde se encontra a carne e, todos juntos, retomam o cortejo até à casa do mordomo. O carro percorre lentamente o trajeto de volta a casa do *mordomo*, seguido do *grupo de irmãos* que, agora, executam o tradicional *balho*, tocando, cantando e bailando. *É um balho ritmado com duas ou três filas compostas por homens. Enquanto os que vão atrás tocam e cantam os primeiros versos de uma quadra, os homens que incorporam as filas avançam num passo cadenciado. Acabados os dois primeiros versos, uma das filas volta-se e, face a face, dançam ao som de castanholas à maneira de acompanhamento, voltando de novo à primitiva posição para conclusão da quadra*²⁷⁶. Chegados à casa do *mordomo*, a carne é descarregada do carro e entregue aos homens, cortadores especializados em carne verde, contratados para o efeito.

Ao almoço, reúnem-se todos os homens e familiares, que constituem a *Despensa*, para uma refeição conjunta que consta sempre de *peixe e/ou de moluscos, como o polvo e a lula. Antigamente, este almoço consistia em lagosta cozida, pão e vinho e o jantar de congro, vinho e pão*²⁷⁷. Na década de setenta, António Silva, tocador de acordeão era contratado para tocar nas *Despensas* dos *homens do mar*, e referiu que, o almoço era caldeirada de congro e à noite, entre o baile de pescadores e a *roda* comiam uns petiscos acompanhados por umas cervejas. Numa das *Despensas* que visitamos pudemos constatar que eram lulas guisadas que estavam a ser servidas ao jantar.

Na tarde desse sábado de *Pentecostes*, pelas 13 horas, os homens preparam-se para a cerimónia religiosa. Lavam-se e mudam de roupa para esperar pelo pároco local que inicia o trajeto que o levará às diferentes ruas da vila onde se organizaram *Despensas* nas quais é necessário abençoar a *carne*. Nestes lugares, assinalados pela colocação de ramos de criptoméria e bandeirinhas coloridas, a porta da casa está aberta e junto a esta estão

²⁷⁵ António Silva (1950-).

²⁷⁶ Gaspar, 2005:187.

²⁷⁷ Ataíde, 2011, 3: 320.

alguns tabuleiros cobertos de toalhas brancas, algumas bordadas e guarnecidas de rendas. Dentro deles estão bolos de *massa sovada* enrolados em papel *craft* branco, num formato de *bico*. Este está apertado com uma fita de *ráfia* e junto um pequeno rebento de cedro ou de funcho da *madeira*. Especialmente os homens, de indumentária igual aguardam que o sacerdote compareça para efetuar a bênção da *massa sovada* e da *carne*. O padre chega com o sacristão que é portador do turíbulo. O padre cumprimenta todos os membros da *Despensa* assim como os vizinhos que estão à janela e à porta de suas casas, curiosos e estranhos à vila que se encontram nas imediações. De seguida, procede à bênção acompanhada do doce cheiro do incenso enquanto os homens da *Despensa*, tocadores de acordeão, tocam e cantam o Hino do *Espírito Santo*. Em simultâneo os foguetes estalam no ar, anunciadores das festas e do Paráclito. As mulheres que tinham permanecido dentro de casa, atarefadas com os preparativos, assistem à cerimónia, algumas delas emocionam-se, ora com uma lágrima que teima em cair, outra que não se envergonha delas e deixa-as correr livremente. Seguidamente, o sacerdote entra dentro de casa para a bênção da carne que se encontra sobre verdura, e os presentes em grande euforia, dão vivas e batem palmas ao Espírito Santo acompanhadas pelo hino tocado pelos acordeões. O padre e o sacristão retiram-se porque é necessário ir abençoar a outra *Despensa*. Entre os membros da *Despensa* domina a alegria e a satisfação enaltecida com o som da música e das castanholas. Todos batem palmas e cantam uma canção religiosa: *Eu tenho um amigo que me ama que se chama Jesus*. Terminada, os homens continuam a tocar e a cantar à desgarrada acompanhados dos aplausos das mulheres. Outras, incumbidas da preparação de acepipes e petiscos, apressam-se a colocá-los na mesa, gulodices que farão as delícias de grãos e miúdos e de todos aqueles que visitarem a moradia onde se efetuou a *Despensa*.

A cerimónia da bênção configura simbolicamente a comunhão entre os homens da classe piscatória e o *Senhor Espírito Santo*. Este simbolismo está presente e mantém-se nos alimentos consagrados e irão ser distribuídos pelos irmãos da *Despensa*. Depois de dividida a carne esta é colocada em caixas de plástico com pegas e a mulher de cada companheiro da *Despensa* leva para casa o quinhão a que tem direito. Os homens preparam-se para festejar a consagração dos alimentos, bailando pelas ruas da vila.

Durante o resto da tarde, a *Despensa* desfila ao som do tradicional balho pelas ruas da vila, *ao som do martelado das trincadeiras nos seus dois tons: o grave das*

“*machas*” e o menos profundo das “*femas*”,²⁷⁸ visitando os quartos dos *Impérios das Coroas* e os quartos das *Bandeiras do Espírito Santo*. Aproximando-se destes lugares, os homens da *Despensa* saúdam o *mordomo*, bailando e, de seguida, organizando a “roda”, que consta de *balho ou dança de roda, nas festas do Espírito Santo (...)* e o *pezinho cantado e bem batido*²⁷⁹. Esta roda permite que as mulheres possam entrar nela e dançar também. Quando termina o *balho da roda*, o *mordomo* convida a *Despensa* para entrar e oferece-lhe uma bebida e um aperitivo ou petisco. Seguidamente a *Despensa* visita o quarto onde se expõe o símbolo sagrado e se canta o hino. No final, batem palmas, e retiram-se, dando por terminada a saudação celebrativa que fazem ao *Divino*. Desta forma, o *balho* das castanholas unia e continua a unir ritualmente, graças à fé e devoção ao culto do *Espírito Santo*, os pescadores aos restantes grupos sociais da freguesia. Terminada a ronda pelos quartos, pelas vinte e uma horas, os homens, sempre bailando, recolhem-se junto à casa do *mordomo* da *Despensa*, onde se realiza o arraial. À sua porta constroem a *roda* onde entram as mulheres e começa o baile ou *fita* até à meia-noite ou uma hora da manhã. Descrito por José L. Faria como *balho batido*, ou *fado do pescador*, dança-se em forma de *roda* composta por homens, tocando castanholas, com movimentos de corpo, da direita para a esquerda e vice-versa, seguindo a entrada das mulheres, compondo pares na dança, acompanhando o ritmo dos homens, virando-se um para o outro, mas sem se tocarem²⁸⁰. Junto aos homens que tocam o *fado do pescador*, várias pessoas, entram na cantiga de forma sucessiva. Também é costume cantar-se à *desgarrada*, sendo o despique entre duas pessoas. Em 1918, esta *roda* foi descrita como *o giro dos doze pares em passeio de três passos um pouco para a direita, e outros tantos para a esquerda, ao som da viola que, num fado despachado, acompanhava um rapaz e uma rapariga envolvidos em duro despique, intercalando por pausas, (após a cantiga da moça), iniciadas com uma salva de palmas, à uma, seguindo-se um saracoteio remexido e bem comandado pelas trincadeiras, a marcarem o compasso dos três tempos da dança, enérgicas, nervosas, batidas e marteladas, sem contratempos, e doze vezes consecutivas*²⁸¹.

A *roda* é um baile improvisado pelos que compõem o grupo e no qual se envolvem as mulheres, animado por cantadores, que podem ser do grupo ou externos a este. As cantigas são feitas à *desgarrada* e de forma repentina pelos habitantes da vila que se

²⁷⁸ Ataíde, 201, 3: 320. Estrela, 2000:49.

²⁷⁹ Marques, 1952: 33.

²⁸⁰ José Luís Faria (1943-)

²⁸¹ Ataíde, 3. 2011: 328-329.

aproximam do local onde a *Despensas* forma a *roda*. A *desgarrada* pode ter uma vertente mais afetuosa, envolvendo homem e mulher, ou então ser mais zombeteira.

Pedro Sousa, homem que representa o *rei* nas *Cavalhadas de São Pedro* de Rabo de Peixe também canta de improviso, pelas *desgarradas*, que acontecem aquando das *Despensas* na época das festas do *Espírito Santo*. Bom repentista, faz quadras e canta ao desafio, quando na *roda* feita pela *Despensa*, encontra homens ou mulheres que aceitam o desafio do *fado corrido* ou no denominado *fado do pescador*. Como exemplo de quadras de saudação, Pedro Sousa inventa, na ocasião, e canta para exemplificar:

*Alegram-se as nossas almas nesta boa ocasião
E alegram-se as nossas almas nesta boa ocasião.
Vai uma grande salva de palmas para todos os que aqui estão
Vai uma grande salva de palmas para todos os que aqui estão.*

Eu espero pela resposta do outro, que podem ser mais do que um, e quando ele termina, eu começo:

*Por falar nas nossas almas, gosto daquilo que eu canto
Por falar nas nossas almas, gosto daquilo que eu canto
Também vai uma salva de palmas para o Divino Espírito Santo
Também vai uma salva de palmas para o Divino Espírito Santo.*

Pode também haver despique entre um homem e uma mulher, em que ele fala bem de si, mas a mulher despreza o homem. Quando isso acontece, pode ser assim:

*Mulher:
Vai-te embora homem casado, tu aqui não tens cabida
Vai-te embora homem casado, tu aqui não tens cabida
Tu és um mal-amanhado, vai terminar a tua vida
Tu és um mal-amanhado, vai terminar a tua vida*

*Homem:
E eu não sou mal-amanhado e eu não me quero enganar
E eu não sou mal-amanhado e eu não me quero enganar
Eu já não sou casado e contigo me quero casar
Eu já não sou casado e contigo me quero casar*

*Mulher:
Tu andas atrás de mim como um cão atrás de um osso
Tu andas atrás de mim como um cão atrás de um osso
Para que será que eu te queria derreado do pescoço*

Para que será que eu te queria derreado do pescoço

Homem:

E alto lá bem devagar a decisão eu te dou

E alto lá bem devagar a decisão eu te dou

Tu no mundo não vais encontrar um homem como eu sou

Tu no mundo não vais encontrar um homem como eu sou.

Este tipo de baile acontece tanto nas *Despensas dos Homens do Mar* como nas *Homens da Terra sem fronteiras nem barreiras, com muita amizade entre todos, embelezam, animam e alegram a vila e suas gentes, por altura das lindas festas divinas da vila*²⁸².

Estas saudações comunitárias repetem-se nos dias seguintes, domingo e segunda-feira de *Pentecostes*. Nestes três dias, em casa do *mordomo* todos são bem-recebidos: aqueles que fazem parte da *Despensa*, os elementos de outras *Despensas*, convidados, amigos, vizinhos e demais população. Todos podem servir-se dos aperitivos e de petiscos confeccionados a partir de partes dos *gueixos*, como por exemplo, do fígado e do coração, com os quais se prepara a *caçoila*, prato estufado, cuja cozedura é feita, lentamente, em pouco molho.

Atualmente, as pessoas que se empenham na realização das *Despensas* fazem-no pela *devoção, pelo voto e agradecimento de graças*²⁸³, e, sobretudo, pelo *desejo de festejar, cantando e dando vivas ao Espírito Santo*,²⁸⁴ que é muito amado da classe piscatória de Rabo de Peixe, *havendo pessoal que se emociona, pela grande devoção que tem*²⁸⁵. Dar corpo a uma *Despensa* inclui ter gosto e prazer de a fazer, não só pelo quinhão, mas também pela confraternização que se estabelece e faz aprofundar relações de amizade, unindo e fortalecendo toda a comunidade piscatória alargando-a a toda a comunidade envolvente.

Para António Cabral, o sentimento que motiva a realização de uma *Despensa* é o mesmo que leva a fazer a festa do *Império das Coroas* ou das *Bandeiras do Espírito Santo*, porque a intenção é idêntica. Como *mordomo*, António Cabral afirma que *tem o Espírito Santo na sua casa e nos três dias de festa, ela é de todos*²⁸⁶. Questionado sobre

²⁸² Machado, 2012: s/n/p.

²⁸³ António Cabral (1969-)

²⁸⁴ Idem, Ibidem.

²⁸⁵ Idem, Ibidem.

²⁸⁶ Idem, Ibidem.

se gostaria de fazer a festa do *Império da Coroa ou Bandeiras*, o mesmo disse ser uma Festa muito dispendiosa e que a pessoa que se propuser fazê-la deve estar financeiramente preparada. Já foi irmão da *Bandeira da Beneficência*, e considera que realizar as festas do *Espírito Santo* de um *Império* ou uma *Bandeira* dá maior projeção social à pessoa que a faz, na medida em que, consoante o aparato da festa, esta é mais ou menos falada, chegando a haver algum despique a ver quem faz melhor. Como exemplo, refere que nas *Despensas*, existe algum cuidado na compra das roupas, para que ninguém possa acusar de ter visto e ter ido comprar igual, evitando-se assim atritos entre grupos.

No ano de 2018 realizaram-se sete *Despensas dos Homens do Mar*: duas na Rua do Pires, n.º 54 e n.º 98, sendo mordomos António Carlos Cabral Oliveira e João Vitor Andrade Cabral, respetivamente; duas na Rua Galvão de Carvalho n.º 34 e n.º 45, cujos mordomos foram José Eduardo Moniz e Leonardo Vieira Rebelo, respetivamente; uma na 3.ª Travessa Dr. Rui Galvão de Carvalho n.º 8 por José António Penacho Vieira, dono de barco; uma na Rua da Boa Viagem n.º 7, de Marco Carlos Flor Andrade; e uma na Rua de São Paulo n.º 30, do mordomo António Manuel Sousa Cabral (Anexo fotográfico: Figs. 250-266).

A ancestralidade, a originalidade e a expressividade peculiar e única das *Despensas dos Homens do Mar* foram objeto de um artigo de opinião divulgado no *Jornal Atlântico Expresso* no qual Manuel Estrela aponta a singularidade das *Despensas* no mundo, reivindicando a quem de direito, o reconhecimento de *Património Imaterial da Humanidade* do *Baile dos Pescadores* ou *Despensas* por este ser *uma rica realidade cultural que orgulha a Vila de Rabo de Peixe e as comunidades de emigrantes daquele lugar*²⁸⁷.

4.4.2. As *Despensas dos Homens da Terra*

Antes de surgir a primeira *Despensa dos Homens da Terra* deu-se um acontecimento significativo que pode ter sido o embrião das *Despensas dos Homens da Terra*. Em 1980, a festa da *Bandeira da Beneficência* esteve a cargo do mordomo António Ledo Andrade. No sábado, dia do tradicional Cortejo do pão e das pensões, choveu muito

²⁸⁷ Estrela, 2020: 20.

e, por isso, o cortejo não se efetuou. Os donos dos carros, com estes devidamente ornamentados, propuseram ao *mordomo* que o cortejo se realizasse no domingo, pedido que este recusou porque, neste dia tinha de entregar a *Bandeira* ao *mordomo* novo. Perante a recusa do *mordomo*, os donos dos carros juntaram-se com a Banda Lyra do Norte e resolveram fazer, à mesma, o cortejo. Em modo de brincadeira, um dos elementos da banda, João Nateiro, propôs a formação de um género de *Despensa* composta pelos elementos da filarmónica, vestidos com a calça e a camisa do seu fardamento, constando na camisa somente os respetivos distintivos. Em substituição das castanholas construíram pandeiros, tiras de madeira, nas quais colocaram tampas de cerveja (Anexo fotográfico: Fig. 267). Tudo não passou de uma folia, que ficou conhecida como *O não pára*. Este epíteto derivou do facto dos donos dos carros de bois se recusarem, durante o trajeto do cortejo, a parar junto da casa do mordomo, norma habitual, e que deu origem, durante a cantoria dos homens, ao seguinte refrão:

Não pára, não para

Não pode parar

Não pára, não para.

Em 1985, surgiu pela primeira vez uma *Despensa dos Homens da Terra* designada *António Silva & Companheiros*, com a finalidade de colmatar a falta de uma *Despensa* que acompanhasse as festividades, no sábado e domingo, da *Santíssima Trindade* (Anexo fotográfico: Fig. 268). António Silva, antigo polícia de trânsito, contou que de um dia para o outro, com um grupo de amigos, organizou uma *Despensa*, que saiu à rua pela primeira vez a 1 de junho de 1985, sábado da *Festa da Trindade*. A indumentária era constituída por calça de ganga e camisa branca onde se podia ler na parte de trás o nome da *Despensa*: *A. S. e Companheiros*. Numa loja local, compraram chapéus de palha, no valor de 400\$00, que foram pagos com o dinheiro das gorjetas dadas por emigrantes, durante as festas, que fotografavam o grupo e para quem tocavam e bailavam. As castanholas usadas pela *Despensa* foram emprestadas por pescadores. Foi deste modo, que os *Homens da Terra*, nome derivado ao facto de não pertencerem à comunidade piscatória, se apossaram dos rituais utilizados no modelo de *Despensa* já existente na freguesia. As pioneiras e seculares *Despensas* piscatórias motivaram o aparecimento das *Despensas dos Homens da Terra*, destacando-se a *Despensa de António Silva & Companheiros*, organização que tem mais anos de existência. Outra diferença nas

Despensas dos Homens da Terra são a incorporação de crianças. Nas *Despensas dos Homens do Mar* só vão homens.

Entre o ano de fundação da primeira *Despensa dos Homens da Terra* até o ano de 2018 formaram-se outras *Despensas*. Neste último ano realizaram-se cinco *Despensas*. A *Despensa de A. S. e Companheiros* na Rua José Amaral da Luz; a *Despensa O regresso dos amigos*, que se realiza na Rua do Rosário, sita à *Casa da Beneficência*; a *Despensa Amigos de São Sebastião*, na Rua da Misericórdia; a *Despensa Amigos do Divino Espírito Santo*, na Alameda do Bom Jesus e a *Despensa Os companheiros*, na Rua da Eira. Além destas, Humberto Vieira (1975-) mencionou que em 2017 houve sete *Despensas*, mas todos os anos o número tem vindo a diminuir, devido à falta de pagamento das *pensões* por parte de alguns elementos. Assim, além das referidas havia também as *Despensas dos Jovens da Caridade* na Rua d'Alegria e a *Despensa de Nossa Senhora do Rosário ou Amigos do Largo* que se realizava no Largo da Vila.

A *Despensa O regresso dos amigos* realiza todas as suas atividades na *Casa da Beneficência*. Esta *Despensa* começou com o nome de *Amigos de Rabo de Peixe*, durante o qual o grupo esteve parado. Mais tarde, em 1994, os seus elementos voltaram a juntar-se e usaram a designação *O regresso dos amigos*. Um dos seus elementos relatou que, antes de 1985, aquando da realização das *Festas da Bandeira da Caridade*, não havia *Despensa o que era uma tristeza*, e que depois do aparecimento de uma, foram surgindo outras, que contribuía para dar mais alegria às *Festas da Trindade*. Os seus rituais são muito semelhantes aos das *Despensas dos Homens do Mar*. As duas categorias de *Despensa* diferenciam-se em vários aspetos relevantes. As *Despensas dos Homens da Terra* são constituídas por um conjunto de *irmãos*, cujas profissões não dependem do mar. Deles destaca-se o *irmão principal*, o *despenseiro*, na casa do qual se faz todo o trabalho necessário para que a *Despensa* alcance o seu objetivo: a união, o convívio e dar graças ao *Divino Espírito Santo*. Na sexta-feira à noite, os *irmãos* reúnem-se na casa do *despenseiro*, para iniciarem os preparativos para os dois dias seguintes. No início, a comida para as refeições conjuntas era escolhida por votação, sendo normalmente escolhidos produtos agrícolas. Chegavam a comprar oito sacas de fava ou ervilhas verdes, que se cozinhavam com chouriço caseiro. Ao serão daquele dia, todos os *irmãos*, família e filhos, sentavam-se a descascar aqueles produtos, enquanto as mulheres faziam malassadas. Quando davam por si, a *Despensa* já estava organizada para cantar e bailar. Agora, e de acordo com a época, cozinham-se diversos pratos e sobremesas para o almoço

do sábado. Ao jantar são preparados petiscos tradicionais como *fava rica* e outros, que também são oferecidos a amigos e convidados. Na *Despensa de A. S. e Companheiros* são os homens que executam todos os rituais ligados à festividade.

No tempo em que iniciaram, não existiam normas rigorosas para a morte dos animais. Por isso, no sábado, eram abatidos no matadouro da freguesia, que se situava no Barracão, ou na garagem do *despenseiro*. Presentemente, os animais já vêm abatidos para casa do despenseiro. Pelo meio-dia, o padre chega para benzer a *carne*, a *massa sovada* e o *vinho*. Esta cerimónia religiosa é acompanhada musicalmente pelo grupo que compõe a *Despensa* enquanto as mulheres cantam o *Hino do Espírito Santo*. Seguidamente, oferece-se um aperitivo, para abrir o apetite para o almoço, no qual o padre participa. Durante as tardes de sábado e domingo, a *Despensa* desfila pelas ruas da freguesia, visitando e cumprimentando os *mordomos*, sejam do lado da terra, sejam do lado do mar, saudando e venerando os símbolos do *Espírito Santo* nas respetivas casas.

Enquanto as *Despensas dos Homens do Mar* duram três dias restringindo-se à freguesia, as *Despensas dos Homens da Terra* duram apenas dois dias e são convidados a bailar noutras localidades da ilha e em outras ilhas, mediante o pagamento aos seus tocadores. Crê-se que o grupo de castanholas que o estudioso terceirense Augusto Gomes descreveu que na Povoação terá sido uma *Despensa dos Homens da Terra* oriunda de Rabo de Peixe, que terá sido convidada pelos seus pares pescadores, naquela vila²⁸⁸.

No sábado tem lugar o arraial na casa do *despenseiro*, que se prolonga até manhã do novo dia com a atuação da *Despensa* e a *roda* em que entram as mulheres. Neste baile, toca-se e canta-se à desgarrada o *fado do pescador*. Todas as pessoas cantam, mas quando aparecem um outro *repentista*, que pode desafiar o principal, os outros calam-se para os ouvir. Ser *repentista* é saber rimar a última palavra do primeiro verso com a última do quarto verso, e se isso não acontece, as pessoas perdem o interesse e começam a assobiar para aqueles que cantam menos bem. Por esta razão, aqueles que acompanham o *baile*, quando se apercebem da existência de dois *repentistas*, ficam curiosos para ver o que dali sai, que pode ocasionar duas situações. Se são um casal, começam a desgarrada pedindo amizade um ao outro, e quer o homem, quer a mulher, vão entrando na cantiga, cujas quadras e respetivos versos, enveredem pelo interesse, gosto e vontade de agradar ao outro, por vezes, abrindo perspectivas para um futuro namoro. Se a disposição for outra, e

²⁸⁸ Gomes, 2001:224.

o despique entre os dois sexos, ou do mesmo género, se tornar mais duro, a desgarrada pode terminar em conflito ou afronta, e para o evitar, o *despenseiro* termina a desgarrada mandando servir, por exemplo, uma cerveja e algum aperitivo. *É deste modo que acaba a desgarrada que, aqui, nunca houve problemas, graças a Deus, e lá para baixo também não*²⁸⁹.

No domingo de manhã, as *pensões* são distribuídas pelas casas dos *irmãos*. À frente do carro, onde eram transportados a *carne*, a *massa sovada* e o *vinho*, os homens que compõem a *Despensa* vão tocando e bailando, de acordo com o uso. Ao meio-dia, os elementos do grupo e das suas famílias almoçam a tradicional carne guisada.

A *Despensa Jovens da Caridade* é a única onde coexistem, desde o ano de 2000, elementos com ligações às atividades marítimas e agrícolas, conta Hélder Costa, comerciante, que já foi o encarregado da *Despensa*, efetuada na Rua Tavares Torres. Esta era composta por vinte *irmãos*, dezasseis a bailar e quatro a tocar os instrumentos. Como *despenseiro*, a sua função foi orientar todas as tarefas relacionadas com a *Despensa*, dirigir o conjunto de homens que a compõem, de modo a não haver conflitos e tudo correr na mais perfeita ordem. Também coube ao *despenseiro* estabelecer o trajeto que a *Despensa* percorreu a bailar. Das duas vacas previamente compradas e abatidas obtiveram-se vinte e dois quinhões, dos quais foram distribuídos vinte quinhões, um por cada elemento. Um dos quinhões foi para dividir e ofertar ao padre e ao sacristão, que procedeu à bênção da *carne* e da *massa sovada*, e o outro destinou-se à confeção de um jantar para os *irmãos* da *Despensa*, no domingo da *Trindade*, conhecido como domingo da Caridade. No dia da bênção da *carne*, o *despenseiro* ofereceu um almoço aos *irmãos*, composto de *carne guisada*, *arroz doce* e *massa sovada*. À noite, junto à casa onde decorreu a *Despensa* realizou-se o baile das *Despensas dos Homens da Terra*, semelhante ao baile das *Despensas dos Homens do Mar* (Anexo fotográfico: Figs. 269-280) (Mapa 9).

²⁸⁹ António Luís Amaral (1952-)

4.4.2.1. As *Despensas* em exposição

Em 1919 foram realizadas duas exposições temporárias sobre as *Despensas da vila de Rabo de Peixe*, um elemento cultural único no arquipélago dos Açores.

Em 2017, a Associação VidAçor foi instituída com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento comunitário e para a proteção ambiental da vila de Rabo de Peixe. No âmbito das suas atividades, a instituição desenvolveu um projeto junto das gerações mais novas, nomeadamente junto dos alunos da Escola António Tavares Torres, apoiando a fundação de uma *Despensa Infantil* e, mais tarde, um desfile do grupo de crianças pela vila. No prosseguimento deste projeto, em agosto de 2018, o presidente da Associação, selecionou trinta e duas fotografias da *Despensa dos Homens da Terra A. S. e Companheiros*, que foram submetidas à opinião dos *irmãos* e, mais tarde, foram apresentadas ao público numa exposição efetuada na Junta de Freguesia de Rabo de Peixe. A finalidade da mostra pretendeu alertar para a necessidade de manter a cultura local e incentivar crianças e jovens a respeitar e a manter as tradições.

Em posse deste material fotográfico o presidente da Associação VidAçor, Rui Tavares, contactou com o Diretor Regional das Comunidades, Paulo Teves, para que esta exposição pudesse ser exposta na Casa dos Açores de Santa Catarina, em Florianópolis, no Brasil. Por intermédio daquela Secretaria Regional, a Associação contactou com a Casa dos Açores que, por sua vez, aproximou os elementos da *Despensa dos Homens da Terra A. S. e Companheiros* da *Irmadade do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora das Necessidades* de Florianópolis, através do seu provedor, que aproveitou a ocasião para convidar a *Despensa* a participar nos festejos que se realizaram para comemorar os duzentos e setenta anos da chegada dos açorianos àquela ilha brasileira, ocorrida em 1748.

Em nome da *Despensa*, Rui Tavares desenvolveu um projeto de apoio à deslocação da exposição, através de um programa de cooperação promovido pela Direção Regional das Comunidades. A exposição fotográfica, da qual fazia parte um *roll ups*, com uma pequena resenha histórica sobre as *Despensas*, integrou a semana cultural que decorreu de 1 a 7 de setembro de 2018, na freguesia de Santo António de Lisboa. Bruno Rego acompanhou esta exposição, como *irmão* da referida *Despensa*, enquanto explicou junto daquela comunidade uma cultura tradicional, única em Portugal, nascida e desenvolvida, no meio pobre e piscatório de Rabo de Peixe, e trazida à luz do dia para enobrecer a sua vila (Anexo fotográfico: Figs. 281-302 e doc. 21-23).

A segunda exposição com temática espiritana pertenceu a Rubén Monfort, natural de Valência, residente na ilha de São Miguel desde 2014, para onde se deslocou para trabalhar em Artes Visuais. Por intermédio de um amigo tomou contacto com as festas do *Espírito Santo* na vila de Rabo de Peixe. Entusiasmado pelo que viu procurou representar os detalhes mais íntimos da festa através de cerca de seis mil imagens fotográficas, das quais escolheu dezassete que exibiu numa *Instalação*, com o título *Despensas – A tradição de Rabo de Peixe*, permitindo a participação ativa do espetador, através de uma cenografia interativa. Com este propósito, o fotógrafo programou a exposição fotográfica, em formato circular, com uma única entrada, simulando o *Balho da Roda* executado pela *Despensa*, provocando e convidando o público a entrar nele.

Esta exposição mostrou duas fases das festividades: do lado esquerdo foram representadas oito fotografias dos preparativos festivos. No centro, a maior fotografia mostrou um quarto do *Espírito Santo* - centro sagrado da festa. Do lado direito evidenciaram-se mais oito fotografias que representam diferentes momentos rituais. Ruben Monfort contactou entidades oficiais que disponibilizaram espaços expositivos culturais para a divulgação deste trabalho.

Em 2019 a primeira exposição decorreu durante duas semanas, entre 9 e 13 de abril, na *Casa do Espírito Santo da Bandeira da Beneficência*, em Rabo de Peixe, e verificou-se no contexto da realização da sexta edição do Festival Tremor, em que um dos objetivos tem o intuito mostrar as tradições locais na ilha de São Miguel. Duas das cinquenta propostas artísticas estiveram ligadas à vila de Rabo de Peixe. A primeira foi a participação da Escola de Música de Rabo de Peixe no concerto que deu início ao Festival. Em segundo lugar, foi a inusitada união que aconteceu na *Casa do Divino Espírito Santo da Bandeira da Beneficência* entre o duo de rock catalão *Za!* e um grupo de *Despensas dos Homens do Mar*, num espetáculo que primou pela invulgaridade e multidisciplinaridade. Esta interação foi documentada por Ruben Monfort que, posteriormente, preparou a exposição fotográfica sobre as *Despensas de Rabo de Peixe*. De 6 a 31 de julho, a exposição esteve patente ao público na igreja da Vitória, na ilha de Santa Maria. Com início a 17 de setembro e, durante dois meses, a exposição esteve em exposição no Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas, na cidade da Ribeira Grande (Anexo fotográfico: Figs. 303, 304). Entre 6 de março e 4 de abril de 2020 a exposição *Despensas – a Tradição de Rabo de Peixe* foi aberta ao público na Sala do Forno do Centro Municipal da Cultura da cidade de Ponta Delgada (Anexo Fotográfico: Figs. 305).

Apesar do nome atribuído a esta segunda exposição, as temáticas presentes nas imagens das fotografias não se restringem somente ao espaço das *Despensas*, mas também a aspetos ligados às *Bandeiras e Coroas do Espírito Santo* naquela vila.

5. O Espírito Santo de Rabo de Peixe nas comunidades dos EUA e do Canadá

Durante séculos, os portugueses viveram num país de recursos escassos, sendo forçados a procurar uma vida melhor noutros territórios. Lutadora e empreendedora, a população de Rabo de Peixe sempre que teve ocasião e oportunidade para o fazer não olhou para trás, embora com saudade, porque os emigrantes não *esquecem as suas origens, que certo dia levados pelo destino, tiveram que deixar, partiram rumo a outros horizontes, levavam consigo a esperança de um dia voltarem, mas com o passar dos tempos, tudo foi mudando, tornando-se impossível, o tal regresso desejado, mas sempre que possível, continuam a visitar a sua querida terra, maravilhados por poderem ver de novo, a sua terra e suas gentes, por sentirem o cheiro da maresia, das ondas e do mar, os campos verdejantes, do aroma saudável das hortências, que perfuma noite e dia este mais belo jardim. Milhares de rabo-peixenses saíram da sua terra, mas a sua terra não saiu do coração das suas gentes*²⁹⁰.

Desde o século XIX, que daquela freguesia saíram emigrantes que foram para o Brasil e para os EUA, e durante o século XX, muitos continuaram a integrar os fluxos de emigração micaelense com destino à América do Norte onde encontraram trabalho na construção de caminhos de ferro, na atividade agrícola, normalmente em quintas, e na atividade industrial. Nestes trabalhos ganhavam mais numa semana do que aquilo que conseguiam obter durante um ano na sua terra natal. Em 1953, da ilha de São Miguel saíram os primeiros emigrantes açorianos em direção ao Canadá, a bordo do navio *Saturnia*. Este grupo, constituído por dezanove homens, desembarcou na cidade de Halifax e nele se incluía um rabo-peixense, Afonso Maria Tavares. Deste local, o grupo partiu de comboio para a cidade de Montreal, província de Québec, e foi lá que se instalou Afonso M. Tavares na primeira fase da sua vida de emigrante (Anexo fotográfico: Figs. 306, 307) Mais tarde, mudou-se para a cidade de Bramptom, onde, em 1981 fundou o Portuguese Community Center of Brampton. Em 1999, com um grupo de amigos criou a Associação dos Amigos de Rabo de Peixe de Ontário com a intenção de juntar em confraternização os emigrantes rabo-peixenses daquela província, *para matarem saudades e recordarem os bons e menos bons momentos dos tempos passados. Quando se encontram, é como se fosse um dia de festa, aí nasce o recordar dos tempos de*

²⁹⁰ Machado, 2012: s/p.

antigamente. Para além do objetivo já enunciado, a Associação pretendeu, com a realização de festas, dar a conhecer a riqueza da cultura da vila de Rabo de Peixe, aos que as desconheciam na comunidade portuguesa e às gerações mais novas que nasceram naquele país. Os fundos angariados pela Associação revertem para aqueles que revelaram mais dificuldades na aventura da emigração. Todos eles têm em comum a saudade da terra natal, do lugar onde nasceram, da família que deixaram, do meio em que cresceram, dos gostos e cheiros da sua terra. As constantes lembranças despertam-lhes no peito as saudades e agarram-se às memórias tradicionais que enraízam a sua entidade na terra distante.

Um pouco por toda a América do Norte, formaram-se comunidades açorianas de rabo-peixenses, que, nos tempos vagos do trabalho, se reuniam impelidos pela saudade da terra, pelos seus hábitos e costumes e sobretudo pela fé e devoção que tinham em Deus e na Virgem Maria, cujas estampas Afonso Tavares levou na sua mala de viagem!²⁹¹ Foi *a fé e a devoção de um povo que não ficou nas páginas do passado, mas sim continua bem presente, no coração de cada rabo-peixe*²⁹² e que ultrapassou barreiras geográficas, terrenas e marítimas. Desde logo, os primeiros emigrantes escolheram viver a sua identidade circunscrita a determinados territórios onde habitavam, empenhados em transmitir os valores culturais, materiais e imateriais, antes vividos na sua terra e levados na sua bagagem, como a fé e a devoção ao *Divino Espírito Santo*. Segundo Lélia Nunes, *a espantosa energia do Divino que acompanha pelo mundo cada açoriano, esteja onde ele estiver, sobrevive apesar das diferenças culturais que encontra. Ele adapta-se, Ele convive com o quotidiano e talvez resida nisso o seu mistério de sobrevivência. Ele é Divino, mas não recusa partilhar a vida do homem*²⁹³.

A disseminação de comunidades compostas por açorianos, no Canadá e nos EUA, incrementou o aparecimento de igrejas portuguesas, de Irmandades, de Associações e Bandas Filarmónicas ligadas a atividades de cariz religioso e popular. Foi deste modo, que naturais de Rabo de Peixe surgiram ligados a Comissões dinamizadoras de Festas do *Espírito Santo*, contribuindo para identificar os açorianos enquanto comunidade. Como tal, fundaram a *Irmandade do Espírito Santo do Washington Park*, a Festa da Santíssima Trindade na paróquia de Bristol, a *Irmandade da Trindade em East Providence* e, mais recentemente, a *Irmandade do Bom Jesus*. Desde 2007 membros desta, oriundos de Rabo

²⁹¹ Tavares, 2011: 26-27.

²⁹² Machado, 2012: p.s./nº.

²⁹³ Nunes, 2019: 150.

de Peixe, preparam a realização das festividades que acontecem no primeiro domingo de junho e que aquela comunidade reatualiza, colaborando na revitalização da sua cultura de origem. No decorrer das mesmas, realiza-se a tradicional matança de porco e um jantar gastronómico tipicamente açoriano com torresmos, morcelas, batata doce e os inhames dos Açores. Neste jantar, além dos membros da *Irmandade* também assistem personalidades ligadas à vida política da cidade. Durante este evento, grupos musicais locais cantam músicas tradicionais açorianas, dança-se o típico *Baile dos Pescadores* e angariam-se dádivas a favor das obras da Igreja do Bom Jesus da vila de Rabo de Peixe. Além destas *Irmandades*, foram também criadas associações como a dos Amigos de Rabo de Peixe nas Bermudas e em Nova Inglaterra. Esta última foi fundada a 5 de fevereiro de 1994 por um grupo de amigos, entre os quais se destacam Manuel Estrela e Heitor Sousa. Esta instituição colabora no Cortejo das Grandes Festas do *Espírito Santo* de Nova Inglaterra com um carro de bois adornado com a típica *chavelha* e com uma *Despensa*, costume tão saudoso ao coração do rabo-peixense, a que se associa o *Grupo de Baile dos Pescadores* da cidade de Providence. Aquela Associação também promove convívios e homenageia personalidades que se têm distinguido na vila de Rabo de Peixe e na diáspora, bem como na atribuição de Bolsas de Estudo às novas gerações²⁹⁴.

No ano de 1986, nos Estado Unidos da América, surgiram as *Grandes Festas do Divino Espírito Santo* na cidade de Fall River, estado de Nova Inglaterra. Coordenadas por Heitor Sousa, um filho de Rabo de Peixe, emigrado desde 1981, que reuniu diversas entidades ligadas a *Irmandades* existentes naquela cidade com o objetivo de efetuar as *Grandes Festas do Divino Espírito Santo*, análogas às realizadas, em 1978, na cidade de Ponta Delgada. As *Grandes Festas* pretenderam *promover cada vez mais a devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade e reunir anualmente toda a Comunidades Portuguesa, em especial a açoriana em redor do Divino. No final das festas, parte da receita líquida será distribuída por casas de caridade, Caridades Católicas da Diocese de Fall River e a famílias pobres e a outra reverterá para as festividades do ano seguinte*²⁹⁵. De acordo com Manuel Estrela, as *Grandes Festas* simbolizam a religiosidade afeta do povo dos Açores, mas são, também, sobretudo *um relicário*²⁹⁶, onde se demonstram, se afirmam e se asseguram os valores incutidos pela cultura açoriana. A cultura não é só expressa através de cortejos, dos símbolos e das dádivas, mas também

²⁹⁴ Estrela, 2000:42.

²⁹⁵ Estrela, 2015: 117.

²⁹⁶ Estrela, 2015:114.

nos valores sentimentais que estão presentes em todas as pessoas que constituem a comunidade que, fraternalmente, exprimem amizade, alegria, entreatura e agradecimento. *É a mística do louvor ao Espírito Santo que se fortalece na passagem do tempo, identificando o açoriano esteja onde estiver*²⁹⁷. Heitor Sousa, foi também responsável pelo *Festival e Concurso Anual de Bandas de Músicas Portuguesas de Nova Inglaterra*, todas elas incorporando músicos açorianos, inclusive agregando pessoas que tocavam em bandas locais antes de emigrarem. É o caso da Banda Lira São Francisco Xavier, fundada em 1993 por António Moniz, antigo músico da Banda Lyra do Norte de Rabo de Peixe.

O apego à cultura espiritana também é bastante visível no Canadá, conforme já assinalado, onde atualmente existem núcleos comunitários representativos da localidade de Rabo de Peixe, especialmente nas províncias de Ontário e Québec, principalmente nas cidades de Toronto, Laval e Montreal, destacando-se a *Irmandade do Divino Espírito Santo de Laval* e a *Associação dos Amigos de Rabo de Peixe*, em Québec.

As ligações entre os emigrantes rabo-peixenses na diáspora e a comunidade local permitem que se possa observar e confirmar, o carácter transatlântico ou transnacional que as festas espiritanas transportam através das experiências de interligação entre as pessoas, entre as comunidades na diáspora e também entre estas e, as *Irmandades da Beneficência e da Caridade*, os *Impérios*, as *Despensas* e, mesmo, as filarmónicas da localidade. Designadamente, contributos financeiros para a distribuição de esmolas nas festas do *Espírito Santo das Bandeiras*, das *Coroas* e das *Despensas*; envio de bens, como tecidos ou indumentárias próprias para as ocasiões cerimoniais; apoio às filarmónicas Banda Lyra do Norte e Progresso do Norte. As duas bandas têm participado nas festas do *Espírito Santo* realizadas na América do Norte. Em 1978, os rabo-peixenses organizaram uma Comissão para promover a deslocação da filarmónica Lyra do Norte ao Canadá e aos EUA. Neste país, a Comissão organizou um evento que reuniu à volta de *mil pessoas oriundas de Rabo de Peixe que se juntou para confraternizar à volta da Banda Velha*²⁹⁸. Em 2008 foi a vez da filarmónica Progresso do Norte se deslocar aos EUA para participar no Império do Tio Mateus e nas Grandes Festas do Espírito Santo de Fall River²⁹⁹.

²⁹⁷ Nunes, 2019: 106.

²⁹⁸ Estrela, 1997: 223.

²⁹⁹ Supra, 127.

Também se promoveu a deslocação das *Bandeiras do Espírito Santo da Beneficência e da Caridade* aos EUA e ao Canadá. Em 2010 concretizou-se a ida da Bandeira da Caridade à cidade de Toronto, a fim de participar numa festa de angariação de fundos para a construção da sede da Bandeira em Rabo de Peixe. O grupo canadense organizador era constituído por Paulo Cabral, Durval Terceira e Jaime Machado e, representando a vila de Rabo de Peixe, estiveram os principais elementos da *Comissão da Irmandade da Bandeira da Caridade*. Foi efetuada uma festa do *Espírito Santo*, tendo como *mordomo* Paulo Cabral que replicou o cortejo e a cerimónia da bênção da *Bandeira*, do *pão*, do *vinho* e da *massa sovada*. O mesmo aconteceu com a *Bandeira da Beneficência*, que participou em igual evento tendo por *mordomo* Artur Macedo. (Anexo fotográfico: Figs. 308-311). Esta ligação ativa e permanente entre a comunidade local e a comunidade emigrante consolida-se de forma duradoura com o apoio logístico das *Irmandades da Beneficência e da Caridade* a qualquer emigrante que pretenda efetuar as festas do *Divino Espírito Santo* na sua terra natal, proporcionando-lhe alojamento e outras estruturas necessárias à realização da função.

Em 2008, José Vieira veio à terra realizar as festas da Bandeira da Beneficência e lembrou, *com saudade, o facto de já o seu pai, em 1964, ter sido mordomo, sempre ligado a esta tradição açoriana, continuada pelas mãos dos seus filhos. (...) Confessa que “todos os meus irmãos e respetivas famílias são muito participantes e ajudantes do Espírito Santo”*³⁰⁰. Nesta experiência sem par, o emigrante *fala do Espírito Santo com o coração. (...) “É preciso sempre acreditarmos no Espírito Santo e na força que Ele tem sobre nós”*³⁰¹.

Em outubro de 2013, foi criada a Associação de Amigos de Rabo de Peixe de S. Miguel, com a finalidade de promover nesta vila o estreitamento das relações com as comunidades emigradas. Todos os anos, a Associação efetua um jantar de confraternização, por ocasião da festa da padroeira da vila, Nossa Senhora do Rosário, época de retorno de muitos emigrantes à sua terra natal. Tradicionalmente, neste jantar, são convidados os presidentes das Associações Amigos de Rabo de Peixe das cidades de Toronto e Montreal, do Canadá, Bermudas e de Nova Inglaterra nos EUA. Além destas entidades, a cerimónia junta entidades civis, religiosas, políticas e uma centena de emigrantes, congregando com os locais e amigos de Rabo de Peixe, uma média de

³⁰⁰ Coelho, 2006: 34.

³⁰¹ Coelho, 2006: 40.

trezentas a quatrocentas pessoas. Este evento não é somente um momento de convívio, boa disposição e reencontro entre amigos e conhecidos, mas também possui caráter beneficente, pois a sua ocorrência permite a obtenção de receitas, provenientes do pagamento dos bilhetes do jantar, de sorteios, de rifas e do leilão de um registo do Senhor Santo Cristo, em 2019. Posteriormente, a quantia arrecadada servirá para apoiar os romeiros da freguesia, com a distribuição de uma refeição quente, para promover a distribuição de cabazes de Natal pelas famílias carenciadas e para ajudar as obras na igreja paroquial de Rabo de Peixe. Durante esta cerimónia são trocadas lembranças simbólicas entre as Associações, lembrando o papel social desempenhado junto das comunidades da diáspora. Usualmente, a Associação Amigos de Rabo de Peixe de São Miguel escolhe três prémios para enaltecer pessoas que de algum modo contribuem para o bem-estar social da vila. Em 2019 estes prémios foram atribuídos ao melhor aluno do primeiro ciclo, ao comerciante mais idoso na profissão e na localidade, e a um fotógrafo amador, presente, de forma gratuita, em todos os acontecimentos sociais e culturais que se realizam em Rabo de Peixe (Anexo fotográfico: Figs. 312, 331; Anexo documental: Doc. 24).

Reforçando o vínculo indissolúvel que todo o emigrante tem à sua terra natal, que o transcende e o eleva a uma relação transatlântica, há que referir a importância das redes sociais. Para lembrar tempos já passados, os rabo-peixenses Carlos Estrela e Carlos Tavares criaram uma página no Facebook denominada *Recordar Rabo de Peixe* onde todos aqueles que possuíssem fotografias de acontecimentos antigos sobre a vila as pudessem partilhar. A disponibilidade daquela rede social permitiu e contribuiu para a divulgação dos principais eventos sociais e religiosos junto dos emigrantes açorianos, nomeadamente aqueles que não podendo participar naquelas festas possam de alguma forma estar em contacto com elas através das fotografias e vídeos colocados naquela página. Foi com este intuito que, Manuel Andrade (1976-), começou em 2001 a fotografar as festas das *Bandeiras do Espírito Santo* que, na sexta-feira de *Pentecostes*, se realizavam no *Centro Comunitário* daquela vila, local onde trabalhava. Contudo, a incapacidade técnica de colocar no mesmo dia as produções visuais que realizava, motivou-o a criar uma página na Internet com o seu próprio nome. Nascido em Rabo de Peixe, em criança gostava muito de participar nas festas espíritanas das *Bandeiras* e das *Dispensas*. Hoje ainda, devoto do *Espírito Santo*, considerou ser importante continuar a fotografar as festividades. Só assim poderá contribuir para que no futuro as pessoas da vila possam continuar a recordar. Atualmente, e durante todo o ano, sempre que há festas,

percorre a vila munido da sua máquina de filmar Sony e da sua máquina fotográfica que já evoluiu para uma Cannon 77 D, com bateria e de melhor ângulo de visão³⁰². Quando circula pelas festividades, já todos o conhecem e muitos pedem-lhe que filme ou fotografe a sua festa (comunhões, *Espírito Santo...*) para que os seus familiares ausentes possam rapidamente ter acesso a elas. Porém, nem todas as imagens são publicadas, para além de escolher as melhores, por vezes também elimina imagens, mediante o pedido de pessoas que não aprovam a sua publicação. Manuel Andrade sente muito gosto e prazer no que faz pelos seus conterrâneos e por aqueles que estão longe.

As relações dos habitantes da vila de Rabo de Peixe com os seus familiares, amigos e conhecidos dispersos pelas comunidades emigradas, têm sido reforçadas, contribuindo para divulgar e preservar a tradição e a cultura açorianas nos espaços da diáspora (Mapa 10).

³⁰² Manuel Andrade (1980-).

6. A festa do *Divino Espírito Santo* do Idoso

A Casa de Povo de Rabo de Peixe foi fundada em 1978 pelo emigrante rabo-peixense José Domingos Machado, após o regresso à sua terra natal e foi inaugurada no ano seguinte pelo Governo Regional dos Açores.

José Machado nasceu em 1933, fez a instrução primária e, em 1956 conseguiu emigrar para o Canadá, onde trabalhou nas minas de urânio. Foi o primeiro português a obter a nacionalidade canadiana, e, assim, poder *chamar* os irmãos, isto é, fazer *carta de chamada*, denominação do processo burocrático necessário para a imigração dos familiares.

As Casas do Povo foram criadas pelo Estado Novo em 1933, tendo como funções a organização, legitimação e defesa da comunidade ligada ao trabalho agrícola. Todavia, a partir de 1982, o Governo da República reestruturou estas instituições, constituindo-as como associação coletiva de utilidade pública, com o objetivo de desenvolvimento de atividades sociais e culturais, sendo da sua competência e financiamento a construção de instalações e atividades que visem garantir a melhoria de vida das populações locais. Foi com este intuito que José Domingos Machado assumiu a presidência da Casa do Povo de Rabo de Peixe, onde há quarenta e um anos trabalha generosa e gratuitamente para a população de Rabo de Peixe, e para as outras instituições a ela ligadas, pois sempre considerou que devia apoiar a sua terra e todos os seus habitantes, principalmente, as crianças e os idosos. Na prossecução destes objetivos, o mentor e fundador da Casa de Povo de Rabo de Peixe desenvolveu esforços para apetrechar a vila de Rabo de Peixe de outras instituições importantes, nomeadamente no apoio de crianças, jovens e idosos, com a criação de três creches, um centro de ocupação de tempos livres, um lar para idosos e um centro de dia para convivência entre idosos. Atualmente, José Domingos, com oitenta e sete anos, pensa dar lugar ao vice-presidente, pois considera ser tempo para descansar.

O Centro de Convívio de Idosos da Casa de Povo de Rabo de Peixe foi instituído em 1986 e iniciou os seus primeiros apoios aos idosos na Junta de Freguesia daquela localidade. Dois anos depois, foi comprada uma casa no centro da vila, que anteriormente funcionava como armazém de fazendas, e que, após algumas remodelações, acolhe a população local com mais de sessenta anos, que nela permanece durante parte do dia,

usufruindo de almoço e lanche diários. Também é disponibilizada aos residentes uma carrinha para poderem desfrutar de alguns passeios³⁰³.

Desde 2005, por iniciativa do presidente da Casa de Povo de Rabo de Peixe, começaram a realizar-se as *Festas em Honra do Divino Espírito Santo* no Centro de Dia do Idoso, no sábado de *Pentecostes*. Estas festas iniciam-se com abertura do quarto do *Espírito Santo*, decorado por funcionárias das valências da Casa de Povo, com símbolos espiritanos, adquiridos pela instituição. Neste dia, o quarto e as pensões são benzidos pelo Pároco de Rabo de Peixe. As *pensões* são expostas em grandes tabuleiros no exterior do Centro, e, mais tarde, distribuídas aos utentes, observando-se em alguns rostos lágrimas de gratidão, marcas de emoção da sua penosa debilidade física. As *pensões* são compostas por três quilos de *carne*, um bolo de *massa sovada*, um *pão caseiro* e uma *garrafa de vinho*. É servido um almoço, constituído pelas tradicionais sopas do *Espírito Santo*, pela massa sovada e pelo arroz doce, no qual participam personalidades ligadas às instituições camarárias e de solidariedade, locais e regionais.

Até 2017, era habitual a realização de um cortejo religioso, ou *Coroação*, que contava com a participação de todos os idosos, alguns familiares e amigos, abrilhantado pelas duas filarmónicas da vila. Chegados à igreja, realizava-se a cerimónia da *Coroação* do idoso, seguindo depois o cortejo por algumas ruas da freguesia. Esta procissão efetuava-se no domingo antes da festa de *Pentecostes*, dia em que havia a abertura e a bênção do quarto do *Espírito Santo*. As pensões e a sua distribuição efetuavam-se, então, no sábado seguinte (Anexo fotográfico: Figs. 332-337).

A partir de 2018 deixou de se efetuar o cortejo devido à debilidade física dos idosos.

³⁰³ Todos os dias, neste Centro de Idosos são servidas cinquenta refeições, constituídas por dois pratos, pão e fruta, no valor de 25 cêntimos, destinadas a pessoas carenciadas, indicadas e financiadas pela Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. Contudo, este apoio poderia estender-se ao dobro das pessoas se a entidade que fornece as refeições, o lar de idosos, tivesse mais uma cozinheira. Na sua impossibilidade, o Centro continua a disponibilizar somente as cinquenta refeições.

7. A festa do *Espírito Santo* na Escola Rui Galvão de Carvalho

Esta tradição fora implementada no meio escolar no ano letivo de 1988/1989, época que a Escola teve a iniciativa de comprar uma *Coroa* de prata e uma *Bandeira* para realizar as festas espiritanas, que tiveram grande dinamismo envolvendo, não só, a comunidade escolar como a comunidade local que contribuiu para as festas com uma matança de porco, a cozedura de pão e massa sovada caseira. Depois de um grande interregno, no ano letivo de 2012/2013, o Departamento Curricular de Ciências Sociais e Humanas assegurou, novamente, o surgimento daquelas festas, que se voltaram a realizar nos dois anos seguintes. Em ambiente escolar, os rituais das festas eram um pouco semelhantes aos da comunidade, contudo restringiam-se à preparação e realização da *decoreção do quarto* onde eram colocados os símbolos religiosos, à preparação de uma grande refeição comunitária e ao cortejo, que saía da escola em direção à igreja, onde se realizava a solenidade sagrada da *Coroação*. Esta era protagonizada, sobretudo, por algumas docentes, que nascidas em outras regiões do país desconheciam esta tradição religiosa e cultural. Na sala de reuniões da escola montava-se o quarto do *Espírito Santo*, decorado por docentes com apoio de assistentes operacionais da escola e, após a cerimónia na igreja, era oferecida uma grande refeição aberta à comunidade escolar, constituída por sopas, carne guisada, massa sovada e arroz doce. O cargo de mordomo era normalmente atribuído ao responsável pelo departamento curricular, que assumia a responsabilidade de realizar as festas. A obtenção de apoios fazia-se através de contactos com as autarquias locais, Câmara e Junta de Freguesia, e mediante o contacto com os mordomos daquele ano na freguesia, que contribuíam com flores para decorar o quarto, e carne para confeccionar a refeição e bebidas. Para o fabrico do arroz doce, os professores contribuíam com os ingredientes necessários como o arroz, os ovos, o leite e o açúcar. A sua preparação era preparada pelas assistentes operacionais que se prontificavam para a sua execução. A aquisição do *pão*, da *massa sovada*, dos pratos e copos de plástico, guardanapos e talheres eram comprados com dinheiro resultante de rifas e jantares, realizados pelos docentes do departamento curricular encarregado das festas. Além das dádivas mencionadas, contam-se também as ofertas contempladas no sorteio das rifas, cujos primeiro e segundo prémio eram Cabazes de Natal, compostos por produtos, maioritariamente, oferecidos pelos *mordomos* das Bandeiras e também das Coroas, havendo outros prémios, como por exemplo *presépios de lapinha*, executados e doados

por particulares. Durante o ano, *Coroa* e *Bandeira* estão fechadas num armário envidraçado e, por norma geralmente, são funcionárias da escola que o adornam com flores. Misteriosamente, na *Coroa* surgem pequenos laços brancos ou vermelhos executados com fitas de seda estreitas, presos a uma das alças da *Coroa*, em forma de prece pessoal, rito religioso que funciona como *um meio de agir sobre os seres sagrados incitando-os a agir nesta ou naquela direção*³⁰⁴ (Anexo fotográfico: Figs. 338-371).

Nas escolas do primeiro ciclo, António Tavares Torres e Luísa Constantina, desde meados da década de oitenta, celebram-se as festas espiritanas, com a decoração de um pequeno trono com a coroa do *Divino*, com a confeção de sopas, de carne guisada, massa sovada e arroz doce com que se presenteiam toda a comunidade escolar. Também é realizada uma *Coroação*.

³⁰⁴ Mauss, 1979: 143-144

8. A participação nas Grandes Festas do *Divino Espírito Santo* de Ponta Delgada

Remonta a 1976 o início das festividades religiosas intituladas as Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada, impulsionadas por um grupo de cidadãos daquela cidade que, organizadores de uma mordomia do *Divino Espírito Santo*, conseguiram juntar a participação de outras mordomias das ilhas do grupo oriental. Este evento prosseguiu nos anos de 1977 e 1978 tendo um interregno de dez anos. Em 1987 e 1988 foram novamente realizadas, voltando a ser suspensas por falta de verbas até 2003, ano em que a Câmara Municipal de Ponta Delgada tomou a iniciativa de assumir a tradição espiritana, mobilizando a representação das vinte e quatro freguesias do concelho: Arrifes, Ajuda da Bretanha, Candelária, Capelas, Covoada, Fajã de Baixo, Fajã de Cima, Fenais da Luz, Feteiras, Ginetes, Livramento, Mosteiros, Pilar da Bretanha, Relva, Remédios, Santa Bárbara, Santa Clara, Santo António, São José, São Pedro, São Roque, São Sebastião, São Vicente e Sete Cidades.

Estas festividades realizam-se na segunda semana do mês de julho, entre sexta-feira e domingo, de modo a não interferir com o período religioso em que decorrem nas freguesias as tradicionais festas espiritanas. A sexta-feira é marcada pela iluminação no centro da cidade, pela mudança da *Bandeira* e abertura do quarto do *Espírito Santo* nos Paços do Concelho. No sábado realiza-se o *cortejo etnográfico* e no domingo a festa atinge o apogeu com a tradicional missa campal onde são *coroadas*, sobretudo, crianças e o desfile religioso denominado *Coroação*. São três dias de festejos que aglomera a população das ilhas e muitos emigrantes que de propósito se deslocam à ilha de São Miguel.

Este acontecimento, promovido pela edilidade, representada pelo seu presidente que assume o papel de *mordomo*, faz reunir todos os *Impérios* do concelho numa grandiosa festa de confraternização, de partilha de valores culturais, sociais e religiosos do povo açoriano³⁰⁵. Estas Grandes Festas procuram envolver a presença de todos os açorianos, vincando assim a marca cultural identitária materializada em todas as ilhas açorianas e nas comunidades da diáspora.

³⁰⁵ Melo, 2010: 27.

O *cortejo etnográfico* representa usos e costumes do povo micaelense. No cortejo desfilam bandas filarmónicas, grupos folclóricos, carros alegóricos que exibem atividades tradicionais, grupos de foliões, carros de bois, com *chavelhas* enfeitadas, distribuindo *massa sovada* e refrescos aos espetadores.

À semelhança de todos os cortejos etnográficos que se efetuam em qualquer parte do mundo, estes cortejos/espetáculos evidenciam a sobrevivência de tradições que permitem *um retorno ao passado*³⁰⁶, forma das comunidades lidarem com a sua cultura tradicional. Estes cortejos revivem nos mais idosos a recordação da sua juventude e dão a conhecer os valores culturais às novas gerações.

Para que tal aconteça, todas as freguesias do concelho de Ponta Delgada colaboram com os seus meios para produzir e recriar o passado. Por vezes, recorrem à contratação de pessoas fora do concelho, caso dos *carreiros* da Vila de Rabo de Peixe. Estes proprietários de carros, e respetivas juntas de bois, participam nas festas de outras freguesias da ilha para onde são solicitados. Assim, em representação de freguesias do concelho de Ponta Delgada, alguns carros de rabo-peixenses incorporam o grande Cortejo Etnográfico valorizando o desfile com as *chavelhas* típicas de Rabo de Peixe.

Em 2019, a par do que é habitual, algumas famílias possuidoras de carros e de animais representaram freguesias do concelho de Ponta Delgada. A família Costa, conhecida como a *família dos Sardinha*, tem tradição na participação neste cortejo que se iniciou com José Horácio Costa. Atualmente, as relações de parentesco levam a que, irmãos, tio e sobrinho, todos de diferentes áreas profissionais, participem nas Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada com seis carros e juntas de bois. Os *carreiros* Hélder Costa e Décio Costa estiveram em representação da freguesia de Santa Clara; pela freguesia da Relva, Hugo Costa; pela freguesia do Livramento, João Faria e Paulo Costa e pelas Feteiras, Eduardo Viriato (Anexo fotográfico: Figs. 373, 374, 375, 376). Irmãos e tio possuem carro, *chavelha* e junta de bois de raça autóctone Ramo Grande trazidos da ilha de São Jorge. Contudo, esta tradição familiar, iniciada pelo carroceiro Horácio da Costa Maiato, nem sempre era com animais próprios e tinham de os alugar na Bretanha. Em 2002, José Horácio e Hélder Costa foram comprar os primeiros bois à ilha de Santa Maria e em 2003 à ilha de São Jorge.

³⁰⁶ Malinowski, 2009: 38.

Além da participação desta numerosa família, destaca-se também o envolvimento de outra família, os *Nateiros*, na representação da freguesia do Livramento. Atualmente é João Faria que continua o gosto pela tradição iniciada pelo avô, João Jacinto Faria, de quem herdou o carro, e do pai João Afonso Faria. Alguns donos de carros não possuem junta de bois e por isso, têm a necessidade de os alugar a proprietários, principalmente na freguesia da Bretanha, pois a sua manutenção durante todo o ano, especialmente só para estas festas, é uma grande sobrecarga económica. Também José Antero Viriato participou no Grande Cortejo em representação das Feteiras (Mapa 11 e 12).

9. Conclusão

O trabalho que desenvolvemos em Rabo de Peixe permitiu-nos estabelecer uma síntese interpretativa dos três modelos de organização das Festas do *Espírito Santo* e das formas de relacionamento entre elas.

Na maior freguesia do concelho nortenho, as festividades do Espírito Santo prefiguram três manifestações de fé ao *Divino* sob a forma de *Bandeira*, *Coroa* ou *Despensa*. Qualquer uma delas, constitui um traço característico da cultura açoriana marcada pelas crenças, pelos símbolos religiosos, pelos rituais e pelos valores morais e locais. Contudo, cada uma das manifestações espiritanas existentes na freguesia distancia-se do modelo dominante da ilha de São Miguel e distingue-se das restantes ilhas açorianas. As três formas de culto em Rabo de Peixe (*Bandeira*, *Coroa* ou *Despensa*) revelam-se, desde sempre, marcadas pela simbologia utilizada e, se uma delas configura um modelo totalmente diferente – a *Despensa* - elas não se chocam entre si porque todas promovem a devoção à *Pessoa da Santíssima Trindade*.

As três realidades espiritanas hierarquizam-se de acordo com a sua importância social, destacando-se, pela primazia económica, as *Festas das Bandeiras*, seguidas das *Coroas* e depois pelas *Despensas do Espírito Santo*.

Os principais organizadores destas cerimónias são apoiados pelas *Comissões de Festas das Irmandades*, que zelam para que o prestígio da festa se mantenha. Por sua vez, alguns dos *Impérios* da vila são coadjuvados por *Comissões de Festas*, que também apoiam os *mordomos*. As *Comissões de Festas*, além de colaborarem com o auxílio logístico durante a realização das festas, funcionam como os *guardiões* da tradição, e no final aprovam, ou não, o papel desempenhado pelo mordomo, de modo a evitar no futuro eventuais erros. Relativamente ao desempenho das *Despensas*, enquanto que nas dos *Homens do Mar*, o papel organizativo é atribuído ao *mordomo*, nas dos *Homens da Terra*, é da responsabilidade do *despenseiro*, que, por sua vez dispõe, também de *irmãos* da *Despensa* para o ajudar nas tarefas a realizar. O poder organizativo das *Despensas* é igualmente importante e todas tentam mostrar aos seus pares ser a *melhor*. Os principais intervenientes na organização das três estruturas devem possuir conhecimentos e capacidades para que se desenvolvam as atividades necessárias ao êxito das festividades. Quanto maior for o envolvimento, mais conhecimentos o indivíduo adquire para um dia conseguir realizar as festas espiritanas, caso tenha possibilidades financeiras.

Este modelo de arquitetura tridimensional³⁰⁷ religiosa, compõe-se de uma série de subsistemas de rituais, que procuram atingir duas finalidades: agraciar o *Divino* e partilhar com a comunidade esta honra por meio de laços sociais comuns. A sacralização das festividades espiritanas realizadas na vila de Rabo de Peixe já não pertence a grupos sociais isolados, mas ao poder económico dos *mordomos* que realizam as festas. Isto significa, que é graças à fé e aos meios económicos dos *mordomos* que se organiza e sacraliza o espaço onde as festas decorrem. Todavia, a sua essência cumpre-se, permanece e confirma-se na devoção e profunda fé dos seus crentes no *Divino Espírito* e nas relações de sociabilidade entre indivíduos, observáveis nos rituais, na representação dos objetos simbólicos, na confeção das refeições, nos impérios, nas danças das despensas e nos cortejos e coroações.

À semelhança de outras localidades, a vila de Rabo de Peixe expressa um sistema social organizado pelas diferentes instituições que o constitui, necessárias à sobrevivência de qualquer *sociedade composta por múltiplas inter-relações, interações e interferências entre as diferentes instituições que a constituem*³⁰⁸. É, pois, nesta perspetiva que analisamos na sociedade rabo-peixense o funcionamento de um sistema social global e em rede que cruza todas as instituições que formam aquela sociedade. Deste modo, falamos, não só, de associações ligadas às manifestações religiosas das Bandeiras, das Coroas e das Despensas do *Espírito Santo* que ali se realizam anualmente, mas também de todas as instituições, internas ou externas à localidade, que de algum modo se entrecruzam com os promotores daquelas festividades. Esta interação em rede, composta por instituições familiares e comunais, alimenta o sistema social, com atividades praticadas no espaço doméstico, decorrentes de relações intrafamiliares entre o *mordomo*, família, amigos e vizinhos. Um exemplo disso, é a participação das Cavalcadas de São Pedro nas festividades em Rabo de Peixe que, com o atual *rei*, desde há vinte e cinco anos e, numa primeira fase, corresponde a um culto familiar, em que este suporta e prepara, no seio doméstico, a primeira reverência ao Santo. Numa segunda fase, o *rei* acompanhado por cavaleiros, possuidores de alguma capacidade autónoma de organização, percorrem a vila até à igreja paroquial, onde novamente prestam homenagem ao Santo. Numa terceira fase, a Cavalcada dirige-se ao lugar do *Império* para uma terceira pregação ao *Divino* junto aos símbolos espiritanos expostos no *teatro*, lugar do *Império*. Esta chegada,

³⁰⁷ Teodoro, 2001.

³⁰⁸ Schwarz, 2018: 24.

rodeada de expectativa, é promotora de um sem número de relações sociais naquele lugar. Além de instituições ligadas à família, neste sistema em rede, apresentam-se outras instituições comunais, como seja instituições de poder local, policial, de segurança, musicais, etc. Toda esta prática contribuiu para o estabelecimento de relações sociais a vários níveis e âmbitos entre as diferentes organizações políticas, sociais, económicas religiosas e culturais. Esta rede invisível de contactos e acontecimentos sociais que abrange toda a vila de Rabo de Peixe constitui uma extensa mancha cooperativa e colaborativa, que resulta de uma sucessão de atividades e acontecimentos que ligam diferentes instituições do concelho e da vila, representadas nos rituais através da presença de personagens e titulares de cargos políticos.

As Festas do *Espírito Santo* do Idoso e, até mesmo, as *Festas do Espírito Santo* realizadas nas escolas de Rabo de Peixe surgem como manifestações paralelas e agregadoras reforçando o culto espiritano nesta vila.

A participação da comunidade envolve duas vertentes que estão profundamente ligadas à devoção pelo *Divino Espírito Santo* e à tradição. Uma das vertentes é fazer parte da festa em pleno, diariamente e com boa vontade, colaborar e solidarizar-se com os mordomos. Esta ajuda verifica-se a nível de laços familiares, de vizinhança e de amizade, sobretudo na realização das festas espiritanas das *Bandeiras* e das *Coroas*, em especial na primeira, cuja materialização festiva exige mais recursos materiais e humanos para as atividades rituais. A segunda vertente prende-se com a cooperação e colaboração sobretudo de muitos jovens no Cortejo Etnográfico, cuja alegria estimula os mais velhos a sair da sua apatia e, ao mesmo tempo, desperta nas gerações mais novas a vontade de fazer parte e partilhar da tradição cultural, assegurando a sua continuidade no futuro. Destas festas, aquela que mais apela à participação da coletividade é a festa das *Bandeiras*, seguida da *Coroa* e, depois, as *Despensas*. Nestas últimas, apesar de haver um maior entrosamento social entre a comunidade piscatória e a comunidade dita da terra, persiste um certo distanciamento que não permite muitas *confusões sociais*.

Nos contactos com a população rabo-peixense, verificou-se que os seus habitantes se envolvem, desde tenra idade, nas festas espiritanas. No sábado da festa, o tradicional Cortejo Etnográfico incorpora crianças a partir dos quatro anos de idade e todos participam com muita vontade e satisfação. É provavelmente esta experiência precoce que contribui para lhes ir despertando a fé legada pelos pais e, já adultos mostram essa convicção realizando eles também, a festa para honrar o *Divino Espírito Santo*. Primeiro,

em forma de *Despensa* ou *Império* e, depois, com a vida financeira mais estabilizada, pelas *Bandeiras da Beneficência* e/ou da *Caridade*, consoante a tradição familiar. Esta ordem de escolha, deve-se à dimensão e responsabilidade necessárias para a organização desta última. Para alguns rabo-peixenses chegar ao dia de ser *mordomo* das *Festas das Bandeiras do Espírito Santo* é um sonho que se realiza pela vontade, gosto e, principalmente, pela fé.

Só a partir da década de noventa, graças a medidas económicas implementadas pelos sucessivos governos e pelo poder autárquico, alguns dos habitantes alcançaram uma maior qualidade de vida e bem-estar, nomeadamente ao nível da habitação, que foi acentuada pela deslocação e construção de novos bairros inclusivos. Esta mobilidade habitacional permitiu qualquer pessoa efetuar as *Festas das Coroas*, desde que respeite a zona ancestral do respetivo *Império* e a *Bandeira da Beneficência* e da *Caridade*, que por sua vez tiveram origem em duas zonas distintas da freguesia. Enquanto a *Bandeira da Beneficência* surgiu num contexto meramente agrícola, na Rua do Rosário, a *Bandeira da Caridade* surgiu pela mão de eclesiásticos locais, no lugar de São Sebastião, junto ao mar, de algum modo correlacionada com as populações que viviam também da atividade piscatória, como era o caso dos residentes da Cova da Moura, sobretudo, os vendilhões de peixe. Nos nossos dias, nem uma nem outra *Bandeira* estão limitadas a uma zona geográfica ou grupo social. No entanto, as duas filarmónicas, por tradição familiar representam bandeiras diferentes. Os históricos das duas bandas apresentam relações políticas, sociais e de afetividade com as *Bandeiras* e as *Coroas*. A filarmónica Lyra do Norte, conhecida como *Banda Velha* participa das festividades da *Bandeira da Beneficência* e, porventura, por ser a mais antiga banda também acompanha todas as festas das *Coroas*, com exceção a do *Império da Caridade*, que dispõe da filarmónica Progresso do Norte ou *Banda Nova*.

As *Despensas dos Homens do Mar* continuam a ter a sua área geográfica bem demarcada, assim como as *Despensas dos Homens da Terra*. Os primeiros continuam a ter a sua territorialização acentuadamente na zona piscatória, enquanto que os segundos se concentram na zona mais agrícola. Esta situação não impediu que, desde sempre, as festas da *Bandeira da Beneficência*, institucionalizadas no meio agrícola, no dia de *Pentecostes*, não deixem de receber as *Despensas dos pescadores* para saudar e alegrar as suas festividades. Sensivelmente um século depois do seu aparecimento, a *Bandeira*

da Caridade viu as suas festas serem enriquecidas pelo apoio alegre das *Despensas dos Homens da Terra*.

A arquitetura tridimensional de intenção devocional que se propõe como modelo para as festas do *Espírito Santo* em Rabo de Peixe envolve as três manifestações de fé, intimamente ligadas a instituições familiares, políticas, económicas, religiosas, sociais e culturais numa interação de apoio, traduzida em épocas e relações de transformação tecidas ao longo de décadas, numa dinâmica cultural que chegou até aos nossos dias. Esta rede de relações reconhecida, sobretudo, no modelo dos *Impérios* e das Bandeiras, abrangendo *mordomos* e comunidade, sempre teve por base o recurso a dádivas, estabelecidas de forma interna e externa. Internamente, o *mordomo* rodeia-se de algumas dádivas como ajudas financeiras, pela doação de géneros alimentícios e animais vivos ou por trabalho contributivo familiar e amigo. As dádivas externas regem-se pelas doações que se fazem à comunidade próxima reafirmando laços sociais, entre a família e vizinhos, mas que também se estendem ao lugar, à freguesia e por vezes, a outras freguesias. Neste sistema de rede, em que se cruzam os modelos espiritanos rabo-peixenses, promotor de manifestações sociais onde se produzem relações intersociais, apela muitas vezes ao desenvolvimento do prestígio pessoal, sendo necessário bom senso para não haver momentos de rivalidade entre os seus *mordomos*. Todavia, existe sempre a pretensão de suplantar o que já foi realizado, especialmente, em termos de decoração do *quarto do Espírito Santo*.

A intenção devocional das *Festas do Espírito Santo*, ao espelhar manifestações religiosas distintas, comumente dispõem do mesmo calendário para as realizar, designadamente do segundo domingo após a Páscoa até quinze dias após o *Império de São Pedro*. Comungam da mesma fé e devoção ao *Divino Espírito Santo*; as festas são marcadas pela união das pessoas e da comunidade nos rituais realizados assentes no pagamento de promessas e na tradição comunitária; interagem com grupos internos constituídos pela família e externos que integram a comunidade de amigos, vizinhos, convidados. Recorrem a grupos de animação (balhos das despensas, filarmónicas, grupos folclóricos, grupos musicais); esmeram-se na preparação dos quartos para receber as insígnias divinas; não dispensam o sacrifício do abate dos animais e a bênção da carne; procedem à decoração exterior das casas dos mordomos das Bandeiras e das Coroas particularizando e identificando as suas portas. Todas as festas exaltam as cerimónias e os cortejos religiosos, na igreja e fora dela, com a bênção das *carnes*, do *vinho* e da *massa*

sovada; recorrem a contribuições/doações monetárias e de animais; coordenam movimentos de solidariedade interna (de familiares) e externa (de amigos e vizinhos e restante comunidade) na preparação dos festejos; repetem momentos de confraternização, e obedecem à atribuição de cargos (*despenseiro* nas *Despensas dos homens da Terra* e *mordomos* nas *Despensas dos Homens do Mar, Coroas e Bandeiras*). Todos estes rituais são acompanhados sempre pelas imprescindíveis *roqueiras* (*fogo*) que são lançadas (*rejeitadas*) igualmente pelas três estruturas, para além do fogo de artifício lançado pelas festas das *Bandeiras* e por alguns *Impérios*. A circulação de alimentos em refeições coletivas é semelhante, apesar de algumas terem fins específicos, como as Ceias dos Criadores, nas *Bandeiras*. Os cortejos também são comuns às três estruturas, embora os cortejos das *Despensas* não tenham a solenidade dos desfiles processionais das *Bandeiras* e das *Coroas* que transportam os símbolos divinos, acompanhados das respetivas filarmónicas. Na festa das *Bandeiras* existem as pensões para os irmãos, benfeitores e criadores e nas *Despensas* os *quinhões*. Nos *Impérios*, as esmolas tomam a forma única de distribuição pública de *massa sovada* e de refeições escolares. Enquanto os ritos religiosos na igreja têm como finalidade, no caso das *Coroas*, a *coroação* de uma criança, no caso das *Bandeiras* o ritual religioso é a consagração da *Bandeira*. Estas estruturas também têm em comum a participação da comunidade na reza do terço, nos cortejos e nas cerimónias. Habitualmente estas três estruturas ou modelos, entre si, repartem *dádivas* e *alegria*, presentes nos preparativos que envolvem a festa, no convívio, no trabalho conjunto de mulheres, homens e até crianças, que, entusiasmadas, participam das atividades como um divertimento ocasional. Mas, sobretudo, o que une todos estes homens, mulheres e crianças é a fé que enaltecem na devoção ao *Divino Espírito Santo* e que, por sua vez, é traduzida pelas festas que acontecem naquele período destinado ao *Paráclito*. A festa, enquanto produtora do social, tem lugar nas casas dos *mordomos*, na igreja, nos cortejos, nas ruas e junto aos *Impérios*. *O papel social das festas comporta rituais que contribuem para a regeneração social da sociedade, porque permitem avivar e harmonizar o que foi esquecido e perdido em certas épocas do ano. A festa regula e permite o reencontro e a interação entre três realidade e existência: o cósmico, o terrestre e o humano*³⁰⁹.

A dualidade dos espaços dominantes da freguesia – terra e mar – e a sua tradicional dicotomia, anterior à década de noventa só transgredida aquando das festas, é

³⁰⁹ Schwarz, 2018: 117-122.

ultrapassada pelas relações sociais comunitárias que se sobrepuseram à especialização da distribuição dos espaços, sendo mais fácil, agora, compreender a realidade e as relações entre as estruturas de devoção expressas nos diferentes espaços geográficos da freguesia, possibilitando agrupar e classificar as configurações que cada uma apresenta e a sua comparação. Até data recente nada unia as *Despensas* às *Bandeiras* ou às *Coroas* apesar de terem alguns pontos comuns. O fio de ligação era muito ténue, marcado somente no sábado de *Pentecostes*, quando as *Despensas dos pescadores* se acercavam, naquele dia, do *quarto da Bandeira da Beneficência* e dos restantes quartos das *Coroas do Espírito Santo*. Neste dia, eram recebidos e podiam homenagear, em forma de dança, o *Divino* e saudar o *mordomo* encarregue das festas. Hoje, quebradas as barreiras sociais, as *Despensas dos Homens do Mar* alargaram os dias de festejos e, nos últimos trinta anos, a *Bandeira da Caridade* viu aumentar o prestígio da sua festa com a participação das *Despensas dos Homens da Terra*.

Resumindo, na vila de Rabo de Peixe, as festas em louvor ao *Divino Espírito Santo* constituem um importante valor religioso e cultural que se estrutura na identidade das instituições que constituem as *Bandeiras*, as *Coroas* ou as *Despensas*. Esta identidade está patente na alteridade com que cada um dos grupos vê a realidade composta pelo outro, em determinados espaços da vila e da vida de cada um, perfazendo uma dinâmica comunitária que envolve a localidade no seu todo. Esta totalidade é visível na malha de rede, constituída e ligada pelas diferentes instituições locais participantes daquelas festividades que, por sua vez, está articulada com outra rede global proporcionada pelas inovações tecnológicas. As redes sociais, como o Facebook, são fundamentais, porquanto expõem e transmitem aos rabo-peixenses na diáspora o que se realiza na sua terra de origem. Cooperam na divulgação ao minuto dos acontecimentos, na preservação das festas evidenciando o seu carácter duradouro; permitem realçar aspetos culturais da comunidade e o fausto exteriorizado em cada uma das manifestações festivas; contribuem para a dignificação e prestígio social daquela vila nortenha e, sobretudo, permitem em tempo real, não só as relações sociais à distância, como possibilitam a conexão com familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos e também a difusão global das *Festas do Divino Espírito Santo* em Rabo de Peixe.

10. Fontes

10.1. Bibliografia

Acker, Alexander. 1999. *Um encontro com a açorianidade: Justamente Rabo de Peixe*. Ponta Delgada, Gráfica Açoriana, Lda.

“A Festa da Pombinha” (Extr.). 1916. *A Estrella Oriental* de 29 de Abril, Ribeira Grande, Editor G. S. Vargas.

Almeida, Ferreira. 2020. “O Império da Beneficência de São Pedro Gonçalves”. *Correio dos Açores* de 17 de dezembro, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.

Almeida, Gabriel de. 1885. “Festejos Populares, os Impérios do Espírito Santo”, *A Ilha de S. Miguel, seu descobrimento e diversas notícias*. Ponta Delgada, Typ. Lithographia dos Açores: 64-65.

Almeida, Gabriel de. 1893. *Os Açores e a indústria piscatória*. Ponta Delgada, Tip. Popular.

Alves, Joi Cleitison (org.). 2000. *I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo*. Florianópolis, Universidade de Santa Catarina.

Amaral, Rita. 1998. “As mediações culturais da festa”. *Revista de Ciências Sociais*, 3 (1). São Paulo, USP. Consultada em 18 de janeiro de 2019, disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9314/0>.

Anati, Emmanuel. 1995. *Tratado de antropologia de lo sagrado*. Madrid, Editorial Trotta.

Andrade, Adelino Paim de Lima. 2016. *Império da Vila das Lajes, 100 anos, 1916-2016*. Lajes, Edição da Comissão do Império da Vila das Lajes.

Andrade, José. 2003. *Concelho de Ponta Delgada. 500 Anos de História. Cronologia de Figuras e Factos 1499-1999*. Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Anguera, Maria Teresa. 1989. *Metodología de la observación en las Ciencias Humanas*. Madrid, Cátedra Teorema.

“A origem das festas do Espírito Santo” (Extr.). 1916. *A Estrella Oriental* de 27 de Maio, Ribeira Grande, Editor G. S. Vargas.

Araújo, Mário. 2012. *As festas do Espírito Santo no Concelho de Ponta Delgada: Uma expressão da religiosidade popular*. Ponta Delgada, Câmara Municipal de Ponta Delgada. IX Grandes Festas do Divino Espírito Santo do Concelho de Ponta Delgada.

Araújo, Mário. 2009. *As festas do Espírito Santo no Concelho de Ponta Delgada: Uma expressão da religiosidade popular*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Tese de Mestrado em Cultura e Comunicação.

“Associação apostada em atrair descendentes dos emigrantes”. 2019. *Açoriano Oriental* de 6 de outubro, Ponta Delgada, Açormédia.

Ataide, Luís. 1974. “Os mares do Norte”, in *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, 3. Coimbra, Universidade de Coimbra: 195-204.

Ataide, Luís. 1974 a. “A festa dos pescadores de Rabo de Peixe”, in *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, 3. Coimbra, Universidade de Coimbra: 318-330.

Ataide, Luís. 1973. “Teatros do Espírito Santo”, in *Etnografia, Arte e Vida dos Açores*, 1. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade: 250-256.

Beirão, Florentino. 2011. *A festa das papas de Alcains. Um santo bodo da Beira Baixa*. Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco.

Benedict, Ruth. 1982. *Padrões de Cultura*. Lisboa, Edição Livros do Brasil.

Bernardi, Bernardo. 2007. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa, Edições 70.

Bourdieu, Pierre. 1997. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Oeiras, Celta Editora.

Brum, Luís C. 1992. “As festas da Caridade de Rabo de Peixe”. *Correio dos Açores* de 12 de junho, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana: 11, 12.

Bullar, Joseph, H. Bullar. 1949. *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Burgess, Robert G. 1997. *A pesquisa de terreno. Uma Introdução*. Oeiras, Celta Editora.

Cabral, Clara M. F. Bertrand. 2009. *Património Cultural Imaterial. Proposta de uma Metodologia de Inventariação. Documento Provisório*. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Dissertação Conducente à Obtenção do Grau de Mestre em Ciências Antropológicas.

- Cabral, João de Pina. 1989. *Filhos de adão, filhas de eva. A visão do mundo camponesa no Alto Minho*. Lisboa, Etnográfica Press.
- Cabral, Júlio. 1903. “Festejos do Espírito Santo”, in António Baptista (Org.), *Álbum Açoriano*. Lisboa. Antiga Casa Bertrand: 265-269.
- Caillois, Roger. 1979. *O homem e o sagrado*. Lisboa, Edições 70.
- Cardoso, Carlos. 1982. *Do gordo entrudo à Páscoa das Flores. Três aproximações etnográficas*. Lisboa, Instituto Português do Património Cultural.
- Carmo, António. 2001. *Antropologia das religiões*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Casal, Yañez. 2005. *Entre a dádiva e a mercadoria. Ensaio de Antropologia Económica*. Lisboa, Edição do autor.
- Castel, Robert. 2003. *L’Insécurité sociale*. Paris, Ed. du Seuil.
- Chaves, Francisco. 1983. “Festas do Espírito Santo nos Açores”, *Arquivo dos Açores*, 13. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 11-35.
- Chevalier, Jean, A. Gheerbrant. 1994. *Dicionário dos símbolos*. Lisboa, Teorema.
- Choay, Françoise. 1999. *Alegoria do património*. Lisboa, Edições 70.
- Coelho, Adolfo. 1993. *Festas, costumes e outros materiais para uma Etnologia de Portugal*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Coelho, Ana. 2007. “Império da Casa do Povo de Rabo de Peixe. Espírito Santo chega até aos idosos”. *Correio dos Açores, reportagem*, 27 de maio. Ponta Delgada, Gráfica Açoriana.
- Coelho, Ana. 2007a. “Festas do Espírito Santo em Rabo de Peixe. Caridade e Beneficência *Sui Generis*”. *Correio dos Açores, reportagem*, 30 de maio, Ponta Delgada, Gráfica Açoriana.
- Conferência Insular Açoriana, Primeira Reunião*. 1954. Ponta Delgada, C. de Oliveira Limitada Editores.
- Correia, Cândida. 2007. *Aspectos da variação fonética em grupos socioculturais de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores. Dissertação Conducente à Obtenção do Grau de Mestre em Cultura e Comunicação.

- Correia, Ruben. 2012. *Percursos de vida de sucesso: conceções de jovens e de indivíduos bem-sucedidos na via de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Dissertação Conducente à Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Educação (Contextos Comunitários) (Policopiada).
- Côrtes-Rodrigues, Armando. 1983. “As festas do Espírito Santo na Ilha de São Miguel”, *Arquivo dos Açores*, 14, Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 299-311.
- Costa, Antonieta. 2004. O culto do Espírito Santo nos Açores. Um património a preservar. Angra do Heroísmo. Documento com data de 10 de maio.
- Costa, Antonieta. 1999. *O poder e as irmandades do Espírito Santo*. Lisboa, Editora Rei dos Livros.
- Costa, Antonieta. 1997. *Os dois paradigmas da gestão pela cultura. Abordagem Psico-sociológica*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Costa, Antonieta. 1987. *Festas em louvor do divino Espírito Santo. Abordagem sócio-cultural*. Tomar, Edição da autora.
- Costa, Antonieta, E. Félix, H. Fonseca, M. Cabral. 2007. *Pelo sinal do Espírito Santo/By the sign of the Holy Spirit*. Ponta Delgada, Direção Regional da Cultural.
- Costa, António. 2017. *Rabo de Peixe: de lugar a Vila*. Ribeira Grande, Gráfica Açoriana.
- Costa, António. 2003. *A Nossa memória colectiva. Rabo de Peixe – 500 anos de História*. Rabo de Peixe, Junta de Freguesia de Rabo de Peixe.
- Costa, António. (s/d). *Rabo de Peixe. O Passado e o Presente*, (s/local e s/editor).
- Costa, António, Paulo Viveiros. (s/d). *Guia Turístico dos Açores*. Ponta Delgada, Gráfica Açoriana.
- Costa, Carreiro da. 1989-1991. *Etnologia dos Açores*, 2 vols. Lagoa, Câmara Municipal da Lagoa.
- Costa, Carreiro da. 1957. “As Festas do Espírito Santo nos Açores. Breve notícia a seu respeito em cada uma das Ilhas do Arquipélago”, *Insulana*, 13, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 5-54.
- Costa, Carreiro da. 1940. “A pesca nos Açores e a situação económica dos pescadores”, in *Livro do Primeiro Congresso Açoreano*. Lisboa, Edição da Casa dos Açores: 324-325.

Costa, José Maria da, Nelson Veríssimo. 1994. “O Espírito Santo nas ilhas”, *Revista Ilzenha*, 14. Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais: 61-71.

Crespi, Franco. 1996. *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa, Editorial Estampa.

Damásio, António. 2000. *O sentimento de si, o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem-Martins, Publicações Europa-América.

“Dentro do Concelho”. 1904. *O Trabalho* de 28 de maio. Ribeira Grande, Typ. Do Trabalho.

Derrida, Jacques. 1991. *Donner le temps. La fausse monnaie*. Paris, Éd. Galilée.

Dias, Urbano. 1944-1948. *A vida dos nossos avós. Estudo etnográfico da vida açoreana através das suas leis, usos e costumes*, 11 vols. Vila Franca do Campo, Tipografia A Crença.

Dicionário de Antropologia. 1972. Lisboa, Editorial Verbo.

Dortier, Jean-François. 2009. *Uma História das Ciências Humanas*. Lisboa, Edições Texto & Grafia.

Eliade, Mircea. 1992. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa, Livros do Brasil.

Enes, Maria F. 2010. “Construção da açorianidade nas festas do Espírito Santo?”. In *Reflexão sobre mundividências da açorianidade*. Gabriela Castro, Berta Miúdo, Magda Costa Carvalho (org.). Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 133-147.

Enes, Maria F. 2004. “As festas do Divino Espírito Santo nos Açores: Solidariedade e Fraternidade”, in José Vicente Serrão (org.). *Em nome do Espírito Santo. História de um culto*. Lisboa, Instituto dos Arquivos Nacionais: 79-86.

Enes, Maria F. 1997. A Piedade Popular e as Festas do Espírito Santo em São Miguel, *Revista de História e Teoria das Ideias*, IX, II série, Lisboa, Centro de História da Cultura: 351-361.

“Espírito Santo candidato à Unesco”. “Culto ao Divino Espírito Santo pode estar em risco”. 2003. *Açoriano Oriental* de 24 de fevereiro, Ponta Delgada, Açormédia.

Espírito Santo Migrante / The migrante Holy Ghost. 2019. Ponta Delgada, Edição da S.R.E.C., D.R.C. e M.C.M.

- Estrela, Carlos. 2003. *As Dispensas por palavras*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Antropologia Social. Curso de Sociologia. (Policopiado).
- Estrela, Manuel. 2020. “O Charco de Rabo de Peixe”, *Correio dos Açores* de 25 de setembro, Ponta Delgada, Gráfica Açoriana: 12.
- Estrela, Manuel. 2020a. “O baile dos Pescadores da Vila de Rabo de Peixe é Património Imaterial da Humanidade”, *Atlântico Expresso* de 21 de setembro, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana: 20.
- Estrela, Manuel. 2016. “Preparativos já começaram. Lira do Norte presente nas Festas do Divino de Fall River”, *Atlântico Expresso*, de 6 de janeiro, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana: 17.
- Estrela, Manuel. 2015. *Festas da Caridade. Alvorada de Luz*. Rabo de Peixe, Irmandade das Festas da Caridade da Vila de Rabo de Peixe.
- Estrela, Manuel. 2000. *O Chico e o “Bai-Bai”*. Fall River, MA. Express Printing.
- Estrela, Manuel. 1997. *Gente de Rabo de Peixe*. USA, Capitol Printing Swansea. M. A.
- Evans-Pritchard, Edward. 1981. *História do pensamento antropológico*. Lisboa, Edições 70.
- Faria, José. sd. *Permanece. Na Alma do Imigrante Rabopeixense*. (s/local e s/editor).
- Farias, R. 2015. *Hominis Aqua, A Comunidade Piscatória de Rabo de Peixe*. Ribeira Grande, Associação de Pescas de Rabo de Peixe.
- Feliciano, José, Y. Casal. 2006. *Antropologia económica. Velhos e novos campos*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Fernandes, Aurélia, M. Fernandes. 2006. *Espírito Santo em Festa*. Coimbra, Gráfica de Coimbra.
- Ferreira, Maria. 2014. *O divino na vila de Rabo de Peixe*. Ribeira Grande, Câmara Municipal da Ribeira Grande.
- Ferreira, Padre Ernesto. 1943. *Ao Espelho da Tradição*. Ponta Delgada, Gráfica Regional.

Ferreira, Padre Ernesto. 1940. “A pesca nos Açores e a situação económica dos pescadores”, in *Livro do Primeiro Congresso Açoreano*. Lisboa, Edição Casa dos Açores: 583-585.

Ferreira, T. 1870. Rabo de Peixe, *Almanache Popular dos Açores*. Ponta Delgada, Typografia Micaelense: 68-71.

“Festa do Espírito Santo em Rabo de Peixe”. 1924. *Correio dos Açores* de 20 de Julho, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.

“Festas do Espírito Santo em Rabo de Peixe”. 1924. *Correio dos Açores* de 11 de Junho, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.

“Festas do Espírito Santo em Rabo de Peixe”. 1924. *Diário dos Açores* de 11 de Junho, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.

“Festas do Espírito Santo no Canadá mantêm tradição”. 2019. *Açoriano Oriental* de 7 de outubro, Ponta Delgada, Açormédia.

Freyre, João de Sousa. 1907. “Origem dos – Impérios – da ilha de San Miguel e sua introdução na vila da Ribeira Grande”, *A Estrela Oriental* de 11 de Maio. Ribeira Grande, Editor G.S. Vargas: 1.

Frutuoso, Gaspar. 1998. *Saudades da Terra*. 6 vols. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Fournier, Marcel. 1994. *Marcel Mauss*. Paris, Librairie Arthème Fayard.

Gandra, Manuel. 2017. *O Império do Divino na Amazônia*. Rio de Janeiro, Instituto Mukharajj Brasilan.

Gaspar, Manuel. 2005. *Património dos Açores em Filatelia (3). Festas do Espírito Santo (Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa e S. Jorge)*. 1. Ponta Delgada, Edição do Núcleo Filatélico “O Milhafre”.

Geertz, Clifford. 1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

Géraud, Marie-Odile, O. Leservoisier, R. Pottier. 1998. *Les notions clés de l’ethnologie. Analyses et textes*. Paris, Armand Colin/Masson.

- Godbout, Jacques. 2000. *Le don, la dette et l'identité. Homo donator v.s. homo economicus*. Paris, La découverte.
- Godbout, Jacques. 1997. *O espírito da dádiva*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Godelier, Maurice. 2000. *O enigma da dádiva*. Lisboa, Edições 70.
- Gomes, Augusto. 2001. *O Peixe na Cozinha Açoriana*. Angra do Heroísmo, Edição do autor.
- “Idosos de Rabo de Peixe celebram Espírito Santo”. 2008. *Açores Magazine* de 18 de Maio, Ponta Delgada, Açormédia.
- Justo Collantes, SI. 2009. *La Fe de La Iglesia Católica. Las ideas y los hombres en los documentos doctrinales del Magisterio*. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos.
- Kottak, Conrad. 1997. *Antropologia cultural: Espejo para la humanidad*. Lisboa, McGraw-Hill.
- Lacerda, Aarão. 1998. *O fenómeno religioso e a simbólica*. Lisboa, Guimarães Editores.
- Leal, João. 2017. *O Culto do Divino: Migrações e transformações*. Lisboa, Edições 70.
- Leal, João. 2015. “Património Cultural Imaterial, Festa e Comunidade”, in Yussef Campos (org.). *Património Cultural Plural*. Belo Horizonte, Arraes Editores: 144-162.
- Leal, João. 2013. “Modos de Produção da Etnicidade: Emigração, Ritual, Etnogénese” in Silva, Maria Cardeira e Clara Saraiva (orgs.). *As Lições de Jill Dias. Antropologia, História, África, Academia*. Lisboa, CRIA: 207-221.
- Leal, João. 2006. *Antropologia em Portugal. Mestres, percursos, transições*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Leal, João. 1994. *As Festas do Espírito Santo nos Açores. Um estudo de Antropologia Social*. Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Leal, João. 1989. “Impérios, povo e clero em Santa Bárbara (Santa Maria, Açores), *Studium Generale – Estudos Contemporâneos*, 6. Porto, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Porto: 113-128.

- Leal, João. 1984. *Impérios, alimentos e relações sociais em Santa Bárbara (Santa Maria, Açores)*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. Trabalho apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (policopiado).
- Lello, José e Edgar Lello. 1988. *Dicionário Lello Universal*, 2 vols. Porto, Lello & Irmão Editores
- Lemos, Mário. 2007. *O Culto do Espírito Santo. Suas práticas na Ilha do Faial*. Horta, FaiAlentejo.
- Leroi-Gourhan, André. 1964. *As religiões da Pré-História*. Lisboa, Edições 70.
- Lévi-Strauss, Claude. 2008. *Tristes trópicos*. Lisboa, Edições 70.
- Lévi-Strauss, Claude. 2007. *Mito e significado*. Lisboa, Edições 70.
- Lévi-Strauss, Claude. 1988. “Introdução à obra de M. Mauss”, in Marcel Mauss, *O ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70: 7-47.
- Lima, Manuel C. Baptista. 1985. “A introdução do culto do Espírito Santo nos Açores e a sua influência na simbólica e arquitetura religiosa dos séculos XV e XVI”, in *II Colóquio Internacional de Simbologia. Os Impérios do Espírito Santo na simbólica do Império*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 2: 123-166.
- Lima, Marcelino. 1943. *Anais do Município da Horta (História da Ilha do Faial)*. Vila Nova de Famalicão, Oficinas Gráficas Minerva.
- Lima, Maria Manuela. 1991. *Contribuição para o estudo biodemográfico da Freguesia de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores. Trabalho prático elaborado para prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica no Departamento de Biologia (policopiado).
- Lopes, Aurélio. 2004. *Devoção e poder nas festas do Espírito Santo*. Chamusca, Edições Cosmos.
- Lopes, Aurélio, L. Nazaré. 2005. *Roteiro do Divino Espírito Santo do distrito de Santarém*. Santarém, Câmara Municipal de Santarém.
- Lopes, Ten. Cor, Frederico. 1957. “Memória sobre as Festas do Espírito Santo na Ilha Terceira dos Açores”. *Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 15. Angra do Heroísmo, I.H.I.T.

- Lucena, Armando de. 1944. *Arte Popular. Usos e costumes portugueses*. Lisboa, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade.
- Machado, Jaime M. Cabral. 2012. *Gente da Nossa Vila de Rabo de Peixe*. Canadá, Mach 2 Press.
- Machado, Margarida. 2008. “Problemas económicos do município Ribeiragrandense na segunda metade do século XVIII.” In *Poder Local, Cidadania e Globalização, Actas do Congresso Comemorativo dos 500 anos de Elevação da Ribeira Grande a Vila (1507-2007)*, Ribeira Grande, Gráfica Açoreana: 29-142.
- Macherel, Claude. 1983. “Don et reciprocité en Europe”, *Archives Européennes de Sociologie*, 14, Paris, Plon: 151-166.
- Malinowsky, Bronislaw. 2009. *Uma Teoria Científica da Cultura*. Lisboa, Edições 70.
- Malinowsky, Bronislaw. 1989 (1922). *Les Argonautes du Pacifique occidental*. Paris, Éditions Gallimard.
- Marques, Raposo. 1952. “Os Açores”, *Separata da Revista O Instituto*, 116. Coimbra, Coimbra Editora.
- Martins, Francisco Ernesto Oliveira. 1985. *Festas Populares dos Açores*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda e Região Autónoma dos Açores.
- Martins, Francisco Ernesto Oliveira. 1983. *Em louvor do Divino Espírito Santo (Fotomémoria)*. Angra do Heroísmo, Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- Martins, Rui de Sousa. 2017-2018. *Museologia e Antropologia Cultural. I Antropologia Cultural: Conceitos e Métodos*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- Matos, Artur Teodoro de, Avelino de Freitas de Meneses, José Guilherme Reis Leite (orgs.). 2008. *História dos Açores. Do descobrimento ao século XX*, 2. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.
- Mauss, Marcel. 2000. *Esboço de uma teoria geral da magia*. Lisboa, Edições 70.
- Mauss, Marcel. 1993. *Manual de etnografia*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Mauss, Marcel. 1988. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70.
- Mauss, Marcel. 1979. *Antropologia*. S. Paulo, Editora Ática S.A.

Mauss, Marcel. 1974. *Sociologia e Antropologia*, 1. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Mauss, Marcel, Henry Hubert. 2005. *Sobre o sacrifício*. São Paulo, Cosac Naify.

Mello, José de A. 2010. *Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada*, Ponta Delgada, Publiçor.

Mendes, Hélder Fonseca. 2018. “O Espírito Santo é o Nosso Programa Social – o Profético, o Possível, o Utópico. O Estado da questão entre 1871-1889”, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 76. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira: 127-138.

Mendes, Hélder Fonseca. 2006. *Do Espírito Santo à Trindade. Um Programa Social de Cristianismo Inculturado*. Porto, Universidade Católica Portuguesa.

Mendes, Hélder Fonseca. 2001. *Festas do Espírito Santo nos Açores, Proposta para uma leitura teológico-pastoral*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura.

Mendes, Vieira. 1903. “Costumes Açorianos. Festas do Espírito Santo”, in António Baptista (Org.), *Álbum Açoriano*. Lisboa, Antiga Casa Bertrand: 357-362.

Middleton, John. 1974. *Anthropologie religieuse: les dieux et les rites: textes fondamentaux*. Paris, Larousse.

Miranda, Cavalleiro de. 1903. “Lenda açoriana sobre o aparecimento da Bandeira do Espírito Santo”. *A Phenix* de 30 de Julho. Vila Franca do Campo, Typ. do Autónimo: 20-22.

Morais, Olegário. 2015. *O culto do Divino Espírito Santo e a Organização do Espaço Físico e Ritual da Ilha do Pico – Açores*. Parte I. Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa. Trabalho teórico para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Moreira, Carlos D. 1994. *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Mota, Miguel B. 2019. “50 propostas artísticas vão passar por 30 palcos no sexto Tremor”, *Açoriano Oriental* de 8 de março, Ponta Delgada, Açormédia: 2.

Mota, Valdemar. 1982. “Divino Espírito Santo”, *Revista Atlântida*, 4. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano da Cultura: 39-59.

- Mota, Ruth. 1998. *O Divino Espírito Santo em Rabo de Peixe. Festa da Beneficência*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Antropologia Cultural. Curso de Sociologia (policopiado).
- Moura, Margarida Maria. 2004. *Nascimento da Antropologia Cultural. A obra de Franz Boas*. São Paulo, Editora Hucitec.
- Moura, Mário. 2007. “A Alvorada e o Império de São Pedro”, *A Ponte*, 7, Ribeira Grande, Câmara Municipal: 26-29.
- Nunes, Lélia P. da Silva. 2019. “Festa do Divino Espírito Santo – Identidade Cultural Açoriana no Sul do Brasil”, in *Corpo de Ilhas*. Ponta Delgada, Letras Lavadas: 105-108.
- “O arquipélago dos Açores visitado por uma missão de continentaes ilustres”. 1924. *Os Açores* de 10 de Agosto, 10. Ponta Delgada, Oficina de artes gráficas: 18-27.
- Obadia, Lionel. 2011. *Antropologia das religiões*. Lisboa, Edições 70.
- Oliveira, Ernesto. 1984. “Manjares e refeições cerimoniais”, in *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa, Publicações Dom Quixote: 201-206.
- Oliveira, Ernesto Veiga de, Benjamim Pereira, Fernando Galhano. 1987. *Tecnologia Tradicional dos Açores. Subsídios para o seu estudo*. Lisboa, INIC.
- Ormonde, Helena, M. Dias, C. Enes. 2004. *As festas do Espírito Santo na ilha Terceira: a dádiva e a partilha*. Praia da Vitória, Edições BLU.
- O’Neill, Brian J. 2008. “Os rituais como expressões multiculturais”, in *Portugal: Percursos de Interculturalidade*, 3, Matrizes e Configurações. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural: 53-104. Consultado em 18 de janeiro de 2019, disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12960509/ii-os-rituais-como-expressoes-multiculturais>.
- “O programa dos visitantes”. 1924. *Correio dos Açores* de 8 de Junho, Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.
- “Os impérios do Espírito Santo” (Extr.). 1916. *Jornal A Estrella Oriental* de 17 de Junho, Editor G. S. Vargas.
- Panoff, Michel, M. Perrin. 1973. *Dicionário de Etnologia*. Lisboa, Edições 70.

Pascoaes, Teixeira. 1993. *O homem universal e outros escritos: o sentido da vida, a caridade, a nossa fome, pró paz*. Lisboa, Assírio & Alvim.

Pereira, Maria. 2018. *Análise material sobre as Dispensas dos homens do mar na Vila de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Sociologia da Cultura e dos Públicos. Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento (policopiado).

Pereira, Maria. 2018 a. *Um estudo sobre a vila de Rabo de Peixe nos finais do século XIX*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Património, Identidade e Desenvolvimento. Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento (policopiado).

Pereira, Maria. 2018 b. *Contributo para o estudo dos ofícios mecânicos no setor da panificação nos Açores nos séculos XVII e XVIII*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Cidade e Património Urbano. Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento (policopiado).

Pereira, Pe. Ney. 2000. “A pomba e o Espírito: significado de um símbolo”, Joi Cleitison Alves (org.), in *I Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito Santo*. Florianópolis, Universidade de Santa Catarina: 81-104.

Piteira, Carlos. 2008. *A dádiva nas sociedades contemporâneas*. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

Pitrou, Antoine. 1992. *Les solidarités familiales. Vivre sans famille?*. Toulouse, Ed. Privat.

Pollnac, Richard, F. Carmo. 1988/89. “Relações de Parentesco e Tripulações Piscatórias. Abordagem sociológica na freguesia de Rabo de Peixe, S. Miguel – Açores”. *Arquipélago, Ciências Sociais*, 34. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 138-154.

Quadros, António. 1987. *Portugal. Razão e Mistério*, 2. Lisboa, Guimarães Editores.

Ramalho, Paulo. 2011. *As festas do Espírito Santo na ilha de Santa Maria*. Vila do Porto, Município da Vila do Porto.

Ranger, Terence, E. Hobsbawn. 1997. *A invenção das Tradições*. São Paulo, Edição Paz e Terra.

- Reis, Francisca. 2018. “Viva a festa do chicharro à moda de Rabo de Peixe”, *Magazine A Praça*, (maio-junho). East Providence: 20-21.
- Rey, Pe. Alberto Pereira. 1981. “Breve notícia das festas do Imperador, e Vôdo, - em honra e louvor do Divino Est.o Santo costumam fazer muitas cidades, villas, ou Lugares deste Reyno de Portugal, e Ilhas Adjacentes, e do principio também da sua Irmandade (1753)”. *Arquivo dos Açores*, 3. Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores: 285-295.
- Ribeiro, Luís. 1982. “Os foliões do Espírito Santo nos Açores”, in *Obras*, 1 *Etnografia Açoriana*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira: 253-266.
- Ribeiro, Luís. 1982 a. *Obras*, 4 vol. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- Riley, Carlos Guilherme. 1994. “As cavalladas: raízes medievais e evolução histórica. Contribuição para o estudo da festa dos Açores”. *Insulana*, 50 (2). Ponta Delgada, Instituto Cultural: 305-330.
- Rivière, Claude. 2008. *Introdução à Antropologia*. Lisboa, Edições 70.
- Rodrigues, M. M. S. 1943. *Ancoradouros das ilhas dos Açores*. Lisboa, Edição dos Anais da Marinha.
- Sá, Daniel. 1993. *A criação do tempo, do bem e do mal*. Algés, Ed. Salamandra.
- Sahlins, Marshall. 1980. *Au coeur des sociétés. Raison utilitaire et raison culturelle*. Paris, Éd. Gallimard.
- Sahlins, Marshall. 1963. “Poor man, rich man, big-man, chief: political types in Melanesia and Polynesia”, *Society and History*, 5 (3). Cambridge University Press: 285-333.
- Salgado, Guilherme. 1935. *As pescas em Portugal*. Lisboa, Tipografia do Povo.
- Sanchis, Pierre. 1983. *Arraial, festa de um povo. As romarias portuguesas*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Santos. Armindo dos. 2002. *Antropologia Geral, Etnografia, Etnologia, Antropologia Social*. Lisboa, Universidade Aberta.

- Santos, João Marinho dos Santos. 1989. *Os Açores nos Séculos XV e XVI*, 2 vols. Angra do Heroísmo, SREC/DRAC.
- Schwarz, Fernand. 2018. *Mitos, ritos e símbolos. Antropologia dos símbolos*. Lisboa, Edições Nova Acrópole.
- Serpa, Caetano Valadão. 1976. “A Gente Açoriana, Emigração e Religiosidade – Séculos XVI-XX”, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 34. Angra do Heroísmo, I.H.I.T.: 5-74.
- Silva, Agostinho da. 1985. “Dez notas sobre o culto popular do Espírito Santo”, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 43 (1). Angra do Heroísmo, I. H. I. T.: 173-180.
- Silva, António de M. 1987. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa, Horizonte Confluência.
- Silva, Armindo Moreira da. 2000. *Ribeira Grande. De ontem até hoje (Colectânea documental)*, 1. Ponta Delgada, Nova Gráfica Lda.
- Silva, Augusto S., José M. Pinto (orgs.). 1986. *Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa, Edições Afrontamento.
- Simões, Guilherme A. 1994. *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Simões, Manuel. 1987. *Roteiro Lexical do culto e Festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Simões, Manuel. 1986. “O espírito da santa cruzada e a Cruzada do Espírito Santo”, in Gilbert Durant (org.). *Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica: 165-175.
- Smith, Michel. 1979. *La fonction symbolique: essays d’anthropologie*. Paris, Gallimard.
- Sousa, Ana Isabel. 2006. *História, festas, romarias e Igreja no feminino*. Ponta Delgada, Gráfica Açoreana.
- Sousa, Antónia. 2001. *Agostinho da Silva. O Império acabou. E agora?* Lisboa, Editorial Notícias.
- Sousa, Gabriel Maria. 1998. *Quadras de Ternura*. Rabo de Peixe, Junta de Freguesia de Rabo de Peixe.

Sousa, J. 1822. *Corographia Açorica ou Descrição Phizica, Política e Histórica dos Açores por um cidadão açorense*. Lisboa, s/editor.

Sousa, Marta. 1998. *Modos de vida de exclusão: uma comunidade piscatória açoriana: o caso do bairro dos pescadores de Rabo de Peixe em S. Miguel*. Lisboa. Tese de Licenciatura em Sociologia apresentada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (policopiada).

Supico, Francisco. 1995. *Escavações*, 4 vols. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Tavares, Afonso Maria. 2011. *Memórias de Afonso Maria Tavares, Pioneiro Açoriano 1953*. Canadá, Edição do Autor.

Tavares, Cláudia. 2004. *O Balho dos Pescadores*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Antropologia Cultural I. Curso do Ensino Básico, 1.º Ciclo (policopiada).

Tavares, Catarina. 2014. *As Festas do Divino Espírito Santo, Vila de Rabo de Peixe – São Miguel, Açores*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a disciplina de Antropologia Cultural. Curso de Sociologia (policopiada).

Tavares, Padre João José. 1986. *A Vila da Lagoa e o seu Concelho*. Ponta Delgada, Impraçor SARL.

Tavares, Rui. 2003. *A chavelha de carro de bois de Rabo de Peixe*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Trabalho realizado para a Unidade Curricular de Antropologia Cultural I. Licenciatura em Sociologia (policopiado).

Teodoro, Hermano. 2001. “Rabo de Peixe – O ciclo do Espírito Santo”. *Estrela Oriental*, Ribeira Grande, Cooperativa Cultural Mãe d’Água: 2.

Tomás, L., O. Medeiros. 2006. *Suor de sal e mar. A profissão de pescador na era da globalização, Um estudo na Região Autónoma dos Açores*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

Trina, Von. 2000. *A dádiva astuciosa dos Deuses. Poesia*. Lisboa, Editorial Minerva.

UNESCO. 2003. *Convenção para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial* Consultado em 20 de outubro de 2019, disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>.

Vasconcelos, José Leite. 1992 (1926). *Mês de Sonho*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Vasconcelos, José Leite. 1982. *Etnografia portuguesa. Tentame de sistematização*, 8. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Vasconcelos, José. 1958. *Etnografia portuguesa. Tentame de sistematização*, 4. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Veríssimo, Nelson, José Maria da Costa. 1994. “O Espírito Santo nas Ilhas”, *Islenha*, 14 (Jan-Jun). Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais: 61-71.

Velasco, Honorio, Angel D. de Rada. 2009. *La lógica de la investigación etnográfica. Um modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid, Editorial Trotta.

Vilhena, Maria da Conceição. 1989. “A bandeira do Espírito Santo: etimologia e simbolismo”. *Ínsula*, 5, mar. Ponta Delgada, DRC: 40-44.

Viveiros, Américo e Paulo Viveiros (Coords.). 2004. *A Vila. Caraterização e Mensagens*. Rabo de Peixe, Junta da Vila de Rabo de Peixe.

Viveiros, Ana Cristina. 2009. *Rabo de Peixe: A Memória de um Povo através dos seus documentos*. Vila de Rabo de Peixe, Arquivo Municipal da Ribeira Grande (catálogo de exposição).

Viveiros, André M. Pereira. 2019. *Liberalismo e Municipalismo. O caso do extinto concelho das Capelas na Ilha de São Miguel [1839-1853]*. Ponta Delgada, Letras Lavadas Edições.

Zambrano, María. 1995. *O homem e o divino*. Lisboa, Relógio D'Água.

10.2. Jornais

“Novidades”. 1867. Jornal *O Forum*.

“Noticiário de Rabo de Peixe”. 1875. Jornal *Diário dos Açores* de 24 de maio.

“Notícias Locais”. 1875. Jornal *A Persuasão* de 24 de maio.

“Notícias Locais”. 1876. Jornal *Diário dos Açores* de 5 de julho.

10.3. Fontes documentais

Candidature Process of the Azorean “Impérios” to a Masterpiece of Oral and Intangible Heritage of Humanity. 2002. Angra do Heroísmo. Secretaria Regional da Educação e Cultura. Designed and Editing Paulo Rodrigues.

Cláudio, José. 2019. *Sermão de mudança de Bandeira da Beneficência*, 9 de junho, Rabo de Peixe, Paróquia de Rabo de Peixe. Manuscrito.

Livro de Actas da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Rabo de Peixe, Ano de 1884.

10.4. Webgrafia

As vicissitudes do *Ensaio sobre o dom*. Uma versão preliminar deste texto foi apresentada durante o Seminário Ciências Sociais, Estado e Sociedade. Consultado em 5 janeiro de 2019, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-93131999000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

Bandeiras são símbolos de devoção e fé na Festa do Divino de Mogi. Consultado em 2 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/festa-do-divino/2013/noticia/2013/03/bandeiras-sao-simbolos-de-devocao-e-fe-na-festa-do-divino-de-mogi.html>.

Calendário de 1851. Consultado em 8 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://www.supercalendario.com.br/1851>.

Calendário de 1866 e 1867. Consultado em 10 de agosto de 2019, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/1666_na_religi%C3%A3o.

Enciclopédia Açoriana. Música nos Açores. Consultado em 15 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=8827>

Festas do Espírito Santo - Bandeira da Caridade Rabo de Peixe, 2016. Consultado em 10 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LYPZNhIZZPM>.

História das Artes. Arte no Século 20. Instalação. Consultado em 26 de outubro de 2019, disponível em: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/instalacao/>

Informação estatística. Quadros de apuramento 2011. Consultado em 10 de agosto de 2019, disponível em: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros.

Melhor despesa de Rabo de Peixe 2019. Consultado em 10 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2-b3AdVlIoE>.

Rabo de Peixe em Festa Império Beneficência 08/06/2019. Consultado em 10 de agosto de 2019, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EEAZFI4q0Z4>.

Roteiro das Festas do Divino Espírito Santo Açores/Comunidades. Consultado em 1 de fevereiro de 2019, disponível em: <http://roteirodesazores.com/historia/>.

Sobre o sacrifício. Consultado em 6 de outubro de 2019, disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/sobre-o-sacrificio>.

Sobre Antropologia da Performance: a Liminaridade e as Contradições do Social. Consultado em 26 de outubro de 2019, disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performance_a_liminaridade_e_as_contradicoes_do_social.pdf) pp. 42-53.

Sociedade Filarmónica Lira do Norte. Consultado em 2 de fevereiro de 2109, disponível em: http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_bandas/sociedade-filarmonica-lira-do-norte/.

Sylvain Dzimira. 2006. *Une vision du paradigme du don: Don, juste milieu et prudence*. Ce texte représente la version écrite d'une communication donnée dans le cadre de la

formation permanente dans un hôpital. Créteil, Paris, Consultado em 4 novembro de 2018, disponível em: <http://www.revuedumauss.com.fr/media/Paradigmedudon.pdf>.

10.5. Fontes orais

RESIDENTES EM RABO DE PEIXE

Ana Andrade, Rabo de Peixe, entrevista a 10 de março de 2018.

António Cabral, Rabo de Peixe, entrevista a 15 de janeiro de 2019.

António Luís Soares Amaral, Rabo de Peixe, entrevista a 14 de fevereiro de 2019.

António Silva, entrevista a 15 de fevereiro de 2019.

Bruno Rego, entrevista a 20 de fevereiro de 2019.

Cirilo Pacheco, Rabo de Peixe, entrevista a 28 de janeiro de 2019.

Francisco Vieira, entrevista a 2019.

Helder Costa, Rabo de Peixe, entrevista a 7 de janeiro de 2019.

Humberto Vieira, Rabo de Peixe, entrevista a 14 de março de 2019.

Manuel Cabral Vieira, Rabo de Peixe, entrevista a 15 de abril de 2018.

Manuel Rebelo Andrade, Rabo de Peixe, entrevista a 30 de abril de 2018.

Maria de Deus Penacho Vieira, Rabo de Peixe, entrevista a 30 de abril de 2018.

Odete Vieira, Rabo de Peixe, entrevista a 2 de junho de 2019

Rosário Costa, entrevista a 7 de janeiro de 2019.

Renato Moniz, entrevista a 20 de outubro de 2020.

RESIDENTES NOS E.U.A. (FALL RIVER)

José Luís Faria, de 77 anos, entrevista em dezembro de 2017.

Maria Alexandrina Pereira, de 81 anos, entrevista em dezembro de 2017.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal

Bandeiras, Coroas e Despesas do Divino Espírito Santo na vila de Rabo de Peixe, S. Miguel – Açores
Maria de Lurdes Silveira Ferreira Pereira

DM

